



Dangerous streets. Deadly passion.

DARKER THAN NIGHT

A NOVEL OF THE
SHADOW GUARD

KIM LENOX

AUTHOR OF *SO STILL THE NIGHT*

DISPONIBILIZAÇÃO: SORYU

TRADUÇÃO: SUSANA

EQUIPE DE REVISÃO INICIAL: SELENE, RITA DE CÁSSIA, GIX,
VIVIAN DE AMESBURY

RVISÃO FINAL: VIRGINIA

LEITURA FINAL E FORMATAÇÃO: EVANICE



Shadow Guard 03

*MAIS ESCURO QUE A
NOITE*

Kim Lenox

Sinopse:

A condessa Selene é a única mulher no grupo dos Guardiões das Sombras. Ela se sacrificou para salvar os cidadãos de Londres e agora está sob o Feitiço do Sono na Torre, guardada pelos Guerreiros do Corvo. Mas quando acorda em uma rua escura com uma adaga na mão e uma prostituta morta aos seus pés, tudo muda.

Agora deve enfrentar um antigo inimigo, com apenas um guerreiro solitário e reservado em quem confiar...

Informações Sobre a Série:

01 ~ A Noite Chega Perigosamente – Distribuído

02 – Esperando a Noite – Distribuído

03 – Mais Escuro que a Noite ~ Lançamento



"A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário ao acessar a obra disponibilizada, também responderão, individualmente, pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, co-autoria ou co-participação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."

Prólogo

Ele despertou na escuridão, os membros retorcidos nos lençóis de linho e as mãos no vazio. A transpiração banhava sua pele.

Ainda sentia o sabor delicioso na língua. O aroma das flores de lótus envolvia seu nariz, uma brincadeira sedutora. Doía, oh, Deus, como doía a intensidade da sua necessidade não satisfeita, deixando-o quase doente.

Gemendo, ficou de lado, enroscando-se sobre si mesmo, sozinho em seu quarto, com exceção da presença do corvo pousado sobre o suporte de bronze junto à janela. Uma rajada de vento sacudiu as venezianas e o Big Ben soou, três horas da manhã em ponto. Ouvia vozes masculinas dos marinheiros bêbados das docas de St. Katharine, amaldiçoando uns aos outros. Os sinos das barcaças ancoradas perto do rio Tâmis soaram em tom baixo.

O pássaro se moveu e as asas emitiram um sussurro.

Dividido entre a agonia e a vergonha, tirou a camisa e abandonou a cama. Abriu a porta e saiu para a escuridão do corredor, as mãos tocando nas pedras antigas da parede. Encontrou as escadas. Um lance, dois. O sangue febril pulsava dentro da cabeça. Fechando os olhos, convocou seu poder interior para mudar de forma, converter-se em sombra. Um tipo diferente de calor o consumia, queimando a carne, ossos, e músculos de dentro para fora. Sem ser detectado, deslizou mais adiante dos dois irmãos que foram designados para o turno da noite.

Acima do candelabro circular, que sempre dera à habitação uma luz confortável, havia uma grande gaiola de latão, em seu interior repousavam seis dos sete corvos da Torre.

Three, silencioso e sério, estava sentado em sua escrivaninha, com a cabeça pálida inclinada com concentração, transcrevendo a vigilância do dia e alguma comunicação em um livro encadernado em couro. Seu irmão mais novo, Shrew, agachado junto ao fogo, murmurava a letra de uma canção.

Com uma flexão de músculos fortes, Shrew puxou uma corrente, e do interior das chamas, uma pequena caixa de bronze, surgiu no chão de pedra. Dentro continha uma pilha de envelopes fechados, intactos do calor das chamas, eram os comunicados do Conselho dos Primitivos e de outros remetentes, procedentes do Reino Interior, o protegido paraíso dos imortais que existia em um plano alternativo, entre a terra e o espaço, semelhante ao mundo dos mortais.

Como parte de suas funções, todas as noites, dois guerreiros Raven também vigiavam... As portas de madeira unidas por folhas de metal com cravos, com enormes dobradiças, agora abertas, permitindo a entrada à câmara escura.

O vento deslizava por todo o quarto, ondulando as diáfnas cortinas de cor púrpura. Uma estátua dourada de Hécate¹ pendia sobre a cama, esculpida para parecer que a deusa estava na parede. Formosa, com o torso nu e os braços estendidos, segurava em cada mão uma lanterna com formato de uma tocha acesa.

Mas ele era um Guardiã das Sombras, dotado com a capacidade de ver na mais impenetrável escuridão. Não precisava de luz para ver a mulher deitada.

Nesta noite, como em todas as noites passadas, o cabelo escuro se derramava em um rio brilhante por sobre a roupa de cor clara.

Os longos cílios destacavam as maçãs do rosto e ocultavam os olhos escuros que atormentavam os sonhos de Raven. A pele dourada em vez do anterior alabastro brilhava com a luz interior da vivacidade e da saúde.

¹ Hécate era uma deusa telúrica de origem pré-helênica. Era filha da Astéria e Perses. Hesíodo a representa como descendente direta da geração dos Titãs. Na antiga Grécia, Hécate era honrada como 'A Escura', a misteriosa Deusa da Lua que trazia visões e sabedoria desse reino aquoso. Representando o aspecto de sábia harpia da trindade divina, Hécate simboliza a lua escura ou minguante, a época em que a lua oculta sua luz antes de emergir de novo para iluminar o céu noturno novamente.

Com cada respiração, os seios subiam e desciam, com a intrincada renda da roupa íntima visível debaixo da fina camisola que usava. Uma granada do tamanho de um escaravelho egípcio brilhava em seu dedo. Uma estreita pulseira de ouro em forma de serpente rodeava seu pulso.

Com cuidado para não tocar a pele e nem um fio de cabelo, ele colocou os punhos sobre o colchão, em cada lado do seu rosto. Inclinou-se sobre ela, quase lhe tocando os lábios.

Um pouco depois, ainda convertido em sombra, escapou pela janela da Torre Branca e pisou nas pedras frias procedentes de Caen². Quando chegou à galeria oculta, correu rapidamente, com um arranque de velocidade e potência. Passou por tijolos, madeiras e paralelepípedos, deixando para trás a Torre de Londres, os armazéns, as moradias e o molhe. Tudo, até o fedor de peixe da estrada Ratcliffe Highway e os arcos de granito da Ponte dos Suspiros, tornaram-se um simples borrão enquanto movia-se rapidamente.

Finalmente vislumbrou os verdes parques, os altos muros de pedra e as fileiras de palacetes brancos da cidade. As silhuetas dos senhores bem vestidos montados a cavalo, enquanto retornavam para casa, ou saíam discretamente e em silêncio das casas de apostas, dos clubes privados ou dos braços de suas amantes.

Encontrou os familiares números impressos em uma placa de bronze, deslizou sob a porta preta laqueada e passou pelo porteiro adormecido em um banco. O mármore era frio, azul e sedoso, trabalhado ricamente em dourado. Ele subiu as escadas e entrou nos aposentos passando pela abertura sob a porta. O poder de sua chegada apagou a vela, gotas de parafina escorreram pelo castiçal. Materializou-se aos pés da cama, ofegando, ainda descalço e vestindo apenas uma calça de linho.

Ela sentou na cama, uma branca camisola de seda envolvia cada uma de suas generosas curvas.

² Capital e maior cidade da região na Baixa Normandia, no noroeste da França.

- Sabia que viria. - Sussurrou ela.

Fez sinal com os braços estendidos. Ele não olhou para o rosto dela, somente para os cabelos, que era uma sombra loira para fazê-lo recordar. Mas só queria esquecer.

Capítulo 1

Rourke, Lorde de Avenage, já enfrentara os guerreiros mais sanguinários da história e ficara até os joelhos em carnificinas terríveis, guardava lembranças que enlouqueceriam qualquer pessoa.

Entretanto, mesmo a cena não sendo de assassinato, o Guardião Raven da Inglaterra, percebeu que em oito séculos como imortal Amaranthine nunca experimentou verdadeira apreensão como agora. Entrecerrou os olhos e sussurrou uma oração.

Que Deus lhe permitisse sobreviver a isto, uma festa no jardim da rainha.

Atrás dele estava a mais séria e melancólica das residências monárquicas, O Palácio de Buckingham. Tudo ao redor era rodeado por um muro alto de pedra, da grama na entrada aos jardins longínquos, e em seu interior aproximadamente cinco mil convidados. O tom culto e correto das vozes e muitas risadas enchiam o ar de verão. Havia também o cheiro da grama cortada e a fragrância doce das flores. Deixou que esses aromas o preenchessem, e ao fazê-lo, recordou a si mesmo que realmente se encontrava no meio de toda aquela loucura humana.

O cartão de Lorde Chamberlain deixara explícito que seria uma festa no jardim, que seria entre as cinco e as sete horas. Rourke apresentou-se exatamente as seis, com o propósito de evitar a entrada triunfal da rainha e o que certamente seria uma tortuosa e lenta procissão através do grupo de pessoas que a adoravam.

– Não tem medo deles, não é? – Uma voz de homem burlou.

Rourke lançou um olhar sombrio à sua direita. Quem se aproximara dele tão sigilosamente que não percebera? Não havia muitas coisas que pudessem surpreendê-lo, mas encontrar Archer, o Sr. Black, o mais antigo dos Recuperadores dos Guardiões das

Sombras ao seu lado, era inesperado e desagradável. O cabelo curto da nuca de Rourke arrepiou frente à invasão do seu espaço.

Dentro da sociedade imortal Amaranthine, havia dois tipos bem definidos, os protetores e os protegidos. Rourke e o imortal ao seu lado eram guerreiros protetores. Embora fossem membros dos Guardiões das Sombras e obedecessem ao mesmo Conselho Primitivo de Três, suas posições dentro da organização eram claramente diferentes.

Archer era um Recuperador, um caçador perito, responsável pela perseguição e reivindicação das almas mortais que se tornavam más pela deterioração mental que terminava por converter os seres em entes sobrenaturais perigosos, um estado conhecido como transição, que entre outras coisas desagradáveis, os fazia poder evitar a detecção, a justiça e até mesmo a morte.

O dever de Rourke estava ligado dos Ravens, uma ordem menor, criada no ano 1071, pelos Primitivos, com o apoio do aliado mortal, William o Conquistador. Em 1066, poucos anos antes da iniciação dos Ravens, sete guerreiros mercenários mortais foram decisivos na batalha de Hastings em favor de William. Como recompensa ele lhes concedeu armas, terras, títulos e ao fazê-lo, uniu para sempre os destinos da Inglaterra e do Reino Interior.

Estabelecido como a escolha de William, Rourke foi nomeado Ravenmaster. Com a aceitação dessa honra, ganhou a imortalidade.

As responsabilidades dos Ravens eram duas:

Em primeiro lugar, atuar como uma ponte entre os Primitivos e o monarca britânico, também os funcionários de alto nível, discutindo sobre assuntos que afetavam a política e os interesses Amaranthines no mundo mortal.

E segundo, utilizar a vigilância, estratégias e quando preciso o assassinato para assegurar a sobrevivência eterna da Inglaterra. Por essa mesma razão, nem todos os monarcas da ilha se vangloriavam de apoiar os Ravens. Com efeito, a Ordem foi

responsável por destronar alguns indignos ao longo dos anos. Entretanto, a Rainha Vitória provou ser uma aliada há muitos anos.

Rourke grunhiu para Archer:

– Se uma de suas malditas almas transcendidas está aqui, tomando chá com a rainha, deve anunciar imediatamente...

– Não estou aqui a negócios. – Archer nunca mostrava respeito pela moda atual, usava o liso cabelo comprido até os ombros, mas hoje o amarrou discretamente. A taça de champanhe na mão indicava que a sua chegada à festa, antecedeu à de Rourke.

Em tempos passados, era difícil encontrar outro Guardiã das Sombras fora das fileiras muito unidas dos Ravens, a natureza competitiva dos Guardiões das Sombras não os incitava a procurar a companhia de outros, a menos que fosse ordenado pelo Conselho Primitivo para operações em conjunto.

Entretanto, os acontecimentos recentes, quer dizer, a ameaça de fuga do velho e arquiinimigo dos Amaranthines, o Tântalo³, de sua prisão eterna no submundo, deflagrou uma união sem precedentes entre os Recuperadores em Londres. Fortalecidos pela concentração da miséria e da pobreza na cidade, especificamente do distrito de Whitechapel, os Antigos Escuros tentaram escapar do Tártaro⁴ e fazer de Londres seu bastião de guerra.

Tântalo foi uma alma transcendida e de responsabilidade restrita dos Recuperadores. Apesar de estarem sempre prontos para a ação, Rourke e seus Ravens deveriam ser oficialmente designados para auxiliar e isso irritava a sensibilidade do soldado. Nos últimos séculos, os assuntos do rei, ou da rainha, converteram-se em meros acordos civilizados. Ele ansiava por uma boa briga, com sangue sendo derramado.

³ Na mitologia grega, Tântalo (em grego antigo... Iha... Tântalos) era um filho do Zeus e a princesa Plota, rei da Frigia ou Lídia (Ásia Menor). Converteu-se em um dos habitantes do Tártaro, por dar a carne de um de seus filhos aos deuses.

⁴ Mundo inferior, para os gregos antigos, destino final para os inimigos do Olimpo e almas dos mortais pecadores.

O que, de maneira indireta, o levou àquela festa no jardim da rainha.

Archer se pôs a rir baixinho.

– Deve estar querendo algo com muita vontade para ter vindo até aqui.

Entre os Amaranthines, havia aqueles que desfrutavam frequentar os bailes dos mortais, as festas nas casas de campo, as corridas de cavalos e participar de escândalos.

– E você Black? Nunca apreciou a sociedade dos mortais. Por que está aqui, fazendo o papel de cortesão?

– Tal como você, não estaria aqui se não quisesse algo. – Archer depositou a taça de champanhe ainda cheia em uma bandeja próxima, carregada por um criado com peruca e vestido com traje formal. – Bem, isto dito, é melhor você e eu acharmos o que estamos procurando, antes que alguém se aproxime e deseje discutir o clima, ou pior, a escolha do vestido da rainha para a festa.

A mera ideia de ser forçado a essa conversa, deixava Rourke no pior dos ânimos. Há muito tempo sem lutar, sentia o sangue e a medula esquentar com o instintivo desejo de mudar, para o que era mais que natural para ele em situações perigosas como estas, tornar-se um aoratos⁵, uma sombra.

Em vez disso, continuou de pé, com gravata, calça social e cartola na escadaria do palácio, totalmente visível para quem quisesse vê-lo.

Chamativo. Exposto. Vulnerável. Colocou um dedo entre o colarinho e o pescoço criando um pouco mais de espaço. Só então percebeu a presença das três jovens mulheres em pé à sua esquerda, debaixo de um dossel de folhas de árvores frondosas, olhando para ele e Lorde Black com as faces rosadas, com interesse lascivo.

⁵ Aoratos: Invisível ou o que não pode ver-se, uma sombra.

- Não é comigo. - Disse Black. - Acho que estão olhando para você.

As jovens usavam chapéus carregados de véus e gazes floridas e vestidos de verão com camadas de seda, véus e babados. Black tinha razão, os pensamentos delas não eram tão inocentes, que ele não poderia deixar de perceber com clareza. Centravam em seu queixo quadrado, em seu pescoço grosso e masculino, mais especificamente em suas coxas e ombros. Maldição, em seu...

Archer se aproximou mais, com os lábios arqueados em um divertido sorriso.

- Onde acha que elas aprenderam esse linguajar?

Rourke olhou deliberadamente para as mulheres. O desgosto por elas terem sido tão invasivamente audaciosas se intensificou e um calor abrasador movimentou-se como uma onda escura dentro de sua mente e saiu através de seus olhos.

Os rostos das jovens empalideceram. A garota de azul abriu a sombrinha ocultando-se, e apressadas caminhavam com rapidez na direção oposta dos jardins. Não viram nada fora do normal na pessoa dele. Não houve olhos vermelhos que brilhassem de forma sobrenatural. Mas elas experimentaram a suspeita inexplicável de que os pensamentos mais escuros e íntimos estavam expostos.

- Um homem perfeito para o meu coração.

- Já basta. - Disse Rourke. - Onde ela está?

A pergunta caiu no vazio. Ele estava sozinho nos degraus. Não precisou olhar ao seu redor para examinar as reações daqueles que o rodeavam, intrigados com o desaparecimento de um homem entre eles. Ninguém notou a mudança instantânea de localização do Antigo, e as mentes explicariam o desaparecimento como um lapso momentâneo de atenção ou uma piscada de olhos.

Ele voltou o olhar para o gramado cheio de gente. Apesar de ser o Ravenmaster responsável pela segurança da Rainha Vitória desde o dia da sua coroação, já passaram vários anos desde que

ele e a Rainha de Grã-Bretanha se olharam nos olhos. Mas essa era à maneira dos Ravens. Era suficiente para a rainha saber que ele e outros estavam ali, sempre vigilantes e preparados para agir.

Não tinham a obrigação de serem visíveis ou de participarem de qualquer relação social. Não era prudente criar vínculos pessoais com o presente monarca. Nunca se sabia quando poderia receber a ordem para destituí-lo.

Rourke se concentrou, filtrando um fio incomum entre um emaranhado de milhares de pessoas. Não havia cheiro ou cor, só a impressão de algo imensamente mais complicado. Uma essência combinada de algo físico e de uma alma forte. Em questão de segundos, discerniu a característica distinta, seu rastro, a evidência fragmentada de sua existência, que ela deixava para trás ao passar...

Rourke inclinou o rosto.

Ali.

Seu olhar se fixou em uma cobertura amarelo açafião, uma das muitas infladas e ondulantes ao vento, como uma frota de medusas letárgicas do Tâmis. Rourke desceu a escadaria e sentiu a maciez do gramado durante o caminho. Passou pelo pequeno lago, no qual flutuava uma série de botes a remos tripulados por criados com roupas vermelhas. Quatro guardas do pessoal de segurança da rainha e oito soldados índios mortais uniformizados, com espadas brilhantes, controlavam o perímetro do domínio temporário da rainha.

Um jovem guarda se dirigiu rapidamente à frente como se fosse questionar a aproximação de Rourke, mas um companheiro mais antigo, com mechas grisalhas e pele escurecida pela passagem do tempo, deteve o homem mais jovem com uma mão veloz como um raio e uma palavra tranquilizadora.

Rourke assentiu enquanto passava por eles.

– Senhor McGregor.

Uma faísca de respeito brilhou nos olhos azuis do homem, que se ergueu mais, endireitando os ombros com orgulho.

– Sua senhoria.

A mente dos mortais tinha dificuldade em entender o conceito dos Amaranthines. As mentes frágeis eram incapazes de conservar as lembranças dos imortais por muito tempo, uma falha extinguiu pensamentos sobre eles, que era conveniente para os Antigos, tornando mais fácil o entrar e sair da sociedade, de ano a ano e de décadas em décadas sem levantar suspeitas quanto à falta de identidade e envelhecimento dos Amaranthines. Entretanto, para fins administrativos, a um seleto número de mortais importantes e de confiança no governo, era concedida a capacidade de conhecer a verdade sobre os Amaranthines e lembrar.

McGregor era um desses mortais. Rourke conheceu McGregor quando era um jovem de vinte e três anos, recém-recrutado para fazer parte da segurança pessoal da rainha. Agora, aos sessenta e quatro, McGregor era o mais graduado.

Fortes cordões com borlas seguravam as abas laterais de seda da cobertura, que ofereciam uma tentadora ideia do interior aos transeuntes. Rourke tirou a cartola e se curvou para entrar no pavilhão. Imediatamente registrou o que acontecia no ambiente.

Em primeiro lugar, o espaço estava cheio de toda classe de ingleses reconhecíveis como a realeza europeia. Não conhecia pessoalmente estas pessoas, mas era sua obrigação reconhecê-las devido à proximidade com a rainha, a qual sua ordem de Raven jurou proteger. Na festa estavam o Rei da Dinamarca, o Rei e a Rainha da Bélgica e o Grão Duque Serge da Rússia, para nomear alguns.

Em segundo lugar, notou que Erik e Flynn, os dois Ravens de olhar de aço, que ele designou para o evento, estavam parados em forma de sombra exatamente atrás e de ambos os lados da rainha.

E em terceiro lugar, a monarca inglesa de setenta anos, sentada em uma cadeira de vime de encosto alto, observou sua chegada, e

jogou a taça em sua mão através do tapete Aubusson derramando o líquido até parar nos seus pés.

Não era o cumprimento que esperava.

Uma mulher loira, linda... E elegante em um vestido de listras verdes, se apressou a oferecer apoio, seguida pela filha da rainha, a princesa Beatrice. O Príncipe de Gales se livrou de um círculo de cavalheiros para ter certeza do bem-estar da mãe. Todos os outros olhavam desde o outro lado da tenda, ao fundo de um bufê desordenado de garrafas de champanhe, carne e doces, com perguntas pela chegada de Rourke e pela dramática reação da rainha turvando o ar.

– Bem feito, Avenage. – Murmurou uma voz masculina ao seu lado. – Parece que a sua presença provocou na rainha um ataque de apoplexia.

Archer de novo.

Rourke assentiu bruscamente, antes de falar na linguagem silenciosa.

Por que está aqui?

As sobrancelhas escuras se arquearam para cima.

Minha esposa queria vir.

O olhar de prata de Lorde Black possessivamente se moveu para a loira, que levava um novo copo de ponche à rainha. Rourke agora examinou verdadeiramente seu rosto e se deu conta de que, na verdade, já a tinha visto antes. A poucas semanas atrás, de fato, na Torre do Relógio de Westminster junto à lord Black, Alexander, condessa Pavlenco e uma série de cruéis e retorcidas almas transcendidas.

Aquela foi uma festa totalmente diferente, que resultou na soneca da condessa na sede dos Ravens na Torre de Londres.

Os olhos multicoloridos de Lady Black, um azul e outro marrom, foram até o marido e ela sorriu radiante, um sorriso de secreta intimidade. Agora Rourke sabia o que Black tanto desejava.

Satisfazer sua companheira. O suficiente para submeter sua natureza solitária e vir assistir à festa anual nos jardins da rainha. Observando isto, Rourke sentiu endurecer seu coração somente mais um pouco.

A monarca, que continuava sentada, aceitou o copo e deu a Sra. Black um sorriso cheio de gratidão.

Diferentemente dos que a rodeavam, a rainha usava um vestido preto sóbrio, com poucos adornos de renda branca e uma touca. Entretanto, mandava com os olhos em todos os presentes, com seu porte majestoso.

Com um olhar penetrante a Rourke, murmurou ao ouvido do príncipe. Ele assentiu.

Endireitando-se, Bertie deu a Rourke um olhar duro.

– Avenage.

Nem Rourke, nem os Primitivos conseguiram entrar em acordo a respeito do Príncipe.

Entretanto, Rourke baixou a cabeça em reconhecimento.

– Sua Alteza.

– Sua Majestade deseja falar com você.

Rourke se aproximou. Os olhos escuros da Rainha Vitória o atravessaram e imediatamente ele se esqueceu de todos naquele lugar. Embora sentisse a emoção correndo através dela, de propósito, não examinou seus pensamentos. Ela merecia seu respeito. Não mexeria com sua dignidade.

– Majestade, peço seu perdão por assustá-la. – Afirmou enquanto pegava a mão dela e apertava os lábios no anel brilhante.
– Entretanto, recebi um convite.

Vitória suspirou e o repreendeu:

– Enviei a você muitos convites nos últimos anos, Avenage. Posso dizer com certeza que esta é a primeira vez que aceita. Você

e Black visíveis sob a mesma cobertura em minha festa de jardim? Acredito que posso entregar a coroa e o cetro a Bertie e agradecer por uma vida completa e feliz.

As sobrancelhas de Rourke subiram.

– Por favor, não por minha causa.

Ela se inclinou para trás em sua cadeira, rindo com secura.

– Deve querer muito alguma coisa para ter se apresentado desta forma. Detesta tudo isso.

Rourke olhou com irritação para o amontoado de espectadores. O que todos, ironicamente se referiam como “chá”, havia começado de novo a fluir. Garrafas verdes se inclinavam, vertendo jorros dourados de champanhe. A curiosidade coletiva e mental dos convidados conversando eram como adagas em seu crânio.

... Champanhe de 74! ...

... A condessa engordou...

... Quem é esse homem que está com Sua Majestade?...

... Devo conhecê-lo e convidá-lo para o meu jantar...

– ***O que há Avenage? Dor de cabeça?*** – Perguntou Archer na linguagem silenciosa dos Amaranthines. Ele passou adiante com duas taças de champanha e estendeu uma para sua bonita esposa.

Rourke o ignorou, e tentou não fazer caso do Príncipe Bertie, que continuava protetoramente perto. Disse à rainha:

– Não respondeu as minhas petições reiteradas para uma audiência privada.

O olhar não vacilou, mas um rubor tocou a face envelhecida.

– Também houve um tempo em que não correspondeu às minhas solicitações.

Acima da barba bem cortada, o rosto de Bertie ficou vermelho.

Rourke olhou para Erik e Flynn, posicionados atrás da rainha, invisíveis a todos, exceto para ele e os Blacks.

- **Deixem-nos.** – Ele ordenou.

Um brilho de luz e sombra, uma visão que só um imortal perceberia, indicou que mudaram de posição para o lado oposto do pavilhão.

– Vamos nos lembrar deste dia como aquele em que eu lhe tirei do seu auto-imposto isolamento. – Declarou a rainha com tênue jovialidade. – Pela presente me declaro vencedora desta batalha de vontades. Consideremos todo o passado como águas passadas debaixo da ponte de Londres.

– Obrigado, Majestade. – Respondeu Rourke, odiando ser a pior parte de qualquer brincadeira, mesmo com a melhor das intenções.

– O que o obrigou a vir aqui e me enfrentar cara a cara, depois de tanto tempo?

A rainha fixou o olhar sobre suas feições. As lembranças e os pensamentos dela se derramaram de sua mente, expondo mais lembranças e melancolias do que queria conhecer. Uma vez mais, fechou a mente para a dela, não querendo saber mais nada.

– Venho pela causa da condessa adormecida.

– Ah... – O Príncipe levantou as sobrancelhas subindo em arcos. Pôs-se mais perto, acariciando a barba curta. Dois charutos sobressaíam de seu bolso frontal – A condessa Pavlenco. – Os olhos brilharam de forma diferente.

– Bertie. – Chamou sua mãe.

– Sim? – Ele voltou sua atenção para ela.

– Traga-me outro copo de ponche.

Ele franziu o cenho e olhou para o colo dela.

– Ainda não bebeu do que está em sua mão.

Ela levantou a pequena taça e o ponche circulou no interior.

– Está quente.

O Príncipe franziu o cenho. As fossas nasais de Vitória se dilataram e seus olhos se abriram uma expressão que transformou as feições de anciã nas de um dragão.

– Muito bem. – Respondeu ele, pegando a taça. Olhou ao seu redor como se procurasse um criado, ou pelo menos a sua irmã para assumir a tarefa, mas nem um, nem outro estavam por perto. Fez uma careta e se dirigiu para a poncheira segurando a taça na frente como se fosse um calção sujo.

– A condessa Pavlenco, está bem? – Exigiu saber a rainha.

Rourke assentiu.

– Ela dorme.

– Não era isso o que se pretendia? – Vitória levantou os ombros. – Que dormisse até o momento em que vocês estivessem certos de que não despertaria com uma mente louca e perigosa?

– Tem toda razão... Majestade. – Ele lutou para manter o que esperava ser uma frase agradável.

– Então me diga, meu velho e querido amigo Avenage. Que circunstâncias surgiram, para que tente ganhar o meu favor?

Rourke notou que estava apertando a aba da cartola, deformando a seda cara. De pé, diante da Rainha Vitória, com o chapéu na mão, sentia-se mais como um mendigo do que como o guerreiro de elite imortal que era.

Escolheu as palavras com cuidado.

– A tarefa de manter constante vigilância sobre a condessa está nos levando a um impasse, senhora.

As pálpebras de rainha baixaram.

– Francamente, Avenage, que dificuldade a condessa vem causando se apenas dorme?

- Nosso dever imediato é proteger a senhora e a este país. Foi para isso que a Ordem dos Ravens foi criada.

- Mas nós, eu e este país, devemos gratidão eterna à condessa Pavlenco. - A rainha se inclinou na cadeira. - A Noiva Escura teria escravizado a todos nós se não fosse por ela. Não acha que ela merece nosso mais alto apressado e proteção daqueles que querem destruí-la, enquanto está inconsciente e vulnerável?

Archer se aproximou para ficar ao lado da cadeira dela.

- Eu, de minha parte, estou totalmente de acordo, Sua Majestade. - Uma sobrancelha escura se curvou em sua frente diabolicamente. Como se a sua língua atesse fogo na pilha de troncos que era o temperamento da Rainha. - Mas, evidentemente Avenge não está convencido.

Rourke respondeu:

- Entendo a necessidade de ela ser protegida. Simplesmente peço para reconsiderar quem deve ser responsável por essa tarefa. Somos sete Ravens, e a metade pode a qualquer momento estar no estrangeiro para se encarregar dos problemas internacionais. Atualmente Clive está no Sudão e Garrick em Madri. Desde que a condessa ficou aos nossos cuidados, dois dos cinco restantes estão guardando a condessa em vez de estar a serviço de Sua Majestade e de proteger o país.

- Quem você sugere como alternativa? - Vitória perguntou.

- Talvez o irmão dela, lorde Alexander, possa assumir a proteção da condessa.

- Isso não será possível. - Respondeu Black. - O Conselho Primitivo designou uma missão a Lorde e Lady Alexander. Não estão no país neste momento.

Rourke sugeriu:

- Então poderia ser removida para a Casa Black. É uma verdadeira fortaleza.

Archer se endireitou e virou a cabeça na direção de sua esposa.

– Isso também não será possível por razões que não posso explicar agora.

– Que conveniente para você, não? – Respondeu Rourke irritado.

A mandíbula de Archer enrijeceu.

– Não se esqueça de que apesar das nossas vitórias recentes, Tântalo não foi aprisionado. Os Recuperadores estão em seu limite, trabalhando para antecipar o próximo movimento dele. Lembre-se que o Olho de Pharos⁶ se perdeu. Deve ser recuperado rapidamente para que não possa ser utilizado contra nós outra vez. Embora dois brotoi⁷ de Tântalo foram derrotados...

Rourke assentiu com a cabeça, com as palavras do outro imortal já atijando seu temperamento.

– É só questão de tempo até que outro monstro se levante para tomar o lugar. Enquanto isso, você e o Conselho Primitivo podem me manter informado da situação. Estou certo de que está a par de que fiz objeções por escrito à exclusão dos Ravens das manobras em curso com o único propósito de bancar as babás de uma condessa adormecida.

– Babás! – A rainha ficou sem fôlego. Sacudiu a cabeça com veemência e os lábios se enrugaram em um arco apertado. – E pensar que achava que havia concedido uma grande honra aos Ravens ao escolhê-los para serem os guardiões.

As sobranceiras de lorde Black levantaram em uma expressão de inocência:

– Devo acrescentar que, historicamente, às mulheres nunca foram permitidas ir ao quartel dos Ravens na Torre de Londres.

A boca da rainha relaxou.

⁶ Refere-se a um espelho do Farol de Alexandria, uma torre construída no século III A.C. (entre os anos 285 e 247 A. C.) localizado em uma ilha no litoral do Egito, que servia de aviso a chegada do porto.

⁷ Do grego β. T: homem mortal.

- Então é esse o problema!

As bochechas de Rourke se tornaram rosadas.

- Majestade, não disse nada a respeito da condessa ser deslocada para a Torre. - *Dane-se Black*.

Archer se pôs a rir. A Rainha se inclinou, prendendo ambas as mãos ao redor da bengala com cabeça de leão.

- A condessa Pavlenco não é contrabando para ser carregada pelas escadas traseiras por um de seus guerreiros. É uma Recuperadora, sem mencionar que é a filha de uma Rainha. Se tiver que pedir pessoalmente ao Conselho Primitivo, vou me assegurar de que tenha o mesmo respeito e cuidado que tem qualquer outro da sua estirpe.

Rourke ferveu.

- Meu pedido não tem nada a ver com falta de respeito à condessa.

Agora Archer disse mais sombrio:

- Não podemos esquecer que a condessa também pode se tornar um perigo terrível para todos nós. Assim, como devemos protegê-la, devemos nos proteger do mal, se ela cair sob o controle de Tântalo. Não há um lugar mais seguro para ela do que a Torre.

Rourke fechou os olhos. Archer martelou o último prego, um fato confirmado pela declaração seguinte da rainha.

- Então não resta nada a discutir. - Plantou a bengala sobre o tapete, e levantou o olhar para ele como um bulldog. Era uma mulher bastante intimidadora, mesmo que a parte superior de sua cabeça chegasse somente à altura da metade do seu peito. - Ela irá permanecer com os Ravens na Torre até que desperte e possa, de forma segura, continuar com seus deveres de Recuperadora.

- Majestade... - Ele tentou uma vez mais.

- Bertie! - Gritou ela. O olhar percorrendo o pavilhão e se focando no Príncipe, que imediatamente se aproximou com a pequena taça na mão.

- Largue esse ponche. São sete horas e tive distração mais que suficiente para uma tarde.

Depois de colocar a taça sobre uma bandeja, o Príncipe voltou rapidamente para escoltá-la. Em instantes a tenda se esvaziou, incluindo Erik e Flynn em forma de sombra, restando só um criado e os três imortais. Um vento suave empurrou os lados da tenda e os sons das vozes dos que acompanhavam a rainha, serviçais e seguranças se tornaram distantes.

- Poderia me dar uma garrafa, bom senhor? - Archer perguntou ao criado, que ao entregar o champanhe, Archer tocou seu pulso. O rosto do criado perdeu toda expressão, automaticamente se dedicou a recuperar as taças que os serviçais haviam deixado no jardim, próximo ao pavilhão.

Com a privacidade da conversa assegurada, lorde Black observou o rótulo dourado da garrafa de champanhe e se aproximou de Rourke.

- Gostaria de uma taça de champanhe, Avenage?

- Não, muito obrigado. - A frustração aquecia sua pele. Queria atirar sua cartola de seda no piso e amassá-la com o sapato até destruí-la, por todo o desconforto que o tolo objeto lhe dava. Deveria ter expressado seu pedido de forma diferente. Deveria ter tentado reviver um pouco da boa relação que ele e Vitória compartilharam quando ela era apenas uma jovencinha e ele seu mais feroz protetor.

Archer inclinou a garrafa e o líquido dourado foi derramado na taça. Com um olhar agudo, passou a taça a Rourke.

- De qualquer forma é melhor beber. - Sugeriu. - Minha esposa tem algo a lhe dizer.

Rourke estranhou a situação, já que ele e a esposa de Black nunca trocaram mais do que duas palavras. Lady Black parecia um pouco ansiosa diante do anúncio do marido.

Ela passou um braço ao redor da cintura do marido, enquanto com a outra mão brincava com um brilhante cacho do próprio cabelo.

– Hum! Suponho que deva agradecê-lo Archer, por trazer o assunto à tona tão repentinamente e sem falar comigo primeiro.

Alegria e paixão abrasadora de alguém totalmente apaixonado brilharam nos olhos de Archer.

Dirigindo-se a Rourke, disse:

– Como deve se lembrar, embora minha senhora não seja uma Guardiã das Sombras, é uma Interventora Amaranthine treinada e com dons excepcionais para a cura e a ciência.

Na verdade, Rourke deveria culpar lady Black por seu atual estado miserável. Foi ela quem colocou a condessa para dormir, salvando Selene de ser executada pelas mãos dos companheiros Guardiões das Sombras, lady Black optou pelo perigoso e poderoso Feitiço do Sono, pela razão certa, para proteger a civilização do mais malvado dos vilões do inframundo.

– Uma Interventora. – Ainda segurando a taça, ele assentiu. – Lady Black.

Archer continuou.

– Minha esposa trabalhou incansavelmente para aperfeiçoar um antídoto para reverter o estado de transcendência. – Archer olhava para a esposa, com uma expressão mesclada de orgulho e preocupação.

Lady Black era uma beleza etérea, mas o cansaço poderia ser notado nas sombras sob os olhos. Entretanto, seria possível esse antídoto existir? Uma visão de Selene, vibrante e risonha, cintilou na escura cortina da sua mente.

– Quanto a aperfeiçoar o antídoto... – Lady Black mordiscou o lábio inferior. – Talvez ‘perfeito’ não seja a palavra que deveríamos usar quando descrevemos os meus estudos. De fato, não saberei os efeitos colaterais, até que administre o antídoto.

– Então o antídoto é imperfeito? Não deveríamos esperar até que tenha certeza do êxito? – As palavras saíram dos lábios de Rourke antes que as pudesse deter.

O olhar de lorde Black cravou-se nele. Rourke notou a clara contradição, um homem que queria a mulher afastada de sua cercania, mas não queria ceder o poder de defendê-la.

Rourke adicionou.

– Embora deseje que a condessa seja tirada da Torre, o fato ainda é que eu e meus homens recebemos a incumbência de protegê-la. Não aceito nada que venha a feri-la, ainda mais sem ter a certeza de que vai dar certo.

Archer continuou olhando-o com enervante intensidade, cruzou os braços sobre o peito e encostou o ombro contra uma coluna do pavilhão.

Lady Black se aproximou de Rourke.

– Lorde Avenage, agradeço sua preocupação pela condessa. Por favor, tenha a certeza de que Selene está entre as mais queridas de minhas amigas e nunca lhe faria mal intencionalmente. – Ela olhou para os dois Guardiões das Sombras. – Entretanto o desenvolvimento de cada cura implica um pouco de experimentação. De algumas experiências controladas. No caso de Selene, não podemos nos dar a esse luxo. Como sabe, a transcendência se fortalece a cada momento que passa e a loucura em que Selene se meteu já é excessivamente poderosa. Temo que talvez não possamos esperar mais. Temos que usar o antídoto que temos.

– Ou o quê?

– Ou esperar que ela transceda completamente e desperte por si mesma.

- Com a alma distorcida e perigosa. – Adicionou Archer. – Seria uma sorte muito grande derrotá-la, depois de adquirir essa força.

Rourke assentiu pensativo.

- Como age o antídoto?

Elena descansou a mão na cadeira que a rainha deixara vazia.

- Naquela noite, antes da condessa ser posta aos cuidados dos Ravens, extrai uma amostra do seu sangue. A análise mostrou certas... anomalias, causadas pela influência da transcendência em suas veias. Tirando uma amostra do sangue de lorde Alexander, que não é só seu irmão, mas também seu gêmeo, pude comparar metodicamente as diferenças entre os dois e criei um antídoto, um que repararia e reverteria os danos que ela sofreu.

Archer se uniu a sua esposa e levantou a taça meio vazia. Inclinou-se para lhe beijar a ponta do nariz e se voltou depois para Rourke.

- Tal possibilidade merece um brinde, não acha Avenage?

Os velhos olhos cinza brilharam ardentes como brasas cobertas de cinzas, desafiando Rourke a contradizê-lo.

Capítulo 2

Quatro horas mais tarde, quando o Big Ben marcava onze horas em ponto sobre a cidade de Londres, a Interventora, lady Black, chegava à Torre.

O tamborilar das rodas contra os paralelepípedos ecoou pela entrada. E quatro cavalos negros como o carvão, puxando uma carruagem, saíram da névoa.

O veículo reduziu a velocidade até parar na porta da torre sudoeste. As lanternas laterais lançavam uma luz amarela que pouco iluminava os paralelepípedos do pátio.

O laçao dos Black saltou do alto do seu assento e rapidamente abriu a porta. Duas figuras desceram a escada da carruagem, uma mais alta que a outra, cada uma, envolta por um redemoinho escuro. Lady Black seria, com efeito, uma das primeiras mulheres a entrar na Torre, só precedida pela condessa adormecida. Para a antiga organização, as tradições se convertiam em uma questão de orgulho e eram difíceis de quebrar. Apesar das olhadas e cutucões dos Ravens, Rourke explicou a necessidade absoluta daquela visita.

Rourke se retirou da janela.

– Three, por favor, desça e mostre a Lorde e Lady Black o caminho.

O caminho a ser percorrido constava em passar por uma porta de madeira pesada em arco simples, feito com pedras gastas. Construído há oito séculos, o portal permitia aos Ravens coexistir na Torre, invisíveis para os mortais que também conduziam seus negócios ali. Mais precisamente, no primeiro piso da Torre Branca, ao se abrir a porta, qualquer mortal encontraria uma despensa insignificante, mas que a um toque Amaranthine revelaria um plano

sobreposto, três pisos de alojamentos e cômodos estratégicos pertencentes aos Ravens. A entrada era inacessível aos mortais.

Até William o Bastardo, ou o Conquistador como chegou a ser conhecido, foi incapaz de passar pelo portal para ver o resultado de seu tratado com os Primitivos.

A voz de lady Black a precedeu nas escadas.

– Sempre ouvi dizer que há fantasmas na Torre. É verdade?

Levantando o olhar para Three, o rosto parecia pequeno dentro do capuz do seu manto, que ao chegar ao patamar, o empurrou para os ombros. Pararam lado a lado na soleira, dois imortais loiros, Three, o Corvo dourado, imponente, sólido e potente, e a loira delicada Interventora.

– Os fantasmas se mantêm principalmente na capela, senhora.
– Respondeu Three. Enquanto Archer os seguia, visivelmente desinteressado em qualquer conversa sobre fantasmas. Levava uma bolsa de brocado de veludo escocês verde e cinza, do tipo que alguém poderia usar em uma viagem de uma noite. O olhar vagava do piso ao teto cavernoso e abobado, onde fixou sua atenção com interesse na peça de metal circular que suportava a jaula de latão.

Intermitentes sons de arranhões vinham de dentro, os sons da noite dos sete Ravens invisíveis.

– É verdade que Ana Bolena⁸ ainda está aqui? – Perguntou a Marquesa, com as faces brilhantes de evidente emoção.

Three assentiu.

– Encontrei-me com ela esta manhã. A cabeça flutuando e gritando, desesperada.

Ela destravou o broche de prata que segurava o manto, o removendo dos ombros.

⁸ Ana Bolena, chamada em inglês Anne Boleyn (Norfolk ou Kent, H. 1501-07 -Londres, 19 de maio de 1536) foi Rainha consorte da Inglaterra, esposa de Enrique VIII e primeira marquês de Pembroke. Morreu executada na Torre depois de um julgamento vergonhoso, foi a mãe da Rainha Elizabeth, uma das mais importantes monarcas da história britânica.

- E Sir Thomas More⁹?

- Ele não é tão aventureiro como Ana, mas sim, o vejo frequentemente. Tem uma fixação bastante inquietante com a autoflagelação, nós lhe damos seu espaço. Aqui está também Simon de Burley¹⁰. - Disse encolhendo os ombros. - Dudley, Cromwell, Surrey e... Bem, poderia continuar indefinidamente...

- Sério? - Os olhos de Lady Black se arregalaram e com voz esperançosa lhe perguntou. - Ou só está zombando de mim?

- Não, minha Lady. - Shrew os interrompeu do seu lugar perto da lareira. - Ele não brincaria em relação aos fantasmas da Torre.

Elena olhou para Rourke, querendo que ele confirmasse as histórias extravagantes. Ele assentiu. Os fantasmas eram um fato simples na Torre, nascidos de uma história sangrenta que todos eles presenciaram em primeira mão. Lady Black estava boquiaberta. Pressionou uma mão enluvada no peito para acalmar o batimento do coração.

- Perdoem minha excitação, mas nunca tive a oportunidade de visitar a Torre. Dezoito acres, treze torres e um sem-fim de espíritos residentes. É muito mais impressionante do que poderia imaginar. - Atônita, insistiu com Three. - Depois, poderiam nos levar até a capela? - Pediu esperançosa.

⁹ Thomas Morre (Londres, 7 de fevereiro de 1478 - *Ibidem*, 6 de julho de 1535), foi um pensador, teólogo, político, humanista e escritor inglês, que foi além poeta, tradutor, Lorde Chanceler do Enrique VIII, professor de leis, juiz de negócios civis e advogado. Em 1535 foi condenado por ordem do rei Enrique VIII, acusado de alta traição por não prestar o juramento antipapista frente ao surgimento da Igreja Anglicana, por também opor-se ao divórcio com a rainha Catarina de Aragão e não aceitar a Ata da Supremacia, que declarava o rei chefe desta nova igreja. Foi declarado culpado e recebeu pena de morte. Permaneceu na prisão na Torre de Londres até ser decapitado em 6 de julho desse mesmo ano.

¹⁰ Sir Simon Burley foi um dos homens mais influentes na corte do rei Ricardo II da Inglaterra. Em 1388 Burley, junto com outros favoritos do rei, foi acusado de traição pelo bem comum e executado no Parlamento.

- Senhora, eles foram torturados e decapitados, estão zangados. Eles são ásperos e nos jogam coisas se acharem que não estamos nos importando com sua situação.

- Sem dúvida posso entender esse ponto de vista. E quanto aos dois jovens príncipes? - Perguntou Lady Black franzindo o cenho.

- Os que desapareceram aqui no século XV? - A expressão de Three se tornou ainda mais séria. - Não, senhora, os Príncipes não estão entre nossos fantasmas residentes.

Lady Black examinou uma tapeçaria desgastada pendurada acima da lareira.

- Alegro-me ao saber disso. Eram crianças. Inocentes. Talvez não tenham sido assassinados, como muitos pensam. Talvez foram salvos por alguma alma caridosa e partiram para viver suas vidas anonimamente.

- Agora é melhor cuidar do motivo que os trouxeram aqui, não?
- Disse Shrew de braços cruzados e apoiando-se contra um gabinete de madeira.

- Querida. - Disse lorde Black. - Vamos ao trabalho.

Elena assentiu, apertando os lábios.

- Sim, tem razão. Vamos.

Ela tirou as luvas, dando um pequeno beliscão na ponta de cada dedo. Levantando o braço, abriu a bolsa de seda verde, pendurada no cotovelo. Colocou as luvas dentro e procurou por um momento, antes de retirar uma bolsinha de couro preto presa com uma fita escarlate.

Logo perguntou a Rourke.

- Onde ela está, por favor?

Diante das palavras suavemente pronunciadas, o coração de Rourke deixou de pulsar por instantes.

Pensou que a falta de sono fazia coisas estranhas à mente. Qualquer fantasia que sua mente havia criado, qualquer conexão sobrenatural que sentia com a mulher que jazia no quarto contíguo... Era precisamente isso. Uma fantasia. Mais ainda como um viciado no ópio, estava estraçalhado entre a assustadora esperança de que o afastariam da fonte de sua tortura, e o impulso bestial de impedir que o fizessem.

Abafou esse impulso, como sabia que deveria e levantou a mão para as portas abertas.

- Por aqui, por favor. - Já era hora de que a fantasia terminasse. Conduziu-os através das portas abertas, ao sombrio quarto da condessa.

Lady Black parou na porta. Suspirou e inclinou a cabeça.

- Olhe para ela, Archer. Não é linda? Não acho que a tenha visto tão em paz como agora.

Archer respondeu secamente.

- Está adormecida. Não está pressionando, conspirando ou manipulando. Mas tem razão. É de uma beleza absoluta.

- Archer! - Ela o repreendeu.

Um sorriso travesso surgiu em seus lábios.

- Diga de novo. Por que não podemos deixá-la dessa maneira?

Os olhos de Elena cintilaram, mas lhe tinha surrupiado também um sorriso.

Aos Ravens, disse tranquilizadora.

- Ele não fala a sério realmente. Qualquer pressão, conspiração ou manipulação só fez da Selene uma melhor Guardiã das Sombras. Quando os homens fazem o mesmo, são chamados decididos e ardilosos.

Archer pressionou a mão contra as costas da esposa, justo em cima de seus quadris. Elena se apoiou no arco de seu braço.

Formava um par bem chamativo, ele tão moreno e ela tão pálida, quase etérea. Como o yin e o yang, dois opostos, mas alinhados à perfeição como peças de um quebra-cabeça.

Rourke dominou uma pontada de... Inveja, não era a palavra adequada para descrever o que sentia ao ver aquela evidente conexão. Inquietação seria mais correta. Estava muito inquieto ultimamente. Deixou que seu olhar pousasse em Selene.

– Minha relação com a condessa foi breve, mas ficou claro que tem um temperamento forte.

Archer sorriu.

– Temperamento forte. Que diplomacia, vindo de você.

Elena se aproximou da cama. A seda pesada das saias sussurrava ao mover-se.

– Selene é decidida. Não há ninguém no mundo como ela. Poderia fazer ou renunciar a algo pelos poucos de nós que estima.

– Acariciou o cabelo escuro de Selene.

– Quanto a você, Archer, estou certa de que ela ouviu cada palavra que acabou de dizer a respeito dela. Vou despertá-la para que possa fazer com que sua vida se torne miserável nas próximas décadas.

Archer olhou para a esposa, como se quisesse devorá-la inteira. Elena correspondeu com um brilho em seus olhos que dizia que não se importaria que o fizesse.

Rourke fungou, indicando sua impaciência para começar.

– O que há aí dentro? – Perguntou aos Black, apontando para a bolsa de veludo que Archer segurava.

– Livros. – Disse Archer. – Pode estar faminta por um bom livro ao acordar.

Que raios significava isso? Por que a condessa poderia estar faminta por livros? Ou tinha ouvido mal?

– Um vestido, sapatos e... – Lady Black sorriu alegremente. – E todo o resto.

Rourke sabia que ela quisera dizer roupas intimas. Imagens de Selene estendida na cama, ronronando como uma gata e vestida só com meias, cintas, espartilho e nada mais, arreventou sua muralha mental. Essa maldita estátua de Hécate, presente do irmão da condessa para guardar seu quarto, só aumentava o erotismo da fantasia em Rourke.

Alheia à tortura infligida com seu vago bate-papo feminino, a Marquesa adicionou.

– A condessa é muito exigente a respeito de sua aparência. Ficará horrorizada quando se vir nesta nada elegante camisola que a vesti.

Archer depositou a bolsa junto à parede de pedra. De dentro da bolsinha, Elena tirou um frasco de vidro e o segurou no ar de frente a si mesma.

– Bem... Aqui está. – Anunciou com voz grave.

O líquido púrpura brilhava como luz fosforescente, refletindo um esplendor lavanda sobre o rosto de Elena.

Rourke se aproximou da cama, permanecendo fora do círculo de luz projetado pelas tochas de Hécate.

– Como irá administrar o antídoto?

– Pela boca. – Respondeu lady Black. – Precisarei de ajuda para levantá-la.

– O que o deixa tão irritado? – Demandou Shrew. Ele e o irmão se encontravam junto à porta, parados lado a lado, ele alto e o outro dourado. Rourke se concentrara tanto no assunto em questão, que não percebeu os irmãos, que o seguiram até o quarto.

– Não estou irritado. – Respondeu mal-humorado, com as mãos fechadas em punhos e os lábios tensos em uma linha fina.

– Não quer que ela desperte, não é irmão? – Brincou Shrew, sempre o mais vivaz dos dois. – Porque ela vai embora e você quer que a condessa fique aqui para sempre.

– Cale-se.

– Para que possa desejá-la enquanto dorme. – Shrew adicionou.

– Não se pode desejar a filha da Rainha Cleópatra. – Contestou Three, embaraçado, com o cabelo brilhando na luz das tochas. – Nós só podemos admirar sua beleza. Desejar e admirar são duas perspectivas completamente diferente.

Piscando rapidamente, Shrew sussurrou a lady Black.

– Ele suspira por ela.

Lady Black sorriu. Archer cruzou os braços sobre o peito e dirigiu um olhar impaciente aos outros Guardiões.

– Senhores. – Interrompeu Rourke enojado. – A presença de vocês não é necessária aqui.

– É claro, senhor. – Disse Three. Os irmãos se dirigiram para a porta. – Estaremos na sala ao lado se precisar de ajuda.

O vento sussurrou através das cortinas e o som dos cascos dos cavalos sobre os paralelepípedos se ouvia a distância.

Lady Black instruiu Rourke.

- Aproxime-se. Aqui, do outro lado da cama, de frente para mim. Segure-a pelos ombros. Não a machuque, mas se assegure de mantê-la firme.

As mãos de Rourke, até as pontas dos dedos já tremiam, antes de tocá-la.

Elena adicionou.

– Ela é muito forte e não posso prever exatamente como vai reagir ao despertar. E se o antídoto não conseguir reverter a transcendência, as coisas poderão ficar muito feias.

– Feias até que ponto? – Perguntou ele.

Os olhos da Marquesa brilharam e apertou os dentes brancos no lábio inferior. Ele não poderia decidir se ela estava com medo ou simplesmente estava muito emocionada pelo experimento que agora fariam.

– Talvez desenvolva tentáculos e vomite bílis verde. Temos que estar preparados para qualquer possibilidade.

O que significava que poderiam ser obrigados a executar Selene. Não poderiam permitir que o mal dentro dela progredisse. Archer passeava de um lado para o outro, perto deles. Os olhos escureceram, tornando-se cinza, com o brilho da hematita¹¹ o que indicava que estava preparado para qualquer batalha física que fosse necessária. Disse:

– Dada a imortalidade e a força que possui como Guardiã das Sombras, a transcendência poderia torná-la ainda mais violenta que Jack o Estripador ou a Noiva Escura. – Uma espada larga cintilou no seu punho. Forjada de prata Amaranthine, extraída do Reino interior, a navalha emanava um brilho etéreo.

– Entendo. – Disse Rourke.

Elena abriu a boca estreita do frasco e assentiu.

– Agora.

Pela primeira vez, desde a chegada de Selene à Torre, Rourke a tocou. Com um braço a levantou do travesseiro, de forma que descansasse contra o oco de seu cotovelo. A cabeça se recostou em seu ombro e o exuberante perfume floral, subiu ao seu nariz. Ele se obrigou a não olhar para a boca, o longo pescoço ou os seios, inegavelmente magníficos que em seus sonhos ele havia comprovado o sabor e a maciez.

¹¹ A hematita, hematites ou oligisto é um mineral composto de óxido férrico. A hematita especular ou Especularita apresenta uma cor de cinza a prateado com um brilho metálico.

A condessa suspirou com a mudança de posição, como se soubesse em seu sono profundo, que estava sendo manejada por ele.

Lady Black se aproximou, mas sem prever as próprias ações, Rourke a deteve, usando a própria mão para levantar o queixo de Selene e lhe abrir a boca.

– Se pudesse inclinar a cabeça para trás só um pouco mais... – Sussurrou Elena. – Isso... Perfeito. – Elena sustentou o frasco contra o lábio inferior de Selene. Esvaziando o líquido de cor púrpura. A garganta da condessa se moveu ao engolir e os lábios se fecharam contra o polegar de Rourke. A língua quente e úmida tocou a ponta sensível.

Sangue e um calor quase insuportável correram para sua virilha.

– Ah! – Pigarreou disfarçando.

– O que foi? – Murmurou Elena, atônita.

– Só estou rezando para que isto funcione. – Resmungou ele em resposta.

Archer sorriu. Rourke trincou os dentes.

Elena mordeu o lábio inferior e olhou o rosto da condessa esperançosamente.

Uma hora mais tarde, Rourke mantinha sua vigília ao pé da cama de Selene. Esfregou uma mão sobre a fronte e a mandíbula áspera.

Diabos. Pensou.

Archer ficou na janela, observando por entre os estreitos espaços da veneziana de madeira. Elena se sentou na frente de uma escrivaninha próxima, anotando em um caderno de notas. A cada momento que passava se tornava mais agitada. Finalmente, desconsolada proclamou:

– Não moveu nenhuma pestana.

- Talvez o antídoto só precise um pouco mais de tempo para fazer efeito. - Sugeriu Rourke, repetindo o mantra fervorosamente mais de mil vezes agora.

Elena lhe ofereceu um olhar agradecido, embora os lábios não conseguissem sorrir.

- Não entendo. Estava segura de que a fórmula funcionaria.

Archer veio para o seu lado. Descansou as mãos sobre os ombros estreitos.

- Deixe-me levá-la para casa. Está esgotada. - Inclinando-se ao seu ouvido, murmurou algo suave, algo que inclusive Rourke, com sua audição aguda de Raven, não pôde decifrar.

Rourke colaborou.

- Mandaremos notícias assim que houver qualquer mudança.

Próximos às escadas, Helena estendeu a mão para Rourke. A familiaridade o sobressaltou. Não era muito frequente que alguém o tocasse. Não por amizade. Nem abertamente. Ela disse:

- Não consigo dizer o quão decepcionada estou. Revisarei minhas notas amanhã e verei quais ajustes poderei fazer. Dê-me mais uma oportunidade, lorde Avenage. Estou perto de decifrar a fórmula. Posso sentir. - A Three, disse: - Visitaremos a capela em outra ocasião. Não estou com humor para caçar fantasmas neste momento.

Flynn, o mais jovem dos sete Ravens, apareceu no patamar e guiou os Black no caminho para fora. Seguiriam com o mesmo programa, e Three faria o relatório da noite.

Rourke se voltou para a porta aberta da antecâmara de Selene e passou os dedos pelos cabelos. Outra noite sob o mesmo teto com a condessa. Talvez mais?

Deus, precisava se afastar de Londres, dela, só por alguns dias. Se não o fizesse, explodiria. Olhou o mapa da Inglaterra preso à parede e seguiu a costa oriental para o norte da Nortumbria, quase até Escócia. **Swarthwick**. Sua mente se encheu com a

memória do céu púrpura, campos ondulantes e penhascos elevados e irregulares.

Uma dor se apoderou do seu coração, profundamente no peito. Que melhor lugar para lembrar à sua mente quais eram as suas prioridades?

Na semana anterior, recebeu uma carta do administrador local, perguntando se a sua propriedade estava à venda. O imóvel estava descuidado há muito tempo. Talvez devesse, de fato, vender o lugar, ou melhor, ainda, transferir a propriedade para alguma obra de caridade local. Ganhar um só xelim por sua venda seria uma abominação.

Pegou uma folha da escrivadinha e uma pluma de tinta. Momento mais tarde assinou e selou a carta, pressionando a base triangular na cera negra e a depositou sobre os outros documentos para serem transportados por fogo ao Reino Interior.

Estava exausto e não queria mais do que se render ao esquecimento do sono. Mas isso não seria possível. Não nesta noite. Não até que ela se fosse.

– Sairei por alguns instantes. – Disse a Flynn.

– Sim, senhor. – Flynn, um jovem robusto, ruivo e de sangue Viking, olhou-o da mesa onde revisava o registro da noite. Como Rourke, todos os Corvos eram recrutas Amaranthines, nascidos mortais, mas transformados imortais, com o objetivo de servir a um propósito maior. A Membresia da Ordem não era uma vigília eterna, de vez em quando, as substituições eram necessárias.

– Não se preocupe com as coisas por aqui. Daremos um grito se o necessitarmos.

Rourke voltou para a cela estreita que durante oito séculos usava como aposento particular e se vestiu com uma roupa mais adequada para passar a noite fora. Olhou seu reflexo no pequeno espelho redondo situado em cima da bacia de água. Sabia que não era bonito no sentido real da palavra. As feições eram um pouco mais que angulares, o nariz muito largo e pronunciado. Mas as

mulheres, não obstante, sempre o assediavam. Não poderia ser sua personalidade que as atraíam.

Sabia perfeitamente que não era de todo agradável, como um companheiro deveria ser.

Deixando a Torre, tirou Killer dos estábulos e cavalgou para Belgrávia.

A temporada de Londres chegou oficialmente ao fim, mas ainda havia jantares e reuniões, só que em escala menor, mais íntima. Enquanto muitas das mansões estavam escuras e com venezianas fechadas, outras refletiam luz e atividade.

O lugar aonde finalmente desmontou refletia um pouco de vida. Suave luz de lanternas escapava pelas janelas polidas. Depois de uma só batida, um cavaleiro pegou as rédeas e um criado de libre lhe abriu a porta e em pouco tempo ela estava ali, deslizando de uma sala, vestida de seda azul com joias envolvendo o pescoço e uma pluma de pavão no cabelo.

A parte superior da cabeça dela chegava ao seu ombro. Ela riu suave, e sedosamente disse algo sobre o teatro e uma maravilhosa atuação. Embora ele não olhasse diretamente em seu rosto em nenhum momento, sabia que ela esteve bebendo. O cheiro do vinho emanava dos lábios. Risadas masculinas e femininas soavam dentro da casa, acompanhadas pelo tinido de prata e cristais.

– Tem convidados. – Murmurou ele. Tocando a ponta do chapéu e recuando. – Em outra ocasião, então.

– Se una a nós, Avenage. É o Sr. Irving e Miss Terry do Liceu e alguns outros. Há um escritor. O Sr. Wilde. Terrivelmente estranho e grosseiro, mas encantador. – Ela se apoderou das suas mãos. – Por favor. Eles irão adorá-lo, como eu.

– Não esta noite.

Nem nunca. Não era assim entre eles. Tão educadamente quanto foi possível, soltou-se e se dirigiu para a porta.

– Vou mandá-los embora. – Os sapatos de salto soavam no mármore atrás dele. – Só espere um pouco.

Ele não gostou do tom tenso em sua voz. O qual marcava uma mudança desagradável em seus sentimentos por ele. Foi claro com ela desde o começo. Fingindo não havê-la escutado, continuou caminhando.

– Avenge! – Ela correu até a porta e o seguiu para fora, descendo as escadas.

Ele parou, só porque desejava que ela parasse de segui-lo. Não suportava a ideia dela perseguindo-o na rua.

– Então me deixe ir com você, para a Torre. – Murmurou ela.

– Sabe que isso não é possível.

– Por que ninguém tem acesso, exceto seus preciosos guerreiros Ravens? – Ela disparou como se as palavras fossem pedras afiadas atiradas contra ele.

Ele não participaria de nenhuma discussão entre amantes. Não eram amantes. Amantes, implicava um apego emocional. Não havia nada disso entre eles.

Então respondeu:

– Sempre foi assim.

– Mas ela está lá! – Insistiu, com a voz tão aguda como um agulhão de vespa. Ele poderia ter respondido de várias formas, *ela é uma Guardiã das Sombras. É digna da Torre. Seu lugar é entre nós.*

Em vez disso, sem dar sequer uma olhada para trás, caminhou mais a frente e empurrou a bota no estribo de sua montaria. Os olhos do cavaliço se arregalaram, e soltou as rédeas do cavalo de Rourke. Algo caiu destrocado atrás de Rourke. Pela extremidade do olho viu terra, flores e os restos de um pequeno vaso de barro.

Durante a hora seguinte, cavalgou sem rumo através da cidade, só vagamente consciente das luzes, cheiros e sons.

Considerou apertar e tomar uma bebida, mas a ideia de sentar ombro a ombro com estranhos não o agradava. Por três noites não conseguira dormir e ainda assim fugia da cama. Não desejava nada mais que dormir, porém dormir o levaria a uma doce e terrível perdição.

– Comandante Raven!

O grito silencioso de Shrew o acertou como uma pancada no peito, tão forte e urgente que o ar abandonou os pulmões.

As dobras do seu casaco açoitaram atrás dele ao virar-se... Transformando-se em sombra, abandonou Killer na rua. Em instantes chegou à Torre e voou pelas escadas, só para ser repellido por uma força invisível.

Foi jogado na terra, tão forte que perdeu o fôlego, se sentou sacudindo a cabeça para clareá-la. Um brilho luminoso atraiu sua atenção para cima. Raios incandescentes de luz escapavam das janelas superiores da Torre Branca. Uma explosão o sacudiu, o som de metal contra pedra. Sua visão nublou e os ossos sacudiram contra a pele e músculos.

Meio tonto ainda pelo que acabara de ocorrer lutou para respirar, de quatro no chão, se levantou. A mente só pensava em uma explicação, a jaula dos Raven. Teria caído do teto?

Na porta enfrentou novamente a resistência da parede invisível. Agarrou o trinco de ferro, mas a força novamente repeliu sua mão como os lados opostos de um ímã.

Com um grito de raiva, forçou cada músculo e grama de sua vontade ao limite, centímetro após centímetro foi avançando contra a barreira. Uma fumaça negra como alcatrão queimado o envolveu, enchendo olhos e nariz, tão quente e densa que temeu ser sufocado. Por fim entrou.

Dentro, a Torre estava escura com a fuligem, até para seus olhos com capacidade de visão noturna. Em toda sua existência como Amaranthine, nunca conheceu a escuridão verdadeira. Não até agora.

Gritos e maldições ecoavam a voz gutural e frenética de Shrew, junto com sons de pancadas. Quase cego, mas confiando na memória, subiu as escadas de três em três, para dentro da Torre.

Capítulo 3

Tochas e candelabros estavam apagados. A lareira perpetuamente acesa jazia apagada e negra. As portas da câmara da condessa, sempre abertas, estavam fechadas. Luz quente e incandescente saía por entre as rachaduras da madeira, tão brilhante que seus olhos arderam.

Shrew tentava arrombar a porta com uma tocha. A jaula sempre pendurada no centro da sala de pedra se encontrava no chão, virada. Enquanto Shrew continuava tentando derrubando a porta, Rourke, com a cabeça palpitando com incredulidade e temor, enlaçou os dedos nos cabos verticais e endireitou a jaula metálica. Seis corvos se estenderam e agitaram as asas, aturdidos pelo impacto da queda. Uma das aves estava imóvel, com o pescoço em uma posição antinatural, com os olhos abertos e sem piscar.

– Onde está Flynn? – Exigiu Rourke.

– Lá dentro. – Shrew deu outra pancada na porta.

Virando-se para a luz, Rourke tampou os olhos.

Pelos Primitivos! Que demônio invadiu sua Torre depois de oito séculos de invulnerabilidade absoluta?

Seja quem for, ia rasgar-lhe o peito e comer o coração. A fúria aumentou seus músculos com força sobrenatural, os olhos mudaram... Brilharam com o fogo interno de sua transformação. Com um grito gutural, chutou a porta com a sola da bota. Recuando, chutou novamente. Debilitada pelo assalto de Shrew com a tocha, a porta se escancarou, voando lascas para os lados. A luz desapareceu.

Na escuridão, os Ravens entraram na sala. Um vento antinatural vindo de todas as direções agitou suas roupas e sacudiu as cortinas esfarrapadas. As janelas estavam desencaixadas, como bocas abertas para a noite.

A condessa se fora... A cama estava vazia.

Com um grande som de sucção, o vento esvaziou o cômodo, deixando-os em um silêncio absoluto, com o corpo quebrado de um Raven morto.

Em um beco lúgubre, salvo pelo cabo escuro, uma faca de açougueiro com o lado mais afiado de metal dentado, brilhava lubrificada de vermelho.

Consciente de que era ela quem segurava a faca, Selene sentiu o pulso acelerar. Levantou a outra mão, estendeu os dedos em um leque pálido. O mesmo vermelho pintava seus dedos e o punho da sua camisola.

Úmido e reluzente, o objeto desprendia um distinto cheiro metálico. Enojada... Confusa, jogou a faca. A lâmina caiu em algum lugar, oculto pelas sombras de um armazém. A palma ardia e ela levantou a mão. Cortou a si mesma. A escuridão rondava tão densa e impermeável ao seu redor, que se sentia suspensa. Procurando um ponto de referência físico, olhou ao redor.

A luz de um farol se projetava à distância. Selene começou a caminhar em direção a luz, com os pés descalços tocando o pavimento frio de pedra.

Lembrava-se de estar no campanário da Torre do Relógio de Westminster e que a Noiva Escura foi derrotada e que seu gêmeo, Mark, estava a salvo. Todo o resto permanecia oculto pela inconsistência de sua mente. Há quanto tempo tudo havia acontecido, uma hora ou um século?

Altos muros a rodeava. A escuridão era tão profunda que mal conseguia ver através dela.

Era uma Guardiã das Sombras. A escuridão não deveria ocultar nada a seus olhos. Algo estava muito errado.

Corra. Escape. Agora.

Ela correu os pés escorregando nos paralelepípedos úmidos e ásperos. Seus pés atingiram algo, duro e macio. Com o impacto repentino caiu sentada. A umidade empapou suas nádegas, coxas e pés. As pernas pararam sobre o que a fez tropeçar, algo com roupa e pele. Ali estava outra vez aquele cheiro. O cheiro de sangue.

Selene recuou, livrando as pernas das saias úmidas próprias de uma mulher. Empurrou a si mesma sobre os pés e girou em um redemoinho, uma parte das sombras pareciam serpentes fumegantes deslizando em diferentes direções.

Inferno, seu coração pulsava tão rápido que chegava a doer. O que acabava de ver? Um comitê de boas-vindas de espectros curiosos reunidos em um beco para observar o que aconteceu. **O que foi que aconteceu? Por que não conseguia recordar?**

Na distância, uma mulher gargalhou e o apito de um policial soou em tom agudo.

Os sons eram comuns em uma noite de Londres, mas ela se sentia encurralada e a mil milhas de um local seguro.

Virou-se para trás de novo, olhando o beco, orando para estar enganada a respeito da mulher morta, mas não, o corpo rígido estava ali entre duas carroças estacionadas, esparramada como uma boneca abandonada por uma menina.

Evocou toda a sua emoção. Usando como gatilho para forçar o corpo a se transformar em sombra. Invisível, ficaria mais forte e encontraria o equilíbrio que necessitava.

Um golpe de calor retorceu os ossos, mas... Nada aconteceu. O impacto relampejou dentro de sua cabeça e adormeceu seus lábios.

A barra da camisola se enroscou entre suas pernas. O som de sua respiração ecoou nas paredes altas de tijolos que agora se tornaram familiares. Este era o distrito londrino de Whitechapel e esta rua, o Beco Castle. As janelas enegrecidas dos banheiros e lavanderias de Whitechapel viram, desapaixonadas e sem pestanejar, seu passo apressado.

O ar da noite esfriou sua pele, lhe arrepiando a carne. Um pedaço pequeno de vidro perfurou a sola do pé. Gritou, levando a perna para cima, sem pensar, e quase caiu de novo.

Confusão e escuridão. O desconforto do frio. Dor quase insuportável por uma ferida tão insignificante. Não, não, não. Não ela, a única mulher dos Guardiões das Sombras. Passaram-se séculos desde que sofrera tais falhas humanas.

Algo estava horrível e terrivelmente errado. Tinha que encontrar Mark, seu gêmeo. Ele a ajudaria ou lhe diria o que fazer.

Zás.

Ela se virou para o som. Uma sombra se lançou sobre ela, tampando a luz da lanterna a gás. A sombra tomou forma, materializando-se em uma silhueta musculosa, de ombros largos, com olhos em brasas vermelhas acesas e asas negras estendidas. Botas de couro aterrissaram sobre os paralelepípedos.

Ele avançou para ela.

– Avenage! – Ela o reconheceu.

O comandante Raven, o guerreiro Guardião das Sombras ao qual ela convenceu a ajudá-la antes de se confrontar com a Noiva Escura. Mesmo com a breve relação, ele continuava sendo um completo mistério para ela.

Ele se moveu com poder e graça, os músculos subindo e descendo ao longo do peito musculoso. As longas pernas o trouxeram mais perto. Por um momento, a admiração por sua beleza aterradora a manteve congelada no mesmo lugar.

– Condessa. – Urrou ele, segurando seu braço.

Garras afiadas brotaram de seus dedos, a arma invejável dos Ravens. Instintivamente ela gritou e se afastou.

– Sob que ordens vêm com suas armas apontadas para mim? – Exigiu ela, circundando-o. Uma vez mais, ele investiu, lhe negando qualquer rota de fuga.

– Minhas ordens. – As palavras, pronunciadas em tom baixo, transportavam fúria e desprezo. – Renda-se. – Exigiu ele.

As nuvens em sua mente se dissiparam ainda mais, e recordou a loucura, a transcendência, que abrigou dentro de si mesma para salvar o seu irmão gêmeo da morte.

Elena a tinha posto para dormir querendo protegê-la.

Mas estava acordada agora, na rua. Com uma mulher morta estendida em um beco atrás dela. O que tinha feito?

Uma parte da sua consciência sabia que deveria fazer como o Raven ordenava e render-se, mesmo se isso significasse sua execução, sua morte. A outra parte insistia em se preservar a qualquer custo.

Zás. Zás. O ar se deslocou sob o potente bater de mais asas.

Em sua vista periférica, Selene viu surgir mais três guerreiros Ravens, um por um, agachados sobre os telhados e se segurando às paredes, com as asas escuras contrastando contra o céu azul profundo, anjos saídos do inferno, como uma ilustração de Gustave Doré¹².

Selene levantou o olhar para o comandante Raven. Qualquer sombra de emoção que esperava ver dentro dele... Qualquer evidência da compreensão que precisava dele não estava ali. O brilho frio dos olhos em brasa vermelha não desvaneceu.

Lentamente ele estendeu a mão, com a palma para cima.

As garras foram recolhidas. Só restou o brilho frio dos olhos.

¹² Paul Gustave Dourei (Estrasburgo, França, 6 de janeiro de 1832 - Paris, França, 23 de janeiro de 1883) foi um artista francês, gravador, escultor e ilustrador.

- Renda-se... A mim. - Repetiu mais suave desta vez.

Cuidadosamente, ela baixou a palma na mão dele. Uma corda de couro se fechou, tão rígida como uma armadilha, ao redor de sua mão.

- Por que estou tão fria? - Perguntou. - Nunca senti tanto frio.

Mesmo resistindo ao desejo, ele se aproximou.

O calor que emanava dele chegou ao tecido fino da camisola, não se tocaram, salvo a mão quente dele apertando a dela.

Ela se sentia impotente contra ele. Não se sentia impotente há séculos. Profundamente irritada, perguntou:

- O que está acontecendo? - Exigiu.

Fechando a outra mão, ela liberou o punho, golpeando-o no peito, ele nem sequer notou, simplesmente agarrou a mão dela, impedindo-a de tentar novamente.

Ela queria bater outra vez, desta vez mais forte. Queria ferir alguém tanto quanto se sentia ferida, transmitir seu isolamento e medo, mas uma onda de cansaço caiu sobre ela, tão profundamente que não pôde sequer tentar livrar as mãos.

- O que está acontecendo? - Repetiu em um sussurro. A visão vacilou e a consciência veio abaixo. Sua última lembrança foi a firmeza do peito de Avenage contra sua bochecha e os braços fortes, impedindo sua queda.

- Mas o antídoto supostamente não iria me curar? - Exigia Selene de sua cama. Estava sonolenta. Mal levantava a cabeça do travesseiro. Elena não respondeu. Simplesmente continuou transferindo as roupas dobradas de Selene de uma bolsa para as gavetas de uma grande cômoda de madeira.

Selene acordou na casa dos Black. A propriedade de Lorde e Lady Black em Mayfair, no mesmo quarto que ocupou antes do casamento deles. Sua presença na casa não parecia bem vinda.

Os móveis e a tapeçaria eram os mesmos, com tons de verde e ouro, mas não havia pilhas de livros antigos ou as cestas de suas adoradas serpentes. Já não se sentia como em seus aposentos.

Era só uma hóspede ou mais exatamente, uma prisioneira, a julgar pelos dois Ravens grandes guardando a porta, de braços cruzados e os rostos carentes de expressão. Ouvira Elena se referir a eles como Three e Shrew. Seu olhar se cravou neles. Se estivesse com sua força recuperada, haveria pelo menos duas vezes seu número para mantê-la ali, se não desejasse ficar.

Suspirou e fechou os olhos. Em seu estado atual, o mero pensamento de participar de uma luta a cansava.

Um castiçal sobre a mesa ao seu lado emitia uma luz suave. As cortinas permaneciam fechadas, não sabia se era dia ou noite. Elena verteu água de uma jarra em uma bacia.

Sentido a dor na palma da mão, olhou para a bandagem de gaze que envolvia sua mão.

Lembranças fragmentadas brilharam como partes de vidro quebrado através do tecido em branco de sua mente. A mulher morta. A faca em sua mão. Avenge.

Arrancou a gaze, desfazendo as várias voltas até que viu uma tênue mancha escarlate sobre o algodão. Seu sangue. Uma sensação estranha, como de água fria, se derramou em sua espinha.

Mais outra volta e uma verdade terrível se revelou uma fileira ordenada de pontos de sutura atravessando a palma.

Quando servira nas tropas dos Guardiões das Sombras sofreu inumeráveis lesões, cortes, feridas profundas e até disparos infligidos por canhões, o aniquilador de almas mortais. Sim, experimentara a dor, ferimentos e sim, havia sangrado, às vezes profusamente, mas nunca precisou de pontos. Como todas as

Guardiãs, seu corpo Amaranthine se curava com assombrosa rapidez, sem deixar sequer a menor das cicatrizes. As únicas cicatrizes em seu corpo eram as que ganhara na infância.

Embora tenha se tornado imortal Amaranthine aos doze anos teve que esperar por suas extraordinárias habilidades até que seu corpo se tornasse o mais perfeito possível, antes de transformar-se completamente.

Em suas costas levava as cicatrizes dos açoites, nos tornozelos e pulsos as cicatrizes deixadas pelos grilhões de ouro que Otaviano, o imperador romano, que capturou Alexandre e ela (filhos de Cleópatra e Marco Antônio) no Egito para levá-los a Itália e os exibir em seu desfile triunfal por Roma, crianças presas a grilhões de ouro tão pesados que mal conseguiam caminhar.

Olhava fixamente o ferimento ofensivo. A ferida descoberta começou a latejar, ardia como um ferimento muito aberto... Muito... Muito aberto. Embora fraca Selene bateu a palma contra o colchão, como se com isso a fizesse desaparecer.

– Sou mortal agora? – Sussurrou.

– Não. – Elena se agitou perto da cama, sentando-se finalmente em uma cadeira próxima. A face estava rosada e os olhos arregalados, como se esta tragédia fosse a sua própria. Os dois Ravens observavam, sem demonstrar interesse, de seu posto na porta. Elena explicou. – Está se curando mais rápido que qualquer mortal, mas não tão rápido quanto antes. Seu corpo parece estar em algum tipo de estado de transição.

Selene expressou a pergunta que não saia de sua mente.

– A transcendência ainda está em algum lugar dentro de minha mente? Destruirá minha razão? Ficarei louca? Não me sinto louca, não ouço vozes como as que meu irmão descreveu.

Elena sacudiu a cabeça.

– Não acho... Eu...

– Diga a verdade. – Exclamou Selene.

– Não tenho certeza.

Selene se sentou na cama.

– Por favor, é possível que eu tenha matado essa pobre mulher?

– Não. Não há motivos para acreditar nisso.

Entretanto Selene viu a dúvida nos olhos da amiga.

– Quem era?

– Uma prostituta.

– Como às vitima de Jack o Estripador e a Noiva Escura.

– Sim. – Reconheceu a amiga com um suspiro.

Onde estava Avenage? Contra toda razão, seus pensamentos se centravam nele, como se fosse um navio ancorado no mar de confusão e terror que era sua mente. Imaginava os braços fortes ao seu redor, a voz calma em seu ouvido. No entanto de onde vinham tais pensamentos que nunca foram realidade?

O pulso acelerou ao recordá-lo de pé acima dela, um homem misterioso de asas escuras, com olhos brilhantes e vermelhos. Quando não transformado, os olhos eram verdes. De um verde claro, pouco comum.

De acordo com o jornal ao lado da cama, passaram três semanas desde que ele ajudou a ela e aos companheiros Recuperadores a derrotar a Noiva Escura. Mas não encontrava sentido algum em desejar seu consolo. O tempo deles juntos poderia ser medido em meros minutos ou algumas horas e estritamente de caráter profissional, sem nenhum tipo de intimidade ou algo parecido. Ele não era nada para ela, e ela não era nada para ele.

Antes, ela pediu uma reunião com ele, e ele concordou. Ela falou, e ele ouviu. Ela pediu a sua ajuda e depois de refletir, ele se comprometeu em ajudar. O resto se passou surpreendentemente rápido, em um abrir e fechar de olhos. Ele era um mistério

emocionante e atraente, um que pensou em explorar mais tarde. Mas, naquela noite na Torre do Relógio tudo mudou.

Sentada na cadeira, Elena apertava as mãos com força sobre o colo.

– Quisera saber o curso da sua recuperação, ou quanto tempo poderá retornar a normalidade. – Piscou afastando as lágrimas. – Não posso expressar o quanto lamento essa situação, Selene. Sinto-me responsável. Sei que ser uma Guardiã das Sombras é tudo para você.

A fúria gritava na mente de Selene, mas engoliu as palavras afiadas que vieram a sua língua. Sempre fora de temperamento quente e imperioso, como sua mãe, Cleópatra. Queria gritar, arremessar algo contra sua querida amiga, sua única amiga, por deixá-la perdida neste estado desconhecido e vulnerável. Sentada na cama, forçou sua atenção para a flor de lótus negra flutuando em uma terrina de cristal com água ao lado da cama.

Elena, sempre tão cuidadosa. Sabia que a flor de lótus era a favorita de Selene.

Aquela planta era muito especial, as invenções dos mortais, sempre egoístas e a ignorância em lidar com a terra, poluíram a atmosfera do Reino Exterior, fazendo vários animais e vegetais como a flor de lótus serem quase extintos. Agora a lótus negra crescia livremente no ar puro do Reino Interior.

Apesar do nome, as pétalas não eram realmente negras, eram púrpuras, circundadas por um verde vibrante.

Embora a amizade fosse recente, Elena parecia entendê-la melhor do que ninguém e percebia o que nenhum deles diria, sem seus poderes e a posição dentro dos Guardiões das Sombras, nada restaria a Selene. Mansões, joias ou as riquezas que acumulou em séculos não ofereceriam nenhum consolo. Sabia que Elena se sentia culpada.

Então Selene agiu contra sua natureza e moderou as palavras dizendo o que sabia que deveria dizer.

– Não foi sua intenção. Amanhã ou depois, tudo se resolverá.

Elena segurou sua mão e sussurrou:

– Pode não recuperar suas habilidades nunca mais. Rezo para que isso não aconteça, mas...

– Não estou morta, Elena.

Mas enquanto pronunciava as palavras, Selene se perguntou se talvez já estivesse morta. Sentia-se morta por dentro, despojada de tudo o que havia sido. Não mudaria nada naquela noite na Torre do Relógio, quando ela e outros lutaram para derrotar a Noiva Escura. Sem hesitar, se sacrificaria de novo, daria sua vida, para salvar o irmão gêmeo da loucura da transcendência que ameaçava reclamá-lo para sempre e conseqüentemente, causaria sua morte.

Teria sido melhor se seus companheiros Recuperadores a tivessem executado de uma vez, a se encontrar em tal estado de impotência?

Archer surgiu à porta.

– Chegaram algumas visitas para ela.

– É Mark? – Perguntou Selene a Elena. Mais que tudo, queria ver seu gêmeo. Por que não veio visitá-la ainda? Sem dúvida, a felicidade conjugal recente com Willomina Limpett, não o fizera esquecer-se dela. Não podia acreditar nisso, não quando sofreram tantas tragédias em suas vidas, os unindo tão completamente.

– Não, querida. – Sussurrou Elena. – Explicarei a ausência dele mais tarde.

Selene dobrou os dedos no edredom.

– Então não quero receber visitas.

A menos que fosse Avenage. Mas então, gostaria de se vestir e cuidar do cabelo. Detestava ser vista de camisola, como se fosse uma inválida. A fraqueza em seus membros e a persistente sonolência lembrava-a de que fora reduzida a exatamente isso.

Elena olhou o marido e arqueou a sobrancelha esquerda vivamente.

– Ela está muito fraca ainda e mal pode caminhar. Não podem esperar?

Ele evitou claramente o olhar de Selene.

– Não se diz não a estes visitantes.

– Talvez isso possa ser de ajuda. – Disse uma voz masculina do corredor. Um rosto familiar, meio oculto por um tapa-olho negro, surgiu.

Era Leeson, o secretário imortal de Archer, empurrando uma cadeira de rodas. Instantaneamente sentiu os cabelos da nuca se arrepiar. Ela e Leeson nunca se deram bem e se lembrava perfeitamente do último choque de personalidade, ao discutir seu desejo nada comum, Leeson brigara com ela por ter devorado sua coleção de contos de um penny¹³.

Após o incêndio da biblioteca de Alexandria, um acontecimento traumático em seu passado, passara a ter um desejo obsessivo de literalmente, comer tudo o que tivesse escrita. Simplesmente, ficava irritada demais se não comesse livros.

Se Leeson quisesse uma discussão, seu estado vulnerável a poria em uma enorme desvantagem.

– Não me olhe dessa maneira, querida. – Ele a procurava com seu olho bom. Sempre impecavelmente arrumado, vestia calça cinza, camisa branca e um colete de brocado azul e dourado. – Voltaremos a nos menosprezar mutuamente quando tudo isto acabar, agora, faremos uma trégua.

Com todos a ajudando a sair da cama, que outra coisa poderia fazer? Elena ajeitou seu cabelo, alisando a gola da sua túnica de

¹³ Em inglês Penney dreadfull era um tipo de publicação de ficção britânica no século 19 que geralmente contava horripilantes historias em séries semanais, cada exemplar custava um penny(dinheiro britânico).

cetim acobreado. Segurou a cadeira antes de permitir que Leeson a empurrasse pelo corredor até a impressionante escadaria central.

Uma grande claraboia de vidro ficava no centro do grande salão abaixo, revelando um céu noturno nublado. Dois criados corpulentos os aguardavam. Levantaram-na e a levaram na cadeira de rodas do primeiro andar para o térreo, onde Archer assumiu o controle empurrando as alças da cadeira. Elena caminhava junto a eles.

Vários funcionários do governo e Guardiões estavam à frente, indicando a presença da rainha. Afastavam educadamente os olhos enquanto era levada por Archer. O corpo de Selene estremeceu. Por que a rainha estava aqui?

Entraram no gabinete de Archer. Altiva, a rainha se apoiava ao lado da grande lareira, toda vestida de preto, com exceção do colar de pérolas no pescoço. O cabelo acinzentado e preso em um coque severo. Olhou Selene nos olhos e assentiu seca.

– Majestade. – Sussurrou Selene, com a garganta apertada quase a impedindo de falar.

Tentou ficar de pé, mas Vitória levantou a mão detendo-a.

Atrás da rainha, antigos ladrilhos de terracota pintados com flores de lótus vermelhas e negras emolduravam a grande lareira, grande o bastante para acomodar um homem em pé dentro. A madeira rangeu e as chamas se levantaram. O calor irradiou até a sua pele com intensidade quase desagradável.

A Rainha Vitória se sentou e olhou para as chamas.

O sangue de Selene acelerou. Archer a conduziu para mais perto e posicionou a cadeira de rodas a uma distância considerável da rainha. Os dois Ravens, Three e Shrew, estavam de pé atrás dela. Archer a deixou para ficar ao lado da rainha.

Não precisava que ninguém lhe dissesse que estavam protegendo a rainha dela.

– Cobrirei seus olhos, Majestade. – Ofereceu Elena.

– Somente se for necessário. – A rainha concordou.

Passando por trás, a Marquesa amarrou uma tira de seda preta ao redor da cabeça da regente, cobrindo seus olhos, uma precaução importante, já que a luz diferente era prejudicial aos olhos mortais.

Os poderes de Selene se foram. E se a luz destruísse seus olhos também? Archer pronunciou as palavras antigas para abrir o portal.

As chamas criaram vida, do amarelo ao laranja e azul e finalmente, o púrpura. Selene olhou rigidamente para a luz, com as mãos crispadas nos braços da cadeira de rodas. Um zumbido baixo encheu a sala. Um rosto surgiu depois outro após outro, seus nomes gravados na memória, Aitha¹⁴, Hydros¹⁵ e Khaos¹⁶ a Primitiva feminina.

A luz do Reino Interior não queimou os olhos de Selene, um pequeno alívio e um que celebrava, dada a magnitude de todo o resto que estava acontecendo.

– Saudações. – Anunciou uma voz mística, composta por três tons distintos, mas harmoniosos. – Nos reunimos para decidir o destino da Recuperadora.

Selene fechou os olhos.

Archer respondeu:

– Não sabemos com certeza se ela matou a mulher.

Os Primitivos responderam:

– O Raven a observou do céu. Ela estava de pé sobre a mulher morta, segurando uma faca.

¹⁴ Hades era o deus grego dos mortos e do inframundo. Hades foi traduzido ao etrusco como Aitha, Aita.

¹⁵ Na mitologia grega, Hydros era o deus primitivo da água.

¹⁶ Em alguns relatos gregos, Caos é o que existia antes que o resto dos deuses e forças elementares surgissem, o cosmos.

Avenage testemunhou contra ela. Mesmo sabendo que ele havia dito a verdade, isso a machucou.

Os Anciões continuaram.

- Havia manchas de sangue em sua roupa e em suas mãos. Que outra conclusão pode ter?

As vozes e expressões não refletiam irritação ou acusação. Simplesmente estabeleciam os fatos.

Archer disse:

- Queria uma oportunidade para examinar o cadáver no necrotério. Talvez haja alguma pista para descobrir o que aconteceu de fato em Whitechapel ontem à noite. De certo, Tântalo de algum jeito está envolvido no que aconteceu no assassinato de Alice McKenzie e...

- O que está sugerindo? Que Tântalo ou um de seus brotoi são responsáveis pelo assassinato e a condessa não? Que Tântalo guiou sua mão? Que a guia mesmo agora?

Archer respondeu:

- Tudo é possível. Entretanto, acredito que Tântalo teria considerável prazer em ver executado um dos nossos, especialmente se for Selene, que desempenhou um papel tão importante na morte do seu seguidor mais recente. Talvez ela simplesmente tenha sido manipulada para carregar a culpa.

As palavras de Archer só fortaleceram sua convicção de não ter matado uma mulher inocente. Ela poderia lutar contra os brotoi e Tântalo. Mas se conseguissem provar que seus poderes se degeneraram em algo perverso, mesmo que por um só momento, resultando na morte de um inocente, esse conhecimento a destruiria. Nunca poderia se perdoar por ter sido tão fraca a ponto de se deixar manipular dessa maneira.

- E Flynn? - Questionou uma voz profunda da porta do gabinete.

Selene se virou. Avenage se manteve nas sombras, com a linha tensa da mandíbula e os lábios franzidos destacados pela luz do fogo.

- Flynn? – Ela sussurrou. – Quem é Flynn?

Seu olhar baixou até ela, frio e distante.

- Sinto que não reconheça o nome, condessa. – Aproximou-se mais, até que a luz púrpura revelou o rosto severo e os olhos verdes acusativos. – Ele é o Raven que matou ontem à noite.

Capítulo 4

– Eu matei? – Os ombros da condessa Pavlenco ficaram rígidos e o rosto pálido.

Uma onda de ódio por si mesmo caiu sobre Rourke, seu primeiro instinto foi ficar sobre um joelho diante de Selene e dizer que não poderia ser culpada de nada e que as acusações eram infundadas. Mas se lembrou de que ela era a filha da mais sedutora mulher da história e que ele deveria estar sofrendo os efeitos do seu feitiço.

– Não. – Ela se levantou da cadeira, como uma beleza em seda e veludo. Uma lágrima cristalina se formou e deslizou. Ao mesmo tempo a expressão se tornou feroz. – Virando-se para os outros, se dirigiu ao Primitivo diretamente. – Não posso ter feito isso. Não matei a mulher e com certeza não matei o Raven também.

Uma lágrima caiu no chão.

Archer cruzou os braços sobre o peito.

– Com todo respeito, Revenmaster, não há evidência suficiente para condená-la pela morte de Flynn. Nem você, nem o Raven Shrew, que estava na Torre com Selene antes do seu desaparecimento podem culpá-la. Nenhum de nós pode dizer o que realmente aconteceu ali dentro, não sem uma profunda investigação. Esses são tempos estranhos. Considerar apenas algumas evidências não é o bastante. O desaparecimento. A faca que matou a prostituta. A atividade paranormal sem explicação na Torre Branca. A participação do Tântalo deve ser um elemento a ser considerado em tudo isto. Até que ponto, temos que descobrir.

A Rainha Vitória assentiu sabiamente, com os lábios tensos e os lábios apertados.

– Devemos isso a ela. Tem que haver uma investigação minuciosa. – Ela ordenou.

Lady Black acrescentou.

- E como vocês devem saber melhor do que eu para se tornar um Reclamador, é necessário centenas de anos de treinamento. Os candidatos são difíceis de encontrar. Não será fácil encontrar um substituto a altura.

Rourke congelou diante dos argumentos. Selene baixou a cabeça e fechou os olhos, como se agradecesse por alguém falar em seu nome. O cabelo grosso e farto caíam sobre os ombros, um adorável complemento para a pele vibrante. Rourke afastou o olhar dela, odiando-se pela atração que sentia por alguém que bem poderia ter matado um de seus homens.

Archer continuou.

- Até que Tântalo seja detido, haverá mais almas transcendendo e mais brotos poderosos que devem ser Reclamados. - Ele se aproximou do fogo. - Se ela é inocente dessas acusações e recuperar seu poder, precisaremos tanto dela, como de todos os Reclamadores para a defesa de Londres e do Reino Interior.

Selene se inclinou e alcançou o braço da cadeira de rodas. Lady Black se moveu ao seu lado, com uma mão para apoiar seu cotovelo, ajudando-a a sentar.

A sala se encheu com murmúrios enquanto os Primitivos debatiam o assunto entre eles.

Por fim, anunciaram.

- Chegamos a um acordo. Manteremos nosso julgamento até que uma investigação minuciosa seja feita e então daremos um veredicto.

A condessa inspirou fundo, os ombros com visível alívio recostados na cadeira de rodas.

Outro Primitivo continuou o decreto.

- Até lá, a condessa ficará sob cuidadosa vigilância, até que possa ser totalmente absolvida dos seus supostos crimes, ou condenada.

Archer assentiu. Elena deu no ombro de Selene um suave aperto de apoio.

– Onde ficarei? – Perguntou Selene.

– Não poderá ficar aqui por mais tempo. – Anunciou Black.

– Archer! – Implorou Elena, com as faces vermelhas.

Resoluto, ele negou com a cabeça.

– Não. De forma alguma.

Perplexa pela mudança de atitude, Selene encontrou o olhar de Elena, mas a amiga permanecia olhando fixamente o marido.

– Bem... É que lady Black está grávida. – Anunciou ele.

O coração de Selene saltou de alegria com a revelação, mas também se quebrou um pouco. Suas emoções estavam emaranhadas. Eram complicadas. Chegara a ter paixão por Archer, mas agora ele e Elena, sua querida amiga, experimentariam a alegria de um filho.

A rainha juntou as mãos.

– Deus seja louvado.

A luz dos Primitivos se tornou violeta.

– O Reino Interior se rejubilará com esta notícia. Um nascimento é mais que bem vindo! Estamos mais que contentes.

Elena se juntou a ela, tomando as mãos de Selene nas suas.

– Selene...

– Estou muito feliz por vocês. – Disse Selene, perguntando-se se era possível mentir e dizer a verdade ao mesmo tempo.

Archer assentiu, com os olhos brilhando.

– Como sabemos, a centenas de anos, os nascimentos Amaranthine se tornam cada vez mais raros. E este será meu filho. Meu e de Elena. – Ele se voltou para Selene. – Espero que entenda

condessa, não permitirei que nem minha esposa nem meu filho por nascer sejam expostos a algum perigo. Não acho que seja culpada de nada. De fato, espero que o antídoto de Elena tenha funcionado satisfatoriamente. Mas até que saibamos se escapou ou não dos efeitos da transição e esteja no controle de seus atos...

– É claro. – Ela respondeu, fazendo o melhor possível para manter as emoções calmas.

– Então eu poderia ficar com Mark e Willomina?

Archer sacudiu a cabeça, com expressão contrita.

– Embora esteja certo de que seu irmão gostaria demais, o Senhor e a Senhora Alexander têm a tarefa de recrutar membros dos Atheatos.

– Atheatos? – Perguntou Selene.

– Aconteceram muitas coisas enquanto estive dormindo na Torre. – Elena respondeu.

– Os Primitivos acharam um grupo mortal de intelectuais com conhecimento em línguas antigas, que possuem textos e artefatos. Esperamos que alguém desse grupo possa nos ajudar a adquirir conhecimento suficiente para antecipar os movimentos do Tântalo. Seu irmão e Mina estão agora no Egito, tentando encontrar um potencial candidato a ser nosso parceiro. – Archer explicou.

Avenage o interrompeu.

– Precisamos trabalhar com os mortais?

Uma das funções do comandante dos Ravens era se relacionar com certo número de mortais dentro dos limites do palácio da rainha, assim como no Parlamento e na Câmara dos Comuns. Exceto por almas como McGregor, notara que nos momentos mais críticos, os mortais alegavam que estavam doentes ou renunciavam a seus postos por causa de algum escândalo ou por nebulosos “assuntos pessoais” ou pior, por mortes inesperadas.

Os mortais eram pouco confiáveis nesse sentido.

O Primitivo respondeu:

– Os tempos mudaram. Com os séculos, nossos números estão diminuindo. Não nos resta outra opção além de reforçar nossas fileiras com mortais que podem responder perguntas primordiais.

– Do que estamos falando? – Rourke demandou. – Acaso os Amaranthines estão em perigo de extinção?

Archer disse:

– Avenage, quando foi a última vez que ouviu falar sobre algum nascimento Amaranthine?

– Os nascimentos imortais são raros. – Rourke estava de acordo.

– Quando foi a última vez, Avenage?

Ele sacudiu a cabeça. Não conseguia sequer recordar, mas nunca pensou nesse assunto.

Os lábios de Archer se estreitaram.

– Voltemos à pergunta original. Onde Selene ficará? De preferência fora da cidade, já que aprendemos com Mark, que o poder de Tântalo é mais forte em Londres, onde procura reclamar o trono. Sua influência se torna menor à distância.

– Ela irá para Swarthwick. – O Primitivo anunciou.

As palavras ecoaram dentro da cabeça de Rourke. Rápido passou por Selene... Archer... Vitória... Até sentir as chamas em sua pele. Aos Primitivos disse.

– Swarthwick está abandonada. E lá, não há forma de se comunicar com outros lugares.

Archer se uniu a ele próximo à lareira.

– Não é só por isso, Avenage acredita que ela matou um de seus homens. Ele é a melhor opção para ser o guardião dela?

Rourke olhou fixamente para os imortais.

As chamas se moveram e intensificaram o brilho etéreo. Os rostos dos Primitivos se revelaram mais claros, demonstrando que o grande poder do trio não poderia ser contestado.

– Já está decidido.

Rourke deu meia volta e caminhou decidido e zangado para o salão enorme da Casa Black. Dois Guardiões abriram as pesadas portas duplas para que passasse.

– Avenge. – Chamou uma voz que não admitiria recusa.

Parando, virou para enfrentar Archer. Ele mordeu a língua, segurando as palavras irritadas e maldizendo o destino ingrato. Em algum lugar da casa, Leeson mostrava à rainha a coleção de prata e porcelana da Casa Black. Não iria se arriscar a ser ouvido dizendo obscenidades e maldições. Secretamente temia ser visto pelo que realmente era um idiota apaixonado, em perigo de perder a cabeça por uma sedutora inalcançável e que talvez tivesse matado Flynn.

Sobre o ombro do Reclamador, observou os criados subindo Selene pelas escadas. O vestido da cor bronze brilhava, destacando os cachos do cabelo escuro e a pele marfim. Olhos atormentados com incertezas encontraram os dele. Estava mais do que evidente que ela desprezava a situação atual de incapacidade.

– Posso calcular o quanto está zangado. – Disse Archer.

Silêncio.

– Mas preciso avisá-lo de...

– Do quê? – Rourke grunhiu.

Archer olhou sobre o ombro.

– Sobre Selene. Até que tenhamos certeza da lealdade dela, deve sempre estar acompanhada de um Guardião. Lembre-se de com quem está lidando. É filha de Cleópatra, e me deixe avisá-lo de que a filha herdou o melhor... Ou devo dizer o pior das artimanhas da mãe. Pode ser uma mercenária com seu encanto, o que

funciona muito bem contra os inimigos, mas agora, sua lealdade pode estar comprometida. É persuasiva e...

– Bela e sedutora. – Acrescentou Elena, de repente presente ao lado do marido. – O comerá vivo se lhe der oportunidade, e suspeito que não notará até que seja muito tarde. Por favor, entenda que só dizemos tudo isto porque gostamos dela e acreditamos que não cometeu nenhum dos crimes dos quais é acusada.

Rourke olhou a escada de mármore vazia. No alto, Selene não parecia perigosa, parecia confusa, machucada.

Deus, quando se tornou um imbecil?

– De qualquer maneira, considere-se avisado. – Disse Archer.

Elena suspirou.

– Gostaria que ficasse conosco.

– Não pode. – Disse Archer.

– Sei que ela não matou Flynn, nem a mulher.

– Mas não temos certeza.

Lady Black mordeu o lábio inferior.

– Ela provará que estamos errados e depois nos sentiremos horríveis por mandá-la para longe.

– Sem dúvida o fará.

Rourke girou com o estômago revirando e se dirigiu para a saída.

– Avenge.

Ele se voltou, de novo.

Archer assentiu.

– Ela estará pronta para pegar o trem que partirá de Londres amanhã.

- Queria ter lhe falado sobre o bebê, mas o momento apropriado nunca surgia. - Elena falava baixinho, querendo evitar que os dois Ravens e Archer as ouvissem, eles falavam em voz baixa entre si no corredor, a pouca distância do quarto de Selene.

Os Guardiões das Sombras conseguiam ouvir até o mais ínfimo murmúrios dos mortais, tal habilidade não parecia se aplicar tão intensamente com aqueles de sua própria espécie.

Selene se levantou da cadeira de rodas e se segurou na cabeceira da cama, com cuidado.

- Será uma mãe maravilhosa.

- Você também será maravilhosa como mãe.

Embora as palavras tenham sido para animá-la, não conseguiram.

- Não me vejo sendo mãe. Os instintos maternos não fazem parte de mim. É uma característica familiar, suponho.

- Não acredito nisso. - Elena levantou o cobertor e o lençol.

Selene se acomodou entre eles. Sentia-se ofendida em sua dignidade por seus guardiões a manterem no quarto, mas a hora anterior foi exaustiva, não tinha disposição nem energia para discutir o acerto.

- Estou muito cansada. - Ela murmurou.

- Suspeito que continuará exausta durante os próximos dias. Não acordaria de um estado tão profundo de sono sem algum efeito residual.

- Talvez quando me recuperar. - Selene disse com esperança.
- Meus poderes retornarão e poderei provar minha inocência.

- Não seria maravilhoso? - Elena sorriu. - E certamente acontecerá logo, não se preocupe.

Elena se curvou e se sentou na beirada da cama.

- Então... O que acha de Avenage?

Selene ficou pensativa. Avenage estava aborrecido, não, furioso com o anúncio do seu novo encargo como Guardião.

Ele, de fato, acredita que ela é culpada pelas mortes.

- Viu a reação dele. Meus dias em Swarthwick serão uma tortura. Serei uma prisioneira.

- Ele não é uma pessoa simpática, nem o mais conversador dos homens. - Elena se inclinou e murmurou perto do seu ouvido. - Mas, como deve lembrar-se, Archer tampouco o era. Não a princípio. As pessoas podem mudar com o tempo e a convivência. Talvez, se lhe der alguns dias, o comandante dos Ravens não será um companheiro tão terrível quanto espera.

Selene esperava sinceramente que Elena estivesse certa. Poucos homens tinham a habilidade de tornar o silêncio uma tortura ou atrair sua atenção. E quando discutia com Archer, notou que a observava subir as escadas, e ao sentir o olhar verde de Avenage pousar sobre ela, sentia a coisa morta que se tornou seu coração há séculos, bater e queimar em chamas.

Alguma parte visceral reagia a ele de uma forma que não entendia. Apesar da contundente e assustadora evidência contra ela, a ideia de que ele a odiasse e acreditasse que seria capaz de cometer tais crimes a deixava miserável.

- Pense em toda a leitura que porá em dia. - Elena sorriu brincalhona. - Falando nisso, olha o que lhe trouxe.

De dentro da mesinha ao lado, tirou um livro lindamente encadernado. Histórias do Amazonas.

- Parece muito bom. - Selene respondeu com um bocejo.

Adorava livros e outras publicações da mesma forma que gostava de doces, com moderação. Não era uma gluttona. Pegou a edição fina que se referia a um tema que deveria atizar o seu desejo. Em momentos de ansiedade, ela poderia comer uma coleção de dez volumes, em um abrir e fechar de olhos, mas depois se sentia terrivelmente culpada.

Estava agitada, não se sentia faminta. Talvez o primeiro passo para voltar à normalidade fosse retornar aos velhos hábitos.

Sem levantar a cabeça do travesseiro, Selene pesou o livro com a mão. Passou o dedo sobre a suave lombada, folheou as folhas delicadas do grosso volume. Com um pequeno suspiro, procurou a tabela de conteúdo.

– Muito interessante.

Arrancando a primeira página, amassou o papel com os dedos e o fez uma pequena bola e a colocou na boca.

Sem sabor. Decepcionante.

– Está gostoso? – Elena brincou.

Selene assentiu em resposta e tentou engolir.

O papel obstruiu sua garganta.

Ela tossiu e se levantou do colchão. Engasgada.

– Selene?

Quando quis responder que estava bem, sua garganta se fechou ainda mais. Archer correu até a mesa do outro lado do quarto, pegou uma garrafa de cristal com água e encheu um copo. Enquanto Selene tentava respirar, Elena batia entre as omoplatas. Archer pôs a água em suas mãos.

Ela tossiu, bebeu e o papel desceu pela garganta.

Elena disse.

– É melhor não comer livros por enquanto.

– Sim, doutora. – Respondeu Selene, deitando de novo.

Para seu horror, sentia lágrimas caindo de seus olhos. Lágrimas. Como diabo estava chorando? Mesmo no final, quando Cleópatra, sua mãe, se tornou louca com a morte de Marco Antonio, não derramou nenhuma lágrima.

Querendo esconder as emoções de Elena, Selene se virou para o outro lado, abraçando o travesseiro. Olhou o vaso na mesa ao lado. As pétalas eram da mesma cor que o céu ficava ao entardecer sobre o Nilo.

– Gostaria de dormir, agora.

Selene estava em uma cabine particular da primeira classe, olhando pela janela. O trem, embora parado na estação, vibrava se preparando para sair a qualquer momento.

Archer e Elena estavam de pé na plataforma, vestidos com casacos pesados sobre as roupas.

Apesar de estreito, o espaço limitado era confortável. Sentada em uma poltrona macia, observou o ambiente. Na frente, havia uma cama estreita, lanternas brancas penduradas irradiava uma luz dourada com figuras pintadas de flor de lis. Uma pia, toalhas e sabonetes estavam sobre o gabinete. Não tivera tempo de pegar todas as suas coisas do hotel onde morou enquanto caçava a Noiva Escura. Viajava só com uma mala e a promessa de que mais de seus pertencimentos seriam levados a Swarthwick. Elena a avisara de que sua resistência e as habilidades curativas poderiam permanecer adormecidas por alguns dias e que não deveria ficar preocupada. Mesmo com a ajuda de Elena, despreendeu toda sua energia ao vestir-se para a viagem e caminhar a distância da Casa Black à carruagem, e de novo da carruagem até o trem. Archer segurou o braço dela e de Elena até a estação. Depois Avenage assumiu a tarefa.

Silenciosamente a guiou pela densa multidão da plataforma, protegendo-a de ser empurrada, a ajudou a subir as escadas e a passar pelo corredor até seu vagão particular. E depois a deixou.

Sempre gostou de mistérios, e Avenage era certamente o maior deles. Talvez descobrisse alguns de seus segredos durante o confinamento. Ou passaria dias e semanas, sabendo tão pouco sobre ele como sabia agora?

Ele até agora se comportou com um perfeito cavalheiro, mas a desconfiança muda a queimava como fogo. Não fazia muito tempo que foram à procura da Noiva Escura e ela ganhou o seu respeito. Diabos, ela queria muito o respeito dele de novo.

Deveria ter se sentido aliviada quando deixou-a sozinha no vagão, mas a partida dele deixou-a inexplicavelmente agitada. Distraída. Para confessar a verdade, não queria ficar sozinha. Recebera essa manhã um telegrama de seu gêmeo, Mark, a quem informaram que havia acordado.

Oferecia palavras de coragem e prometeu retornar logo a Inglaterra. Embora a mensagem a tivesse confortado, também estraçalhou seu coração. Quando se sacrificou para salvar a vida de Mark, tudo mudou para sempre.

Apesar de continuarem a ser uma família, unidos pelo sangue, nada seria o mesmo. A mensagem do seu irmão era breve, mas as palavras escolhidas cuidadosamente lhe deram uma mensagem poderosa. Elena a ajudara a entender o que não queria ver, Mark já não era um membro dos Guardiões das Sombras. Seu irmão, agora humano, embarcou em uma nova aventura com a esposa, Willomina, tentando encontrar a sociedade mortal dos Atheatos.

Entretanto, pensando no doloroso passado que compartilharam e em quanto tempo passaram juntos, sua perda doía. Agora teriam futuros diferentes, separados. Ele teria uma vida normal com Willomina, desejava, aos dois, muitas felicidades com filhos e netos. Ela não poderia estar mais feliz por ele e, no entanto, nunca se sentiu tão só.

Muito fraca para tirar as luvas ou o chapéu, se recostou no assento e fechou os olhos.

Onde ficaria Swarthwick? Ao norte ou ao sul de Londres? Foi rapidamente escoltada, e não viu nenhum sinal do seu destino.

Finalmente, quando começava a cochilar, o trem fez um pequeno movimento.

Sonolenta, Selene se apurou e olhou pela janela. Elena a saudou com a mão enluvada. Selene fez o mesmo. Depois, a única coisa que via fora da janela, era um borrão de céu azul, com os edifícios cinzentos e os muros escuros.

Uma imagem estranha cruzou sua mente, a de um trem vazio, onde ela era a única passageira, aumentando gradualmente a velocidade, fantasticamente, até que a locomotiva passava pelos escarpados de Dover e mergulhava no mar. Antes de se tornar suspeita das mortes, a fantasia a teria feito rir. Afinal, se tal coisa realmente acontecesse, a “velha” Selene simplesmente arrebentaria as janelas e nadaria até a superfície, com saia de lã, luvas, chapéu e tudo. Mas no presente, tendo em conta os efeitos do antídoto em seus poderes, duvidava de sua sobrevivência.

– Pensei que talvez gostasse de saber mais a respeito do nosso destino.

Saiu dos devaneios, sobressaltada, abriu os olhos bem a tempo de ver Rourke materializar-se a sua frente. Sem sorrir, ele estava de pé recostado à parede do fundo.

– Perdão. – Sustentando seu olhar, tirou a cartola. – Não tive intenção de assustá-la.

Nunca gostou de ser pega despreparada. Por ninguém e especialmente por ele.

– Poderia ter batido na porta e entrado. – Selene respondeu mais irritada do que pretendia.

As fossas nasais dilataram, e o verde dos olhos se intensificou com frieza. Inclinou a cabeça para a porta.

- Estamos em um trem público e é uma mulher solteira. Seria desconcertante para os outros passageiros da primeira classe ver três homens diferentes entrar e sair da sua cabine.

A atitude fria e também a forma brusca de falar, lembraram-na de que já não era um deles, era uma prisioneira. O casaco de lã não ocultava a largura dos ombros ou a musculosa forte dos braços. O casaco abriu, revelando a extensão de linho branco da camisa e uma gravata preta estreita. A calça perfeitamente cortada destacava o aspecto atlético e altura privilegiada.

A combinação perfeita, o físico vigoroso com o civilizado elegante. Que isso fosse atraente em um homem que a mantinha presa e que a desprezava, irritava-a por demais.

- Então terei que aceitar intrusões sem nenhum aviso? - Argumentou ela, pelo simples prazer de discutir. - E se tivesse tirado a roupa e estivesse na cama?

A luz da pequena lanterna pôs em evidência a mandíbula trincada de raiva.

- Acabamos de nos afastar da estação. Mesmo assim teria entrado. O que poderia acontecer se a encontrasse despida? - Atacou ele. - É uma Reclamadora dos Guardiões das Sombras. Não pode usar o pretexto de que 'Sou uma mulher' comigo só porque é conveniente.

Ela ficou rígida com o comentário, mesmo sendo justo. Ela tentou usar o pretexto que geralmente funcionava com outros.

- Fique a vontade. - Ele aconselhou. - Tire a roupa se preferir. Viajaremos para o norte de York, onde desembarcaremos e percorreremos o resto do caminho até Swarthwick de carruagem.

Selene evitou o intenso olhar e olhou mal-humorada para sua mala. Odiava que lhe falasse dessa forma. Como se ela fosse uma coisa indesejável e um fardo. Os olhos picaram. Lágrimas, lágrimas estúpidas.

- Não se sente bem? - Ele perguntou com certa brutalidade.

Ela esfregou os olhos e baixou o queixo, inclinando a aba do chapéu para ocultar parte do rosto.

– Há algo aqui que irrita meus sentidos. Deve ser o perfume ou a fumaça do ocupante anterior.

– Deve descansar.

– Obrigada. – Disse ela com firmeza.

Ele saiu da mesma maneira que entrou.

Selene jurou que se seu juízo não voltasse logo, roubaria o próprio trem e o dirigiria aos escarpados de Dover, pondo fim a sua miséria.

Mas Rourke não deixou o compartimento de Selene. Invisível... Ficou em segredo... E deixou que os olhos se fartassem dela. Adormecida na Torre, havia sido um mistério intrigante.

A mãe dela, morta um pouco antes dele ser recrutado para a imortalidade, fora uma mulher de extraordinária beleza que fazia parte da doentia história de amor de Cleópatra com o romano Marco Antônio, e se tornou uma história espetacular.

Excitada e animada, Selene era, simplesmente, deslumbrante.

Usava os cabelos presos em brilhantes cachos escuros na nuca, os olhos como os de um felino e a curva das maçãs do rosto, faziam um conjunto sem igual. Como todos os Amaranthines, a imortalidade a encontrou na sua forma física mais perfeita, no auge da beleza. Na aparência, era uma moça com seus vinte e três ou vinte e quatro anos.

Não tinha uma beleza pálida como as inglesas. Para descrevê-la usaria a palavra... Exótica. Deliciosa. Quente. Impactante. Vivaz. Essas palavras e outras mais surgiam em sua mente. Para não mencionar o anjo da travessura que sempre estava a fogo lento em seus olhos e lábios.

Com sapatos de salto alto, era quase tão alta quanto ele. Nunca poderia ser descrita como delicada ou frágil. Entretanto, era toda elegância e graça, com um toque atrevido de extravagância.

Agora estava sentada de frente a ele, com as faces coradas e os olhos brilhantes de lágrimas, algo que ele achava morbidamente intrigante. A vulnerabilidade estava sendo uma faceta da sua personalidade que não havia percebido.

Ao que parecia, ele provocou seu atual estado de agitação, embora não pudesse pensar em nada específico que tivesse feito para contrariá-la. Talvez a ideia de estar sob sua proteção nos próximos dias fosse desagradável demais para ser suportada.

Há somente dois meses, ela o procurou e pediu a sua ajuda para pôr fim à orgia sangrenta da Noiva Escura em Londres. Não explicara os motivos para procurá-lo em vez de um de seus companheiros Recuperadores, mas ele, já aborrecido por ter sido excluído da luta permanente, ficara muito ansioso para atender ao pedido. Porém... Ele já sabia da existência de Selene há muito tempo e ela nem desconfiava.

Capítulo 5

A primeira visão que teve de Selene foi em um campo de batalha próximo a Cravant, França.

Imortal há poucos séculos antes, ele nunca pôs os olhos em ninguém como ela. O cabelo preto firmemente trançado com fitas douradas, os braços e pernas cobertos por uma elegante roupa de couro e armadura, ela lutou e rompeu o cerco passando pela parede de homens para avançar no campo.

Quantos guerreiros perderam a vida nesse dia, distraídos em um momento fatal com a terrível visão da sua beleza?

No denso e sangrento combate ele a perdeu de vista... Mas nunca a esquecera.

Séculos mais tarde foi encarregado de proteger um príncipe inglês em Veneza durante o carnaval. O jovem nobre queria ver as festas nas ruas pessoalmente, atrás de uma máscara.

À medida que passavam no meio da multidão de farristas, Rourke encontrara Selene entre os mascarados, vibrante e rindo em um vestido carmim coberto de pedrarias, em companhia de um nobre italiano. Uma máscara dourada ocultava metade de seu rosto, uma máscara singela que só destacava a beleza de seus olhos escuros e seus lábios pintados de vermelho.

Lembrou-se dela imediatamente, afinal era sua fantasia malvada voltando à vida. Enquanto cruzavam uma ponte de pedra, ele se contentou apenas com um toque ilícito de sua mão.

O olhar dela caiu sobre ele bruscamente. Seus olhos se encontraram e ele mostrou o seu desejo nos olhos atrás da máscara. A multidão era grande, e novamente, como ele acreditava que estava destinado a ser, a perdera de vista.

Sua surpresa foi grande quando uma carruagem se aproximou dele em uma rua de Londres e o rosto inesquecível surgiu na janela. Pediu que se unisse a ela no interior da carruagem. Esse momento passou a ser a resposta as suas orações e o pesadelo da realidade.

Fantasia são fantasias. Nunca deveriam se tornar realidade, pois, mais cedo ou mais tarde terminavam.

Antes das acusações de assassinato contra a condessa, Rourke estava certo de que o diabo criou Selene especialmente para tentá-lo, torturá-lo e fazê-lo abandonar o voto eterno que havia feito.

Ficou tenso quando Selene se inclinou e deslizou até o outro extremo do banco. O movimento encheu o pequeno espaço com seu perfume de flor de lótus. Ela tirou o chapéu, as luvas e os colocou na mesinha estreita ao lado. Com os dedos delicados esfregou os olhos, parecendo acalmar a si mesma. Respirou fundo e voltou a descansar sobre os travesseiros fechando os olhos. Minutos depois, dormia.

Rourke não poderia se afastar mesmo por pouco tempo, o que o estava deixando nervoso. Oito horas de trem e mais outras cinco em uma carruagem antes de atravessar a ponte do castelo, seria quase insuportável para Selene que estava muito frágil. Ansiava pela chegada a Swarthwick

A paisagem do campo passando pela janela há muito tempo escureceu. Dormira durante toda a viagem, escapara de seus problemas através do sono, só para despertar para a realidade de novo. Tentava, sem êxito, evitar que a mente voltasse a examinar as mortes e a ausência de seus poderes, tentando não afundar no desespero. Apesar de ter alguns livros em sua mala, não tivera apetite nem de ler nem de comê-los. As palavras contidas em cada

página eram um convite ao desespero. A cabine confortável no início da viagem se tornou sufocante.

Tentou com a mão abrir a janela, mas o encaixe do painel se negou a abrir. Tinha que sair agora do pequeno quarto, mesmo se fosse por pouco tempo. As vozes e risadas intermitentes dos outros passageiros se ouviam através das paredes.

Lavou o rosto, arrumou o cabelo e pôs o chapéu. O espelho na parede refletia uma mulher pensativa, jovem e com sombras de cansaço sob os olhos. Abriu a porta.

Shrew e Three, sentados em cadeiras um de cada lado, imediatamente puseram de lado os jornais e se levantaram para impedi-la de prosseguir.

Os passageiros no corredor adjacente observaram a cena com interesse.

– Precisa de algo, condessa? – Shrew perguntou cortês. – Chá? Água fresca?

Three murmurou:

– Talvez um prato de vidro quebrado do vagão restaurante, não?

Shrew lançou um olhar penetrante ao companheiro, e ela se sentiu desconfortável diante de tanto ódio. Three parecia não lhe dar o benefício da dúvida quanto à morte do seu companheiro de armas. Não viu Rourke em lugar algum.

– Minha janela não abre me senti sufocada. Queria respirar ar fresco, sair por alguns momentos.

Three respondeu secamente:

– Temos ordens para mantê-la no quarto. – Posicionando-se na frente dela.

– Não será por muito tempo. – Agarrando a saia, se esquivou.

Uma vez mais, Three lhe cortou o caminho, ele era alto e tinha ombros largos. Os olhos, a ponto de estalar com o calor, diante da provocação.

Selene não estava acostumada a ter sua liberdade limitada ou que lhe dissessem o que fazer. Só os Primitivos tinham esse direito.

– Pode ter certeza de que não tenho nenhuma intenção de escapar ou criar nenhum tipo de caos. – Disse ela, não podendo evitar o tom sarcástico na voz.

– Não há dúvidas sobre isso. – Replicou ele. – Porque não vai sair de dentro da sua cabine. Meu irmão e eu não somos idiotas. Não nos distrairá com sua conversa e nem com o seu corpo... – O olhar deslizou para os seios dela.

Selene grunhiu como um gato zangado.

Shrew interrompeu.

– O que meu irmão está tentando dizer é que sua lenda a precede, condessa. Tem um prazer quase antinatural na perseguição e recuperação das almas transcendidas que lhe designam e fez do assassinato uma arte. Há rumores de que se casou com o conde Pavlenco e logo depois...

– Maldição! – Selene se afastou dele. – Mal posso manter os olhos abertos por mais de vinte minutos antes de quase desabar no chão. Que tipo de problemas acha que posso causar?

Ela deu um passo na direção de Three, mas ele não recuou.

Selene baixou a voz até um leve sussurro.

– Acompanhe-me se quiser, mas se não me deixar passar, gritarei como se estivesse querendo me matar e creia-me, sei exatamente como acabará e o deixarei para responder aos funcionários do trem e aos outros passageiros.

Sem esperar a reação de Three, passou junto a ele e chegou ao corredor. Sorriu amavelmente aos companheiros de viagem, curiosos.

– Meus irmãos. – Ela disse. – Às vezes perco minha paciência com essa mania superprotetora!

Por fim chegou ao final do vagão. Levantou a mão para abrir a porta do outro vagão, quando outra mão se aproximou e abriu primeiro.

Three disse:

– Então iremos juntos. Eu irei primeiro e depois você. Shrew será o último, certo?

O olhar que lançou aos Ravens teria fulminado homens mais fracos até reduzi-los a pó. Eles a olharam, duas criaturas enormes, fortes, claramente decididos a manter o controle da situação.

Seus olhos se estreitaram.

– Grande ideia, irmão.

A porta se abriu como se tivesse vontade própria.

– Bem, estou aqui. – Disse Avenage.

Ao ouvir sua voz, Selene sentiu uma rajada de inexplicável satisfação.

Passando pela porta, ela o encontrou de pé no pequeno vão que ligava um vagão ao outro, o rosto parcialmente iluminado pela luz do vagão seguinte. Um pequeno círculo vermelho ardia em volta do seu corpo. Atrás de seus ombros, um raio atravessou o longínquo céu. O barulho da locomotiva e o som das rodas sobre os trilhos abafaram qualquer trovão resultante.

Three e Shrew apareceram na porta.

Rourke disse:

– Estão dispensados para jantar no vagão restaurante. Eu levarei a condessa de volta à cabine.

Os irmãos hesitaram e Selene suspeitou que houvesse uma breve discussão em linguagem silenciosa, que ela ainda não podia ouvir.

– Como desejar, senhor. – Respondeu Three, jogando um olhar de despedida.

Por fim passaram e fecharam a porta, desaparecendo no carro seguinte.

De frente a Rourke, Selene lhe deu as costas e se inclinou ligeiramente sobre o vão, esperando que o vento lhe desse algum alívio para sua agitação. A vibração do metal debaixo de seus sapatos, lhe dando uma sensação de cócegas na barriga. O chapéu levantou, e ela apertou a mão contra a parte superior da cabeça para que não saísse voando. Respirou fundo. O ar cheirava a chuva, terra e a todas as coisas simples.

Os trilhos brilhavam sob seus pés. A noite chegava, com uma falta de definição devido à escuridão.

Mais lúcida, ela se voltou para seu silencioso companheiro. Apoiou-se contra a barra de proteção, segurando o metal frio com as mãos enluvadas.

Avenage levou um charuto aos lábios, ao mesmo tempo em que os olhos verdes, mesmo ali na escuridão, percorriam-na do chapéu a barra do vestido. Ele tinha os cabelos negros e curtos, como os de um soldado. As feições eram agradáveis, mas não chegava a ser um Adônis¹⁷. Tinha um nariz perfeito, não muito grande nem pequeno, masculino até demais. Selene, dentro da rigidez do seu espartilho, suspeitava que quisesse intimidá-la, por isso o olhou de volta, com altivez, mesmo com o peito oprimido.

No momento seguinte, ele exalou. Fumaça cinza escapava de seu nariz e dos lábios que dissipou em instantes ao vento.

– Quer um? – Ofereceu.

¹⁷ Na mitologia fenícia e grega, era um jovem de grande beleza que nasceu da relação incestuosa do rei Cíniras de Chipre com a sua filha Mirra. Adônis passou a despertar o amor de Perséfone e Afrodite. Mais tarde as duas deusas passaram a disputar a companhia do menino, e tiveram que submeter-se à sentença de Zeus. Este estipulou que ele passaria um terço do ano com cada uma delas, mas Adônis, que preferia Afrodite, permanecia com ela também o terço restante.

Do bolso do casaco, tirou um estojo de prata e com o polegar, abriu a tampa. Inclinando-se, ofereceu o conteúdo a ela.

A surpresa iluminou seu rosto.

- Obrigada.

Escolheu um. Gostava de um bom charuto de vez em quando.

- É um vício nocivo. - Disse ele. - Um que recomecei recentemente.

Apesar do comentário sobre o tabagismo, todos os Amaranthines poderiam se deleitar com os vícios dos mortais, como a bebida e o tabaco sem sofrer nenhum dos resultados desastrosos. Seus corpos superiores combatiam todo tipo de contaminação ou enfermidade. Exceto, para ela, que em seu atual estado fragilizado, provavelmente a faria morrer de câncer de pulmão lentamente. A incerteza não era suficiente para fazê-la abandonar o charuto ou a possibilidade de compartilhar esse momento com o inglês intrigante e misterioso, comandante dos Raven.

Ele procurou no bolso e um momento depois cavou a mão em torno de um fósforo aceso. Seus olhares se encontraram enquanto ela inalava a fumaça doce em uma sucessão de baforadas até que o charuto ascendeu. A tensão em seus ombros aliviou, enquanto um tipo diferente de tensão se estabelecia em seu ventre.

Olharam-se em silêncio. Não era comum para Selene ficar sem palavras, sem nada para dizer, mas de algum modo o silêncio de Avenage parecia natural. Eletrificado, mas natural.

O vento formado pelo movimento e velocidade do trem, passava abaixo da plataforma coberta e afrouxou seu coque. A viagem seguia para o norte. Começava a noite, e a temperatura diminuía.

Com sua recente sensibilidade ao frio, alegrou-se por estar com uma jaqueta de lã. Ao mesmo tempo, se sentia bem sentindo o ar frio passar pelo rosto.

Ela quebrou o silêncio, acreditando que seria melhor antes que seus supostos irmãos voltassem.

– Quero que saiba Lorde Avenage, que realmente não tenho nenhuma lembrança antes de acordar em Whitechapel com a faca na mão e uma mulher morta aos meus pés. Não tenho nenhuma lembrança de estar na Torre com você ou seus Ravens.

Ela esperava que ele respondesse com seu silêncio contínuo. Entretanto, ele mudou de postura e a olhou fixo nos olhos. O olhar, tão franco e perigoso como o absinto, parecia sondar sua mente. Os Amaranthines tinham a capacidade de ouvir os pensamentos de uma pessoa, mas não de outro imortal. Com suas defesas baixas, perguntava-se o que ouvia dela.

– Acredito. – Ele disse.

– Mas acha que matei Flynn e a mulher. – Só em dizer o nome do Guardiã morto, a quem nunca conheceu, respirava fundo e a voz falhava.

Ela fechou os olhos e apertou a barra de metal mais ainda.

– Não sei se os matou. – Respondeu ele, levantando o charuto.

– Mesmo assim me despreza. Posso ver em seus olhos.

Ele deixou escapar um suspiro do lado da boca.

– O que lhe importa o que eu penso?

– Ainda sou uma Guardiã das Sombras. – Respondeu ela. – É importante para eu saber que não fui condenada por meus companheiros.

Ele surgiu da escuridão.

– Tenho a responsabilidade de protegê-la até que a investigação termine. Até que sua inocência ou culpa seja determinada, será tratada com todo o devido respeito à sua posição. Mas não espere que confiemos na senhora. Sabe que a transição pode permanecer latente durante semanas, meses, antes

de consumir a mente racional do seu anfitrião. Não sei do que é capaz. E você tampouco.

– Entendo. – Sussurrou ela, tendo em mente a verdade de suas palavras. Depois de um longo silêncio, sussurrou. – Não posso deixar de me perguntar como terminará tudo isso.

Um raio iluminou o céu atrás dele.

Sem hesitar ele respondeu:

– Se for culpada de matar Flynn eu mesmo a matarei.

Ela assentiu. As palavras a afetaram profundamente, apesar de não poder esperar uma resposta diferente de um Guardiã das Sombras. Se fosse culpada ou se sua mente tivesse uma rápida deterioração, ela esperava ser executada por qualquer um de seus companheiros.

– Quanto tempo para chegarmos a York?

– Talvez duas horas.

Ela assentiu e com o movimento da cabeça a escuridão pareceu rodeá-la completamente. Sentiu-se tonta, a cabeça, braços e o peito ficaram pesados, como se fossem de chumbo. Ela se virou e agarrou o corrimão como apoio. O vento agora açoitava seu rosto, ela sussurrou uma maldição. Desprezava a si mesma por estar tão fraca e se odiava ainda mais por ele a ver dessa maneira.

– Condessa?

– Estou bem. – Respondeu com voz quebradiça.

– Irei acompanhá-la até sua cabine.

Ela assentiu, mas não confiava nas próprias pernas, não soltou o corrimão. Um calor repentino em suas costas... Quase, mas não a tocando, as pernas acariciaram suas saias. Chegando ao seu lado, ele habilmente tirou o charuto de seus dedos, o jogando junto com o dele para longe do trem.

– Venha. – Segurou debaixo de seus cotovelos, separou-a do corrimão e a levou para a porta.

Debaixo do chapéu, os olhos observaram o perfil dele. Ele tinha a tendência de franzir os lábios, o que só aumentava o seu lábio inferior. Por que pensou que ele não era bonito? E por que sempre se sentia atraída por tipos melancólicos e difíceis? Como sobreviveria ao ficar a sós com ele durante uma semana ou mais?

Sua visão dançou e as pernas fraquejaram. Apesar do seu esforço em recuperar as forças, caiu. Ele a agarrou com um braço firme ao redor da cintura. Os dedos se fecharam no casaco de lã dela. Ela tinha o nariz cheio de seu cheiro, sabão e tabaco. Felizmente, passaram cerca de uma hora lá fora, as luzes do corredor já foram apagadas pelo funcionário responsável pelos vagões e a maior parte dos passageiros fechou as cortinas de suas cabines tentando dormir.

– Sinto muito. – Sussurrou ela.

Ele não respondeu. Limitou-se a segurá-la com firmeza e levá-la pelo corredor até sua cabine. Deixando a porta aberta, entrou e a deitou na cama. O travesseiro acariciando seu rosto era macio e cheirava a lavanda.

Quando ele soltou o alfinete do chapéu e soltou o cabelo, ela não pôde deixar de sorrir. O gesto, que estava destinado ao seu conforto, causava um conflito em seu desapaixionado exterior. Ele pôs o chapéu de lado. O som metálico das rodas se fazia ouvir enquanto ele se sentava no banco de frente a ela.

A meia luz e com as pálpebras entrecerradas e pesadas ela só teve um leve vislumbre do seu rosto. Tinha o aspecto de um homem jovem, de uns trinta e dois anos. Só os olhos eram velhos. Perguntou-se quando, finalmente, o veria sorrir.

À medida que sua respiração se normalizava e ela caía no esquecimento, ele sussurrou:

– Maldição.

O trem estava parado na plataforma. Apesar de estar no meio da manhã, o céu estava cinza e com grossas nuvens carregadas de chuva.

– Ela ainda não acordou? – Perguntou Rourke, percorrendo o corredor a caminho da cabine.

Three olhou pela fresta da porta e sacudiu a cabeça.

– Parece que não.

Rourke entrou na cabine estreita.

Selene estava meio recostada na cama, com a cabeça inclinada e os cachos de cabelo espalhados no travesseiro. Em algum ponto na noite acordou por tempo suficiente para tirar a jaqueta. Uma mancha rosa enchia suas bochechas e parecia muito mais jovem. O desejo o apunhalou. Nunca vira uma mulher tão atraente quanto a condessa ontem a noite, quando ficara de frente a ele na plataforma e com um de seus charutos nos lábios. Graças a Deus por Shrew e Three estarem presentes. A presença dela era uma verdadeira tentação. Mas precisavam prosseguir a viagem.

– Condessa. – Ele chamou com firmeza. – Precisa se levantar.
– A agarrou pelos ombros e a sacudiu com cuidado.

Ela não acordou.

Sair com uma mulher inconsciente do trem, à vista de dezenas de curiosos, simplesmente não era uma opção. Atrairiam muito interesse e talvez viessem a ser questionados pelas autoridades locais.

Da porta, Three anunciou:

– A carruagem chegou. Logo um dos funcionários do trem estará aqui.

– Será preciso escondê-la.

Shrew disse:

– Não me importo em levá-la.

Three sorriu com sarcasmo para o irmão. Shrew replicou:

– Bem, não me importo mesmo. Não acredito que seja culpada.

– Chega de discussões. – Grunhiu Rourke. – E façam como lhes ensinei.

Rourke se inclinou sobre ela e a levantou nos braços. As saias pousaram sobre seu cotovelo e o branco de suas anáguas surgiu, junto com os tornozelos calçados com botas pretas. A cabeça se apoiou sobre seu ombro e ela suspirou.

Shrew e Three desapareceram, mas se mantiveram por perto, cobrindo Rourke e a condessa com sombras. Eles absorviam e refletiam a luz e a cor sobre eles, e ao fazê-lo, formavam uma capa de invisibilidade.

Rourke a levou pelas escadas até a plataforma de madeira. Uma placa grande sobre eles avisava a localização, York. Ele entrou em meio à multidão de passageiros que esperavam o embarque e aqueles que vieram se despedir. Graças à ajuda dos dois irmãos, ninguém os via, todavia, mais de uma pessoa ao longo do caminho viraram perplexos por terem sido empurrados de lado por nada mais que o vazio.

Homens de cartolas e mulheres com vestidos recatados saudavam os familiares lhes dando as boas-vindas e arrastando as malas até os coches que os aguardavam. Uma grande carruagem os esperava na calçada, com seu tamanho e superfície escura muito polida, atrelados a ela, quatro belos cavalos negros, o que a distinguia dos outros veículos que esperavam cobertos de muito pó.

– Espero que seja do seu agrado, senhor. – Disse Shrew com tanto orgulho como se a carruagem pertencesse a ele.

– Muito bom. – Respondeu Rourke.

Apesar dos Ravens possuírem inúmeros veículos ao seu dispor em Londres, Rourke não tinha nenhum deles ali.

Simplesmente, não havia sido uma necessidade, até agora. Tinha Killer e a Ordem proporcionava qualquer outro meio de transporte. Entretanto, a necessidade de privacidade em relação à condessa o obrigou a mandar Shrew imediatamente após a chegada deles a York para comprar uma carruagem e cavalos para a viagem restante a Swarthwick. Dois cavalos também estavam amarrados na parte traseira da carruagem.

A escadinha brilhava de nova. Ele subiu e se inclinou, entrando pela porta lateral e a pousou deitada no banco. O cheiro de couro e algo mais enchiam o local. Flores de lótus, como se Selene já tivesse estado ali. No banquinho havia um pequeno baú e por cima dele, uma cesta redonda, com tampa.

– De onde veio tudo isto? – Perguntou ele por cima do ombro.

– Pertencem a condessa. Há mais baús na boleia. Foram entregues há poucos instantes, o menino a quem paguei uma moeda para vigiar o veículo não chegou nem sequer a ter noção de quem os trouxe. – Fez um gesto para a cesta. – Revistei tudo e bem... Preciso avisá-lo. Eu não abriria aquela cesta se fosse o senhor.

– Por que não?

– Há uma áspid¹⁸ ali.

– Uma áspid? Uma serpente?

– Sim senhor e mortal.

– Por quê?

– Ao que parece, a condessa a mantém como mascote. Essa supostamente está... Domada.

Shrew jogou uma olhada à carta em sua mão.

– Seu nome é Hazelgreaves.

– Quem enviou estas coisas?

¹⁸Áspid: é uma espécie de víbora que se pode encontrar na Europa.

Shrew levantou o pergaminho grosso, mostrando um grande luminoso B. A breve nota não estava assinada.

- Esse é o emblema da Casa Black. - Concluiu Rourke. Conferiu se o fecho da cesta estava bem preso. - Então vamos.

Three estava de pé junto ao irmão.

- Os cavalos estão bem descansados. Shrew e eu podemos nos revezar na condução da carruagem se preferir.

Rourke assentiu.

- Farei companhia à condessa, vamos.

Ele se sentou de frente para ela, ao lado da cesta da serpente. Momentos mais tarde, com o primeiro solavanco do transporte, tanto a cesta quanto Selene, deslizaram para fora dos assentos de couro. Ele reagiu, esticando-se e segurando a ambos.

Ajoelhado no chão da carruagem, sentiu o coração trovejando. Algo sibilou dentro da cesta e sentiu o movimento em seu braço através dos juncos. Mas o mais emocionante era o contato da parte superior do corpo de Selene em seu peito. O vestido não ocultava o contorno esplêndido e o calor que dela emanava.

Ela abriu os olhos, confusa.

Franziu o cenho e perguntou com voz grossa.

- Onde estamos?

- Em York. - Respondeu ele com cautela.

Ela assentiu lentamente.

- Sinto-me muito melhor agora.

- Fico feliz em saber...

Ela apertou a boca contra a dele.

Cada um dos músculos e nervos ganhou vida nele, mas se manteve rígido, muito surpreso e curioso para se mover. Sem interromper o beijo, Selene virou o rosto... Gemendo em voz baixa...

Subitamente mordeu seu lábio inferior, afundando os dentes ligeiramente... E então ela se afastou.

Ele não expôs nenhuma emoção, tentando se controlar ao máximo.

Com as pálpebras entreabertas, ela o olhou e riu baixinho.

– Não parece nada surpreso. – Acariciou-lhe a bochecha com os nós dos dedos. – Só pode ser um sonho.

– É? – Ele estranhou.

Ela assentiu e sussurrou.

– Sonho com você o tempo todo. Por que será?

Os lábios de Rourke se abriram. As palavras o deixaram confuso. Ele sonhava com ela também. Toda vez que fechava os olhos.

Os ombros relaxaram e ela ajeitou a cabeça no seu ombro.

– Dormirei um pouco mais.

Lentamente, ele baixou a cesta no chão e com cuidado colocou Selene no banco junto a ele. Como se fosse uma serpente envolvida em seda, ela deslizou por seu tórax até que a cabeça descansou em seu colo.

Desconcertado, Rourke observou o precioso perfil e o cabelo desarrumado. Sentia-se paralisado, como se tivesse sido atingido por um raio. Estava ficando louco? Inferno, sua têmpora pressionava a parte inferior de sua ereção, que se levantava com muita rapidez ao longo da coxa.

A carruagem saltou. O movimento empurrou-a um pouco para frente. Ele a segurou pelos ombros e respirou fundo. Entretanto, não saiu debaixo dela ou a levantou afastando-a. Ao contrário, fechou os olhos e apoiou a cabeça na parede e esperou, como o filho da puta que era que o caminho fosse longo e cheio de buracos até Swarthwick.

Capítulo 6

Uma batida na janela a despertou do sono. Abriu os olhos às sombras e fragmentos irregulares de luz da lua. Estava deitada em um banco, sabia que estava em uma carruagem há algum tempo, consciente do som das rodas sobre a pedra e de cada pequeno buraco da estrada. Não conseguira se libertar do seu sono profundo.

As rodas estavam paradas agora.

Levantou-se da bolsa de veludo sobre a qual sua cabeça estava apoiada. Um casaco masculino deslizou de seus ombros. Aturdida, levantou-se e cheirou o forro de cetim. Sabonete e o tabaco fizeram cócegas no nariz.

Pertencia a Rourke.

O sonho do qual acabava de acordar se chocou com a realidade. Estava ali e com ele. Por um fugaz momento, a perspectiva a entusiasmou. Entretanto, quase imediatamente, desvaneceu e a realidade tomou o controle de seus pensamentos. A realidade de que era uma assassina e destinada a ser executada por um dos Guardiões das Sombras. A névoa e a escuridão dominavam o lado de fora das janelas, ofuscando toda visão da paisagem mais à frente. O repentino surgimento de um rosto a surpreendeu era Shrew, pálido e lindíssimo.

Ele abriu a porta e se apoiou na mesma.

– Chegamos minha senhora.

– A Swarthwick?

Ele assentiu.

- Sinto muito, mas terá que caminhar o último trecho. Poderá fazê-lo?

- Sim, estou bem descansada, obrigada. Sairei em um momento.

Ele se retirou e fechou a porta outra vez, Selene rapidamente passou os dedos pelos cabelos, tirando os grampos soltos dos cachos emaranhados. Esfregando as mãos sobre as bochechas intumescidas e sonolentas, obrigou à névoa a sair de sua mente. Graças a Deus que era imortal e não tinha que se preocupar com mau hálito. Pensando bem, ela pôs a mão sobre os lábios e soprou. Mais tranquila, vestiu a jaqueta e fechou os botões.

Então, viu a cesta. Com um sorriso, abriu a tampa e olhou dentro.

- Senhora Hazelgreaves! - Suspirou feliz. Elena deve tê-la mandado.

Momento mais tarde, depois de colocar a serpente em sua cesta, desceu as escadas da carruagem. Havia esperado uma escadaria e uma grande porta, flanqueada dos lados por lanternas acesas, mas só havia a névoa e um caminho escuro e lamacento, troncos com líquen e árvores com ramos arqueados e pesados por uma chuva recente.

Shrew virou a lanterna para o norte e Selene viu outra lanterna que parecia voar suspensa na escuridão. Agarrou-se ao casaco de Rourke e caminhou naquela direção.

Three segurou a lanterna no alto.

- Ele está esperando pela senhora. - Indicou-lhe com voz apagada.

A névoa se deslocou o bastante para revelar uma figura alta adiante. Rourke, mais fácil de ser localizado devido à camisa branca que usava. Atrás dele uma torre de pedra maciça surgia na névoa, tão irregular e grande como um antigo penhasco.

- É linda. - Sussurrou ela, unindo-se a ele. Ela sempre gostou de construções sólidas. Compartilhava o gosto de sua mãe por estratégia militar e às vezes desejava ter um exército sob seu comando. Teria interpretado mal sua expressão ou viu orgulho no conjunto firme de sua mandíbula e no calor verde de seus olhos?

- Temos que cruzar a pé. - Ele disse. - A ponte é antiga, não creio que suporte o peso da carruagem.

Nesse momento, o rosto dele ficou distorcido e se multiplicou em quatro Rourke.

Ela piscou e sacudiu a cabeça.

- Condessa?

Sua traqueia parecia se fechar. Pigarreou tentando desbloquear a garganta.

- Por favor, quero ver mais...

Precisava ter força o bastante para chegar ao castelo, então poderia sentar e descansar, depois decidiria o que fazer.

Lado a lado cruzaram a ponte. Um fosso natural de pedra e terra rodeava a estrutura.

De repente, sua mente já não controlava os pés e pernas. Tropeçou e agarrou o braço de Rourke. Ele a levantou nos braços.

- Condessa...?

- Ficarei bem. - Entretanto, os pensamentos estavam aleatórios. - Vamos...

- Por que está tão pálida?

- Eu não sei... Quero dizer... - Murmurou ela. A noite se fez ainda mais escura.

- O que há com a senhora? - Exigiu ele.

Tocou-lhe o rosto, como se medisse sua temperatura.

Contrariada com a situação, Ihe deu um tapa, mas ele segurou sua mão e pela nuvem de maldições que encheram o ar ela soube que ele viu as duas marcas de picadas na palma da mão. O rosto foi iluminado pela luz da lua, Rourke a fulminava com o olhar.

Ela gemeu ao dizer:

– Essa experiência de ser uma mulher fraca... Está começando a me irritar.

Sua visão e mente se tornaram pretas.

Algo pegou a sua mão. Algo mais apertou a palma. Algo agradável. Os lábios de um homem. Ela poderia dizer pelo roçar de bigodes contra a ponta dos dedos.

Os lábios a beijavam, não, chupavam sua pele.

O prazer correu por seu braço para culminar na parte inferior de seu abdômen, uma sensação quase dormente da picada profunda da senhora Hazelgreaves. Mas precisava reverter o fluxo de veneno em seu sangue?

E isso importava? Por um prazer como esse valia à pena morrer. Ela suspirou.

– Maldição. – Murmurou Avenage.

Ela não teve tempo de reagir antes que Ihe agarrasse a gola da blusa e a rasgasse, deixando seu pescoço e parte do espartilho descobertos. Ela abriu os olhos, mas ainda assim, não viu mais que a enlouquecedora escuridão. Uma vez mais, sentiu a pele quente e a carícia de um bigode, mas desta vez, pressionando seu peito, sobre seu coração. Os dedos procuravam frenético o pulso em sua garganta.

– Condessa? – Exigia ele, com a voz áspera.

Ela sentia sua respiração sobre a face, então o rosto dele devia estar de frente ao dela. Ela levantou a mão e encontrou o rosto e seus lábios.

– Ou o veneno... Cegou-me... – Disse ela com voz rouca entre os lábios ressecados. – Ou precisamos de velas.

Ele se levantou. Finalmente, uma luz tênue precedeu a uma labareda de luz.

Rourke trazia uma lanterna de vidro grosso suja de fuligem e a pôs sobre uma mesa próxima a ela.

Selene se reclinou em um sofá, ainda coberto por um linho velho. Devido às sombras, não conseguia ver muito do lugar, mas o teto abobado era alto, tapeçarias descoloridas cobriam as paredes. Havia algumas cadeiras e mesas, todas cobertas pelo mesmo tecido de linho e uma lareira enorme e escura. O ar era rançoso e velho e... Algo mais. Alguma coisa cinza e peluda saltou da lareira, outro logo atrás, tinha olhos amarelos brilhando nas sombras.

– São ratos? – Perguntou Selene, entrecerrando os olhos.

– Não, gatos. – Ele franziu o cenho, batendo o pé no chão. O mais próximo dos felinos se afastou.

– Há pelo menos doze na residência, pelo menos foi isso que contei até agora.

Ela enrugou o nariz.

– Isso explica o cheiro.

– Sim, mas ao menos temos certeza de que não há nenhum rato. – Ele franziu o cenho, sentando na cadeira mais próxima. Uma nuvem de pó saltou no ar. Ele fechou os olhos e a mandíbula se apertou como se orasse por paciência diante da situação atual. – Avisei aos Primitivos que o lugar não vinha recebendo cuidados há muito tempo.

– Não se preocupe como bem pode imaginar, já fiquei em lugares piores. Em planícies congeladas. Em pântanos de lodo. Selvas cheias de insetos. – Selene acrescentou em voz baixa. – Swarthewick é um paraíso se comparado a tais lugares, não se preocupe com o meu conforto.

Seu olhar percorreu o rosto delicado minuciosamente.

- Como se sente? - Ele perguntou com certa brutalidade, sem nenhum tipo de inflexão que pudesse revelar sua verdadeira preocupação.

Ela considerou as marcas das presas em sua palma. Feridas se destacavam com toda clareza do corte à esquerda da faca de Whitechapel e os pontos limpos da Elena. A pele ao redor delas ainda estava úmida e rosada onde ele chupou o veneno. Riu com ironia.

- Ficaria surpreso se lhe respondesse que me sinto imensamente cansada?

- Ficaria surpreso se dissesse que não está.

Ela desabotoou as mangas do seu punho e examinou o pulso e o antebraço.

- Minha mão e braço estão um pouco dormentes, mas não há paralisia ou necrose na pele. - Pousou as mãos no colo. - Obrigada, mais uma vez.

Ele encolheu os ombros.

- Peço desculpas por destruir seu vestido. - Ele fez um gesto para o pescoço, mas olhava fixamente os seios fartos. - Sei que gosta muito de seus vestidos, mas achei que estava morrendo.

Selene juntou os restos destruídos do espartilho.

Ele olhava ao redor da sala, parecendo querer evitar seu olhar.

- A senhora ainda sente os efeitos do antídoto, seus poderes estão comprometidos, portanto eu não tinha ideia de como seria afetada pelo veneno. Tudo o que pensava era em como explicar ao seu irmão que havia morrido pela mordida de uma áspid.

O coração de Selene se apertou de agonia. Ele estava se referindo à morte de sua mãe e em como a sua morte tão similar faria Mark sofrer.

Ela limpou a garganta.

– Há quanto tempo não vem a Swarthwick?

Ele olhou as vigas cobertas por teias de aranhas e pó.

– Ao que parece bastante tempo. Sempre contratei um zelador, mas depois da minha última visita, esqueci-me de contratar outro.

Nesse momento, Selene viu um enorme corvo pousado sobre uma das vigas, piscando para eles. Uma das lendas mais antigas das Ilhas Britânicas dizia que os corvos residiam na Torre de Londres e também dizia que a Inglaterra cairia se alguma coisa viesse a acontecer a eles. Sem perguntar, soube que o pássaro pertencia a Rourke.

Passos soou no corredor. Shrew apareceu, trazendo uma jarra de barro em uma mão e uma caneca de madeira na outra. Rourke pegou a jarra, tirando a tampa de cortiça e entregou a Selene. Ela cheirou o conteúdo.

– É apenas água. – Ele confirmou.

Levantando-se um pouco, bebeu longos goles. Finalmente, quando ficou satisfeita, devolveu a jarra e desabou no sofá.

– Precisa de um Leeson. – Disse a Rourke

– Um o quê? – As sobrancelhas dele levantaram de espanto.

– Um Leeson. Sei que há só um Leeson, é o agregado de Lorde Black. É seu secretário pessoal. Ele resolve rapidamente este tipo de problema. – Deliberadamente olhou pelo cômodo e murmurou entre dentes. – Quando não está me atormentando, é claro.

Shrew empilhava madeira na lareira. Sobre seu ombro, sorriu.

– Poderíamos ver se o artefato presenteado pelos Primitivos funcionaria para pedir o nosso próprio Leeson. É uma boa ideia.

– Artefato? – Perguntou Selene curiosa. Ela sempre se interessava por novos objetos, especialmente os que eram dados pelos Primitivos. Depois de lançar um olhar agudo a Shrew, Rourke habilmente ignorou a pergunta.

- Acho que só temos a nós mesmos para resolver o problema, ao menos, por agora. Em todo caso, ficaremos aqui esta noite e pela manhã veremos em que condições está o resto do lugar.

- Irei ajudar Three com os cavalos e a carruagem. - Disse Shrew, saindo de novo.

Selene procurou com os olhos sua bagagem e não viu a cesta em lugar nenhum.

- Onde está a senhora Hazelgreaves?

- Quem? Ah. A serpente. Tendo em vista como afundou as presas em você, pedi a Three que deixasse a cesta lá fora.

- Lá fora? - Selene sentou. O olhar de Raven se fixou no espartilho, que com o movimento brusco, uma vez mais se abriu. Ela agarrou os lados, não por modéstia, mas sim porque tinha a impressão de que seu desejo e sua presente fragilidade trabalhavam contra ela nessa situação. - Por favor, deve trazê-la para dentro. Não está acostumada a sobreviver aos elementos.

Ele se inclinou na cadeira.

- A trarei aqui. Entretanto, a cesta se manterá fechada.

- Combinado. - Ela estava de acordo. - Até que os gatos desapareçam.

Os olhos dele se abriram mais.

- Sim, será como deseja. - Rourke sorriu, mostrando um humor carregado de sarcasmo.

- Do que está rindo? - Exigiu ela.

- Do seu excesso de coragem.

Algo em seu interior caiu. Ela suspeitava que fosse seu muro emocional que construía tão desesperadamente contra ele, para que não pudesse machucá-la com os olhares persistentes de forma fria e distante.

Franziu o cenho.

- E mesmo assim acha que sou uma assassina, como Jack o Estripador e a Noiva Escura.

Ele esfregou os olhos e se recostou a cadeira. O movimento esticou o tecido da camisa nos ombros e braços, sem querer mostrando a poderosa flexibilidade dos músculos.

- Já não sei mais no que devo acreditar. - Disse em voz baixa, com os olhos verdes fixos em seu rosto. - Se não matou Flynn e a mulher, então, quem o fez?

Parecia sinceramente querer saber o que ela pensava sobre o assunto. E gostaria de ter uma resposta verdadeira.

- Não sei. Houve uma grande quantidade de acontecimentos estranhos nos últimos meses e vi que as coisas nem sempre são o que parecem. - Ela piscou e o cenho franzido se aprofundou. - Por que acabei de dizer isso? Estou tão cansada que recorri a frases feitas.

- Deve estar cansada. - De repente, algo intenso e cru se mostrou em seu olhar. - O melhor que tem a fazer é dormir de novo, então não precisaremos mais falar disto ou de qualquer outra coisa.

As palavras a atingiram como uma bofetada no rosto. Estavam se entendido bem até o momento e agora isto.

Ela fechou a boca e piscou.

- Perdão, não estou entendendo, o que quer dizer com isso?

- Não quero falar com você Selene, e para ser sincero, nem mesmo gostar da sua companhia.

Rourke lutava para manter o olhar à sua frente, em vez de fixar os lábios carnudos... Ou na sombra entre os seios. A rigidez de seus ombros relaxou o que deu a entender que ela entendera até certo ponto, o que ele acabou de confessar. Rezou para que seus pensamentos e emoções não fossem além. Ele estava agora em Swarthwick. Com as lembranças do passado a sua volta, como fantasmas gananciosos, murmurando em seu ouvido para esquecer

a promessa. Não o faria. Prometeu. Ele pertencia exclusivamente aos Ravens agora e para sempre.

Nunca poderia jamais se permitiria sentir outra emoção profunda, não amaria de novo.

– Também não quero nada de você. – Respondeu ela em voz baixa, com os olhos refletindo uma faísca contida de flerte. Tirou a jaqueta que tinha sobre os ombros e a jogou no chão. – Vê? Nem sequer quero seu maldito casaco.

Olhavam-se com desconfiança. Apesar dos gritos crescentes de seus fantasmas, ou simplesmente pelo sentimento de culpa em sua mente, algo se agitou em seu peito, algo quente e horrorosamente doloroso. Deus, precisava se afastar dela. Tudo o que conseguia pensar era no quanto quisera beijá-la na carruagem, um beijo que ela não teria nenhuma lembrança. O corpo dela adormecido em seus braços despertou lembranças, sonhos muito reais, que havia tentado eliminar.

Ele levantou.

– Irei procurar a senhora Hazelgreaves.

– Obrigada. – Ela se concentrou na bandeira pendurada sobre a lareira, a que mostrava seu escudo, uma simples cruz branca sobre um fundo verde.

Ele a deixou. Lá fora, uma chuva constante caía. Ele permitiu que a água fria lavasse o rosto e limpasse sua mente. Tudo o que precisava fazer era sobreviver uma semana com a condessa. Talvez duas. Não havia nada de mau em lhe mostrar um pouco de cortesia profissional enquanto decidia a sua inocência ou culpa nos assassinatos, mas isso seria tudo.

Por que estava pensando tanto na situação? Ela era uma mulher, como todas as demais no mundo. Uma vez que realmente pusesse isso em mente, tiraria seu lindo rosto da mente.

O que construía em sua mente era apenas uma mera fantasia. Como homem, sem dúvida tinha direito a umas poucas, não?

Viu a cesta da serpente no muro de pedra. Three e Shrew voltariam em breve, depois de acomodar a carruagem e os cavalos no bosque, do outro lado da ponte, então não ficaria mais a sós com ela. Como comandante dos Ravens, certamente, não era sua responsabilidade entretê-la.

Quando voltou ao interior do castelo com a cesta vazia e a lamentável notícia de que a senhora Hazelgreaves desapareceu, encontrou Selene já dormindo e até roncando suavemente. Parecia jovem e vulnerável embora soubesse que não era nem uma coisa nem outra, instintivamente pegou o casaco do chão e o colocou sobre os ombros estreitos.

Não devia oferecer esse tipo de conforto. Ela era uma Guardiã das Sombras, estava mais que acostumada a tudo que o trabalho demandava. Se Shrew ou Three estivessem na mesma situação, acusados de assassinato, os cobriria com seu casaco? Grunhiu desgostoso. ***É claro que não.***

Ela suspirou e se virou em seu sono.

Com um gemido, ele pôs o casaco sobre ela de novo.

Para se manter ocupado e longe dela, carregou mais lenha para acender o fogo. Para seu alívio, nada selvagem parecia ter se aninhado na lareira. Shrew e Three logo se uniram a eles e fizeram as camas no chão, usando as próprias malas como apoio para a cabeça e algumas mantas de lã verde que descobriram guardadas sob o banco da carruagem. Rourke se sentou na cadeira mais próxima para passar a noite em vigília.

Não queria dormir, olhava fixamente as vigas do teto, recordando como Swarthwick fora a séculos atrás, brilhante, limpa e nova. Onde um homem mortal abrigara todas as esperanças e sonhos de um futuro glorioso.

Todas as expectativas pereceram ali.

Seu olhar pousou em Selene. Mesmo tentando não ser gentil com ela, foi atencioso nesta noite. Amanhã teria que ser um crápula total ao lidar com ela.

Selene despertou no mesmo sofá no qual dormiu na noite anterior, só que agora não estava sozinha. Três felinos, todos listrados de cinza e amarelo, dormiam em seu quadril, abdômen e pernas.

Mudou de posição e eles saltaram para fora do seu alcance. Estremeceu ante a ausência do calor.

O fogo ardia na lareira de pedra e a luz da manhã atravessava as venezianas. Mesmo com os membros rígidos e o pescoço dolorido que há séculos não incomodava, sentia-se mais descansada que nos dias anteriores.

Acomodou-se debaixo do casaco de Rourke e uma manta que de algum jeito veio cobri-la à noite. Ficou satisfeita com a agradável mudança dos Raven na noite anterior, sentia-se aliviada ao saber que apesar de tudo, poderiam manter certo grau de civilidade.

Especialmente com Avenge. Ela não queria ser mimada ou consolada. De fato, apesar da situação miserável na qual se encontrava, entendia por que os Primitivos ordenaram o isolamento. Mas por alguma razão, a opinião de Rourke lhe importava ainda mais.

Sonhara com ele novamente e como antes, não conseguia recordar quase nenhum detalhe, só dele se pondo fora do seu alcance, era frustrante. Não entendia o porquê, embora soubesse que sonhos eram apenas sonhos e produto de sua mente inconsciente, o simples fato de ter sonhado com Rourke a deixava mais tranquila e também o fato de saber que o comandante dos Ravens não a condenava pelos recentes assassinatos em Londres. Apesar da quantidade enorme de provas contra ela, não poderia pedir mais.

Finalmente, atirando a manta para o lado, colocou os pés ainda calçados no chão de pedra fria e se levantou do sofá quente. Na

janela, à luz azul pálida, examinou a mão e não encontrou nenhum sinal da picada da senhora Hazelgreaves. Mais surpreendente ainda, o fio que fechava os pontos do corte caíram, o que a agradava bastante.

Fechando os olhos, tentou forçar a transformação do corpo em sombra, porém as pontas dos dedos e o sangue não sentiram queimação, nem brilho. Apesar de estar completamente preparada para esse resultado, a decepção queimou no fundo do peito.

Com um pequeno suspiro abriu seu baú. No interior encontrou uma pilha cuidadosamente dobrada de vestidos, xales e muita roupa íntima e um bilhete de Elena dizendo que tudo terminaria muito em breve e que a mantivesse informada por Avenage, sobre qualquer alteração em sua saúde física, condição ou capacidade. Suspirou novamente e em um canto do salão viu uma saleta com uma pesada cortina na porta.

Acompanhada pela sombra de um dos gatos mais valentes, levou a mala e uma das jarras de água ao pequeno cômodo, acomodou suas coisas e pouco tempo depois saía vestida e perfumada. Cuidadosamente pôs o casaco de Rourke sobre o respaldo de uma cadeira, colocou um xale de lã sobre os ombros e foi em busca do café da manhã. Mal recordava a última vez que comeu e estava morta de fome, não de livros, havia muitos em sua mala, no caso de querer comer um capítulo no café da manhã.

Encontrou Three e Shrew na cozinha, que parecia o ambiente mais recente que a estrutura principal, como se tivesse sido acrescentada à estrutura muito tempo depois. Os irmãos estavam sentados a uma mesa rústica, com as camisas e os cabelos úmidos, ressaltando os poderosos músculos. No centro da mesa havia um caldeirão de ferro batido bem antigo. Atrás deles, o fogo ardia no fogão de tijolos vermelhos. No centro da parede no outro lado, prateleiras revelavam potes de cerâmica, vasilhas de barro, garrafas e até um conjunto de copos de cristais.

Shrew fatiava algo com uma adaga Amaranthine, enquanto Three picava outra coisa com a sua.

– Bom dia. – Disse ela.

Three fingiu que não a ouviu e continuou a trabalhar. Shrew encarou o irmão antes de oferecer um rápido sorriso.

– Bom dia. – Ele respondeu. – Logo o café da manhã estará pronto.

Ela estava tão faminta, que se ofereceu para ajudar na cozinha, uma atividade que detestava.

– Querem um pouco de ajuda? Não posso dizer que tenho talento na cozinha, mas sou muito boa picando e cortando coisas.

– É por isso que estamos aqui, não? – Three murmurou.

– Por que está tão azedo? Só queria ajudar. – Selene respondeu com um sorriso triste. – Não estou acostumada a ser acusada de assassinatos que tenho certeza que não fiz.

Three franziu o cenho.

– Embora ficasse imensamente feliz em renunciar a essa tarefa, temos ordens de não deixá-la usar nenhuma arma, então, por favor, sente-se no tamborete, ou melhor, pegue uma vassoura e limpe o salão.

Deus, eram tão inocentes, não sabiam que com apenas algumas poucas alterações rápidas, uma vassoura se transformaria em uma arma? Selene manteve a boca fechada, não queria se indispor ainda mais com Three.

– Menos conversa e mais ação, irmão. – Ordenou Shrew.

Three riu sarcástico.

– É mais fácil dizer do que fazer, irmão.

Em outra mesa estreita encostada na parede, havia um pote de barro baixo cheio de colheres de diversos tamanhos, todas de madeira.

Selene perguntou:

– Não há facas de cozinha?

– Nenhuma, parece que teremos de nos virar com o que temos.
– Shrew riu entre dentes com irritação.

Three olhou para Selene, com os olhos brilhando.

– Condessa descobriu que a prata Amaranthine, tão eficiente em decapitar, estripar e cortar as cabeças dos ímpios com facilidade, não é tão boa em...

Fez uma pausa para levantar da mesa um tubérculo marrom, que, apesar de ter sido lavado, Selene não conseguia identificar.

Three perguntou ao seu irmão.

– Como disse que se chamava essa coisa?

Shrew baixou a adaga. As fossas nasais dilatadas.

– Já disse três vezes. São raízes ou tubérculos, são parecidos com batatas, nabos ou cenouras, mas... Diferentes.

Three riu de novo.

– As colhemos de um canteiro abandonado ali atrás, acho que não descobriremos o nome do que vamos consumir no café da manhã. Alguma vez cozinhou isso aqui?

Selene respondeu:

– Não sei nem o nome disso.

– Tampouco nós. – Moveu a ponta da adaga na direção dela. – Precisamos comer isso, não trouxemos mantimentos.

Ela se aproximou da janela e viu a chuva caindo ferozmente das ameias da torre. Só conseguia enxergar o pátio com algumas cavalariças e cabanas que pareciam desabitadas. O frio atravessava as frestas das janelas. Gelada, ela se acomodou perto do suave calor do fogão.

– O caminho para aldeia está ruim?

– Muito ruim, a estrada se transformou em um pântano durante a noite.

Ela sabia que os Ravens eram capazes de atravessar uma inundação ou um rio caudaloso, transformados em sombra ou voando, mesmo assim, transportar sacos com alimentos seria impossível e pôr em perigo os cavalos ou os ocupantes da carruagem seria perigoso.

– Qual é o nome da aldeia?

– Hawthorn. – Respondeu Shrew.

– Mas bem que poderia se chamar Tediosa. – Queixou-se Three, colocando a ponta da adaga em uma parte do vegetal. – Viu o povoado ontem à noite, quando o atravessamos? Acho que só duas pessoas vivem ali. Dois velhos que não comem nada além de tubérculos.

– Não importa. Vamos comer isto aqui. – Shrew cortou. Partes do vegetal voaram pelos ares. – Encontrei algumas cebolas silvestres que devem deixar o sabor bem melhor.

Three entreabriu os olhos.

– Você acha que são cebolas silvestres... Irmão... Eu prefiro chamar de capim.

Shrew cravou a adaga na mesa.

– Basta. Estou cansado do seu mau humor.

Three embainhou a adaga.

– E eu estou farto dessas raízes. – Caminhou para a porta.

– Aonde vai? – Shrew foi atrás dele.

– Vou ver onde encontro comida de verdade neste lugar esquecido por Deus. – Resmungou Three. – Talvez pegue um desses gatos.

Quando ele partiu, Selene perguntou a Shrew.

- É a comida que o ofende ou sou eu?

Ele encolheu os ombros e ofereceu um sorriso à contra gosto.

- Meu irmão prefere a cidade. Quanto à senhora, ele sente atração, mas está determinado a cumprir ordens, não é nada pessoal.

- Tem certeza? - Selene pegou a vassoura. Talvez Shrew estivesse certo, muitos homens achavam-na atraente. Seria uma mentira, depois de dezenove séculos, dizer que não sabia disso. Distraída começou a varrer a palha velha do chão.

- Quando for confirmada a sua inocência. - Ele fez gestos com a adaga. - Garanto que será tão galante quanto um príncipe.

Exatamente onde queria chegar.

- Falando em príncipes, onde está Avenage esta manhã?

- Disse que iria procurar alguns quartos adequados às circunstâncias. Francamente gostaria de dormir em uma cama esta noite.

Um gato atravessou a cozinha, se esfregou nas saias de Selene e começou a miar alto.

- Swarthewick não é exatamente o que eu esperava. Avenage é muito misterioso. Deixou este lugar cair no esquecimento e abandono. Todos os Ravens são misteriosos. Há muitas coisas que eu gostaria de saber.

Shrew levantou os ombros, recolheu os pedaços e os colocou no caldeirão de ferro.

- O que quer saber?

- Bem, por exemplo, a lenda dos corvos é verdadeira? Que se algo acontecer a vocês, às aves, quer dizer, a Inglaterra cairá?

- Humm. - Ele levantou mais alguns pedaços e os deixou cair no caldeirão. A água respingou. O olhar se tornou escuro e as palavras que pronunciou foram mais moderadas que antes. - Não

sei ao certo. Felizmente, não tivemos ainda de comprovar. Nunca perdemos os corvos. Não todos de uma vez, com certeza.

Ela pensou, mas não perguntou, se o corvo de Flynn morreu junto com ele na Torre naquela noite.

– Como os membros da Ordem conseguem suas asas?

– Ah. – Shrew franziu o cenho. – Isso é um segredo.

– De quem?

– Nosso. – Ele riu entre dentes. – Dos Ravens.

– Há alguma cerimônia secreta em que fazem um voto de silêncio para não dizer nada sobre isso, ou há um livro com leis secretas para os Ravens?

Ele se inclinou, apoiando os cotovelos sobre a mesa.

– É um segredo.

– Ahh, detesto segredos! – Murmurou ela.

– É uma mulher muito curiosa. Mas também carrega alguns segredos, não é verdade?

– Acho que sim. – Ela encolheu os ombros.

Levando o caldeirão até o fogão o colocou sobre a grelha.

– Por exemplo... Sabe onde estão enterrados sua mãe e Marco Antonio?

Selene mudou de expressão, de curiosa a precavida.

– Alguns segredos estão destinados a jamais serem revelados.

– Assim como os segredos da Ordem dos Ravens.

– Até de suas esposas?

Ele caiu na gargalhada.

– Esposas? Não há mulheres entre nós.

– Então não podem casar?

- O casamento não é proibido. - Ele negou com a cabeça. - Mas nunca houve um, nossa primeira devoção é com a Ordem.

- Então são como os monges, casados com sua causa.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso malicioso.

- Não somos celibatários condessa, se for isso o que está insinuando.

- Nem sequer Avenage? - Baixou ligeiramente a cabeça, fazendo todo o possível para esconder seu interesse.

- Especialmente Avenage.

- Especialmente Avenage? - O estômago dela se apertou. - Como assim? - Ele parecia inacessível. Como poderia sequer sentir atração por uma mulher? Realmente queria escutar a resposta? Por Deus, queria sim.

Shrew encolheu os ombros.

- Elas sempre encontram uma maneira de chegar a ele.

Selene sentiu o abdômen se contrair com essa resposta. Apoiou a vassoura na porta.

- Conte-me mais.

Capítulo 7

Shrew se aproximou. Sua extraordinária beleza masculina, como a de um guerreiro elfo de traços finos, provocou uma leve faísca. Entretanto, sua presença não chegava a ser a fogueira ardente que Rourke lhe provocava.

– Eu acho que um segredo como este não pode ser divulgado, as notícias se espalham facilmente na sociedade Amaranthine.

Ele estava certo. Os Amaranthines eram fofos por natureza. Entretanto, ele olhou por cima do ombro em direção a porta para se certificar que não havia ninguém escutando. Voltando-se de novo para ela, inclinou-se sobre a mesa e sussurrou:

– Ele tem uma mulher em Londres.

– Sim? – Selene sorriu... Embora se sentisse como um gato chutado. Morbidamente interessada, precisava escutar mais. Sentou-se do outro lado da mesa, aproximando-se dele e baixou a voz. – Sabe quem é? Alguém... A quem ele paga?

– Uma cortesã? – Shrew riu entre dentes, segurando a adaga outra vez, e as ‘cebolas’. – Isso depende do modo de encarar.

Em sua mente, visões de milhares de mulheres bonitas passaram em uma rápida sucessão.

Morenas. Loiras. Ruivas. Esbeltas. Roliças.

– O que quer dizer com isso?

– Seu nome é Helena. – Ele sussurrou. – Ela o faz pagar. Helena faz com que todos os homens paguem e muito caro.

O choque tirou o ar dos pulmões de Selene. Só havia uma Helena e era a sedutora imortal que foi uma vez conhecida como Helena de Tróia.

Seu temperamento se acendeu.

– Oh, por favor. Ela não.

Pouco depois da queda de Tróia, Helena descartou o bonito, porém irresponsável Paris, e vinha trocando de homens poderosos um após outro.

Shrew encolheu os ombros.

– Ela está em Londres para a temporada.

– A temporada terminou.

– Não é a temporada dos nobres ingleses, senhora. Ela está à caça de Rourke. – Ele fez um gesto, como se atirasse uma flecha. – Vem fazendo perguntas sobre ele há décadas.

Selene fechou os olhos e apertou os dentes.

Shrew levantou a vista das cebolas, ou seja lá o que fosse.

– Parece que não gostou do que falei.

– Não, absolutamente. – Murmurou ela. Quando algo atiçou seu temperamento, parou para refletir. – É só que Helena... É uma... Vadia estúpida e não suportamos uma a outra.

E não era nenhuma surpresa. Selene não se dava bem com a maioria das mulheres. Mas Helena... Ela fez um punho de suas mãos.

– É a criatura mais presunçosa e egoísta que já tive a infelicidade de conhecer.

– Como muitos imortais, eu orgulhosamente me incluo. – Shrew fez uma pausa a meio caminho entre a mesa e o caldeirão, com as mãos cheias da misteriosa folhagem picada. Franziu o cenho com curiosidade. – Está certa de que não está irritada?

Selene cruzou os braços sobre os seios e voltou à janela aberta.

– Por que estaria?

Porque está apaixonada por Rourke. Porque sonha com ele a cada vez que fecha os olhos. Porque há algo diferente nele. Porque faz seu coração apertar ou explodir de alegria. Pensou desnorteada.

– Estou surpresa, apenas. Perplexa na realidade. Os dois possuem personalidades muito diferentes. O que conversariam?

Em frente ao fogão, o imortal levantou a tampa e mexeu o conteúdo do caldeirão.

– Para certas coisas não é preciso muita conversa, se é que me entende. A personalidade é logo esquecida.

Selene fechou os olhos pelas náuseas, imaginando Rourke pulando na cama com a bela Helena, uma mulher cuja beleza delicada poderia fazer o mais feroz dos inimigos se tornarem um valioso aliado, não importando que fossem assassinos psicóticos, mercenários ou até mesmo políticos poderosos.

– Ah, já ia me esquecendo. – Disse Shrew. – Poderia me dar o saco pendurado no gancho da porta?

Selene pegou o saco de linho.

– O que tem aqui?

– Alguns cogumelos que encontrei crescendo na colina, vou acrescentá-los ao guisado.

– Não, não o fará. – Disse uma voz atrás deles.

Rourke estava na porta, enchendo o vão com os largos ombros. Shrew empalideceu visivelmente.

Rourke poderia ter escutado os seus comentários sobre Helena? Pensou Selena, que não se sentia culpada em absoluto. Não por ter descoberto um dos segredos do comandante Raven. Sempre teve um caráter descaradamente curioso sobre todas as coisas, uma característica que lhe permitiu acumular uma quantidade impressionante de conhecimentos úteis ao longo da vida.

Entretanto, Shrew parecia totalmente desconcertado. Por um momento, temeu que ele a condenasse, ao que seria sem dúvida, uma mudança de tratamento dispensado a ela até o momento.

– Por que não? – Perguntou Shrew em voz baixa.

Rourke caminhou até a mesa. Seu olhar verde tocou o dela, o que a deixou de pernas bambas.

Como era possível que esse homem se tornasse mais atraente agora do que na noite passada? Usava um velho e tosco casaco por cima de uma camisa de linho cru aberta no pescoço. As botas de sola grossa, cheias de barro, soaram surdamente no piso de pedra. Ele ficou de pé junto a ela, tão perto que seu calor lhe tocou a pele. Cheirava a chuva e a madeira recém-cortada.

Helena, como a desprezava agora mais que nunca.

– Podem ser venenosos. – Disse ele.

O ciúme também poderia ser venenoso. Os dedos de Selene se curvaram nas palmas e fez uma careta como se lhe tirassem as unhas das mãos.

Shrew olhou o saco, como se os cogumelos no seu interior fossem fascinantes.

– Nunca nos preocupamos com isso antes.

– Esqueceu que a condessa ainda está com as defesas do organismo debilitadas? Não sabemos se o veneno dos cogumelos poderia afetá-la. Prefiro não arriscar, já basta a picada daquela maldita serpente.

– Tudo bem. – Disse Selene. – Pode usar Shrew. Não tenho fome.

– Senhora, me perdoe, foi um lapso lamentável da minha parte, não colocarei os cogumelos. Precisa comer um pouco do meu guisado. Não come há dois dias. Sei que não sou nenhum chefe de cozinha, mas faço questão que prove e se a agradar, pode comer bastante. Por favor.

– Só para agradá-lo, provarei. – Respondeu ela. – Estarei no salão, varrendo, se precisarem de mim é só chamar.

Para agradá-lo! As palavras giravam na mente de Rourke, enquanto seguia Selene com os olhos até a entrada do salão. No momento em que entrou na cozinha, se sentiu como um intruso. Shrew sempre teve sucesso com as mulheres. Elas se sentiam atraídas por ele como as flores pelo sol. Rourke nunca sentiu ciúmes do jovem Guardião, mas em seu interior algo endureceu ao vê-lo com Selene, sozinhos e tão concentrados um no outro. Sem conseguir se conter, foi atrás dela no salão. Assim que o viu entrar, a condessa perguntou:

– Viu a senhora Hazelgreaves? – Estava com o cenho franzido e com visível preocupação. Parecia evitar seu olhar.

– Não estava na cesta ontem à noite. – Ele revelou.

– Oh, meu Deus. – Ela mordeu o lábio inferior.

– Nós a encontraremos mais cedo ou mais tarde. Quer ir procurá-la agora?

– Oh, sim, por favor.

– Deve estar lá fora e está chovendo... Tem certeza de que quer...

Nem acabou de falar e a condessa já pegava o xale, que havia deixado no sofá e o pôs sobre os ombros.

– Ajude-me, por favor.

Ele a conduziu à entrada principal, formada por um arco de pedra bruta. Durante alguns minutos caminharam em silêncio, um ao lado do outro na manhã tranquila, logo chegaram ao pátio de cascalho. A chuva tamborilava, umedecendo os ombros da sua jaqueta. Selene apertou o xale sobre os cabelos. O ar estava mais frio do que na noite anterior.

Continuaram por um declive de terra que rodeava o lado sul do castelo. O corvo de Rourke estava sobre o muro e grasnou, Raven

se aproximou e o animal silenciou. Ali, com o passar do tempo se formara uma brecha estreita no muro de pedra cinza.

Rourke se agachou e olhou na escuridão do buraco, a senhora Hazelgreaves estava encolhida, pronta para um bote, com a cabeça triangular e os olhos diminutos negros e redondos como pérolas, fixos na entrada.

– Aninhou-se na fresta. – Disse ele.

Selene se inclinou, juntando o xale contra os seios.

– Como faremos para pegá-la? – Ela se endireitou e o olhou nos olhos.

– Não há maneira de tirá-la daí até que decida sair.

– Talvez a presença do corvo a assuste. – Selene olhou o corvo, que, como se reconhecesse a acusação, estendeu as asas e grasnou de novo.

– Talvez tenha razão. – Rourke estudou seu rosto. A chuva caía mais forte agora.

– Swarthwick é um lugar muito bonito. Não entendo por que não passa mais tempo aqui. Como Guardiã das Sombras, todos têm muitas ocupações, mas isso não nos impede de ter o que mais apreciamos e aproveitar como nos aprouver.

Rourke apoiou as mãos nos quadris e mudou de postura.

– Se você gosta tanto daqui, vendo a você com o maior prazer.

– Deve estar brincando. – Replicou Selene.

– Não. – Sorriu, mas reservadamente. – Estive pensando em vender esse lugar. Venho pouco aqui. Talvez da próxima vez que eu vier, não haja mais nada além de pedras.

– Seria uma vergonha deixar isso acontecer.

Ele levantou a mão e apontou para o céu.

- É melhor voltarmos, a chuva vai piorar. - Em seguida caminharam de volta.

No interior do salão, avisou:

- Alguns baús chegaram com a sua bagagem, além da senhora Hazelgreaves. Há um com muitos livros.

Antes de partir da Casa Black, lady Elena preparou um baú com livros de vários temas, afirmando que Selene poderia ter fome. E ontem, Three mencionou ter ouvido o rumor de que a condessa comia livros. Seria possível?

Selene assentiu. As gotas de chuva brilhavam no cabelo escuro, como diamantes.

- Suponho que conseguirei algo... Para ler enquanto estou aqui.

- Pedi a Three que levasse tudo para o seu quarto.

- Ah, então encontrou um quarto que me dê um pouco de privacidade?

Ele assentiu, olhando em direção à escadaria de pedra.

- Acima e a esquerda. Não é nada comparado ao que está acostuada em Londres, mas há algumas mantas e travesseiros. É seu enquanto estivermos aqui.

- Avenage. - Um grito ecoou de algum lugar do castelo.

Rourke fez um gesto para que ela subisse antes de sair rápido pelo corredor. Ela o seguiu a certa distância, curiosa em ver o resto do lugar. Passou por três imponentes arcos de pedra, que a fizeram sentir como Jonas dentro da baleia, totalmente gótico. O belíssimo piso de mosaico revestido de azulejos antigos, provavelmente, restos de ruínas romanas sobre as quais a estrutura do castelo foi erguido. Os azulejos formavam uma grande árvore, havia várias aves pousadas sobre os ramos, incluindo um enorme corvo, e enroscada à base do tronco, uma áspide olhava para as aves.

Ela chegou para uma grande porta do que parecia ser uma biblioteca. Prateleiras de madeira vazias forravam as paredes,

implorando para serem preenchidas por livros. O piso de pedra estava descoberto, também esperava por um tapete macio.

A lareira apagada e enegrecida pelo tempo ansiava pelo conforto do fogo. Perto de uma janela grande, um arco com um banco quebrado, pedia por um ocupante que apreciasse a paisagem lá de fora, Three estava sentado atrás de uma escrivaninha grande. Diante dele, um objeto formado por barras de bronze, cilindros e rodas.

– O que é isso? – Os homens a olharam bruscamente. – Não posso saber?

Rourke argumentou:

– Pode ficar por enquanto.

Three moveu uma das barras.

– Estou quase terminando... Se o comandante me passar o cilindro de papel.

Rourke o fez, e viu como Three segurava o papel sobre a fina barra de cobre. Com uma volta o objeto começou a zumbir e as agulhas começaram a se arrastar. O cilindro de papel se soltou.

O sorriso de Three iluminou o cômodo.

– Parece que recebemos com êxito nossa primeira mensagem de Londres.

– Sem arames ou cabo? Incrível. – Shrew estava surpreso, entrou com uma bandeja com quatro vasilhas fumegantes. Selene aceitou a sua e inspecionou o que havia dentro. Sem dúvida já comeu coisas muito piores. Com a colher, deu uma pequena provada e fez uma careta. Não. Talvez fosse o momento certo de dar aos livros outra oportunidade.

Shrew deu uma das tigelas a Three.

– Se não estiver empanturrado de gato...

O irmão ignorou a brincadeira e comeu um bocado. O rosto se avermelhou e tossiu.

Um sorriso surgiu nos lábios de Rourke. Quando Three parou de tossir arrancou o papel e entregou a mensagem a Avenage.

– O que diz a mensagem? – Perguntou Shrew.

Os olhos do comandante roçaram as palavras.

– Os Blacks foram ao necrotério de Whitechapel e examinaram o corpo da mulher morta.

Selene ficou tensa. Deixando de lado o guisado, voltou-se para perguntar:

– Devo sair?

– Não. – O olhar verde sustentou o dela. – Apesar de ter sofrido uma série de cortes pelo corpo, a senhorita McKenzie morreu devido a dois ferimentos de arma branca, na garganta. Entretanto, o tamanho e a profundidade dos ferimentos...

Fez uma pausa.

– Sim? – Exigiu Selene, desesperada em escutar a evidência.

– Não coincidem com a faca de açougueiro que a senhora carregava. Essa mulher foi morta por uma faca menor.

– A condessa é inocente! – Exclamou Shrew, sorrindo, com os olhos azuis brilhando. – Sempre tive certeza disto.

Rourke franziu o cenho.

– Eles ainda não terminaram as investigações.

– Inferno. – Murmurou Shrew.

– E isso é tudo? – Perguntou Three, com os olhos fixos em Selene.

Com voz tranquila, Rourke, revelou:

- O relatório também diz que examinaram a sala da Torre, onde Flynn foi morto.

As expressões dos irmãos se tornaram solenes ao ouvir falar o nome de Flynn.

- E?

- Descobriram que nas paredes, no teto e no chão havia resíduos.

- Que tipo de resíduos? - Sussurrou Selene, aproximando-se.

Rourke olhou para cima.

- Areia vulcânica.

- O cartão de visitas do Tântalo! - Exclamou ela.

- Descobriram impressões nas paredes.

- E no chão? - Selene apertou as mãos.

Ele assentiu.

- Pegadas, na verdade. Várias, de diversos tamanhos. Você estava descalça, não havia nenhuma impressão de pés descalços entre elas.

Selene conteve o fôlego, muito medrosa para respirar, muito ansiosa em acreditar.

- Então, qual o significado de tudo isso? - Perguntou Three, com o olhar em Selene. - Oficialmente.

Rourke colocou o papel sobre a escrivaninha. Selene se adiantou e o recolheu. A página estava quase em branco para ela, apenas alguns rabiscos. As comunicações do Reino Interior eram visíveis só aos olhos Amaranthine. Ela não conseguia ler a mensagem. Mesmo com o alívio de ouvir ser absolvida dos crimes, ainda se sentia desamparada, sua imortalidade não foi restaurada plenamente.

- Que ainda não descobriram tudo, mas acreditam que a condessa não matou Flynn. Pelo menos não diretamente.

Selene o entendia perfeitamente, a Noiva Escura nunca sujou as próprias mãos com o sangue de suas vítimas, ela influenciava outras pessoas para que cometessem os assassinatos. Certamente, ninguém acreditaria que seria capaz de fazer o mesmo. Não é?

Rourke disse em voz embargada.

- Examinaram o corpo de Flynn. Os ossos foram esmagados e não deixaram nenhuma lesão no exterior. O que aconteceu a ele... Bem, Selene sem dúvida não o fez.

- Sou inocente! - Sussurrou ela aliviada. Não só por ser esclarecida como a morte de Flynn acontecera, como também porque, ao que parecia ela estivera inconsciente no quarto onde o mataram e a mercê das pessoas que realizaram o trabalho de Tântalo.

Entretanto, era um grande consolo ser absolvida da morte de Flynn. Sentira-se enjoada só em pensar nisso. Sabia no fundo da alma, que não havia matado ninguém, mas a incapacidade de lembrar-se daquela noite, a fez criar uma dúvida em sua própria mente.

- Então esperemos mais instruções. Senhora e senhores, suspeito que logo poderemos voltar à Londres. - Three esfregou as mãos e lançou um olhar quente a Selene.

Ela deu meia volta e os deixou, maravilhada pelo alívio. Voltando pelos três arcos, subiu as escadas. Já com a maldita letargia fazendo com que braços e pernas pesassem como chumbo, cada passo se tornando um processo exaustivo. No entanto, ficou acordada mais tempo agora que antes. Isso e mais o anúncio de sua inocência da morte do Raven e da mulher, a animou a ter esperanças de que logo os seus poderes voltarão ao normal.

No patamar de pedra estreita, encontrou duas portas, uma à direita e outra à esquerda. Rourke lhe havia dito que a porta da

esquerda seria o seu quarto. No interior, encontrou uma grande cama, sem cabeceira ou dossel. Um colchão forrado com roupa de cama e uma pesada colcha em boas condições, provavelmente por terem sido guardadas com ervas secas, aparentavam serem bastante confortáveis. De fato, o lugar cheirava a cera de abelhas. Peças simples, porém robustas acabaram como móveis do quarto.

Há muito tempo que não vivia em um lugar tão rústico, mas o cômodo a agradava. As venezianas cobriam uma grande janela. As abrindo, não encontrou nenhum vidro, como na sala de baixo, só uma vista do terreno que não teve a oportunidade de ver até agora.

A campina verde, com a cor intensificada pelo céu escuro nublado, se estendia até as margens de um rio caudaloso. Admirou a ponte antiga e gasta e do outro lado, uma espécie de toldo em meio ao bosque denso, onde os cavalos e a carruagem estavam protegidos do clima. Atrás das árvores, um muro de pedra se erguia em meio às urzes, que parecia envolver todo o castelo.

Selene saiu do quarto e cruzou o corredor. A porta oposta à sua estava fechada, mas girou o trinco e curiosa olhou dentro.

Cortinas desbotadas de veludo verde revestiam o dossel da cama. Não encontrou objetos pessoais ou bolsas. Uma janela, mais estreita que a dela, cobria a parede do fundo. Curiosa, mas ao mesmo tempo sentindo-se uma intrusa, cruzou o aposento. Uma vez mais abriu as venezianas.

E como suspeitou o muro quase cercava todo o caminho ao redor, mais além, uma enorme pedra branca e pequenos arbustos precediam uma faixa azul acinzentada infindável, o oceano. Uma forte brisa fria soprou em sua face, trazendo o cheiro da maresia.

– Seu aposento está do seu gosto? – Uma voz grave se fez ouvir, ela a reconheceu imediatamente.

Rourke estava à porta, usando o batente como apoio. O coração deu um salto com a mera visão dele. O corredor sem janelas o deixava parcialmente nas sombras.

– Sim, e este é o seu quarto?

Solenemente, ele assentiu.

Ela continuou:

– Queria ver a vista. É linda, rústica e imponente, como todo forte militar deve ser.

Ele não se aproximou. Nunca foi necessário, de algum jeito ele sempre despertava seu interesse e desejo.

– Deve estar aliviada por comprovarem a sua inocência. – Ele disse.

Selene fechou as venezianas, virou para ele, e ajustou o xale sobre os ombros.

– Ficarei mais aliviada quando for completamente absolvida e não haja mais dúvidas sobre a minha sanidade mental. Estou convencida de que o soro de lady Black impediu a transição. Agora, só falta ter as minhas habilidades de volta. Tenho certeza que você e seus Ravens querem voltar a Londres e se unir a procura de Tântalo. Eu também quero pegá-lo.

Ele assentiu, com os olhos verdes observando-a através das pestanas escuras. Ficava nervosa com a intensidade daquele olhar.

– Bem... Há algo mais que gostaria de ver? – Ele perguntou quase gentil, levantando as sobrancelhas escuras.

O rosto de Selene corou. Talvez tivesse entendido mal a intensidade das palavras. Ele não estava flertando com ela, nem tentando ser cortês. Simplesmente a queria fora do seu quarto.

– Nada. Estou cansada, vou me deitar.

Ele assentiu.

Ela se aproximou da porta.

Ele mudou de posição, mas não se afastou para lhe dar passagem.

Selene hesitou, enquanto passava pelo espaço estreito e perto dele. Muito perto.

Seu pulso acelerou. Ridículo. Era uma imortal experiente, não uma garota ingênua e assustadiça. Então, por que se sentia como tal?

– Então, boa tarde. – Ela deslizou junto a ele. As saias tocando as pernas dele. Um tremor percorreu seu corpo, inspirado pela simples cercania dele.

Ela evitou os olhos dele e baixou a cabeça para que não visse a face ardente. Passaria rapidamente por ele, mas uma mão em sua cintura a impediu.

Ela não fitou seu rosto, se concentrou em olhar para baixo, onde a mão prendia possessivamente a seda azul que cobria o espartilho. Seu pulso trovejava nos ouvidos e os lábios se separaram para soltar o ar.

Pouco a pouco... E de propósito, outra mão subiu por seu flanco, a palma quente e a pressão se fazendo sentir através do vestido e do espartilho.

Receosa em confiar nele, fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás e sentiu o batente de madeira tocar a cabeça, com as mãos dele entrelaçadas atrás de suas costas, hesitante com a decisão de deixá-lo prosseguir ou não, pesou os prós e contras: Se permitisse o toque, lhe daria a vantagem de saber que o desejava e o quanto se sentia vulnerável com essa necessidade. Se não o deixasse prosseguir... Maldição, ao inferno com isso.

Encantada com o que sentia, tocou seu rosto, passando os dedos sobre a mandíbula forte. O instinto anulou a precaução. Incapaz de resistir deslizou os dedos pelo lábio inferior, como se procurasse memorizar as feições mediante o toque. O desejo se alastrou como um incêndio através das veias, a emoção primitiva a deixou ansiosa e quente. A roupa se tornou pesada como pedra, impedindo-a de alcançar o que mais queria naquele momento.

– Selene. – O sussurro se converteu em um gemido cheio de dor. A sombra dele caiu sobre ela, que se segurava na lapela do seu casaco. Ele a puxou para si e tocou a boca dela com a dele. O

corredor parecia girar enquanto ele a inclinava. Ela o agarrou pela cintura, e saboreou o calor que atravessava o linho.

As pernas de Rourke pressionavam as saias, e lutavam cada uma tentando se aproximar mais. Ele esmagou os lábios delicados, enquanto Selene com a boca exigia mais, se atirando a ele faminta. As costas dele bateram na parede do fundo, não interrompendo o beijo e muito menos o fogo da paixão que consumia aos dois. Ele gemeu e com a pressão da mão na curva de seus seios, ela abriu a boca. Com a língua ele sondou os dentes e o fundo da boca, enchendo os pulmões e boca com o gosto dela.

As mãos dela soltaram a cintura dele e se introduziram debaixo da camisa, subindo pela caixa torácica até os ombros, onde acariciou com os dedos ao longo da pele nua. Seu calor a atormentava e excitava de uma maneira que a fazia estremecer.

Não pare. Por favor, não pare. Sua mente gritava.

Selene o puxou para mais perto e se apoderou dos ombros musculosos e perfeitos. Ela estava nele e ele nela.

E então, subitamente com uma inclinação dos ombros, ele se encolheu, levantou as mãos e se libertou das mãos dela em sua nuca.

O movimento não foi brusco, mas firme e decidido. De seus lábios soou a voz áspera.

– Esperava que me dissesse não.

Olhos verdes ferozes e ardentes se voltaram para as escadas, e ele passou a mão pelo cabelo. Sem vacilar, desceu as escadas como se os cães do inferno estivessem em seus calcanhares, as botas soaram pesadas nas pedras. Uma porta se fechou com estrondo.

Ela foi até a janela. Rourke cruzou o pátio, carregando o casaco nas costas. Comprido e escuro agitado pelo vento atrás dele. Com um propósito definido, pegou um caminho de pedra, que conduzia a rocha que ela viu antes. A postura rígida dos ombros e braços junto ao corpo o fazia parecer como se fosse enfrentar uma

tarefa desagradável, mas necessária. Swarthwick era um lugar bonito, mas ela não conseguia evitar a sensação de que o castelo foi testemunha de uma terrível tragédia. Em pouco tempo ele desapareceu de vista.

Ela se virou, cruzou o quarto e caiu, completamente vestida, sobre a cama. Quando ele a abraçara no corredor, seu coração bateu em uma combinação inquietante de prazer e dor.

De amor ferido. De forma nenhuma, não. Não amava Rourke. É claro que não.

Na infância aprendeu a passar fome, a cortar e cauterizar os próprios sentimentos para que o coração não sentisse nem felicidade nem dor. Nascida em uma corte real, onde a traição e o assassinato eram mais comuns que o afeto ou o amor, manteve-se viva graças à desconfiança.

Mas a intensidade dos seus sentimentos e essa necessidade de ter Rourke sempre por perto, lhe dava um medo atroz. Terror mesmo.

No entanto, de maneira estranha se sentia completa, maravilhosamente feliz. Precisava dormir, começava a pensar que estava meio louca.

As botas de Rourke rangeram em meio ao lodo e pedras. Seguiu a correnteza do Rio Wending, abandonado há décadas pelo desuso na irrigação e transporte de mercadorias.

Beijou Selene. Aqui, de todos os lugares no mundo, tinha que ser justamente aqui.

Orou para que seus instintos não estivessem errados a respeito dela. Que realmente não fosse uma assassina, o seduzindo com astúcia para conseguir a liberdade. Nunca esperara sentir um alívio tão grande ao ler a evidência de sua inocência na

morte da prostituta e de Flynn. Estava certo que logo todas as acusações seriam apagadas. Ocultar sua satisfação de Shrew e Three lhe custara muito. Depois permitira que sua mente confundisse fantasia com realidade. O prazer febril que experimentou ao tocá-la, ainda queimava seu sangue e se enredava nas doces visões de seus sonhos.

Certamente, a condessa fora posta em sua vida para executar sua condenação eterna, um castigo merecido por renunciar ao seu sangue mortal e tornar-se o comandante dos Raven na Inglaterra.

Porém ele ainda não estava disposto a ir para o inferno. Não terminou de castigar a si mesmo. Chegou às escadas antigas escavadas na parede de pedra do penhasco. Chutou um punhado de terra e subiu. O ar salgado enchia os pulmões e as lembranças invadiram a sua mente. Os degraus soltavam areia sob seu peso, mas subiu mais e mais alto até que por fim, com o vento fustigando a roupa, ficou de pé na pedra plana com vista para o mar.

As ondas quebravam com o choque na pedra e a espuma voava. As gaivotas sobrevoavam sua cabeça. Terror e quase mil anos de arrependimento pesavam em seu peito. Respirando fundo, juntou as mãos nos quadris e se voltou para olhar o vale. A torre de Swarthewick se levantava da terra, orgulhosa e feroz. Selene estava ali, a pouca distância e provavelmente amaldiçoava o dia em que ele foi nomeado seu guardião.

Dando as costas à torre, levantou a mão para limpar o sal nos lábios. Ele se afastou de Swarthewick durante muito tempo, e evitou essa beirada do penhasco, que dava à vista das pedras sendo golpeadas pelo oceano. A mente rebelde rechaçou as lembranças das pedras irregulares e mortais na maré baixa, há muito tempo em um dia claro de inverno encontrou sua mulher de cabelos loiros cobertos de sangue, estirada nas pedras.

Uma lápide de pedra debaixo de uma árvore retorcida pelos ventos sobre o penhasco era um monumento ao seu pecado. Ele havia trazido a laje de pedra até ali, subira os degraus estreitos com dificuldade. O tempo e o clima suavizaram as arestas da lápide que ele mesmo esculpiu.

Levantou a vista para as densas nuvens cinza. Sua penitência não estava terminada. Nunca estaria. Só precisava retornar a esse lugar para recordar tudo o que perdera.

Capítulo 8

Selene acordou com o som de rodas de carruagens, vozes masculinas e pancadas. Passou a manta sobre os ombros e foi caminhando para a janela, abriu as venezianas. Os últimos três dias se passaram em uma sucessão entediante de neblina e livros que já leu mil vezes. Já explorou quase todo o lugar, mas encontrou muitos cômodos e a escada da torre, trancados. O sono quase voltou ao padrão normal e se acostumou a dormir uma sesta à tarde e depois dormia profundamente a noite toda. Apesar de se sentir mais forte, nenhum dos seus poderes retornou.

Com a diminuição da chuva, o rio diminuiu de volume, o bastante para que Avenage contratasse homens do povoado para reparar a ponte. Havia pelo menos oito deles, além do Shrew e Three e, claro, o próprio Rourke.

Depois daquele beijo, ele a evitava ao máximo, mas continuava a ser amável. Ainda perguntava diariamente sobre sua saúde e passava breves períodos de tempo em sua companhia, mas em um silêncio reticente. Passava grande parte do tempo no escritório, enviando ordens aos Ravens em Londres e em outras partes do mundo e analisava as informações enviadas por seus homens. Estava claro que o comandante sufocara qualquer tipo de sentimento que se permitiu desenvolver por ela. Isso, ou o beijo não o afetou da mesma maneira que a ela.

Selene vinha tentando massagear a autoestima ao evitá-lo da mesma maneira que ele e em se convencer de que os sentimentos que parecia sentir por Rourke não eram autênticos, mas uma consequência do isolamento e tédio.

Certamente assim que seus poderes retornassem e estivesse em Londres para reassumir suas funções, o coração sosseitaria.

De pé na frente dos baús abertos, o qual não se incomodou em esvaziar, não havia nada que considerasse útil ou elegante. Gostava de um determinado estilo. Rica, sempre usara cores vivas e intensas, joias de bom gosto e visitava somente as melhores modistas. Não gostava de se ostentar, mas como sua mãe, acreditava na importância da aparência. Nunca subestimou o poder da primeira impressão.

Escolheu um vestido de seda e veludo azul esverdeado, o vestiu e arrumou o cabelo com cuidado. Por último, abriu a última gaveta e encontrou um familiar estojo de couro.

Em silêncio agradeceu à Lady Black. Abriu e selecionou um anel de ouro com safiras e o colocou no dedo. Depois um par de brincos de ouro que comprou na Índia há mais de um século. Concluiu e fechou a tampa. Não usaria nada muito chamativo em um lugar tão despretensioso.

Evitou a cozinha e outro terrível café da manhã de guisado, que Shrew orgulhosamente mantinha a fogo lento e mexendo a todo o momento.

Talvez com a melhora do tempo, todos pudessem ir ao povoado e comprar mantimentos. ***Um prato de ovos mexidos e estaria no céu.*** Pensou ansiosa.

Deixando a torre, foi até o muro, deu uma espiada na senhora Hazelgreaves, que permanecia perfeitamente aninhada na fresta da pedra. Cruzou o pátio e desceu a colina para a ponte.

Observou os homens que trabalhavam ali perto, lançou um sorriso a Rourke e aos outros... E o Raven franziu o cenho... Ela se deu conta de que estava criando uma distração nada bem vinda. Aproximou-se da ponte e do outro lado estavam os cavalos e a carruagem debaixo de um carvalho. Foi até os animais, acariciou os focinhos e se queixou da vida com um dos cavalos.

Uma carruagem passou na estrada rústica, a pouca distância. Curiosa, Selene voltou para a ponte.

Um homem grisalho, de bigode, vestindo um traje escuro e chapéu, desceu da carruagem. A mulher continuou sentada no banco estreito, sob a sombra de uma sombrinha de seda japonesa cinza.

Quando Selene se aproximou, viu que a mulher era muito jovem, com pele de alabastro, um nariz delicadamente arrebitado e olhos azuis. Cachos loiros e brilhantes descansavam sobre o ombro. Usava um vestido rosa com faixas de veludo negro e um colar singelo. O chapéu de palha largo, decorado apenas com um faixa negra emoldurava o rosto.

Rourke, Three e Shrew se aproximaram do homem esfregando as mãos sujas de terra nas calças ou nos lenços.

– Lorde Avenage? – O homem se encaminhou até ele.

Rourke assentiu.

– Sim, senhor.

O cabelo de Rourke, embora curto como o de um soldado, estava um pouco despenteado com o trabalho braçal intenso e o vento jogava os fios em várias direções, o que lhe dava um aspecto rude e atraente. A luz do dia se filtrava pelos ramos das árvores e isso deixava os olhos verdes mais claros ainda. Nem sequer se deu ao trabalho de olhá-la, e ainda assim, Selene se sentia perturbada com sua presença. Aquele beijo espetacular de dias atrás, agora parecia ser somente uma fantasia longínqua, criada por seus próprios desejos secretos.

– Estou muito contente por finalmente conhecê-lo. Sou Edwin Gower o pároco local.

– Prazer senhor, a que devo a honra da sua visita? – Rourke assentiu seco.

O pároco levantou o braço e apontou a carruagem.

– Esta é a senhora Thrall, o irmão alugou recentemente a mansão Astley. Agora que fomos abençoados por este dia glorioso, me dispus a lhe mostrar a nossa comunidade.

- Senhora Thrall, estou encantado em conhecê-la. - Disse Rourke, dirigindo o olhar para a carruagem.

Os olhos da senhora Thrall se iluminaram visivelmente. Parecia cativada... Tal como Selene se sentia quando olhava para Rourke.

- Lorde Avenage, é um prazer conhecê-lo.

Seu tom era suave e delicado. Selene não pôde deixar de comparar a senhora Thrall com Helena. Ambas tinham o mesmo tipo físico, pequenas, delicadas e loiras, e o mesmo jeito irritantemente adorável. Só que a senhora Thrall parecia ser mais discreta, talvez uma simples consideração às pessoas do campo.

Selene sempre confiou em seu poder de sedução quando se tratava de pessoas do sexo oposto, mas mulheres como essa, faziam-na sentir-se como uma menina grande, uma guerreira Amazona, truculenta e nada feminina.

Irritada, resmungou.

Rourke deu um passo atrás, levantando uma mão para Three e Shrew.

- Estes são meus... Ah... Irmãos. - Three encontrou o olhar de Selene e acrescentou. - E esta, é nossa bela irmã, a condessa Pavlenco.

Ah, então seria assim! Pensou divertida. Sempre estava pronta para representar um papel dramático.

- Irmã. - Shrew ria entre dentes enquanto ela se colocava no meio deles. Alegria brilhava em seus olhos azuis. - Querida, é nossa querida irmã.

O olhar do pároco caiu sobre cada um, claramente notando as diferenças em suas aparências. Rourke, alto, musculoso e com o porte régio de um normando. E depois os dois irmãos, tão loiros e esbeltos quanto os piratas vikings. Depois ela mesma, com os escuros olhos e um pouco puxados, a pele dourada, o cabelo negro e os traços helenos.

Selene sorriu charmosa.

- Somos meio irmãos. Nosso pai, bendita seja sua alma, sobreviveu a três mulheres diferentes.

- Uma vida de tragédias. - O pastor assentiu ao que parecia, satisfeito com a explicação. - Isso é bem conhecido pela família Avenage.

Selene olhou para Rourke. Ele por sua vez, olhou em direção à ponte e aos homens que estavam trabalhando ali.

- Lady Pavlenco. - A senhora Thrall chamou, estendendo um tímido sorriso a Selene. - O pároco pediu a minha ajuda na coleta de donativos que serão vendidos do bazar anual da igreja no próximo sábado. Se houver algo em Swarthewick que possa doar, ficaríamos agradecidos por sua generosidade.

Uma vez mais... Selene resmungou baixinho. Entretanto, se aproximou deixando os homens falando. Apesar de não ter paciência com outras mulheres, em especial com damas da sociedade que perdiam tempo em atividades da igreja, estava cansada e irritada com o isolamento desde que chegara ali.

Daria boas vindas a qualquer distração.

- Estou certa de que posso encontrar alguma coisa. Devo levar para a igreja?

- Meu irmão e eu poderíamos vir na próxima semana? Ele chegara hoje ou amanhã. Não estou certa. Moramos no estrangeiro durante seis anos e agora planejamos ficar na Inglaterra. Vim antes porque queria pôr a casa em ordem. O pároco mencionou a mansão Astley?

Selene cruzou os braços sobre os seios.

- Sinto muito, mas não conheço.

A senhora Thrall pôs-se a rir e se voltou no banco para apontar o curso do rio.

- Somos seus vizinhos. O senhor Silverwest... Meu irmão, sempre gostou muito da beleza agreste dessa região e se dispôs a adquirir uma casa nesse lugar.

Selene encolheu os ombros.

– Devo admitir vergonhosamente que não estou familiarizada com a área. Embora Swarthwick pertença a minha família há muitas décadas, nunca a visitei antes.

A senhora Thrall assentiu.

– Não pude deixar de notar o estado de deterioração da fortaleza, mas é um belíssimo lugar e muito antigo. Os advogados do meu irmão chegaram a sondar se haveria a possibilidade de adquirirmos a propriedade, há poucas semanas atrás. Estou certa de que meu irmão continua interessado. É um ardente estudante de história e arquitetura, acha esta propriedade muito mais interessante que a casa Astley.

– Sério? – Selene perguntou gentilmente, apoiando a mão no corrimão do banco. Ouvi Avenage mencionar a possibilidade de vender Swarthwick, mas não sei se falava a sério.

Arrependeu-se assim que falou as palavras. Swarthwick não era dela, a torre e as terras representavam o passado de Rourke, um mistério que ainda não resolvido. Pensando bem, não gostava da ideia de que a propriedade mudasse de dono.

A senhora Thrall apertou a mão de Selene como um gesto amistoso.

– Oh, por favor, pergunte ao Lorde Avenage. Meu irmão adoraria comprá-la.

Por cima do ombro, Selena viu Rourke, Three e Shrew as olhando por cima da cabeça do pároco. Sem dúvida, estavam atraídos pela beleza loira da senhora Thrall.

Voltando o olhar para a carruagem, Selene perguntou:

– Seu marido a acompanha nesta viagem?

A senhora Thrall negou e lhe ofereceu um leve sorriso.

– Infelizmente sou viúva. Ajudo a administrar as residências de meu irmão, pois é um homem muito ocupado e importante.

A decepção dominou Selene. Gostaria que a senhora Thrall tivesse um marido forte, atraente e que estivesse loucamente apaixonada por ele.

– O que houve condessa? – Perguntou a senhora Thrall.

– Também sou viúva.

Os olhos azuis da senhora se toldaram com simpatia.

– Lamento. Somos muito jovens para ter um começo de vida tão trágico. Espero que você e eu não só sejamos vizinhas, mas também amigas.

O pároco se aproximou, olhando para o relógio de bolso.

– Creio que é hora de levá-la para casa, senhora Thrall. – Ele subiu na carruagem. – Ah, antes que eu me esqueça, gostaria que soubessem que há uma família no povoado, os Grose, são artesões muito talentosos. O pai é um marceneiro excelente, a esposa é costureira e borda maravilhosamente bem roupas de cama.

A senhora Thrall assentiu.

– Comprei alguns jogos de cama e um conjunto de colheres de madeira na semana passada.

Three sorriu.

– Só Deus sabe que precisamos de mais colheres de madeira.

Selene disse:

– Mande-a trazer algumas peças de cama. Ficaremos encantados em comprar alguns de seus produtos.

– É estranho... – Disse o pároco. – Hannah, a filha dos Grose disse à senhora Hounslow que vinha a Swarthwick, com as estradas em mal estado ou não. O lugar esteve fechado durante muito tempo e a mocinha achou que vocês poderiam precisar de algumas coisas... Bem... Não sei...

– Colheres de madeira? – Three brincou.

– Ou sabão, mantas e outras coisas. – A senhora Thrall sorriu.

O pároco desatou as rédeas.

– Isso foi há dois dias. Ninguém mais a viu.

Uma garota desaparecida. A inquietação dominou as três Guardiões das Sombras, Selene se manteve calma.

O pároco inclinou a cabeça.

– Parece que não chegou aqui. – Ele coçou a cabeça. – Talvez não seja nada sério, deve estar em algum lugar da região vendendo seus produtos. Essa garota é um pouco irresponsável, deveria ao menos mandar um aviso aos pais.

Selene se afastou da carruagem para se unir aos pretensos irmãos e dizer adeus aos visitantes. Uma sensação horrível se instalou na boca do seu estômago. Passou os últimos dois meses caçando Jack o Estripador e a Noiva Escura, que sequestravam e depois matavam com requintes de crueldade. Também percebeu as olhadas rápidas lançadas a ela pelas outros Guardiões. Os Guardiões que ainda não estavam convencidos da sua inocência.

Ela esperava ardentemente que o pároco estivesse certo. A garota, que era uma viajante que conhecia bem a região, apareceria em um dia ou dois com a carroça cheia de mercadoria e com os bolsos mais pesados. O pároco virou o pequeno veículo no caminho e a senhora Thrall acenou. Voltando na mesma direção de onde vieram.

– Pelos Primitivos, como essa senhora é bonita. – Murmurou Shrew.

– Estão com sorte rapazes. – Brincou ela, embora isso lhe doesse. – A senhora Thrall é viúva.

Até aquele momento Selene não se dera conta do quanto gostava de ser a única mulher no meio dos Ravens. Não se sentia ameaçada pela intrusão da senhora Thrall, com toda honestidade, e a mulher parecera sincera em seu desejo de amizade.

Horas mais tarde, Selene estava á janela do salão bebendo uma xícara de chá. Shrew e Three levaram os cavalos e a carruagem passando pela ponte até a estrebaria. Com o trabalho terminado, os operários recolheram as ferramentas e o material nas carroças e se foram. Rourke, entretanto, foi na mesma direção em que saía todas as tardes.

Aonde iria? Sentia-se mais forte agora e achou que poderia segui-lo, cheia de curiosidade, pegou o xale e passou por Shrew na saída.

– Aonde vai? – Ele perguntou.

– Ver se a senhora Hazelgreaves ainda está aninhada na fresta do muro. Não quero perdê-la.

– Não vá muito longe. – Gritou rindo.

– Infelizmente, já é tarde, e não poderemos ir ao povoado comprar suprimentos. – Ela sorriu alegre.

– Felizmente tenho muito guisado preparado para o jantar.

Quando estava segura de que ele entrou na casa, agarrou as saias e correu na direção contrária. Encontrou Rourke à distância. Com a postura de quem caminhava com um propósito claro. Infelizmente, na curva do caminho o perdeu. Tropeçou e uma pontada de dor subiu por sua perna.

– Maldição... Por que fui colocar sapatos de salto alto?

Elena a avisou que além da diminuição de energia física, poderia não ser tão ágil como antes.

Há pouco tempo atrás, calçava qualquer coisa e nunca se sentia desconfortável, saltava de um telhado ao outro sem que nada ou ninguém se interpusesse na captura de alguma alma suja. Determinada a descobrir aonde Rourke ia todos os dias, engoliu a dor e saiu a sua procura. Em um ponto, o caminho se bifurcou, obrigando-a a escolher, deveria optar por uma trilha estreita que a levava a uma ravina ou a outra que a levaria para o penhasco.

Mesmo se estivesse com todos os seus poderes teria dificuldades em seguir outro de sua espécie, cuja especialidade era rastrear mortais e almas transcendidas.

Agora só tinha seus instintos para seguir e neste caso o instinto lhe dizia que tomasse o caminho para o alto. Rourke parecia dirigir-se para o penhasco quando o vira pela janela do quarto.

Enquanto subia, o vento soltou seu cabelo, o penteado foi destruído e as madeixas estavam soltas e açoitadas pelo vento. Tirou os cachos do rosto, segurou as saias que se prendiam nas pernas. Era quase como se o vento protestasse por sua busca e a empurrasse para trás, impedindo-a de alcançar Rourke.

Há semanas atrás, teria se mantido firme sobre os pés, sem se deixar afetar pela força da natureza, mas estava claro para ela, que o antídoto a deixou frágil, sensível e para sua consternação, mais humana.

Adiante, a colina se tornava mais íngreme e para sua frustração o caminho terminava em um imenso paredão. No mesmo instante, vislumbrou Rourke no caminho abaixo. Ao que parecia não poderia confiar em seus instintos.

A plataforma do penhasco ficava acima da sua cabeça, o atalho da colina o levava a ele. Escutava o bater das ondas nas rochas e sentia o cheiro do sal no ar. Avançou sobre a beirada, tentando ver melhor. Neste momento viu os degraus esculpidos na pedra e um forte empurrão nas costas a jogou para frente.

Uma rajada de vento...?

Ela tentou se equilibrar. A beirada se dissolveu e a gravidade a puxou. As saias embolaram sobre sua cabeça, sem conseguir parar, rolou. As costas e ombros se chocaram com a terra.

Oh. Dor.

Meio aturdida pela queda, se apoiou em um cotovelo. Os olhos se estreitaram ao ver botas ao seu lado.

Olhou para cima. Esperando ver a expressão de desgosto de Rourke, mas o que encontrou foi um rosto nada familiar.

Não era Rourke.

– Está ferida? – O homem tinha um sorriso temperado com humor e preocupação, as sobrancelhas unidas pelo que acabava de presenciar. Apesar de estar tonta, tinha a impressão de que alguém a empurrou. Olhando para cima, viu nada além de terra e pedras, ali não havia lugar onde alguém estivesse à espreita. E por que alguém iria atacá-la? Tolice, ninguém a empurrou. Ainda assim...

Irritou-se por ter perdido o equilíbrio tão facilmente, mais ainda, começava a duvidar da própria mente.

O estranho se agachou e com uma mão no cotovelo dela, ajudou-a a sentar. Atrás dele um cavalo branco sujo de barro batia o casco impaciente.

– Mal posso acreditar que do nada, uma bela mulher me caiu do céu.

Seja lá quem fosse Selene o achou muito bonito, nariz aquilino, maçãs do rosto altas, o cabelo revolto... Parecia ter saído de uma pintura de Michelangelo. Como ela ainda não havia respondido, o sorriso morreu nos lábios dele.

– Deus, você está bem?

– Acho que sim. – Embora ela sentisse dor em todos os ossos. Maldição, como os mortais conseguiam sobreviver um dia após o outro? Atrevida, encarou o estranho musculoso, alto e dourado, era como se estivesse diante de um Aquiles ressuscitado. Aquiles, entretanto, foi o homem mais arrogante que já conheceu e o cavalheiro agachado ao seu lado emanava simpatia e bondade.

– Creio que devo me apresentar. Sou Donovan Silverwest. Acho que somos vizinhos. Você é a condessa Pavlenco, não?

Selene assentiu.

– Sou.

– Minha irmã a descreveu de uma maneira encantadora e agora vejo que não exagerou. – Sorriu enquanto estreitava os olhos. – Apesar de não mencionar todas essas folhas enfeitando o cabelo.

Aproximou-se e retirou uma.

Selene sorriu e limpou a terra do ombro. Estava agradecida pelo vestido não ter rasgado.

E ele acrescentou:

– Senti um pouco de culpa por invadir sua propriedade, mas estou contente em poder ajudá-la. Acha que pode se levantar ou precisa de ajuda? Vou levá-la para casa, quer ver um médico?

– Sim, posso me levantar. – Assentiu e estendeu a mão para ele lhe servir de apoio.

Gemeu com a dor aguda no pé e tornozelo, quando tentou ficar em pé. Apertou as duas mãos no braço dele.

– Dói muito. – Ela reclamou, e ele a ajudou a sentar novamente. Agachou-se ao seu lado e com delicadeza indagou:

– Onde dói?

– O tornozelo esquerdo. – Sussurrou mais mortificada pela aparência de fragilidade diante dele, do que pela dor que estava sentindo.

– Permite-me? – As mãos dele envolveram o sapato de couro.

– Sim, por favor.

Ele empurrou a saia um pouco acima do tornozelo, uma meia verde resguardava os pés.

– A torção parece grave. – Disse olhando-a para se certificar da sua permissão, ele puxou a liga verde brilhante abaixo do joelho e a deslizou.

Ela mordeu o lábio de dor. **Só faltava agora eu chorar.** Pensou envergonhada.

- Aqui está parte do problema. O que estava fazendo passeando neste terreno com sapatos como esses?

As sobrancelhas dela se levantaram.

- Senhor?

- Não posso negar que são encantadores. - Ele sorriu, pondo o sapato na grama.

- Encantadores e nada práticos. Como todo guarda roupa de mulher deve ser. - Respondeu cínica.

- Estou totalmente de acordo.

Ele olhou o pé na meia.

- E sem duvida é um pé muito bonito também, se me permite dizer.

Sincero. Isto a agradava.

Ao vê-lo mais de perto, o achou ainda mais bonito, era o tipo de homem que fazia facilmente as mulheres perder a cabeça.

- Perdão pela interrupção. - Uma voz grave se ouviu acima deles, as palavras eram frias.

Rourke estava visivelmente irritado, com os lábios estreitados.

- Um de seus irmãos, suponho? - O senhor Silverwest resmungou em voz baixa.

Ela assentiu.

- Lorde Avenage? - O senhor Silverwest ficou em pé.

O coração de Selene bateu mais rápido só em ver o excepcional exemplar masculino, examinando e saudando o outro.

- Sou o senhor Silverwest, seu novo vizinho da mansão Astley. Sua irmã sofreu uma queda e machucou o tornozelo.

- É mesmo? - Rourke perguntou a ela, com os olhos frios e penetrantes. Sua atenção fixa na mão de Silverwest que ainda

segurava o sapato dela. Pela irritação refletida no olhar de Rourke, parecia que Silverwest estava com as mãos em suas pernas.

– Sim. – Respondeu ela.

– Então, devo levá-la para casa agora mesmo. – Rourke deu um passo na direção dela, mas quando começou a se ajoelhar, o Sr. Silverwest o deteve pelo ombro. Rourke congelou e olhou para ele como um urso mal humorado.

– Não precisa carregá-la quando tenho um cavalo. – Dirigiu-se a Selene. – Senhora condessa, gostaria de ir montada?

– Com certeza. – O animal era um corcel árabe e a sela parecia ser confortável. Ela sabia que um cavalo como esse era muito caro.

De certo, um cavalo não fazia o cavalheiro, mas quando o homem em questão era impressionante, um cavalo como aquele só o complementava.

Um sorriso franco iluminou o rosto do vizinho encantador.

– Então temos a solução perfeita.

Com um assobio do senhor Silverwest, o cavalo levantou a cabeça e as orelhas se ergueram. O animal avançou na direção do dono.

– Vou ajudá-la. – O senhor Silverwest se dirigia a Selene, com intenção de levantá-la. O corcel o seguiu. – Athos a levará na sela.

Rourke apertou a boca com irritação e passou roçando o senhor Silverwest para levantar Selene. Por um momento, quando Rourke a segurava nos braços, pressionando-a contra o peito, olharam-se e uma onda de prazer correu através dela.

Ele franziu o cenho. O sorriso dela se alargou. Os cuidados do senhor Silverwest, pareciam deixar Rourke de muito mau humor. O que a deixava deliciada.

– O que estava fazendo aqui? – Rourke murmurou em seu ouvido.

A respiração fez cócegas na orelha dela. O tom profundo da voz a emocionou, o que a fez esquecer a dor no tornozelo e na perna. Com a maior indiferença possível disse:

– Shrew me pediu para avisá-lo de que o jantar estava pronto.

Capítulo 9

Com Selene montada no cavalo, o senhor Silverwest pegou as rédeas e seguiu Rourke. Não demorou muito e estavam de volta a Swarthwick. Para sua surpresa, Shrew e Three desceram os degraus às pressas e se reuniram a eles no pátio.

– Estávamos a ponto de iniciar uma busca. – Disse Shrew caminhando e passando por Silverwest sem uma só olhada.

Entretanto os olhos de Three se estreitaram no vizinho. Os irmãos ficaram nos degraus da entrada onde as apresentações foram feitas.

Rourke a pegou pela cintura, a tirou do cavalo e a manteve nos braços, em seguida se voltou para a casa, subiu os primeiros degraus.

– Espere... Irmãozinho. – Selene falou em voz alta. – Temos que agradecer ao senhor Silverwest por ter me socorrido. – E decidiu provocar o Raven, dizendo em voz melosa. – Obrigada, senhor Silverwest. Gostaria de entrar e tomar uma xícara de chá?

Rourke estacou a meio passo e fungou. A expressão era fria quando se voltou para se aproximar de Silverwest.

Shrew e Three a olhavam estupefatos. Os braços de Rourke a apertaram, sem nenhuma gentileza.

– Em outra ocasião, condessa. – Donovan piscou um dos olhos, com travessura brilhando nas pupilas.

– Combinado, senhor. – Selene respondeu.

– Até breve, então.

Os dois irmãos seguiram Rourke que a levava para dentro, e que rudemente a jogou no sofá.

– Meu sapato! – Exclamou ela. Era seu par favorito, os comprou na França e eram perfeitos para complementar o vestido.

– Onde está? – Exigiu Three a Rourke, que emburrado atiçava o fogo na lareira. – Avenage, está com você?

– Não. – Respondeu sem se voltar.

Ela lembrou:

– Deve estar com o senhor Silverwest.

Shrew saiu. Pela janela ela o observava correr pelo pátio dianteiro e gritar por Silverwest que se dirigia rapidamente para a ponte, que de repente, se deteve ao ouvir seu nome. No mesmo instante, surgiu outro cavaleiro, usava roupas simples de um homem do campo e um largo chapéu de palha. Parou seu animal ao lado do senhor Silverwest e Shrew. Conversaram e depois de revistar os bolsos do casaco, Silverwest tirou o sapato. Saudou-o com a ponta do chapéu e se dirigiu para a ponte com o estranho.

Shrew voltou ao interior do castelo, o Raven entregou a Selene o sapato, franzindo o cenho.

– O que houve Shrew? – Perguntou Selene.

– É aquela garota, Hannah. Encontraram a carroça tombada à margem do rio.

Selene tentou calçar o sapato no pé já inchado.

– O que aconteceu a Hannah?

– Não há rastro dela nem do cavalo.

Um gemido formado por uma multidão de vozes se tornou mais forte. Selene estremeceu. Os pelos da nuca se arrepiaram.

– Em toda minha vida, nunca ouvi um vento assim. – Ela murmurou. – Parece estar vivo.

Recostada no sofá, com o tornozelo inchado e enfaixado apoiado em uma almofada, ela olhava pela janela. Raios intermitentes iluminavam o céu cinza escuro e os penhascos ao longe. Estremeceu de novo.

Não gostava de pensar na garota, Hannah, largada por aí, viva ou morta.

– Está com frio.

– Sim, um pouco.

Rourke se levantou do lugar junto ao fogo como um leão, calçava botas que chegavam até os joelhos, vestia calça e camisa de linho branca. Em um movimento elegante pegou a manta dobrada no alto respaldo da cadeira.

O fogo crepitava atrás dele. Parte do seu rosto estava nas sombras. Ela acolheu com satisfação o peso da lã sobre os ombros frios e... A onda agradável do cheiro picante do homem próximo a ela. Os dedos dentro da sapatilha dobraram com prazer, uma reação que não experimentava há anos. Mas o que lhe daria maior satisfação seria ele se sentar ao seu lado. Quando ele a carregou nos braços na semana passada, soube que era um guerreiro deliciosamente forte e quente, um complemento perfeito para o prazer do corpo e um coração machucado.

No entanto, ele se afastou tão depressa quanto veio cobri-la. Os olhos verdes fixos nos dela, lembrava-a de uma das suas missões em que os olhos verdes de um lobo enorme, a espreitaram a margem do seu acampamento no deserto. Olhos que demonstrava interesse e desconfiança selvagem.

A última vez que viu Shrew e Three, os irmãos estavam jogando cartas e dizendo mentiras um ao outro na cozinha.

– Mais uísque? – Rourke levantou a garrafa coberta de pó da mesa.

– Sim, por favor.

Logo depois, infelizmente continuava sozinha no sofá girando o líquido âmbar no copo. O vento gemia e sacudia as janelas. Bebeu o uísque de um gole só. O álcool lhe queimou a garganta, tossiu.

– Acha que isso durará a noite toda?

Ela se referia ao vento, embora a tensão no ar também causasse desconforto entre os dois. O Raven a evitava ao máximo depois daquele beijo apaixonado.

Um sorriso cauteloso deslizou nos lábios de Rourke.

– Os habitantes do povoado contam as histórias daqueles que enlouqueceram com esse som.

À luz do fogo ele parecia um mortal. Um mortal muito bonito, mas, sobretudo, um homem. Tão diferente do guerreiro de asas negras e olhos vermelhos, o ser que a capturou facilmente naquela viela escura, duas semanas antes.

Selene segurava o copo vazio.

– O que o pároco quis insinuar esta tarde, quando fez menção a história infeliz do nome Avenage?

Um sorriso escapou dos lábios dele.

– Todos têm tragédias no passado, não?

Ela se acomodou mais nas almofadas.

– Não o nego, mas não acho justo que a minha história encha os livros das escolas, enquanto a sua continue sendo um mistério.

A sobrancelha dele se levantou.

– Se está tão curiosa, pergunte no povoado. Estou certo de que, com o passar do tempo, acrescentaram detalhes bem interessantes.

Ela encolheu os ombros e deixou o copo sobre a mesa lateral do sofá.

– Prefiro ouvir a história de você.

Sombras cobriram as maçãs do rosto e ele apertou a mandíbula.

– Não há muito que contar a alguém como você, afinal é testemunha de tudo o que houve durante mais de um milênio.

– Insisto.

Ele encolheu os ombros.

– Fui criado na casa de um tio, era órfão, aprendi a lutar e era muito bom nisso, servi ao meu tio e depois a William o Conquistador quando invadiu a Inglaterra.

– Como mortal?

– Sim.

– Então deve ter combatido em Hastings.

– Sim. – Ele olhou para o copo. – Depois, William me nomeou Lorde de Swarthewick.

– Quando se tornou um imortal e comandante dos Ravens?

Ele ficou olhando o fogo.

– Falemos sobre outra coisa, está bem?

– Como quiser. – Ela apertou a manta ao redor dos ombros. – Então, falemos daquele lugar. Do lugar onde...

– Você me seguiu. – Ele a interrompeu bruscamente.

– Para avisá-lo de que o jantar estava pronto.

Ele se inclinou na cadeira. Com uma rigidez feroz percorrendo os ombros, o pescoço e rosto.

Selene o pressionou novamente.

– A plataforma de pedra. Fale-me disso.

Malditas sombras... Sombras que ousavam ocultar o Amaranthine. Que escondiam a expressão do seu rosto. Mas a

forma como estava sentado imperiosamente na cadeira, com os ombros rígidos, revelava muito.

– Não há histórias ou lendas a contar. É só um lugar perigoso para passear.

– Mas...

– A proíbo de ir lá de novo, condessa.

Ela se irritou com o tom de voz, ele não tinha o direito de dizer o que ela poderia fazer ou não. Se estivesse agora com sua força e puder restaurados, o faria lembrar que poderia lutar ao lado dele em qualquer batalha e matar tantos oponentes quanto ele. ***Inferno! Sem seus poderes, não tinha nada, exceto uma torção no tornozelo, um ego ferido e a desesperança de derrubar os muros altos que ele levantou de novo.*** Pensou zangada.

– Vou me retirar. – Sussurrou ela.

– Muito bem. – Tenso, mas aliviado, ele se levantou. – Deseje-lhe uma boa noite.

O silêncio flutuou entre eles, enquanto ele esperava que ela ficasse em pé. Por fim, ele olhou o tornozelo na almofada.

– Perdão, vou levá-la. – Murmurou um pouco envergonhado.

– Não se incomode. Se me trouxer uma manta, dormirei aqui esta noite.

– Não seja ridícula.

Em seguida a levantou do sofá com os braços fortes. Selene mordeu o lábio sentindo uma pontada de dor no tornozelo.

– Sinto muito. – Ele a segurou com mais cuidado.

– Estou bem, não se preocupe. – Selene murmurou, olhando a orelha dele escondida pelo cabelo escuro. Tinha orelhas bonitas, deliciosas. Perfeitas para serem beijadas.

Por necessidade, ela pôs os braços ao redor do pescoço dele. Os seios pressionados contra o peito sólido e plano. O calor dele... O cheiro... Elevou a sua libido ao máximo.

Selene nunca foi uma mulher delicada. Era mais alta que a maioria dos homens mortais ou não, jamais precisara de um protetor... Mas se sentia muito segura e feminina nos braços dele. Os músculos do pescoço e dos ombros se dobravam debaixo de suas mãos à medida que ele avançava em direção às escadas de pedra e o corredor.

Ele entrou no quarto parcialmente iluminado por velas. Foi muito rápido, ele passou pela porta e a depositou sobre a cama.

- Acenderei a lareira.

- Obrigada.

Ele ascendeu a lareira, colocou a tela de proteção e repetiu o desejo de boa noite, com um movimento cortante de cabeça, foi em direção a porta. Ao dar-se conta de que precisaria de ajuda, ela chamou.

- Avenage.

- Sim? - Ele virou, levantando uma sobrancelha.

- Preciso de mais ajuda. - Ela tocou os botões da parte de trás do pescoço e que corriam ao longo da espinha.

O olhar dele percorreu-a de cima a baixo. Talvez fosse a penumbra ou sua imaginação, mas Selene julgou ver o rosto do Raven se avermelhar.

Ofereceu-lhe um sorriso malicioso.

- Bem, este vestido poderia ser até considerado uma armadura. Não posso tirá-lo sozinha, se tentar acabarei caindo e o tornozelo pode piorar.

Ele engoliu em seco visivelmente.

- Está bem, vou ajudá-la.

Selene quase riu em voz alta. Avenage era bonito... Muito poderoso e desejável. Ainda mais depois de saber da sua relação com Helena, considerou a vasta experiência dele com as mulheres. No entanto, Rourke a olhava fixamente e as suas roupas, como se fossem de fogo. Isso o tornava ainda mais atraente a seus olhos, mesmo não se sentindo plenamente segura, suspeitava que ele sentisse alguma atração por ela. De qualquer forma, ela precisava de ajuda para sair do vestido.

- Não há motivo algum para nos sentirmos embaraçados, concorda? - Ela disse destemida. - Afinal somos companheiros, somos Guardiões das Sombras. Tenho certeza de que você não hesitaria em oferecer esse tipo de ajuda a um dos seus companheiros Ravens, não é?

- É claro que não. - Respondeu ele entre um grunhido e um gemido.

- Então por que está hesitante e irritado?

Ela desejava que ele se lembrasse do beijo. Esperava que a memória ardesse com tanta intensidade em sua mente quanto ardia na dela. Esperava que ele não se lamentasse de ter flertado com ela, que não quisesse voltar a Londres para a megera da Helena.

- Não é nada disso que está falando. - Replicou ele com força. Mas ficou olhando o teto acima da sua cabeça.

- Então, me ajude.

- Amanhã contratarei uma criada no povoado para que a ajude.

- Mas esta noite, Avenage...

- Sim, é claro. - Os lábios dele estavam apertados em uma linha fina.

Selene virou, lhe dando as costas, tomando cuidado para não dobrar a perna.

- Se puder soltar os botões de cima, acho que posso soltar os outros, sozinha.

As botas soaram sobre o tapete. Ela inclinou a cabeça e esperou.

Um som grave e áspero saiu da sua garganta.

– O que foi? – Perguntou ela.

– Seu cabelo.

O timbre rico da sua voz ressoou pelo quarto, nela. Ela levou o braço atrás do pescoço, segurou o cabelo e o puxou para que caísse sobre o ombro.

Ele soltou os primeiros botões. E para surpresa de Selene o ouviu rir. O som lhe provocou uma onda de prazer surpreendente que a percorreu da cabeça aos dedos dos pés. Um efeito que ela rapidamente atribuiu ao uísque, sem dúvida.

– São tão pequenos! – Resmungou ele.

Os abriu do pescoço até a cintura. Pouco a pouco, retirou o veludo e o ar frio tocou a pele nua do pescoço e ombros. Um suave puxão e ele chegou ao espartilho.

– Isso também? – Murmurou ele, tocando as fitas do espartilho verde.

– Sim, por favor. – Selene fechou os olhos e mordeu o lábio inferior.

Ele se aproximou ainda mais. Ela soube pelo som da calça roçando a colcha... Mas, sobretudo sentiu seu calor nas costas. Pequenos arrepios passavam sobre sua pele. Ela resistiu o impulso de esfregá-la. A respiração ficou presa na garganta com uma ansiedade tão forte que temeu gritar de prazer com o primeiro toque dos dedos dele contra sua pele. Os dedos do Raven se arrastaram pelo centro de suas costas.

– Dói? – Perguntou ele.

– O quê? – Sussurrou ela.

– Está gemendo.

- Não seja tolo. – Replicou ela. – Não sou o tipo de mulher que fica gemendo à toa.

- Mas está.

- Estou o quê?

- Dolorida.

- Eu... Bem...

As mãos dele deslizaram para soltar as fitas que seguravam com firmeza seu torso. E mesmo através do espartilho ela sentia a mão dele como uma marca aguda.

Selene apertou os olhos fechando-os e apoiou as palmas das mãos no colchão.

- Talvez esteja mesmo com um pouco de dor.

Certo. Estar tão perto dele... Com as grandes mãos sobre ela, sem dúvida era uma verdadeira tortura. Não... Era puro prazer. Um prazer e uma tortura. Diabos, nem conseguia pensar direito.

Ele disse hesitante:

- Talvez com a queda tenha ferido uma costela e devido à estrutura apertada do espartilho, simplesmente não se deu conta...

Que mãos maravilhosas. Escorregaram por sua caixa torácica e pararam debaixo de seus seios. Ela respirou fundo e realmente gemeu.

- Isso, minha senhora, foi um gemido.

- Não foi por causa das minhas costelas.

- Então por que geme? – Exigiu ele com voz rouca.

Ela se apoderou das mãos de dedos largos, detendo seu avanço, tentando se controlar.

– Se tiver que explicar isso, meu querido lorde Avenage, então creio que seu corvo ficou preso dentro da Torre de Londres durante muito tempo.

Ele puxou as mãos imediatamente. Ela fechou os olhos decepcionada com ele.

– De qualquer maneira, estou certa de que a sua intenção não foi despertar essa reação em mim. Está mais que evidente que se arrependeu do beijo e isso torna as coisas mais difíceis entre nós, assim considere-o esquecido. Apagado da memória. Não vejo nenhuma razão pela qual não possamos ser agradáveis um com o outro daqui por diante.

Silêncio.

– Pareço assim tão desagradável ao senhor, que não podemos ser gentis um com o outro?

Ainda ele não respondeu, mas ela sabia que continuava ali sentado atrás dela. Sentia sua respiração ao longo das costas apesar de não tocá-la.

De repente, uma mão apertou seu ombro e outra agarrou o quadril. Ele a derrubou sobre as costas apoiando-a no colchão. Ela abriu a boca com uma careta de dor no tornozelo, mas se esqueceu do maldito machucado quando ele ficou sobre ela.

– Não posso ser agradável com você, pois sempre me leva a isto.

Ela não conseguia saber se o calor em seus olhos era luxúria ou ódio, talvez os dois.

– Por que o que sentimos é tão ruim? – Sussurrou ela.

– Esqueça.

Ele se afastou e foi até a porta.

– Não consigo entender! – Gritou aturdida.

– Maldição, vá dormir.

Horas depois, deitado na cama, Rourke olhava o teto sem realmente vê-lo. Lá fora o vento seguia gemendo por todo o castelo e se ouviam rangidos e ruídos. Olhou em direção ao quarto de Selene. Essa parte do castelo já foi um cômodo grande e aberto. Em uma época mais recente, pensando seriamente em vender o imóvel, ele decidira transformá-lo em aposentos menores e mais confortáveis, no entanto, não suportava permanecer na torre por muito tempo e sempre partia antes de terminar as obras. Uma das paredes ainda não foi levantada até o teto, deixando um espaço aberto. Um espaço aberto que agora jurava poder sentir o cheiro de flor de lótus.

O cansaço o deixava irritado. Como diabo ia conseguir suportar o desejo que aquela mulher lhe despertava? Pelos Primitivos, gostaria de não estar tão perto, precisava de distância para tentar esquecer-se dela.

Não que tivesse se esquecido dela antes. Depois de tê-la visto pela primeira vez, em um campo de batalha, ela se tornara a mulher de suas fantasias. Aquela cujo rosto imaginava quando fazia amor com outras, mas nos seus sonhos... Seus sonhos sempre eram reclamados por uma beleza saxã de cabelos loiros... O fantasma ciumento e possessivo do seu passado. Aquela que continuava a reclamar sua total fidelidade.

Quando Selene fora levada à Torre de Londres, suas fantasias e sonhos se mesclaram. O cabelo longo e exuberante que o envolvia em seus sonhos, enchendo suas mãos e tocando a pele, passaram do claro ao escuro.

Já era muito tarde, estava muito cansado de lutar contra a deliciosa tentação do sono, e acabou por adormecer. Em algum momento, ficou parcialmente consciente do brilho intermitente dos raios e do som de trovões em sequência. Subitamente ouviu outro som, atento se revirou entre os lençóis e ouviu alguém com dificuldade para respirar. Agora plenamente consciente, sentou-se na cama.

Ouviu Selene gritar. O instinto de protegê-la predominou em seus pensamentos. Ele saltou da cama, cruzou o corredor e abriu a

porta. No centro da cama, Selene estava com os braços ao redor dos joelhos. A pele luminosa brilhava uma imagem resplandecente sob a camisola negra. Seu rosto estava rígido e os olhos muito abertos.

Alarmado se virou para a janela aberta, com as venezianas batendo com força na parede de pedra. Não sentiu o cheiro de sangue ou de qualquer invasor. Ao vê-lo, ela gritou de novo e se encolheu sobre o colchão. Ele se deu conta então de que havia se transformado. Não em sombra, mas em guerreiro Amaranthine pronto para matar, a pele brilhante e radiante com poder, com seu tamanho descomunal e perigoso. Uma dor aguda e quente percorreu suas costas, mas com um gemido evitou o instinto quase animal de desdobrar as asas.

Rourke respirou fundo, tentando se acalmar, ela estava assustada no cômodo às escuras, só conseguia ver os olhos brilhantes e a estatura descomunal, mas isso em circunstâncias normais nunca a deixaria apavorada.

Então, o que aconteceu ali?

Os olhos e o corpo dele voltaram à normalidade e se adiantou para tomar Selene nos braços.

– Selene sou eu, o que houve?

Sem hesitar ela se virou na direção dele e imediatamente o chutou na mandíbula e depois na coxa, ele a imobilizou.

– Pare Selene. Sou eu, Rourke.

Ela parou de se debater.

– Rourke?

Os dedos dela foram ao seu rosto.

– Rourke!

Ela saltou da cama para os braços dele, agarrando-o com os braços e as pernas. A camisola subiu até as coxas, descobrindo a pele suave e dourada. Por um breve momento, ele a abraçou com

desejo e preocupação ferozes e depois a baixou tentando colocá-la na cama. Entretanto, ela se negava a soltá-lo.

– O que houve? Por que está tão assustada? – Exigiu ele.

– Não sei. – Ela sussurrou, olhando para a cama. – Tinha alguma coisa na minha cama.

– Que coisa?

Ela fechou os olhos.

– Céus... Era asqueroso, Rourke. Como um verme gigante que... – Os tremores percorreram o corpo dela. – Era branco, frio e viscoso. Ainda posso sentir o cheiro repugnante... Como a morte. Não, pior que a morte. – Pressionou a mão sobre o nariz e a boca, como se fosse vomitar. – Não consegue sentir?

Não. Só sentia o cheiro deliciosamente bom, o desejo quase irresistível de se deitar sobre aquela cama e percorrer com as mãos e a língua cada pedacinho daquele corpo escultural, a começar pelos seios e... Inferno era melhor se concentrar no que estava acontecendo.

– Selene... – Forçou-a a se afastar dele tempo suficiente para procurar entre os lençóis, o que se atrevera a assustá-la, mas não viu nada. Vasculhou a pele dos braços e das mãos dela, não encontrou hematomas ou vestígios de algo incomum.

– Não vejo nada, vou acender as lanternas e a lareira e procuraremos juntos.

– Sim. – Com o rosto pequeno e delicado em meio à massa de cabelos despenteados, ela assentiu.

Ele encontrou a caixa de fósforos e acendeu a lanterna. Voltou-se para procurar nas cobertas sem tocá-la, e nada. Ela tentou se aproximar dele, mas ele se afastou em direção a janela aberta. Selene se levantou da cama e sussurrou um ‘ai’ ao pôr o peso sobre o tornozelo, caminhou e se apoiou nas costas dele. Ele apertou os dentes e implorou em silêncio por misericórdia ao sentir os seios cobertos apenas pela seda negra, já estivera no céu só ao

ver suas costas nuas e agora isso, acabaria enlouquecendo. **Foco preciso me concentrar nesse assunto.** Pensou decidido.

– Deixou a janela aberta quando se deitou?

– Não sei. – Ela sussurrou ao lado de sua orelha. – Nunca me preocupei com essas coisas. – Os dedos dela riscaram o contorno da sua tatuagem, asas escuras se estendiam por suas costas e ombros. Sua pele queimava de prazer com o toque e estremeceu. De repente, ela mostrou um ponto na escuridão. – Que luz é aquela?

Ele também viu.

– Parece que estão queimando alguma coisa no povoado.

Nesse momento a chuva desabou como um dilúvio por todo o vale, envolvendo o castelo. Salpicando com gotas pesadas o beiral da janela. Um frio gélido acompanhou o dilúvio. A luz alaranjada no povoado se apagou.

O Raven fechou a janela e o vento fustigou sem piedade a madeira pesada. Ela o soltou, retornou coxeando à cama e se arrastou de joelhos até o meio do colchão, claramente alheia à imagem sedutora e sensual que representava. Rourke tinha a respiração presa na garganta e se obrigou a manter os pés no mesmo lugar. Mas os olhos se rebelaram e se fixaram na imagem cativante.

– Não entendo. – Ela sussurrou com tristeza. – Como posso ter imaginado ou sonhado com tal coisa? Cheguei a sentir o cheiro daquilo!

Uma alça da camisola deslizou do ombro. O bojo delineava os seios maduros e os mamilos excitados pelo frio. As aberturas laterais abaixo das coxas revelavam as pernas longas e ágeis.

– Deve ter tido um pesadelo. – Disse ele, respirando fundo.

– Sim, deve ser isso. – Ela assentiu com veemência.

– Estas semanas foram angustiantes para você.

- Ao extremo, devo dizer. - Ela apertou os dedos nos lençóis.
- Certamente, seu subconsciente causou uma reação à tensão.
- Também não vejo outra explicação.
- Precisa deixar essas preocupações de lado, vou me retirar e você poderá descansar. - Ele se dirigiu à porta.
- Não, por favor. - Ela se arrastou até a beirada da cama.

A cabeça do Raven zumbiu com a visão dos olhos brilhantes, o cabelo negro e os seios balançando dentro da camisola. Ela o alcançou, agarrou-o pelos pulsos e praticamente o atirou de costas sobre os lençóis, fazendo com que suas fantasias ilícitas ganhassem vida.

Atrevida sussurrou-lhe:

- Por favor, fique aqui comigo na cama. Estou cansada, mas não conseguirei dormir a menos que saiba que você está aqui.
- Deitar aqui. - Repetiu incrédulo. - Na cama com você?
- Sei que achou o beijo desagradável. Juro que não irei tocá-lo, prometo. Se quiser posso escrever uma carta de desculpas a Helena...

Ele estremeceu ao ouvir o nome da Helena. O que Selene sabia sobre Helena?

- Farei o que você quiser, mas não me deixe sozinha.

Selene, com os olhos grandes e escuros, suplicava. Rourke sabia que os próprios olhos estavam escuros e queimavam, orou para que ela não olhasse abaixo do quadril. Ele a empurrou para trás pelos ombros.

- Pode até ficar com o melhor travesseiro.

E em seguida ela se atirou contra ele e acariciou seu pescoço com a face.

- Que diabo está fazendo? - Ele falou em voz rouca e com os dentes apertados, forçando os braços a permanecerem ao lado dos flancos.

- Sinto muito. Por favor, fique. - Ela sussurrou com ardor, movendo os lábios sobre a pele dele. - Só preciso sentir o seu cheiro e então poderei esquecer tudo o que aconteceu nesta noite.

De repente, ela mudou de lugar, pressionou as costas contra o peito dele. Agarrou a mão dele, e passou seu braço ao redor dela.

- Obrigada, Avenage. Isto vai muito além do chamado do dever. Quando eu for declarada livre de qualquer predisposição à loucura e formos chamados de volta a Londres, farei questão de recomendá-lo.

- Isso não é necessário. - Disse um pouco ofegante em meio ao cabelo dela.

Horas mais tarde, a pálida luz da manhã se filtrava pelas venezianas despertando Rourke. Selene estava com os braços ao redor do seu pescoço e com a coxa enganchada no seu quadril. Ele dormiu como um tronco e acordou ainda mais duro.

O sonho fora tão vívido, que por um momento perguntou-se se realmente fizeram amor. Estando naquela cama, seria fácil permitir que a atração entre eles seguisse seu curso natural. Fácil agora, mas um inferno mais tarde. Literalmente, um inferno. Não porque quisesse se afastar realmente, ao contrário. Suas emoções entorpecidas foram despertadas por ela. O coração voltou à vida. Mas não queria sentir algo por alguém novamente.

Com cuidado, ele saiu debaixo dela. Ela suspirou, virou e abraçou o travesseiro. Ele se levantou, aliviado ao ver a calça ainda firmemente presa a sua cintura e uma ereção do tamanho do Big Ben sob a calça. Felizmente conseguira se controlar antes que as coisas fossem muito longe.

Se não houvesse mais pesadelos ou tornozelos torcidos ou beijos maravilhosos, Shrew ou Three poderiam se ocupar dela.

Olhando de novo para ela, saiu do quarto. Do outro lado do corredor, atrás da porta fechada com chave, ele finalmente soltou sua ereção, amaldiçoando Selene a cada conciso golpe. Depois, lavou-se no lavatório e se barbeou antes de se vestir. Já no térreo, encontrou Three e Shrew no escritório, inclinados sobre o artefato.

As rodas davam voltas e se sacudiam.

– Há alguma mensagem?

Torcia para que recebessem a ordem para voltarem a Londres a toda pressa, e assim, as noites de tortura na companhia da condessa terminariam.

– Está chegando agora. – Three assentiu. – Tem café ali.

No aparador, Rourke se serviu de uma xícara cheia e a tomou rapidamente.

– A tempestade foi forte ontem à noite. – Three comentou. – Acordei várias vezes pensando ter ouvido os gritos de uma mulher, mas era o vento.

Shrew acrescentou:

– Sim, ainda bem que foi mais vento que chuva, poderemos ir à aldeia hoje, como planejamos. – Riu entre dentes. – Estou cansado do meu guisado de raiz.

Quando o aparelho ficou silencioso, Shrew arrancou a folha e entregou a mensagem ao comandante dos Raven.

Rourke leu o conteúdo, a mente dava voltas com uma mescla desconcertante de pensamentos. Baixou o papel à mesa e caminhou até a janela.

– Vocês têm ordens de voltar a Londres. O Conselho Primitivo quer que todos os Guardiões das Sombras estejam a procura de qualquer evidência da chegada de Tântalo a cidade.

Three perguntou:

– E quanto ao senhor e a condessa?

– Permaneceremos aqui.

Houve um longo momento de silêncio.

– Por quê? – Perguntou Three com frieza. – Por quê? Nenhum de nós, incluindo o Conselho Primitivo, acredita que ela teve algo a ver com a morte da prostituta e do Flynn.

Rourke levantou o olhar para encarar o maior dos dois irmãos. Bem, imaginava o porquê do descontentamento de Three e sustentou o olhar do seu subordinado, o Raven desviou o olhar.

– Passou menos de uma semana depois das mortes. Até que estejam absolutamente seguros de que a transição não está na mente dela, precisamos ter certeza de que pode se controlar e não ser manipulada por Tântalo, até lá não a querem perto da cidade. A influência do monstro é com toda segurança mais poderosa em Londres, como ficou demonstrado no caso do irmão da condessa, lorde Alexander.

– O que faz sentido para mim. – Disse Shrew. – Mas, acredito que todos estão de acordo de que não há mais perigo dela transcender.

– Bem, parece que a nossa tarefa aqui acabou. – Anunciou Three, levantando da cadeira. – Vou arrumar as minhas coisas.

Selene jazia de costas olhando o teto, com as mãos fechadas em punhos com tanta força que as unhas cortaram as palmas.

Rourke era companheiro de armas, mesmo sendo de outra ordem, agora era seu superior. Ontem à noite, acabou se humilhando por implorar ao comandante Raven que ficasse com ela. Esforçara-se durante séculos para provar a si mesma e aos outros que era digna da Ordem dos Guardiões das Sombras, não conseguia entender o porquê de ter ficado tão apavorada com um sonho idiota. Provavelmente Rourke agora estava lá embaixo

informando o que aconteceu durante a noite aos Primitivos, enquanto Three e Shrew caíam na gargalhada diante da sua humilhação.

Ela, assustada? Ela, que percorreu a escuridão mais profunda, com a espada na mão, deu as boas-vindas a cada rosto do mal com provocação e valentia? Levantou-se da cama, franzindo o cenho.

Não sentia medo de nada. Não precisava de ninguém. Não iria se sentir vulnerável, tendo seus poderes ou não. Não permitiria se mostrar amedrontada por um verme pestilento e asqueroso.

Sua mente se encolheu diante da lembrança. Argh! Nunca viu algo tão repulsivo. E o fedor! Como se fosse de milhares de cadáveres em decomposição.

Talvez houvesse perdido a sanidade. Desde que chegara a Swarthewick, não era completamente ela mesma.

Suspeitava que a fonte de pelo menos uma fração de suas emoções descontroladas e o medo humilhante nada tinha a ver com a transição e sim com um atraente e misterioso Raven.

Ele não era o seu primeiro amor. Houve muitos outros. Tinha mais de mil anos de existência, levava uma vida quase normal como qualquer mortal, odiara, chorara, sentira felicidade, alegria, tristeza e também amara. Que imortal não se apaixonaria várias vezes durante a eternidade?

Então por que, diabos, seu coração sussurrava que ele era diferente? Que não lhe faria mal? Que a protegeria?

Algo atingiu sua janela. Enquanto a luz do dia brilhava na janela, sentia-se estranhamente a salvo do verme do seu pesadelo.

Ecos.

Colocou a manta nos ombros e o tornozelo no chão, e com cuidado se apoiou no pé, devagar se aproximou da janela e a abriu, só para ser atingida na testa por uma pedrinha.

– Ai! – Gritou.

- Foi Shrew! - Three acusou, astutamente deixando um punhado de pedras caírem atrás da perna. Segurava as rédeas de um cavalo.

Shrew nos degraus olhou para cima. Outro cavalo vagava não muito longe dali.

- Perdão. Queríamos dizer adeus, mas o comandante Rourke achou que as pedras na janela seriam mais aceitáveis do que Three se jogando sobre você na cama.

Rourke estava atrás de Shrew, com os braços cruzados no peito. Ao contrário dos dois irmãos, não olhava a janela.

- Só para constar, não estamos de acordo com isso, senhora. - Three sorriu. - Com toda certeza.

- O que querem dizer com adeus? - Selene indagou surpresa. - Esperem ai, já vou descer.

Descalça e com os cabelos soltos, saiu coxeando do quarto e desceu as escadas.

Um momento depois, entrava sob o arco da porta de entrada, gritando:

- Aonde vão?

- De volta a Londres. Fomos chamados para ajudar na caçada a Tântalo.

- Sério? - Perguntou a Rourke.

- Sim, receberam ordens de voltar a Londres.

A expressão fria e os lábios em uma linha fina mostravam que não estava nada contente. E ela ficou sem coragem de perguntar por que ela e Rourke não iam com eles. Pobre comandante Raven, ela era um fardo muito pesado para ele.

- Condessa. - Chamou Three, levando o cavalo à base dos degraus.

Ela desceu ao seu encontro.

– Sim?

O olhar dele era cheio de charme, sorrindo, ele se inclinou até ela.

– Agora que tudo foi esclarecido sobre a morte de Flynn, e fui designado como seu guardião pessoal...

– Umm-hmm?

– Bem... – Ele se aproximou mais. – Quando a Senhora retornar a Londres, eu gostaria muito de conhecê-la melhor.

Isso só podia ser uma brincadeira, depois da forma como se comportou com ela, julgando-a culpada de tudo, a primeira reação de Selene foi rir abertamente. Mas não era uma mulher cruel, mas esse rapaz a achava tão superficial na escolha de seus homens?

Em vez disso, baixou a voz e coquete, disse:

– Sinto-me lisonjeada, mas devo recusar.

A surpresa iluminou seus olhos.

– Mas por quê?

– Se alguém aqui merece os meus favores, teria que ser Shrew.

O rosto de Three ficou branco. As bochechas se avermelharam.

Por cima do ombro dele, Selene deu uma piscada para o irmão de boca aberta. Shrew se pôs a rir.

Subindo em sua montaria, Three, disse:

– Creio que mereço o seu desprezo.

– Não, não é desprezo. – Ela sorriu. – É apenas uma pequena vingança, no entanto foi muito divertido estar sob sua guarda.

Os lábios dele se torceram em um sorriso irônico.

– De fato, senhora, foi um verdadeiro prazer ser seu carcereiro.
– Tocou a ponta do chapéu. – Até breve.

Enquanto se voltava para subir as escadas, o som de cascos sobre as pedras se tornou distante.

Rourke ainda com os braços cruzados sobre o peito, disse:

– Sabe que acaba de dispensar o homem que teria sido...

– Sei quem foram. São os jovens príncipes que desapareceram da Torre de Londres no século XV. Three sem dúvida tem o temperamento para reinar. Minha única pergunta é por que escolheu esse nome. Seria Edward V, não o terceiro.

Depois de uma longa pausa, Rourke murmurou:

– Houve três conspiradores no complô para assassinar Edward e seu irmão menor, Richard de Shrewsbury.

Os olhos de Selene se arregalaram.

– E ele teve sua vingança contra eles! Seu nome comemora suas mortes. – Ele assentiu. – Eu gostei da ideia. Mas os príncipes não foram assassinados? Como eles estão vivos, para não mencionar imortais?

Os olhos verdes de Rourke escureceram.

Ao dar-se conta que o segurava pela manga da camisa, ela se afastou e a manta deslizou dos seus ombros.

– Tentaram matá-los, mas não os deixou morrer, não é? Interveio no último suspiro. – Selene completou.

Era proibido aos imortais intervir nas mortes dos mortais, mas às vezes se abria uma exceção. Qualquer pessoa que se atrevesse a desafiar o Conselho enfrentava um severo castigo, embora os Primitivos soubessem perdoar.

Rourke não confirmou nem negou sua teoria.

O olhar dele percorreu seus lábios e depois lançou um olhar acusador sobre seu ombro nu. Ela puxou a manta mais acima.

– Vá colocar um vestido e pegue chapéu e bolsa.

- Por que, aonde vamos?

- A aldeia. Precisamos de provisões e de alguns criados.

Ele se pôs a andar em direção ao estábulo. Selene sorriu certa de que ele preferia uma acompanhante para ela. Será que estava receoso de ficar a sós com ela?

Com um sorriso estampado na face, subiu os degraus e entrou no castelo.

As cabanas com tetos de palha se alinhavam ao longo da estrada até o que parecia ser o centro do povoado de Hawthorn. Pequenas lojas se espalhavam pelo centro comercial, nada comparado a Londres e mesmo assim ela estava exultante com a companhia do Raven.

Que imagem estranha ela e Rourke deviam parecer a qualquer espectador. Qualquer outro homem estaria conduzindo um carro simples ou uma carruagem. Ela e Rourke faziam a primeira visita à aldeia, sentados lado a lado no elevado banco de um faetonte¹⁹.

Os moradores saíam às escadas e aos terraços para contemplá-los. Selene assentia e sorria, cumprimentado com a mão enluvada.

- Ali está seu incêndio. - Disse Rourke, apontando a pequena igreja, rodeada por um jardim e uma cerca baixa de ferro fundido.

Um buraco negro irregular se apresentava no teto da singela estrutura branca. A capela ainda queimava na base.

- Oh! - Ela sussurrou.

¹⁹ Pequena carruagem de quatro rodas, alta, ligeira e descoberta.

Vários homens estavam ao redor da pequena construção, com chapéus nas mãos, claramente avaliando os reparos a serem feitos.

– Parece que foi um raio. – Disse Rourke.

Puxou as rédeas e deteve o faetonte na frente de uma loja toda azul e com letras pintadas de dourado na fachada, ‘Garamond Armazém e Aviamentos’. Rourke saltou, deu a volta e para manter as aparências, ajudou-a a descer. Ele abriu a porta da loja para ela e a seguiu para o interior.

Dentro da loja, havia cestas penduradas, rolos de tecido, caixas de madeira e barris de todos os tamanhos se alinhavam nas paredes, em alguns lugares, empilhados até o teto. Um homem saiu de trás das prateleiras de madeira, com um rolo de arame pousado na cabeça calva.

– Bom tarde, senhor. – Disse Rourke. – Sou...

– Lorde Avenage? – Perguntou o lojista.

– Sim.

– O pároco nos avisou do seu retorno. Alguns temiam que decidisse vender o lugar. Seria uma pena perder o nome Avenage, depois de todos esses séculos. – O olhar impaciente do homem passou em Selene. – E a senhora, deve ser...

Selene estendeu a enluvada mão, que ele beijou.

– Minha irmã viúva. – Comentou Rourke. – A condessa Pavlenco.

– Viúva? – O comerciante a olhou, com os olhos enrugados cheios de simpatia. – Tão jovem. Que trágico.

– Obrigada, senhor.

– Sou o senhor Harbottle. Em que posso servi-los?

– Aqui está o que precisamos. – Selene tirou uma lista de compras da bolsa de veludo bordado. – Além disso, gostaríamos de

saber sobre Hannah. Soubemos que a carroça dela foi encontrada. O que aconteceu com ela?

O senhor Harbottle franziu o cenho e sacudiu a cabeça.

– Ainda não foi encontrada. Devo dizer que carreguei a metade da carroça com artigos da minha loja, ela me convenceu de que poderia vendê-los em sua viagem e me proporcionaria um pequeno ganho. Não sei se devo ter medo pela garota ou me zangar por ela ter fugido com meus bens. Nem sabemos se foi arrastada pela corrente do rio, ou não. Mas agora, vamos aos negócios em questão. – Pegou a lista de Selene e começou a ler, mas à medida que lia, estalava a língua e sacudia a cabeça. – Não temos isso. Nem isso. Temos só um desses...

Rourke assentia, mal escutando o que o homem dizia. Selene passeava na loja, observando os artigos nas vitrines. O movimento das saias atraía o seu olhar. Sempre pensou que as anquinhas eram ridículas. Simplesmente não entendia seu propósito. Agora entendia completamente.

Engoliu em seco e voltou sua atenção ao senhor Harbottle.

– Também preciso de um cozinheiro, uma governanta e alguns criados. Melhor ainda se estiverem disponíveis para esta noite.

Se fosse necessário poria todas as camas no corredor, entre ele e o quarto de Selene.

Rourke perguntou:

– Sabe onde encontraríamos alguns aldeãos disponíveis para esse trabalho?

O senhor Harbottle negou.

– O povoado é pequeno, temos alguns camponeses e pastores. A maioria mantém as suas mulheres dentro de casa.

Por cima do ombro do comerciante, Selene girava os olhos e imitava o jeito do comerciante falar, zombando quanto a manter as mulheres dentro de casa.

Como se soubesse, o comerciante se voltou para ela.

– Posso ajudá-la em alguma coisa, senhora?

– Não senhor. – Ela sorriu deslumbrante, passando a mão enluvada no balcão de madeira polida. – Só estou admirando os produtos.

O lojista riu entre dentes.

– Estou certo de que se arranjará bem, sozinha no castelo.

– Oh, mas não posso fazer tudo sozinha. – Ela se aproximou dele. – O castelo esteve abandonado durante muito tempo. Nossos pais nunca se interessaram por ele. Ficamos surpresos por ainda termos os móveis e outras coisas e por não termos sido roubados.

Ele levantou as sobrancelhas nada surpreso.

– Isso é porque os ladrões daqui acreditam que a torre é amaldiçoada. – Riu entre dentes. – De certo, deve saber tudo a respeito dos seus antepassados, melhor do que eu.

Rourke franziu o cenho.

Selene sorriu.

– Há muito a fazer para melhorar o castelo. Limpeza, consertos e o principal, boa comida. Os fantasmas, como vê, deixaram bem claro que não estão dispostos a nos ajudar.

As bochechas do senhor Harbottle avermelharam e riu de sua brincadeira.

Ela tocou com a ponta dos dedos o balcão de madeira.

– Tem certeza de que não há ninguém que queira nos ajudar? Só ficaremos na residência por mais duas ou três semanas no máximo. Um mês, possivelmente. Portanto, não seria um compromisso permanente.

– Senhora, o que poderia fazer? – O senhor Harbottle coçou a cabeça. – Conhecem a mansão Astley?

– Astley. – Rourke assentiu. – Sim.

O comerciante fez tamborilar os dedos sobre a madeira.

– Foi comprada por um senhor Silverdown ou Silverfish?

– Silverwest. – Selene corrigiu.

– Isso! – Concordou o senhor Harbottle, colocando sacos de farinha de milho em uma caixa. – Bem, não há muita coisa que se possa fazer, já que chegaram atrasados, diria eu.

– Por quê? – Perguntou Rourke.

– A encantadora irmã e o mordomo do senhor Silverwest vieram à aldeia, ontem pela manhã, querendo resolver o mesmo problema dos senhores. Sei que contrataram a senhora Shaw, a garota Taylor e o velho Jon Bruce. Deixe-me pensar um pouco...

– Ficaríamos gratos se pudesse pensar em alguém. – Disse Selene antes de perguntar. – Mas que cheiro delicioso é esse que vem lá de trás da loja?

– São empanados, bolo de carne e repolho cozido. Minha esposa os faz para vender. Gostaria de levar alguns para Swarthewick?

– Com certeza, por favor. – Insistiu Selene.

O senhor Harbottle desapareceu atrás das caixas. Rourke o seguiu disposto a pegar a mercadoria. Em seguida, o sino da porta soou. Duas senhoras idosas entraram. Selene as recebeu com um sorriso e em instantes, foi convidada a olhar em suas cestas. Ela exclamou feliz quando viu ovos, depois abriu a bolsa e tirou algumas moedas.

Momentos mais tarde ela chamou por Rourke, com uma cesta em cada mão.

– Levarei os ovos à carruagem.

Ele assentiu, tendo a oportunidade de admirar seu balançar das anquinhas uma vez mais.

Selene fechou a porta da carruagem e se voltou para entrar na loja novamente.

– Condessa Pavlenko. – Gritou uma voz da estrada.

Um cavaleiro montado em um cavalo branco e de ombros largos se aproximou. Ela esperou que o senhor Silverwest desmontasse e se dirigisse a ela. O jovem tirou o chapéu e sorriu. O cabelo loiro encaracolado o tornava mais atraente.

– Está caminhando bem.

– Não foi tão grave como eu acreditava. Estou muito melhor, obrigada.

Devolveu-lhe o sorriso. As bochechas avermelharam e ele riu.

– Sinto muito se lhe causei algum problema com seus irmãos.

– Não, absolutamente. Sempre foram muito protetores comigo.

– Achei que iam atirar em mim se eu... – Hesitou, com a covinha se formando na bochecha.

– Se você...?

– Se a convidasse para ir à minha casa?

Selene ruborizou.

– Por que não vêm o senhor e a senhora Thrall a Swarthwick amanhã? Tomaremos o chá e conversaremos.

– Nos sentimos honrados com o convite. – Ele respondeu feliz.

O sino soou quando a porta se abriu ao lado deles. Rourke surgiu segurando uma caixa grande. Ao vê-los, parou.

– Avenage. – Anunciou ela. – O senhor Silverwest e a senhora Thrall nos visitarão amanhã.

– Será um prazer recebê-los. – Respondeu ele.

Um vento forte e frio banhou o rosto de Selene, ela pode sentir o cheiro das plantas e da terra do outono que se aproximava.

Ela ouvia cada rangido e estalo das rodas. Sentindo cada sacudida do faetonte enquanto passavam sobre as pedras, porque o homem ao seu lado não falou uma só palavra desde que saíram da aldeia.

- Não deveria tê-los convidado. - Disse por fim.

- Por que não?

- Porque somos Amaranthines. A senhora Thrall e o senhor Silverwest são mortais. Qual é o propósito de convidá-los para um chá?

Ela endireitou as costuras das luvas.

- Você falou que queria vender Swarthwick. O senhor Silverwest está interessado.

- Como sabe disso?

- A irmã dele comentou comigo. Disse que o irmão perguntou sobre a possibilidade de comprar o castelo há algumas semanas atrás. Parece que recebeu a informação do escritório de terras da região, enquanto ainda estava em Londres.

Ele apertou os lábios com força.

- Deveria ter perguntado a mim em primeiro lugar. Se o tivesse feito, saberia que mudei de opinião.

- Bem, sou sua querida irmã viúva. Não interessa se deseja ou não vender o lugar, eu tenho tanto direito de convidar quanto você, não? - Sorriu irônica.

- Isso não é divertido. - Replicou ele. - Estou farto dessa brincadeira.

- Você começou a farsa.

- Não, não o fiz. Um dos homens que contratei para trabalhar na ponte estava no trem em que viemos de Londres. Você se referiu a Three e a Shrew como seus irmãos. Você começou a

farsa, simplesmente nos vimos obrigados a continuar com a história.

Selene riu entre dentes.

– Bem, então que relação deveríamos adotar?

– Por que devemos ter alguma relação?

– Não seja hipócrita. Sabe como as pessoas são por aqui. Nem um... Qual é exatamente seu título?

– Sou conde.

Selene se pôs a rir.

– Oh, sim. Uma condessa viúva e um conde solteiro passando algumas semanas no campo juntos e sozinhos. Já posso imaginar o escândalo. Não, meu querido irmão, eu acho melhor continuarmos irmãos. Ao menos por enquanto. Além do mais, estaremos de partida em alguns dias. Até lá, isso impedirá os aldeões de agitarem as tochas e derrubar a porta principal.

O silêncio reinou novamente dentro do faetonte.

– E por que continua com o cenho franzido? – Ela resmungou.

– Você gosta de Silverwest?

Capítulo 10

– Estou entediada e ele é um homem muito atraente. – Respondeu ela, o interesse dele sobre sua relação com Silverwest a deixou agitada, talvez finalmente ele revelasse o que sentia realmente por ela. – Você deixou muito claro que prefere manter distância de mim. Sei que está envolvido com alguém em Londres, e devo respeitar os seus sentimentos.

Ele lhe lançou um olhar e estalou as rédeas. Os cavalos avançaram com mais velocidade, balançando o banco de Selene. Ela se segurou na lateral da carruagem por segurança. E continuou:

– E com a ausência de Shrew e Three e dos criados, ao que parece, não poderemos contratar, decidi convidar os vizinhos para um chá. Ah, e antes que eu me esqueça, também convidei as duas senhoras que encontrei hoje no armazém para jantar depois de manhã.

Os olhos do Raven se arregalaram.

– Não se atreveria.

Ela riu sem nenhum temor.

– É claro que não. Só queria provocá-lo. Não consegue rir de uma brincadeira?

Ele resmungou e sacudiu as rédeas.

No campo longínquo, dois agricultores aravam a terra com enxadas. Um deles, mais alto e forte, o outro um pouco mais baixo e magro como um junco. Um homem e o filho. A luz dourada do dia iluminava o vale, transformando a cena em um belo retrato da província. Igual uma pintura que vira uma vez em um museu de Paris.

O jovem deixou a enxada no chão e se encaminhou à carroça onde pegou uma bolsa de lona. No momento seguinte, a costura inferior da bolsa cedeu. Em questão de segundos, as sementes caíram, formando uma mancha clara sobre as botas. Sua boca se abriu com assombro. Selene não pôde deixar de sorrir.

Uma figura escura irrompeu ao lado dele. Um homem mais velho. Levantou o braço para bater no jovem.

- Não. - Gritou Selene, se agarrando ao estreito banco, estremeceu quando o tapa acertou o rosto do menino. As rédeas caíram em suas mãos. Ao seu lado, o banco já estava vazio. Puxando com força, ela desacelerou os cavalos. Voltando-se no banco, olhou na direção do menino.

Uma trilha estreita cruzava o campo arado, deixando o caminho livre para que Rourke, sem ser visto pelo menino ou pelo homem, assumisse sua forma e se apoderasse do braço do homem, antes dele desferir o segundo golpe. O Raven acertou o punho no rosto do homem assustado. O menino se afastou aos tropeções, com o sangue fluindo sobre o lábio e o queixo, o homem caiu de joelhos, foi quando viu a espada de Rourke como um raio de luz ardente.

- Rourke. - Selene saltou para a estrada e saiu correndo pelo campo, tão rápido quanto as saias permitiam, rezando para que ele não usasse a arma. Não aqui, não dessa forma.

Ele espreitava o homem, que se pôs a engatinhar, derrubando a pilha de sementes que incitou a violência, espalhando na direção oposta do menino.

- Rourke pare. - Ela segurou a parte de trás da jaqueta e a puxou.

Ele se voltou para ela. O belo rosto alterado pela ira. Os olhos verdes brilhavam com manchas vermelhas, o que indicava o quão perto estava de se tornar o predador selvagem.

- Deve se controlar. - Ela insistiu, tentando romper a névoa de raiva.

Ele piscou e limpou os olhos.

– Deve fazê-los esquecer. – Ela murmurou fazendo um gesto na direção do homem.

Os Guardiões das Sombras tinham a capacidade de apagar as lembranças das mentes dos mortais, mas só se o fizesse logo após o fato.

– Será melhor que ele se lembre disso no futuro. – Grunhiu, antes de se virar para a estrada.

Selene olhou o homem, que gemia e estava caído imóvel no chão. Ao pressionar os dedos em sua garganta, encontrou a pulsação ainda forte. Ele viveria. Rourke caminhou para o transporte com a mão no ombro do menino. Com o coração na mão, Selene se apressou, passou à frente deles e abriu a porta. O jovem subiu no faetonte.

– Ele é seu pai? – Perguntou ela, deslizando no banco junto a ele.

– Não, senhora. – Ele mantinha as mãos manchadas de sangue pressionando o nariz. – É meu padrasto.

Rourke estava parado na porta do faetonte. Havia perdido o chapéu em algum lugar no campo e estourou uma das costuras do ombro da jaqueta.

Selene lhe disse:

– Estamos bem. Você conduz e se acalme, por favor.

Ele assentiu e fechou a porta.

Ela desamarrou a bolsa e deu ao menino um lenço. E muito rapidamente se deu conta de que não seria suficiente. Levantou uma das anáguas, rasgou uma tira e se inclinou para examinar o nariz do menino.

– Esta não é a primeira vez que lhe bate assim, não é?

Ele balançou a cabeça.

Sangue e ossos quebrados não a afetavam, já vira o suficiente em seus anos como Recuperadora e nas diversas batalhas mortais das quais participou. Mas ele era só um menino de uns doze anos. Ela viu dor em seus olhos. Não só a dor física, mas também a ferida da alma.

– Sua mãe permite que ele faça isso com você?

Ele sacudiu a cabeça com veemência.

– Ela morreu senhora. No inverno passado. – Os olhos se encheram de lágrimas e um fluxo de palavras zangadas se derramou. – Depois de uma surra. Ele nos disse que iria nos matar se contássemos a alguém. Disse a todos no povoado, que ela nos abandonou por outro homem, mas ele jogou a minha mãe no poço.

Ela sentiu um repentino impulso de abraçar o menino, mas eram estranhos. Conformou-se em lhe dar tapinhas no braço. Ela e o irmão tinham aproximadamente a mesma idade quando a mãe morrera, deixando-os para responder à fúria amarga de Octavio. Pelo menos Cleópatra havia tomado a decisão de tirar a própria vida. Não foi assassinada.

– Não precisa voltar para lá.

– Minhas... – A voz falhou e ele limpou a garganta. – Minhas irmãs estão com ele. Não posso deixá-las sozinhas com ele.

– Irmãs? Quantas?

– Duas.

– Falaremos com o conde sobre elas.

– Ele é... – Os olhos se arregalaram. – Nunca vi nada igual antes. Saiu do nada. – Riu e em seguida gemeu. – Rir dói.

– Estou certa de que sim.

Mal podendo acreditar, o menino se maravilhou.

– Por que ele fez isso por mim?

Ela se perguntou o mesmo. Os Guardiões não sentiam bondade, mas tendiam a se entediar com o passar dos séculos, sempre expostos ao pior dos mortais. Não foi bem a intervenção de Rourke que a deixara surpresa. Mas a intensidade da reação quando vira o menino sendo machucado.

Hoje, como o pároco antes dele, o dono do armazém mencionou a trágica história dos Avenage. Certamente a resposta ao mistério de hoje podia estar escondida em algum lugar do passado.

Selene atravessou o pátio e entrou na cozinha.

– Está certa de que o menino não quer ficar no castelo? – Perguntou Rourke.

Ela desabotoou, tirou o casaco e o colocou nas costas de uma cadeira. Já havia colocado uma boa porção de comida no prato do menino, que disse se chamar Nathan Birch. Nathan parecia estar tão assustado com Rourke que o próprio Raven pedira a Selene para acomodar o menino.

Ela assentiu.

– Disse que não seria justo dormir no castelo de Sua Senhoria. Insistiu em ficar no estábulo, parece que gosta de cavalos. Talvez tenha ganhado um cavaliço, afinal.

Rourke negou e apertou a ponta dos dedos nos lábios dela.

– Por que não? – Perguntou Selene.

– É muito jovem. – Respondeu ele em voz baixa. – Um menino dessa idade deveria estar na escola.

Selene apoiou os cotovelos sobre a mesa.

- Concordo plenamente. Passei meus primeiros anos entre os estudiosos da Biblioteca de Alexandria.

- Isso deve ter sido incrível.

- Foi. A Biblioteca sempre me incutiu uma fome enorme pelo conhecimento. Uma fome... Ah, por livros. - O calor manchou a sua face. Só os mais próximos a ela conheciam sua fome estranha pela palavra escrita.

Ele sorriu.

- Ouvi falar da sua fome de livros, Selene.

Ela afastou a vista.

- Tudo o que quis dizer é que não escutará nem um argumento de mim a respeito da necessidade do menino ter uma boa educação.

- Falando em comer, Nathan o fez?

- Com voracidade. - Ela assentiu. - Mas está preocupado com as irmãs.

- É claro que está. - Ele pôs as mãos em cima da mesa. - Li seus pensamentos enquanto o acompanhava até o faetonte. Foi testemunha da morte da mãe e tem sofrido coisas terríveis nas mãos desse homem. E agora, suas irmãs... - Sua voz desvaneceu. Ela viu a mente trabalhando.

- Já interferiu muito, Rourke. - Ela se sentou em um dos tamboretas. - Conhece as regras.

Ele assentiu rígido antes de agarrar uma garrafa de vinho coberta de pó. Com um lenço de linho, esfregou a garrafa e puxou a rolha. Selene usou uma colher de madeira grande para encher os pratos. Sentaram-se um de frente para o outro na mesa. Rourke encheu as taças. Selene levantou o garfo e suspirou com deleite.

- Como é bom variar do guisado de raiz!

Não podia recordar quando fora a última vez que apreciara com tanto gosto qualquer alimento. Comeu algumas colheradas antes de dar-se conta da cena tosca que representavam. Jogou uma olhada a Rourke e o encontrou olhando-a com atenção.

Selene perguntou:

– O que há? Tenho um bigode de batata? Ou purê de ervilhas nos dentes?

Ele negou.

– Então, qual o problema?

– Você é muito bonita.

Sua boca se abriu.

– Ah... Obrigada.

O olhar baixou até os lábios dela e ele tomou um gole de vinho.

– Deus, como eu sou tolo. Não deveria ter dito nada disso, tendo em conta...

– Bem prefiro falar de quão bela sou, mas podemos falar de outras coisas. – Brincou, com a face se avermelhando diante do elogio.

Ele sorriu, mas não falou mais.

– Oh, falemos então desse monte de pedras que é Swarthwick. Já me disse que William lhe concedeu a propriedade, mas foi você que construiu o castelo? Ou a conquistou de alguém? Vamos agora aos detalhes sangrentos.

Ele levou a taça aos lábios.

– Aqui não havia nada além das ruínas de um velho forte romano. Eu criei o desenho da torre e a construí. Levei três anos para construí-la.

– É encantadora. Já foi atacada alguma vez?

– Sim. – Ele desviou o olhar e não ofereceu mais detalhes. Por alguma razão, parecia não gostar desse assunto e nem com nada que se relacionasse ao seu passado mortal.

– Quando se tornou imortal?

– Quando me tornei um Raven.

– Não só um Raven. É o comandante dos Ravens desde o início, não é?

– Sim.

Selene fez girar o vinho na taça.

– A decisão de se tornar imortal... Foi difícil para você?

Ele olhou para o teto escurecido pelo tempo, que provavelmente antigamente abrigou dezenas de criados.

– Não havia nada que me prendesse aqui.

– O que houve com sua família? Você devia ter...?

Ele olhou para o prato e apertou a mandíbula.

Ela se criticou. Muito pessoal.

– Uma esposa? – Ele terminou por ela.

Ela assentiu.

– Morreu. – Ele passou o dedo ao redor da base da taça.

– Sinto muito.

Ele assentiu e franziu os lábios. Não perguntaria a respeito de filhos. A situação entre eles se tonaria muito precária.

– Deseja saber algo a meu respeito? – Ela levantou uma sobrancelha e levou a taça aos lábios. O vinho, um rico clarete, esquentou seu sangue e facilitou o fluxo das palavras. – Gostaria de saber sobre o meu marido?

Isso acendeu um fogo em seus olhos.

- Teve quantos?

- Apenas um.

- Ele era mortal?

Ela rodeava a beirada superior da taça com o dedo até que o cristal começou a vibrar.

- Não por muito tempo.

Ele se inclinou na cadeira e encheu a taça de novo.

- O que quer dizer com isso?

- Era minha tarefa fazê-lo transcender bem. A criatura imunda se encantou comigo em Veneza e me pediu em casamento. - Encolheu os ombros. - A princípio me deu asco, depois, bem, pensei na ironia de tudo e me pareceu a forma mais eficiente de levar as coisas até o fim. Sofri um breve cortejo, sobrevivi a mil beijos repulsivos e o recuperei em nossa noite de núpcias.

As sobrancelhas de Rourke se elevaram.

- Como explicou sua morte a todos?

- Ele era um homem bastante bonito, mas bem mais velho. Deixei-os acreditar que havia... Se excitado demais, se entende o que quero dizer. - Bebeu de uma vez o vinho, apreciando o leve torpor que chegava aos seus membros.

- Por que está rindo?

- Não há um Guardião das Sombras que fosse capaz de fazer isso, todos são homens. Podemos dizer que, uma bela mulher, foi como um cavalo de Troia na recuperação do conde Pavlenco.

Uma vez mais, chamava-a de bonita.

- Todos podem usar os pontos fortes quando mais convêm, não é?

Rourke assentiu.

- Sim, mas o chamou de criatura imunda e, no entanto, ainda usa seu nome.

- A família dele sempre foi boa e honrada. E todos foram muito amáveis comigo desde o início. Concederam-me todos os bens do contrato de casamento. Duas propriedades e um vinhedo. Além disso, realmente gosto de ser uma condessa.

- Melhor do que ser uma princesa?

Ela assentiu.

- Melhor do que ser uma rainha?

- Sim...

- Foi casada com o rei da Núbia, não?

Ela sorriu.

- Ah, meus queridos livros de história. Não me diga que acredita em tudo o que há neles?

- A história não diz que se casou com ele e que tiveram muitos filhos?

Ela trincou os dentes.

- Ah, então está interessado nos meus segredos?

- Os seus segredos parecem mais misteriosos do que os meus.

- Bem, não quero que espalhe para ninguém. Realmente ele se casou, mas foi com a minha prima, Arsinoé. - Ela encolheu os ombros. - Éramos bem parecidas fisicamente, mas ela era... Mais suave e gentil. Mais doce do que eu. Eles se amavam e não me pareceu justo, quando Octávio me escolheu para esse casamento político. Eu sabia que para se manter no trono, minha mãe mandou assassinar a mãe dela. Dar minha identidade mortal para Arsinoé era apenas um pequeno gesto simbólico, que nunca compensaria a sua perda. Ajudei-a se passar por mim e com um pouco de Kohl delineando os olhos conseguiu enganar a guarda romana, que a levou através do deserto até a Núbia.

- E escolheu ser uma Amaranthine.

Ela sacudiu a cabeça, em negativa.

- Eu não escolhi ser uma Amaranthine. Quando Octávio planejou esse casamento, a imortalidade já existia em meu sangue e no de meu irmão gêmeo. Esperávamos simplesmente pela perfeição.

- Diz que não escolheu a imortalidade.

- Conhece a história. O exército de Octávio derrotou o de Marco Antônio e pouco a pouco se aproximaram de Alexandria. Minha mãe sabia que era o fim. Essa foi a primeira vez que vi Archer, mas não tinha vindo por mim e nem por meu irmão. Veio falar com meus pais em nome dos Primitivos, que dariam a imortalidade a eles como salvação.

- Compreendo.

- Ainda me lembro das flores, duas flores perfeitas de amaranto. As achei muito lindas, mas ela não me deixou nem ao menos tocar. Ela esperou por ele, por meu pai, mas ele não veio. Não como ela esperava. Quando por fim chegou, já estava morto. Ainda recordo como ela se deitou a lado dele e o envolveu com seu corpo. Ficou assim durante horas, até que finalmente chamou as servas de confiança. Ele sempre foi mais importante para ela que qualquer outra coisa. Mais importante que a vida. Mais importante que Mark e eu. Ao nos deixar para trás, ela sabia o que nos fariam passar. - Selene olhou o pequeno círculo de vinho que ficava no fundo da taça. - Eu nunca faria isso. Se fosse abençoada com filhos, nunca os abandonaria. Mesmo se soubesse que era inútil lutar, eu ficaria entre meus inimigos e meus filhos até meu último fôlego de vida.

O pilar da taça se espatifou em sua mão. Selene ficou olhando a taça destruída, impressionada. Rourke se levantou da cadeira e tomou sua mão. Surpreendentemente, não parecia que ela se cortara.

- Sinto muito. - Sussurrou. - Nunca falei com ninguém sobre isso. - Nem sequer com Mark. Viveram essas terríveis lembranças juntos. Não havia necessidade de falar. Compartilhar essa dor lhe parecera uma fraqueza, quando já fizera os sentimentos se tornarem como pedras. Até há pouco tempo, achava que era mesmo como uma pedra fria e morta. Mas algo na presença tranquila de Rourke deixava a dor escorrer.

E, entretanto... Ele se afastou dela.

- É melhor eu dar uma olhada no Nathan.

Selene assentiu só então se dando conta do seu engano.

Rourke dobrou a esquina e entrou no estábulo, só para encontrar as sombras e os rastros de Nathan. Não havia nenhum sinal de violência ou indícios de que o menino foi levado contra a vontade.

Na pequena mesa o prato vazio ficara com o guardanapo na parte superior. A lanterna apagada, a cama estava bem estendida, com uma mensagem cuidadosamente elaborada: 'Obrigado pela oferta de segurança, mas não, obrigado.'

Ele cruzou o pátio, aumentando o ritmo a cada passada. Inclinou a cabeça tão profundamente que seu queixo tocou o peito, levantando os braços em dois poderosos arcos, despertando os músculos do pescoço, ombros e braços. A dor e o calor eram como raios queimando as costas. No momento seguinte, com as asas projetando uma grande sombra sobre a terra, saiu voando.

Encontrou Nathan a meio caminho de casa. Lutou contra o instinto de arrebatá-lo e tirar o menino do que seria sem dúvida, um caminho fatal. Nos breves momentos em que apoiou a mão no ombro de Nathan, viu as terríveis lembranças de embriaguez e violência.

Rourke se obrigou a voltar. Mas não para Swarthwick. Ainda não. Subiu mais, levando a si mesmo a mais profunda escuridão do céu até que o ar rareou e a pele enregelou, até que os pulmões quase pararam de funcionar.

Quando não pôde mais suportar, dobrou as asas sobre as costas e o corpo caiu em espiral de encontro à terra escura... Só para repetir a ascensão e queda uma vez após outra, até que as asas, pulmões e corpo se esgotarem.

Ao se aproximar de Swarthwick, se transformou em sombra e entrou no quarto por uma fresta nas venezianas.

Muito perto. Perto demais dela.

Uma ira inexplicável levantou-se do fundo do peito. Por que não poderia vê-la como via as outras mulheres, sem rosto, sem emoções, sem alma? Ela derrubava sua determinação, a única esperança de salvação. Salvação? Era isso o que queria? Achava que a consciência se negaria a tal esperança. Que se castigaria com tanta sanha, com tanta tortura, que talvez um dia... Um dia pudesse ser perdoado pelo que fez.

De frente para a bacia de água, arrancou a camisa e continuou a se despir até ficar nu. Vislumbrando sua imagem no espelho rapidamente desviou o olhar, desconcertado pela intensidade crua da própria necessidade.

Em vez de esgotá-lo, o voo o deixara mais agitado e com os sentidos apurados. O sangue percorria suas veias como o mercúrio em ouro derretido. Pegou a jarra d'água e molhou uma toalha. Irritado esfregou o suor que deslizava pelo rosto, pescoço e peito. Cada carícia do ar da noite, cada toque da toalha contra a pele o excitava ainda mais.

A imagem de Selene deitada em sua cama, envolvida por seda negra era, por demais, deliciosa...

O desejo se apoderou, inclinou-se sobre a bacia e derramou o resto da jarra de água sobre a cabeça. Endireitou-se e a água deslizou pelas costas.

Agarrou outra toalha, secou os cabelos encharcados.

De repente ouviu algo que chamou sua atenção, a pisada de um pé descalço sobre a madeira. Atento, levantou a cabeça. Vislumbrou o rosto de Selene no espelho, e ela recuou do quarto.

Rourke arrancou a toalha dos ombros e a prendeu ao redor dos quadris, em seguida foi atrás dela pelo corredor.

Ela trancou a porta. Como se isso pudesse mantê-lo do lado de fora. Ele se transformou em sombra, atravessou por debaixo da porta e se materializou atrás dela, tão perto que quando virou os cabelos escuros roçaram sua pele.

– Rourke! – Ela tinha as faces rosadas, os olhos arregalados e os lábios entreabertos, parecia surpresa, uma cena irresistível, principalmente quando sabia que ela não era o tipo de mulher que ficava nervosa com facilidade.

Não se vestira de seda negra e sim, uma camisola e um negligé de seda verde.

Capítulo 11

O olhar de Selene vagueou pelo peito nu e o abdômen de Rourke, até se deter na toalha que cobria o quadril. Sempre deixava a lareira do quarto, acesa, mas nesta noite não havia nada além da luz das velas. Sombras e o suave brilho das chamas definiam os músculos tensos e perfeitos.

– Sinto muito. – Ela disse com um suspiro. – Bem, não... Não sinto de verdade. Você é tão...

Com os olhos escuros e intensos, olhava-a fixamente. Tinha os punhos fechados e os músculos ao longo dos braços tensos.

– Que mulher não o acharia atraente?

Balbuciou ela, ou isso Rourke acreditou. Não conseguia ouvir as palavras, pois o sangue bombeava nos ouvidos.

O cabelo molhado e escuro lhe cobria parte do rosto. Com os dois cara a cara, distantes por meros centímetros, ela tentou se explicar.

– Não voltou depois de ter dito que iria ver como Nathan estava. Fiquei lhe esperando e acabei dormindo, sabe que ainda fico muito cansada. Mas... Quando acordei fui ao seu quarto e...

Não quis falar do sonho aterrorizante da outra noite, ou de como, depois de passar tantas noites na escuridão e sozinha, a lembrança do que acontecera em Whitechapel se fazia cada vez mais presente.

– Vamos para a cama.

Ela piscou.

– O quê?

Não poderia ter ouvido bem o que ele disse.

Os lábios sensuais e duros emitiram a ordem novamente.

– Vamos... Para... A... Cama.

Levantou o braço e a empurrou com dois dedos, levemente para trás. Ela recuou e ele a seguiu, exercendo a mesma pressão. Guiando-a pelo piso de madeira até que a parte de trás dos joelhos dela tocaram na cama.

O olhar dele estava carregado de calor e também desespero.

– Rourke...

Ele levantou ainda mais a mão e cobriu-lhe os lábios. As velas se apagaram.

Talvez, ele soubesse dos sonhos e o quanto a desconcertava. E em sua impaciência com a explicação gaguejada, só desejava que ela se calasse e dormisse. Rourke ficaria um pouco com ela e depois iria embora, como sempre. Mas ele usava só uma toalha. Gemeu com o mero pensamento.

Vupt! Ele deixou a toalha cair.

Na escuridão, ela se arrastou sobre o colchão deixando mais da metade do espaço e ele se aproximou por trás dela. Mal respirava, enquanto esperava pelo movimento seguinte, o colchão se afundou sob o peso dele. Ela mordeu o lábio inferior. A pele das costas toda arrepiada, com a mera proximidade do corpo musculoso.

A mão dele pousou sobre a pele nua do seu ombro.

Selene fechou os olhos, quase sem conseguir respirar. Ela desejou tanto o seu toque, e agora...

O braço a enlaçou com força por trás, não deixando nenhuma distância entre os corpos. Os lábios de Selene se separaram em um suspiro. A coxa dele prendeu-a pelo quadril, enjaulando-a com eficácia. O rosto dele próximo à curva do pescoço aqueceu sua

pele. A aspereza da barba por fazer e a respiração quente fazia cócegas na orelha.

Ela não conseguia deixar de pressionar as nádegas contra ele. Sua ereção era dura e evidente. Seu calor queimava através da camisola, sem a ínfima proteção da toalha, que havia jogado no chão. A mão quente deslizou sobre a seda e alcançou o seio.

– Rourke. – Ela sussurrou, se apoiando sobre um cotovelo e olhando por cima do ombro, desejando acariciar-lhe o rosto.

– Não diga o meu nome. – Ele murmurou, beijando o centro da palma da mão dela, fechou-lhe os dedos e pousou a mão sobre o lençol. – Não me olhe. Nem me toque.

Falou tão baixo que ela mal ouviu as palavras, então se lembrou do desespero em seus olhos, debaixo de todo aquele desejo. Disposta a fazer qualquer coisa para mantê-lo em sua cama, ela assentiu de acordo.

Os dedos dele envolveram seus cabelos e os enrolou ao redor do punho, deixando o pescoço descoberto. A boca sequiosa colou na nuca dela com força, um beijo possessivo, que fez seu corpo estremecer de prazer. A boca malvada a atormentava. Os dedos se fecharam sobre a camisola como se soubessem exatamente onde acariciar uma mulher e deixá-la louca de paixão.

Soltou-lhe os cabelos que caíram em cascata, baixou a cabeça e depositou beijos quentes e sopros brincalhões ao longo de suas costas nuas, detendo-se no ponto onde a camisola cobria suas nádegas. Voltou sobre o mesmo caminho, os polegares se movendo para cima e para baixo da coluna.

O corpo dela ardeu de prazer quando a mão forte deu a volta e alcançou o seio e mais abaixo, ao longo das costelas, a cintura e quadril. O braço, prendendo-a como uma cinta de aço a mantinha cativa. Sentia-se estranhamente exultante com a sensação, encarcerada pelo prazer. Inquieta e querendo mais, ela se mexeu... Procurando um encaixe melhor, perfeito. E com uma maldição, ele puxou a lateral da camisola e impaciente a rasgou de cima a baixo,

desesperado deslizou as pontas dos dedos nas coxas, eliminando a barreira entre eles.

A mão grande percorreu seu ventre, entre as pernas, tocando, brincando e acariciando. Selene sofria aquela tortura deliciosa, ansiosamente procurando um toque mais profundo, ela moveu os quadris. Entretanto, ele não permitiu, apertando-lhe as coxas, aumentando a fricção proporcionada pela mão.

Corpos e membros se entrelaçavam e se retorciam contra a seda e o linho, uma batalha sensual, com Selene tentando ficar de frente a ele e com Rourke afligindo-a, negando-se a permitir-lhe. Sua fraqueza, que antes a incomodava, agora só aumentava o prazer do amor. Não sentia medo do domínio dele. De fato, apreciava ser conquistada, mas só porque o conquistador era Rourke.

Sem mencionar a satisfação de saber que a única razão dele estar ali, era porque ela o conquistou.

Finalmente ele a imobilizou, ajeitando-se e guiando o membro inchado ao vértice de suas coxas fortemente fechadas. Ela mordeu o lábio para não chorar, tentou levantar um pouco a perna como um convite. Ele não permitiu e deslizou entre as pernas quentes e com um forte gemido de satisfação começou a sair e entrar entre as pernas e sobre o clitóris, numa cruel e deliciosa brincadeira.

Empurrando e recuando, ele esfregava a ereção rígida na sua carne sensível e dolorida. Com a mão livre, Selene tentou passar a mão sobre seu abdômen, sua cintura e quadris enquanto se movia. Ele capturou seu pulso.

– Por favor. – Suplicou, com um desespero que achava difícil de compreender.

– Toque-me outra vez e saio dessa cama. – Ameaçou ele com os dentes apertados.

– Não, por favor, fique.

Unindo os pulsos delicados com uma mão, ele prendeu os braços acima da cabeça, virou-a para que o quadril e o abdômen

ficassem sobre o colchão e os cotovelos dela, apoiados no travesseiro. Esticou-se sobre ela, alinhando o corpo musculoso dele ao corpo dela. Com a outra lhe apertava as nádegas, acariciando e massageando o torso. Beijou-a no ombro e forçou a mão entre o colchão e corpo dela para tocar o seio. Apertando e acariciando o mamilo, com os dedos riscava a linha entre a seda e a carne antes de puxar o tecido para baixo. Com um lento e sedutor movimento de quadris, moveu-se entre suas coxas úmidas.

- Rourke! – Selena o queria dentro dela para escapar do purgatório sensual. Por que lhe oferecia só isto?

- Não é o bastante, não é? – Exigiu ele com dureza. Ela sentia o coração dele bater com força contra as suas costas.

- Não. – Sussurrou ela. Não é o bastante, sem um toque carinhoso, nem palavra doce jamais seria o bastante. – Rourke, eu...

A mão soltou os pulsos, só para lhe tampar a boca.

- Shhhhh. – Exigiu. – Hummm... – Exclamou com voz rouca. Os braços a apertaram com mais força, unindo seus quadris. Seu membro rígido se sacudiu, pulsou e um calor úmido se estendeu pela roupa dela.

Ficaram ali por muito tempo, entrelaçados. Finalmente, ele a soltou e a respiração acalmou. Com um suspiro rouco, soltou os longos cabelos, se virou sobre os lençóis ficando a centímetros dela. Selene o olhou por cima do ombro e se cobriu com os pedaços da camisola.

Ele nem sequer a olhou nos olhos, mas ela sentia a intensidade dos pensamentos dele, quase conseguia ouvir os lamentos que escapavam da sua mente.

Ele se inclinou e jogou a manta sobre ela, cobrindo-a como se fosse uma criança pequena que estivesse colocando na cama. Não houve beijos, nem a enlaçou. Ficou ali atrás dela, seu único movimento foi o toque da mão sobre os cabelos dela.

Selene não se moveu, não tentou se aproximar ou falar com ele, não suportaria a ideia de forçar uma intimidade indesejada para ele. Qualquer que fosse o sentimento que havia despertado momentos antes, agora estava morto depois de ele ter conseguido o alívio do desejo.

Esses poucos minutos pareciam uma eternidade. Seu estômago encolheu, ela sempre soube que as coisas seriam diferentes entre eles. Mesmo experimentando a relação sexual mais intensa de sua existência, se sentia completamente vazia, via os dois estendidos na cama a centímetros um do outro e mesmo assim, a quilômetros de distância. Em sua fraqueza, reconheceu ter cometido um terrível engano.

Com o tempo, ele deve ter assumido que ela estava dormindo, porque calmamente deslizou para fora da cama. Ela ouviu seus pés descalços e o rangido do piso de madeira quando atravessou o corredor entrando em seu quarto, depois o bater de um baú se fechando e ruídos de pés se arrastando. Voltou a passar pelo corredor e desceu as escadas.

As lágrimas desciam por seu rosto. Não sabia o porquê, nunca chorara por um homem. Ao longo dos séculos, aprendera a esperar a traição e o abandono, a manter as emoções calmas e controladas, ao ponto de sentir que não tinha mais um coração.

Mas Rourke... De alguma forma, chegou ao seu coração... A maneira de tocá-la, o beijo tão faminto e, no entanto, não permitiu ser tocado ou ouvir seu nome saindo dos lábios dela...

O que despertara seu coração, agora a deixava doente de medo. Ele a usou, da mesma forma que ela havia usado a outros no passado, para preencher uma necessidade momentânea, uma que requeria só um corpo quente e sem rosto.

Os lençóis estavam com o cheiro dele. Fugindo da cama, ela pegou uma manta, jogando-a sobre os ombros para amenizar o frio que sentia. Seguindo o caminho que ele tomara, desceu a escadaria escura, não o encontrou no salão e nem no escritório.

Sáfra outra vez? Odiava ficar na torre sozinha e a noite.

Não se sentia segura, não sem seus poderes e força. Um pensamento perturbador passou por sua mente, mais do que ninguém, sabia sobre o mau, natural e sobrenatural, existente neste mundo. Agarrou-se mais à manta, decidida a voltar para o quarto.

Ao fazê-lo, subiu as escadas e deu com a porta que sempre estivera fechada, entreaberta. Selene entrou e encontrou uma escada de pedra. A luz suave da lua iluminava o caminho.

O corvo de Rourke estava em um dos degraus, de costas para ela e com o bico apontando para o céu.

O pássaro deu dois pulos antes de levantar voo. Batendo as asas, desaparecendo pouco a pouco na imensidão escura. Selene subiu, com as mãos tocando a pedra fria. O vento formava redemoinhos e um calafrio subiu a pele de sua nuca. Quando por fim chegou ao topo, encontrou Rourke, com os cotovelos tensos no beiral da parede, com as mãos pousadas atrás da cabeça. Descalço, usava uma calça e camisa larga, com a roupa desabotoada. O vento forte movia o tecido, deixando um pedaço de pele nua em suas costas, descoberta.

Ao redor da parede, havia um arco de pedra e nele, sete corvos entalhados sobre pedestais quadrados, com as asas abertas ou semifechadas em postura de voo, imponentes como deveriam ter sido há oito séculos.

Rourke sentiu sua presença, se voltou para enfrentá-la.

De olhos entrecerrados, murmurou:

– Não deveria ter vindo aqui.

Ela respondeu abruptamente:

– Por que está aqui?

Uma forte rajada de vento cheirando a mar sacudia os cabelos e a manta atrás dela.

Ele grunhiu:

– Não lhe devo explicações.

Como antes, não procurou seu olhar, uma clara indicação de remorso, ou vergonha, pelo que acontecera entre eles.

Certamente, seu arrependimento não excedia o dele.

- Não quero nenhuma explicação. - Disse ela, se aproximando. - Entendo perfeitamente o que aconteceu. Deitou-se em minha cama e fez sexo com meu corpo, mas não comigo, não quis ver meu rosto porque estava pensando em outra pessoa. Em Hele...

Ele avançou com o dedo levantado para seu rosto.

- Não diga esse nome, isso não é verdade e não escondi seu rosto de mim.

- É mesmo! - Exclamou ela. - Se não é Helena quem ou o que é? - Gritou.

Os olhos verdes estavam cheios de emoções. Havia raiva e muita dor. De repente, ela agarrou o pulso dele. Então havia mais alguém. Imediatamente a fúria em seu peito diminuiu, mas lutou desesperadamente para manter as chamas da raiva acesas. A ira, ao que parecia, era tudo o que tinha para proteger seu coração de Rourke.

- É este lugar, não é? - Ela indagou. - Ou é algo do seu passado. É a sua esposa, Rourke?

Ele trincou os dentes e com os dedos apertando as têmporas, passou por ela e se aproximou da parede. Ela o seguiu pelo chão de pedras frias, parando atrás dele.

- Sei que deve ser difícil confiar em mim. Mas você me deu esse direito ao se deitar na minha cama. Que fantasma há em seu passado?

Entre dentes apertados disse.

- Quando você mencionou sua mãe, as lembranças parecem que ainda conseguem perturbá-la. Não, não negue, você chegou a quebrar a taça.

- Muito bem, não vou negar. - E não se aproximou mais dele, sem ter certeza de que ele aceitaria o seu consolo.

Ele fechou os olhos.

- Se eu falar sobre isso, vou destruir algo...

- Faça-o, então.

Um gemido escapou da garganta dele. Havia uma complexidade de emoções ocultas debaixo da superfície de calma e tranquilidade em Rourke. Todos os imortais viveram por tempo suficiente para reclamar uns cem números de tragédias em seu passado.

- Às vezes, desabafar pode ajudar.

- Posso destruir você. - As palavras sussurradas a tocaram. Indicaram que apesar da dor que lhe infligiu talvez se importasse com ela.

- Se nada até agora me destruiu durante todos esses séculos, Rourke, qualquer coisa que me diga ou faça, não causará danos permanentes. - Respondeu corajosa, depois de um longo silêncio, ele moveu a cabeça.

- Não quero tornar a minha dor em sua.

Ela esperou por uma explicação, mas não veio. Em vez disso, ficou em silêncio. Em um arrebatamento de ira, decidiu que não pediria ou suplicaria para saber o que se passava no coração dele. Sempre fora sozinha e vivera bem assim.

- Como queira. - Ela se afastou, cortando o vínculo entre eles, mesmo que esse vínculo tivesse existido só em sua mente.

Se ele não confiava nela o bastante não o pressionaria. Mas não iria ser usada como um corpo sem rosto ou nome para que se libertasse de seus demônios, embora no canto mais escuro do seu coração, quisesse sentir seu toque novamente. Talvez, Rourke realmente tivesse medo de machucá-la se ela viesse a se aproximar muito. Chega, já era hora de pôr o coração em uma caixa trancada e se esquecer de onde escondeu a chave.

– Não se aproxime de mim outra vez, Rourke.

A mandíbula enrijeceu e ele assentiu.

Ela se negou a sair correndo pelas escadas como uma donzela em fuga. Se o fizesse, seria um reconhecimento de derrota. Resolveu ficar. Dirigiu-se lentamente ao corvo de pedra mais próximo. Uma névoa fria rodeava a torre e o contorno irregular da pedra, não oferecendo nenhuma proteção contra o vento gelado do oceano. Cada rajada lhe alvoroçava o cabelo e corava as faces. Ela passou os dedos sobre as asas de pedra do corvo. O tempo e o assalto constante dos ventos vindos do oceano deixaram suas marcas e os cantos esculpido mais irregulares.

Rourke se moveu e pareceu se fixar em algum ponto perdido. Ela seguiu a direção do seu olhar. Pontos de luz alaranjados surgiam no outro lado do rio, fogueiras onde havia um campo deserto.

Odiava não poder aumentar seu poder de visão e ver na escuridão. Rezou para que seus poderes não demorassem a voltar, então não dependeria de mais ninguém, além de si mesma.

Curiosa demais para manter-se em silêncio, perguntou-lhe:

– O que vê?

Ele se inclinou, apoiando os cotovelos sobre as pedras.

– Muitas carroças.

– São ciganos?

– São muitos para ser só uma trupe de ciganos.

A tensão de Selene se aliviou um pouco. Conversavam como dois Guardiões das Sombras compartilhando observações. Talvez com o tempo, esquecessem dessa noite e voltariam a apreciar a companhia um do outro.

– O que acha que são?

– Vou investigar pela manhã.

Ele encontrou seu olhar e pareceu tentar sondar seus pensamentos. Selene sabia manter a mente em branco e ilegível e o fez agora. Não compartilharia mais de si mesma com ele.

– Boa noite, Rourke.

Na manhã seguinte, Selene estava parada em frente à janela aberta. Manchas escuras destoavam na paisagem campestre, evidência das fogueiras da noite anterior, mas as carroças se foram, provavelmente pela estrada principal. Talvez Rourke tivesse investigado mais cedo. Vestiu-se com o apuro habitual, escolheu um vestido tafetá azul e veludo amarelo, de cintura estreita e bem volumosa em baixo. Ao abrir a caixa de joias, escolheu algumas peças. Seu olhar pousou em duas longas varinhas de marfim, eram muito antigas e haviam desempenhado um papel importantíssimo na perseguição de Jack o estripador e sua Noiva Escura. Às vezes guardava algumas lembrancinhas das recuperações. Nada macabro, como uma cabeça encolhida ou uma fileira de dentes, mas sim objetos antigos como os pergaminhos enrolados nas varinhas, já muito deteriorados, encontrou-os dentro de um cilindro de madeira esculpido em um templo na Índia.

Perita na conservação de documentos restaurou cuidadosamente os manuscritos. E seu irmão traduziu as inscrições antigas para que, junto com lorde Black, pudessem ler as profecias que descreviam a intenção de Tântalo de escapar do Tártaro, como também antecipar seu ataque a Londres e a seus cidadãos.

As varinhas além de belíssimas, pareciam impregnadas de força mística. Nessa manhã, se recordara de quem fora antes de perder seus poderes, e o que seria uma vez mais. Precisava acreditar que seus poderes de Guardiã das Sombras logo voltariam. Sem essa esperança, cairia em desespero.

Escovou o cabelo, fez duas tranças e os prendeu com as varinhas no alto da cabeça, deixando o resto do cabelo longo caído pelas costas. Subitamente ouviu vozes vindas do salão, era Rourke e outra pessoa, desceu rapidamente.

Ele estava de pé diante da janela, segurando uma carta. Os ombros largos bloqueavam grande parte da luz da manhã. Ela sentiu uma pontada de ansiedade. O visitante estava perto da lareira tirando o chapéu. Seus olhos se estreitaram quando ela o reconheceu.

Um tapa-olho escuro cobria um dos olhos. O outro se estreitou ao ver Selene.

– Leeson. – Ela sussurrou.

Rourke se voltou.

Uma sobrancelha densa de Leeson se levantou.

– Basta olhar para seu rosto, condessa, e ver a alegria pura em reconhecer um velho amigo. – Leeson respondeu como saudação.

Dirigindo-se a Rourke, ela perguntou.

– Por que ele está aqui?

Ela esperava que Rourke respondesse com frieza, entretanto, um brilho malicioso brilhou em seus olhos. Dando de ombros.

– Você não disse que precisava de um Leeson?

– Ela disse isso? – Leeson sorriu, olhando para ela e depois para ele com um sorriso cínico no rosto.

– Pediu a ele que viesse? – Ela inquiriu Rourke incrédula.

– Não. Não especificamente, mas já que está aqui... – Disse Rourke, com um sorriso. – Leeson seja bem vindo.

Leeson deu dois passos na direção dela.

– Todos em Londres estão se esforçando em por fim às ameaças de Tântalo, mas lorde Black e lady Elena... Ah, acho... Bem, precisam de um pouco de tempo para si mesmos, principalmente depois das notícias recentes. E Mark, bem... Vai descansar em algum lugar escondido, com sua querida esposa, Willomina. Parece que fiquei um pouco perdido por lá, realmente não precisam de mim.

- Se ninguém precisa de você, por que não aproveita a oportunidade para tirar umas férias? - Selene sugeriu cheia de malícia. - Sei que você gosta muito de Paris, não? Tenho uma casa em Aix-les-Bains. Pode ficar lá. As chaves devem estar na minha caixa de joias. - Ela se aproximou dele de forma ameaçadora. - Vou buscá-las agora mesmo.

- Ah! Não se incomode. - Leeson a deteve com a mão. - Lorde Avenage precisa de mim em Swarthwick.

- Os Primitivos o mandaram para cá?

Rourke levantou um papel.

- Aqui estão suas ordens.

Ela se fez de desentendida.

- Não há nada aqui que requeira sua atenção. Avenage fará um relatório lhes informando que sua assistência não é necessária em Swarthwick.

Leeson insistiu.

- Poderia ajudar Sua Senhoria com a correspondência e ajudar a pôr o lugar em ordem. - Olhou ao redor.

- Swarthwick está muito bem assim. Pelo menos, para os próximos dias. Estou segura de que voltaremos a Londres em breve. Se partir agora, chegará logo a Londres e depois Paris.

- Condessa. - Rourke levantou um dedo pedindo atenção. - Perdão por me intrometer nesta pequena discussão. Mas acho que o senhor Leeson recebeu ordens de servir a mim. Como Three e Shrew não estão aqui precisarei de um pouco de ajuda para lidar com aquele artefato de comunicação dos Primitivos.

Leeson se inclinou respeitosamente.

- Sou muito habilidoso no que se refere a máquinas.

Com o olhar de Rourke fixo nela, Selene disse:

– Não espere que eu fique onde esse sujeito estiver. Vou ver como Nathan está. – Deu meia volta e começou a se afastar, quando Rourke a chamou.

– Selene, espere. Esqueci-me de dizer que o rapazinho se foi ontem à noite.

Selene exclamou.

– Mas, por quê?

Leeson interveio.

– Nathan... Um menino de cabelos loiros e olhos castanhos?

Rourke encarou o homenzinho.

– Conhece-o?

– Sim. – Ele assentiu. – O encontrei caminhando para Swarthwick. Disse-me que ele e suas irmãs vinham trabalhar aqui.

– Irmãs? – Selene franziu o cenho. – E os deixou a pé, no meio do caminho?

– É claro que não. – Respondeu ele na defensiva. – Mandei-os subir na carruagem. Quando chegamos, se dirigiram para a parte de trás do castelo, como se soubessem exatamente aonde deveriam ficar. Pensei que os esperavam.

Mais que depressa, deixando os dois homens, Selene atravessou a cozinha e cruzou o pátio. Ao passar pelos estábulos, entrou no conjunto de cabanas dos criados.

À sua entrada intempestiva, três rostos se voltaram para ela, Nathan e duas mocinhas. Todos compartilhavam a mesma cor avermelhada dos cabelos e o nariz sardento. Todos vestiam roupas puídas e tinham as expressões tensas e cheias de esperança. A pouca distancia atrás deles, duas sacolas de lona cinza encostadas à mesa de madeira.

– Senhora condessa. – Disse Nathan. – Estas são minhas irmãs, Hannah e Kate.

As garotas fizeram uma reverência.

– Sejam bem vindas Hannah e Kate. – Selene sorriu.

Passos soou atrás dela. Rourke, seguido por Leeson.

Nathan se apurou e limpou a garganta.

– Bem, nos perguntávamos se a senhora e o Lorde estariam procurando alguém para ajudar na cozinha ou na casa.

– Somos fortes e garantimos que trabalharemos bastante para agradá-los. – Hannah disse seriamente.

– Sabemos costurar, limpar e cozinhar. – Disse Kate.

Rourke olhou para Selene antes de responder:

– Estou certo de que precisaremos de vocês, não é condessa?

Nathan fechou os olhos e sussurrou:

– Obrigado, meu lorde.

Hannah tomou a mão de sua irmã. As duas tinham os olhos cheios de lágrimas.

– Senhor Leeson, assegure-se de que tenham tudo o que precisarem.

– É claro, meu lorde.

Aos irmãos, Rourke explicou:

– Agora, quero que se acomodem e comam um pouco. O senhor Leeson se encarregará de distribuir as tarefas. Nathan, seu serviço será no estábulo e às mocinhas na casa. – Eles assentiram com entusiasmo. Depois de uma conversa amistosa com os jovens, Selene seguiu os dois homens que a esperavam na entrada do castelo.

Rourke disse a Leeson.

– Podem ajudar aqui em Swarthwick até que eu e Selene voltemos a Londres.

Selene perguntou:

– E se o padrasto vier à procura deles? Suspeito de que não seja o tipo que deixará isso passar em branco.

Rourke a olhou nos olhos. Dentro deles havia uma ferocidade controlada.

– Se for tolo o bastante... Bem, eu me encarregarei disso. Não voltarão em hipótese alguma para a casa daquele homem.

– Mas o que está acontecendo? – Perguntou Leeson. – Fala como se os três fossem seus filhos. – Ele riu entre dentes.

– É claro que não. – Murmurou Rourke, desviando o olhar para o outro lado. – Mas vou cuidar do futuro dos três. Manutenção e educação.

O imortal de um só olho assentiu.

– Muito bem, meu lorde, eu estou encantado em ajudar com os acertos.

– Deve mantê-los juntos, como uma família. – Avisou Selene, pensando em seu próprio irmão, Mark, e o quão perdida teria estado se a tivessem separado dele, depois da morte de seus pais.

– De certo condessa. Tudo será providenciado.

Selene passou o restante do dia em seu quarto, lendo e tentando chamar seus poderes. De vez em quando, ouvia passos no corredor e Leeson instruindo as garotas em suas tarefas.

Por volta das quatro da tarde bateram à sua porta.

– Pode entrar.

No vão da porta surgiu Hannah, com uma pequena pilha de lençóis dobrados nos braços.

– Há um cavalheiro e uma dama no piso inferior falando com o senhor Leeson.

- Um cavalheiro e uma dama... Oh, sangue e trovão. É o senhor Silverwest e a senhora Thrall. Esqueci-me por completo de que os convidei para tomar o chá. Estou perdida, não tenho nada preparado.

Capítulo 12

– Condessa. – O senhor Silverwest se levantou da cadeira quando ela entrou na sala.

Seu olhar a apreciava com intensidade encantadora enquanto se aproximava. Tudo nele demonstrava que estava ciente da presença dela e de quanto se sentia atraído por ela. Para ser sincera consigo mesma, ele era até mais bonito que Rourke, um homem forte e de presença marcante, com aqueles cabelos dourados, belos traços masculinos e olhos azuis que a recordavam do Mar Mediterrâneo. Então, por que sempre sentia a presença de Rourke, como um espectro escuro e possessivo?

Os olhos do senhor Silverwest se encontraram com os seus quando se inclinou para lhe beijar a mão. Ela o atraía e muito, um ar de malícia e cobiça emanava dele, Selene desejou sentir o mesmo, mas não conseguiu.

Sua bela irmã estava do outro lado do salão, sorrindo abertamente.

– O castelo é absolutamente encantador.

Só então Selene se deu conta da diferença no salão. A luz do sol se filtrava pelas janelas, revelando os vidros da janela impecáveis e a madeira polida. O chão de pedra brilhava com uma fina capa de cera. Vários tapetes limpos e estendidos sobre o chão. Embora antigos, adaptavam-se perfeitamente ao aspecto rústico do castelo. Os móveis foram remanejados para ajustar-se melhor à grande janela, que oferecia uma bela vista das colinas e do rio, mas também para dirigir o olhar para a grande lareira de pedra, onde um fogo crepitava e resplandecia com vigor.

Um arranjo perfeito de hera com enormes folhas verdes, salpicadas de vermelho adornavam o aparador grande contra a parede.

A senhora Thrall passou os dedos por uma folha espetacular.

– Deus, onde encontrou esta maravilha?

– Não tenho ideia. – Selene se dispôs a confessar. Sentia-se envergonhada. Não preparou o chá, sanduíches nem mesmo um bolo. Em Londres, simplesmente solicitava na cozinha do hotel e pronto.

– Na margem esquerda do rio. – Anunciou uma voz tranquila e educada atrás dela.

Selene fechou os olhos e mordeu a língua, Leeson entrou com uma bandeja enorme de prata artisticamente trabalhada e com o serviço de chá completo.

Apesar de ela esperar um olhar zombador, ao se virar, ele não fez tal coisa. Limitou-se a baixar a bandeja à mesa baixa colocada diante do sofá. Fez uma reverência a Selene e disse:

– O chá está servido, senhora.

Ela piscou sem poder acreditar, nenhuma zombaria?

– Obrigada, Leeson.

Quando Leeson saiu do salão, Rourke entrou vestido elegantemente para receber os visitantes, com calça bege e um casaco azul escuro. Selene sentiu o coração acelerar, quase se esqueceu de respirar quando encontrou o olhar verde e frio. Os dedos largos ajustavam a gravata, como se a tivesse colocado agora.

– Silverwest. – Assentiu com frieza. Mais quente e com um esboço de sorriso, saudou a loira pálida que estava na janela. – Senhora Thrall.

Selene não pôde deixar de notar o rubor que tingiu as faces da senhora Thrall com a presença dele. O que mais a irritou foi o mesmo rubor se apresentar em seu rosto.

Selene não era muito versada em tarefas domésticas, mas sabia muito bem como servir o chá.

– Por favor, sentem-se.

Rourke tomou o único assento disponível, ao lado da senhora Thrall no sofá. Cada vez que olhava Selene, seus olhos ardiam. Deus, nunca viu uma mulher mais deslumbrante.

Ela se sentou em uma cadeira de respaldo alto, do lado da lareira crepitante e o bastardo do Silverwest se sentou na outra. Eles se olhavam, como se fossem os malditos rei e rainha de Swarthewick, ele de ouro e ela toda sedosa, morena e felina.

O desejo lhe esquentou a virilha, alimentado por se recusar a usar o corpo dela para se aliviar. Ao contrário do que pensara naquela noite, que ao possuí-la se livraria daquele desejo irrefreável, agora precisava lutar com mais tenacidade consigo mesmo para não tê-la de novo.

Na noite anterior não conseguiu dormir. Caminhara pelo castelo como uma alma penada, amaldiçoando e querendo entrar em seu quarto para fazer amor com ela de uma maneira plena. A lembrança do cheiro da pele dela nublava sua mente como um sonho denso, inesquecível, sentia-se devorado pelo desejo insatisfeito.

Olhando para ele apenas fugazmente sobre o bule fumegante, ela levantou com elegância uma xícara de chá da bandeja e verteu o líquido âmbar. Depois de ter servido os visitantes, ele aceitou a sua xícara de mau humor. Sua vontade era a de lançar a porcelana contra a parede, só para aliviar a frustração, queria agarrar a condessa, atirá-la por cima do ombro e levá-la para o quarto e se consumir no fogo do desejo, mas sabia que não deveria.

A cada vez que Selene se movia, os seios, que agora sabia que não era produto de seus sonhos mais deliciosos, apertavam-se no vestido. Embora respeitosa e cobertos por veludo e renda, pareciam acompanhá-lo como dois olhos audazes. Pelos Primitivos, imaginava o tipo de roupa íntima que ela poderia estar usando.

Talvez não se sentisse tão possessivo se Silverwest não estivesse tão atento a ela e claramente imaginando o mesmo tipo de coisas.

A conversa entre eles era um zumbido sem sentido em seus ouvidos até que a voz de Selene chamou sua atenção.

- Avenage.

Ele piscou.

- Sim?

- O senhor Silverwest lhe fez uma pergunta. - Ela sorriu para os visitantes. - Peço desculpas pela falta de atenção do meu irmão. Ele recebeu notícias de Londres.

- Negócios? - Perguntou a senhora Thrall em voz baixa.

- De fato. - Rourke respondeu.

Selene novamente chamou sua atenção

- O senhor Silverwest ainda quer saber se está interessado em vender Swarthwick.

- Meu irmão sem dúvida pode fazer uma oferta que valha a pena. - Adicionou a senhora Thrall, girando os olhos azuis brilhantes para ele. Usava um pequeno chapéu verde envolto em renda preta e flores. O cabelo loiro brilhava como a luz do sol. Por um momento, a cor o distraiu. Então se lembrou da pergunta que estava a ponto de responder.

- Sinto muito. - Disse. - Mas depois de passar as últimas duas semanas aqui, mudei de opinião.

Venderia o lugar a Nathan por um xelim antes de aceitar qualquer oferta de Silverwest. Era uma reação ridícula, pensou, mas não conseguia evitar.

- Desculpas não são necessárias. - Respondeu Silverwest de bom humor, dando seu maldito sorriso de menino a Selene. - Às vezes precisamos chegar à beira de perder algo valioso para entendermos o quão querido nos pode ser.

O homem o olhou diretamente, e nesse olhar, inconscientemente, transmitiu uma intenção tácita, que só outro

homem entenderia. Em qualquer lugar onde houvesse relações entre homens e mulheres, sempre haveria um macho dominante. Silverwest desejava sê-lo agora.

Nem sonhando, grunhiu o macho em Rourke.

– Simplesmente temos que visitá-lo mais vezes para admirar esse lugar. – Disse a senhora Thrall. – Que maravilhoso tê-los como vizinhos.

Silverwest puxou o relógio de ouro do bolso da calça. Ao baixar o olhar, disse:

– Tenho que ver algumas cabeças de gado às cinco. Aumentei o tempo do meu contrato de arrendamento de Astley e se quero parecer um típico cavalheiro do campo devo ter algum gado e cabras, não?

A senhora Thrall disse:

– Ah, antes que me esqueça, minha querida, poderia oferecer alguma coisa para o bazar da igreja? Não deve esquecer que é amanhã. Vocês irão, não? O evento é agora mais importante, já que o dinheiro arrecadado será usado na reconstrução da área destruída. – Sorriu para Rourke. – Até bordei lenços e os doei para a causa. Que cavalheiro tem lenços suficientes, não? – Ela jogou um olhar a Selene, as delicadas sobancelhas se levantaram. – Tenho certeza que o pároco apreciaria qualquer prenda.

Selene assentiu.

– É claro. Estou certa de que tenho algo. Se puder esperar um momento?

Ela se levantou. Ao mesmo tempo, Rourke e Silverwest se levantaram no cortês reconhecimento de sua saída. Seus olhos se encontraram. Silverwest sorriu encantadoramente. Quando Selene se foi, a senhora Thrall começou a tagarelar sobre a mansão Astley e os habitantes do povoado que conheceu. Bla, bla, bla, bla, bla. Rourke assentia a intervalos com cortesia e dizia:

- De certo. - Quando parecia apropriado, eventualmente apoiando o queixo no punho dobrado.

Silverwest se movia pelo salão, olhando cada objeto, pedra e tapeçaria com as mãos cruzadas nas costas.

Finalmente, Selene retornou com uma cesta.

- Não sou muito talentosa com agulha e linha. Ou pintura... - Sorriu com certa timidez e agitou a mão. - Ou na cozinha... Bem, você entende, por isso reuni algumas coisas que já não uso mais.

A senhora Thrall insistiu em voz baixa.

- Não seja modesta, minha querida, de certo tem muitos talentos.

Destruindo almas perversas. Cortando cabeças. Cravando espadas em corações negros. Deixando os homens loucos para ter sexo com ela. Rourke pensou.

Selene encolheu os ombros.

- Sou uma excelente amazona e adoro arco e flecha.

- Ah, uma esportista. - Disse Silverwest com admiração.

Rourke observou o olhar quente sobre a cintura estreita de Selene e a profusão exuberante do busto.

Rourke grunhiu.

Silverwest o olhou.

- Perdão?

- Há um pouco de fumaça escapando da lareira. - Ele levantou um dedo, apontando a nada em particular. - Só estou limpando minha garganta. - Selene entregou a cesta à senhora Thrall, que quase a deixou cair.

- Minha querida, é mais pesada do que imaginava. - E investigou o interior, tirando dois livros presos por uma fita

alaranjada. Deu a volta nos volumes de capa escarlate e letras douradas e leu os títulos.

– ‘A Volta ao Mundo em Oitenta Dias’ e ‘Viagem ao Centro da Terra’... Do senhor Verne. Nunca ouvi falar desse autor, mas são belíssimos. São de sua coleção particular?

– Sim, mas parece que meu gosto mudou nos últimos tempos. Conseguirá um ótimo preço por eles.

– E que é isto? – A senhora Thrall tirou uma bolsa de veludo turquesa amarrada com um cordão dourado. Deixando de lado a cesta, abriu a bolsa.

A jovem ficou sem fôlego.

Rourke recuou atordoado. Os olhos de Silverwest se arregalaram.

Na palma da mão da senhora Thrall se derramaram duas correntes de ouro, um grande pingente de rubi, e vários anéis com pedras preciosas.

– São verdadeiras?

– Suponho que sim. – Selene respondeu tranquila. Recolhendo as xícaras de chá, os pratinhos e os devolveu à bandeja de prata, claramente alheia à surpresa de todos. – Nunca as mandei avaliar.

– Essas joias dariam para construir vinte igrejas novas. – Declarou Silverwest.

– Bem, então, talvez possa dar-se ao luxo de construir uma residência mais adequada ao pároco e uma escola para as crianças do povoado, não?

Leeson surgiu com o xale da senhora Thrall e o casaco do senhor Silverwest.

A senhora Thrall estendeu a cesta a Rourke.

– Poderia fazer a gentileza lorde Avenage? – Passou o xale sobre os ombros e o amarrou. – Passarei o resto do dia recolhendo donativos e ainda terei de fixar os preços de venda até amanhã.

O monólogo interferia na capacidade de Rourke ouvir o que Silverwest estava dizendo à Selene. Isso não ocorreria normalmente, mas o estado de agitação frustrava suas habilidades, essa sua obsessão pela condessa deveria ser esquecida para voltar a ser o frio guerreiro que sempre foi durante os últimos oito séculos.

Assim que as visitas se foram, ele se afastou em direção ao escritório.

– Aonde vai? – Perguntou Selene em voz baixa.

– Ver se Leeson conseguiu fazer o artefato funcionar. Talvez haja instruções para voltarmos a Londres e possa ser salvo de qualquer chá da tarde miserável com mais algum vizinho.

Selene o viu se afastar, sabendo que o que ele realmente desejava, era se afastar dela. Não era de sua natureza persistir em tentar seduzir um homem que não demonstrava nenhum interesse nela, não, não faria isso. Retirou-se em direção ao seu quarto. Encontrou Kate tirando o pó e Hannah voltando a encher a jarra de água.

– Boa tarde, meninas. – Disse com um sorriso triste.

– Boa tarde, minha senhora. – Respondeu Kate alegremente.

Hannah assentiu e fez uma reverência com acanhamento.

Dias antes, Selene pendurou uma série de vestidos na parede do fundo do quarto de modo que facilitasse a escolha e guardá-los no baú quando voltassem para Londres.

Kate que era certamente a mais extrovertida das duas, perguntou:

– Seus vestidos são muito bonitos. Foram feitos em Londres ou em Paris?

– Em qualquer lugar que estivesse no momento.

Selene não pôde deixar de notar uma vez mais o mal estado das roupas das meninas. Estavam remendadas e eram excessivamente grandes, talvez fossem da mãe. Desde quando era apenas um bebê Selene sempre foi esplendidamente vestida. Sua mãe considerava a ela e ao seu irmão Mark, como troféus de sua relação amorosa com Marco Antônio, como o seu irmão mais velho, Cesário, representava sua relação com César. Mesmo depois de Cleópatra e Antônio morrerem, Selene era uma prisioneira glamorosa. Otaviano desfilava com eles pelas avenidas da antiga Roma, como troféus de guerra com grilhões e correntes de ouro.

Ao ver como os olhos das meninas em repetidas ocasiões retornaram às sedas, aos cetins e veludos pendurados na parede, ela abriu o seu segundo baú e olhou dentro.

– Vamos ver o que há neste baú meninas?

Dois pares de bochechas se avermelharam e em segundos, as garotas estavam paradas ao lado dela. Ela levantou um vestido rosa. A cor lhe recordava a senhora Thrall na tarde de sua apresentação. Apesar da mulher não ter feito nada para ofendê-la, lembrava de como a pequena loira reagira ao avistar Rourke e o olhar de admiração... Bem, Selene não acreditava que voltaria a usar esse tom de rosa de novo.

– Não sei por que este vestido veio de Londres. – Suspirou. – Oh, está apertado demais, vejam. A costureira cortou o tecido com as medidas erradas, mas eu estava no estrangeiro e quando voltei já era muito tarde para devolvê-lo.

Kate mordeu o lábio inferior.

– Que horrível senhora. – Declarou Hannah, que parecia realmente penalizada.

– Alguma de vocês gosta de rosa?

Os olhos se abriram, grandes e cheios de emoção.

– E aqui há outro vestido que não me serve mais, só que é verde. – A senhora Thrall estava de verde está tarde. Ao que parecia o verde era também a cor da maldita inveja dela. Selene

selecionou outros quatro e sua pobre costureira em Paris levava a culpa de cada imperfeição dos vestidos. Tendo em conta a quantidade de dinheiro que ganhou com Selene nas últimas temporadas, não acreditava que a mulher se importasse absolutamente.

Selene abriu uma caixa de madeira.

- Tenho um kit de costura.

Lady Black, uma senhora sempre prática, incluiu a tolice em um dos baús. Selene não sabia exatamente o que fazer com o conteúdo de um kit de costura, mas ela o deu às meninas com a esperança de que pudessem trabalhar nas alterações elas mesmas. Hannah e Kate sorriam através dos metros de tecido em seus braços. Depois de também lhes dar as anáguas, pediu para que fossem descansar pelo resto da tarde, já que todos iriam à cidade para o bazar da igreja no dia seguinte.

Uma vez mais, concordou com o apelido dado por Threw a aquele povoado. Qualquer outra pessoa, observando as reações de alegria nos rostos das meninas, pensaria que foram convidadas a uma das famosas festas de lady Kerrigan em Curzon Street.

Selene fechou a porta do quarto e se sentou na cama. Sentia-se bem em proporcionar um pouco de alegria as meninas e melhor ainda em poder ajudar o pároco e esperava sinceramente que ele usasse parte do dinheiro na construção de uma escola para o povoado.

- Querido tolo. - Riu, olhando para o teto alto. - Graças aos Primitivos, ninguém o viu.

A leve fragrância lhe chamou a atenção, levando-a até uma pequena mesa de canto. No meio da desordem dos livros e das roupas, estava uma flor de lótus negra, amarrada a um belo laço vermelho em seu caule grosso e verde.

Pegou-a com cuidado e saiu do quarto. A cozinha estava vazia, mas um cheiro maravilhoso vindo do caldeirão em fogo lento

impregnava o lugar. Encontrou as meninas enquanto cruzava o pátio, os braços carregados com os presentes.

– Kate! Hannah! Alguma de vocês deixou esta flor em meu quarto?

– Sim. – Respondeu Kate. – É muito bonita. O senhor Leeson disse que a trouxe com ele de Londres.

Leeson! Seu peito apertou ao se dar conta.

– Sabe onde está o senhor Leeson? – Perguntou ela.

– O vimos na colina sacudindo e batendo os tapetes com Nathan.

– Obrigada meninas. – Selene as deixou e, ainda segurando a flor, rodeou o castelo e começou a subir a colina. Efetivamente, encontrou Leeson e Nathan batendo nos tapetes que estavam sobre uma corda presa a dois troncos altos, cada um segurando uma raquete de madeira.

– Isso mesmo. – Ria Leeson. – Rebata de novo! Farei de você um campeão de cricket!

Nathan se pôs a rir, batendo no tapete. Uma nuvem de pó inundou o ar. Ele disse algo entre dentes.

– Senhor Leeson. – Selene chamou imperiosa.

Ele se virou, seu único olho lacrimejava. Tossiu e esfregou o nariz para se livrar do pó.

– Continue meu rapaz. Voltarei em um momento. – Cauteloso, dirigiu-se a Selene, seu olhar desceu até a flor que ela trazia na mão. – Sim, minha senhora?

– Você!

– Eu, minha senhora?

Ela suavizou a expressão.

- Esteve deixando flores de lótus em meu quarto, aqui e em Londres.

Ele encolheu os ombros.

- Tenho certeza que as meninas...

- Foi você!

Ele baixou os olhos.

- Perdão senhora, realmente é verdade. - Admitiu, ruborizado.

- Agora como conseguirei continuar a arreliá-lo?

- Sempre se pode mudar de opinião. - Afirmou esperançoso. - Deve haver algo no campo... Ou algo mudou na senhora depois de acordar, que a tornou diferente. Não, não se preocupe não tem nada haver com a transição. Estou convencido de que o antídoto de lady Black a curou totalmente.

- Também acho. - Respondeu em voz baixa. - Deve informar sua opinião aos Primitivos da próxima vez que se comunicar com eles. Desejo voltar a Londres o quanto antes.

- Com certeza, senhora. - Assentiu, olhando para ela.

De repente, ela puxou o rosto dele entre as mãos e lhe plantou um beijo estalado na fronte calva.

- Talvez, sempre tivesse gostado do senhor. Somente não me dei conta.

Um sorriso de alegria se estendeu na boca com marcas da idade, enrugando a pele em volta do olho castanho.

- Senhora, sempre a admirei. Só não achava que a senhora e lorde Black deveriam ficar juntos, por isso colocava obstáculos para que não ficassem sozinhos na mansão.

- E tinha toda razão, ele não era para mim, agora preciso encontrar alguém tão bom quanto o senhor, não? - Perguntou ela com malícia, mas a imagem do rosto severo de Rourke lhe passou pela cabeça.

- Ah, condessa... - Ele apertou as mãos dela que ainda descansavam em suas bochechas e se ruborizou ainda mais. - A senhora encontrará, tenho certeza.

Os próximos dias se passaram sem incidentes e em muita atividade. Com Leeson administrando o castelo e a presença de Nathan, Kate e Hannah, se tornou mais fácil Rourke e Selenia se evitarem. Ela passava muito tempo com as meninas, saíam para longas caminhadas e respondia as várias perguntas que faziam sobre o mundo, moda e os costumes de outros lugares. Rourke, de sua parte, permanecia na companhia de Nathan e Leeson. Sempre estavam consertando algo. Martelando e serrando. Durante o dia, ela se sentia mais segura de que poderia manobrar a situação em Swarthwick e evitar que seu coração acabasse destruído de vez. Mas a noite, deitada na cama, era por demais torturante. Os efeitos do antídoto desapareceram, não sentia mais tanta necessidade de dormir por períodos prolongados de tempo. Então, sofria longos períodos de vigília, esperando que Rourke se deitasse tarde da noite, provavelmente por pensar que ela já dormia. Ela o ouvia caminhar e o ranger da cama ou dos lençóis quando se deitava. Em muitas ocasiões o ouvia roncar e por alguma estranha razão a fazia sorrir e se sentir solitária também.

Entretanto, nessa manhã, depois de se vestir, decidiu encontrá-lo. Habitualmente ele começava o dia no escritório, analisando as informações vindas de Londres, tanto dos Primitivos como dos Ravens, e preparava as ordens para os Ravens.

Como esperava, ela o encontrou no escritório, sentado atrás da escrivaninha. Um elmo de aro de bronze rodeava a cabeça de Leeson, que ainda usava uma espécie de concha dourada na orelha direita. Murmurava palavras incompreensíveis, ao menos para ela. Diferente de Leeson, ela não era um antigo, um dos trinta e nove seres sobreviventes que recomeçaram a vida como

Amaranthines, portanto não compreendia o que ele estava dizendo. A linguagem simplesmente não era algo que se pudesse ensinar a outros. Nascia com eles.

Rourke encontrou seus olhos.

– Bom dia Selene.

Ela não pôde deixar de notar a forma como os lábios sensuais pronunciaram seu nome, sedentos, como se quisesse beber dela. Apesar do seu corpo despertar em resposta, ela se recusou a mostrar interesse. Ele não tinha o direito de olhá-la assim. Ela quase disse isso, mas decidiu que seria melhor fingir que simplesmente não o notou.

Com uma simples inclinação de cabeça, perguntou.

– Há alguma notícia?

Ele não queria lhe dar explicações, ela sabia. Não até que tivesse a permissão dos Primitivos. Entretanto, desde sua chegada sempre lhe dera pequenas impressões particulares para satisfazer sua curiosidade sobre as coisas em Londres.

Ele se inclinou em sua cadeira.

– Archer informou que quase todo o Olho de Pharos foi recuperado do Tâmisia.

O Olho de Pharos era um espelho poderoso usado uma vez no legendário Farol de Alexandria, no Egito, durante o século III A.C. Sua luz intensa e o calor refletido do sol além de guiar e proteger os navios que entravam no porto egípcio, também poderia ser utilizado como arma contra os ataques de frotas ou exércitos. Os brotois, Tântalo e a Noiva Escura, tentaram usar o Olho como uma arma em Londres. Quando os Guardiões das Sombras lutaram contra a Noiva Escura, o espelho se perdeu no rio Tâmisia.

– Por que diz quase todo?

– Ao que parece, o espelho se arrebitou em pedacinhos à medida que desceu a correnteza do rio. Os Primitivos tiveram que pedir ajuda às Nereidas para procurar e recuperar todas as peças.

– Elas gostam de coisas pequenas e brilhantes. – Disse Selene com um sorriso cínico.

– Entretanto, o Tâmis é imenso. Só posso imaginar o quão difícil foi encontrar cada fragmento. – Rourke completou. – Além disso, suspeita-se que há outro brotoi livre. Os Recuperadores captaram um fio poderoso, só para que ele...

– Ou ela. – Selene aparteu. Em sua experiência, as fêmeas brotoi eram tão sanguinárias quantos os machos.

– Correto. – Rourke apontou a ponta de uma pluma de tinta a ela. – Só que ele ou ela desapareceu em Whitechapel.

Selene assentiu. Não havia dúvida de que seguiriam caçando o brotoi do Tântalo. A densa concentração de miséria nesse distrito, habitado pelos mais desesperados e esquecidos de Londres, proporcionava um lugar ideal para o brotoi se esconder. A habilidade de caça de um Recuperador se apoiava, em certa medida, nas emoções e nos pensamentos, ou na ausência total dos mesmos, que emanava das almas transcendidas. Quando essas almas deterioradas se cercavam tão densamente no ódio, inveja e desespero nesse distrito, a capacidade dos Reclamadores para distingui-los do resto da população se tornava muito mais difícil.

No campo, seria mais fácil recolher um rastro brotoi.

– Estão percorrendo os necrotérios? – Perguntou.

– Sim, mas até agora não encontraram nenhuma vítima que se possa vincular a um brotoi.

Esse tipo de morte seria fácil de diferenciar das demais na cidade. Até o momento todo brotoi que os Reclamadores encontraram, pareciam preferir as facas. Apunhalavam, cortavam, mutilavam e esquartejavam as vítimas com prazer sangrento. Também sumiam com partes do corpo, tanto internas quanto externas. Cabeças, por exemplo... Alguém poderia acumular cabeças.

– Londres parece tranquila demais para mim. – Disse Selene.

Ele juntou os dedos, inclinou a cadeira para trás e ficou olhando o teto.

– O que significa que algo grande está por acontecer.

Ela mordeu a unha do polegar.

– Penso o mesmo.

Leeson tirou o elmo de bronze e afastou a concha do ouvido. Com uma piscada a Rourke, anunciou.

– Seus relatórios foram apresentados aos Primitivos e os pedidos transmitidos aos Ravens da Torre de Londres. Alguma outra coisa esta manhã, meu senhor?

– Não, nada mais. – Disse Rourke.

Selene suspirou.

– Bem, parece que fomos excluídos da maior e mais importante batalha contra o mal de todos os tempos, talvez o melhor a fazer seja seguirmos com o plano de assistir ao bazar da igreja.

Capítulo 13

Meia hora mais tarde eles chegaram a Hawthorn, sob a escolta vigilante do corvo de Rourke, que os acompanhou em voo.

Nathan, Rourke e Leeson viajavam na boleia da carruagem, enquanto Selene e as meninas dentro. Conforme entravam no povoado, baixaram as janelas e se apoiaram para observar a movimentação da festa. A praça já estava lotada de gente, todos vestidos com seus melhores trajes.

Selene procurou entre a multidão o padrasto dos meninos, sabendo que Rourke e Leeson faziam o mesmo. Diferente dela, os dois imortais tinha o benefício dos apurados sentidos Amaranthine. Não obstante, Leeson nunca tivera um encontro pessoal com o homem, por isso não estava familiarizado com o rastro do mortal. Além disso, embora o pai dos meninos fosse claramente uma alma perdida, não era um transcendido e não emitia o mesmo fedor que uma daquelas almas deterioradas.

Rourke descobriria o rastro do homem? Recordando como o Raven fora dominado pela fúria ao ser testemunha da surra em Nathan, Selene suspeitava que não. Os pensamentos dele provavelmente se tornaram turvos naquele momento para memorizá-lo, o que explicava a vigilância dos três. Entretanto, Selene tinha a firme intenção de ter uma tarde maravilhosa. Sempre gostou do burburinho dos jantares, bailes e das comemorações, adorava estar cercada de pessoas e do esplendor da ocasião. E até que a vida voltasse à normalidade, teriam que ir a eventos como esse em benefício da igreja.

Estava em sua natureza chamar atenção, despertar admiração por sua aparência e seu comportamento independente, às vezes, até escandaloso. Apesar de ter dificuldade em admitir, ela temia

que a sua pessoa, a simples Selene, não conseguisse despertar a lealdade ou o amor de alguém.

Mas era somente Selene hoje, sem pompa e nem esplendor que passaria momentos deliciosos com Kate e Hannah. Havia encaracolado e prendido os cabelos das meninas, que brilhavam com orgulho tanto quanto os vestidos ajustados e bonitos.

Não obstante, alguns costumes eram difíceis de esquecer. Escolheu um vestido verde, ligeiramente amarelado. Que, com seu colorido mediterrâneo, de certo chamaria a atenção de todos.

Rourke estacionou a carruagem em um campo próximo a igreja, onde já havia uma fileira de carroças e carruagens, em seguida todos desceram.

– Nathan. Kate. Hannah. – Rourke tirou uma bolsa de couro do bolso traseiro e dirigiu-se aos três.

– O senhor Leeson me informou o quão duro trabalharam nos últimos dias, transformando uma casa imunda e infestada de gatos em um lar limpo e organizado. – Colocou várias moedas em cada uma das mãos deles. Os irmãos sorriam abertamente.

– Isto não é parte do pagamento semanal, mas sim um agradecimento. Um aviso, não gastem tudo em doces, certo?

Selene experimentou um quase irresistível impulso de beijar apaixonadamente Rourke na boca. Mas, foi apenas um impulso. Em vez disso, colocou o chapéu de palha de aba larga sobre a cabeça e baixou o rosto para que ele não pudesse observar nenhum indício de sua admiração.

Enquanto os homens declaravam sua intenção de jogar ferraduras, ela e as meninas foram para as barracas do bazar. No caminho, Selene sorriu e saudou várias mulheres do povoado que olhavam embevecidas o vestido verde e amavelmente ignorava os homens.

No meio do grupo de mulheres, Selene reconheceu as duas senhoras que lhe venderam os ovos no armazém.

Parou para cumprimentá-las e elogiar o tamanho, sabor e qualidade dos ovos. Desse modo, atrairia outras possíveis compras. Desviando a vista, notou que Hannah e Kate se adiantaram para perambular entre as mesas de guloseimas dispostas para a venda.

– Condessa. – Chamou uma voz feminina. A luz do sol brilhava sobre o cabelo loiro. A senhora Thrall a saudou das escadas da igreja.

Selene cruzou a distância. A senhora Thrall, vestida de verde, um tom claramente combinando com a cor dos olhos de Avenage, agarrou-lhe a mão.

– Quero que saiba minha nova amiga, que todas as suas joias foram vendidas por preços assombrosamente baixos, mas já ganhamos duas vezes a quantia necessária para substituir o campanário da igreja. O pároco está absolutamente fora de si de alegria.

– Sinto-me satisfeita em ouvir isso, senhora Thrall.

– Por favor, não estamos em Londres que para mim é muito cerimoniosa, estamos em Hawthorn. Deve me chamar de Dora.

– Só se me chamar de Selene.

Pareceu-lhe o correto devolver a oferta de familiaridade.

Dora a levou em direção a um grupo de cadeiras que foram colocadas na grama. Havia várias mulheres sentadas bordando desenhos intrincados nos bastidores.

Dora falou efusivamente.

– Venha ver as belas peças que as mulheres do povoado produzem.

Diabos, bordados. Tudo, menos isso. Pensou ansiosa e um pouco preocupada, Selene olhou sobre o ombro, procurando desesperadamente Hannah e Kate. Ao não vê-las em lugar nenhum, respondeu.

– De certo.

Depois de uma hora jogando ferraduras à distância e de vários outros jogos campestres, Rourke deixou Nathan e Leeson em uma das mesas abarrotadas com um verdadeiro festim de tortas. Saíra em busca de Selene e das mocinhas, só para se assegurar de que estavam bem e a salvo. Embora o motivo da reunião fosse a substituição do campanário da igreja, viu alguns bêbados separados da multidão, talvez o padraço de Nathan estivesse presente e causasse problemas. Percebera esse medo enquanto percorria as mentes dos três meninos.

Por hora, se manteria a certa distância delas e ficou observando Selene. Parecia que a última de suas prendas acabara de ser adquirida por um velho granjeiro para presentear sua velha esposa. Aparentemente ficou impressionado pela peça, já que a própria condessa colocou o colar e depois o embrulhou com capricho, deixando o velho casal partir radiante. Selene demonstrou satisfação e voltou a se sentar entre as outras mulheres do povoado.

O sol da tarde atenuou, ela tirou o chapéu e o colocou pendurado nos joelhos, suspenso pela fita larga de veludo. No momento, parecia ser apenas uma mocinha travessa e vivaz em meio a um grupo de velhas matronas. Aquele vestido verde o agradara demais, e pelo que ouviu dos pensamentos que circulava pelo povoado, também agradara todos os homens do lugar.

Pelos Primitivos, como a desejava, e não sabia mais o quanto poderia manter-se a distância. Decidiu pedir, até mesmo implorar aos Primitivos, se preciso fosse, para que enviassem outro Guardião das Sombras para continuar com a tarefa de vigiá-la, ou talvez permitissem deixá-la nas mãos, mais que competentes de Leeson, ou pressionaria o Conselho para que lhe permitisse retornar a Londres. Selene não demonstrou indícios de transcendência, embora seus poderes não tenham retornado quem

garantiria a volta deles? Não poderiam permanecer em Swarthwick para sempre. Quem sabia quando Tântalo seria destruído?

Se as coisas continuassem como agora, ele estaria implorando para voltar à cama dela e logo. Não permitiria que isso acontecesse.

Não era uma questão de sexo. Sempre saciara seus desejos com outras mulheres, e nunca se refreara de completar o ato como fizera com Selene. Mas essas mulheres eram sem nome ou rosto, só os cabelos louros o atraíam. Em sua mente, fundiam-se com a proprietária dos seus pesadelos e nunca obtinha verdadeiro prazer ou intimidade ao realizar o ato de... Amor?

Não, nunca.

Selene... Por todos os infernos, suas tripas se retorciam com isso.

Vê-la. Senti-la. Doía por dentro simplesmente por saber que ela existia sobre a terra, tão perto dele e não podendo tocá-la. Não da forma que desejava desesperadamente.

Oito séculos antes, quando sentiu o fogo e a dor da imortalidade consumir o seu sangue mortal, fizera a promessa de permanecer sozinho eternamente em penitência por seu pecado, entendendo que a única maneira de deixar a imortalidade seria com a morte, uma libertação segura das eternas chamas do inferno.

Não se quebrava uma promessa como essa. Mas parte dele argumentava que fez amor com ela em seus sonhos e fantasias, que também tinha direito a um pouco de felicidade. Certamente, as consequências não poderiam ser piores que a atual tortura.

De repente, Selene se levantou, derrubando o chapéu e a cadeira atrás dela. Corria como o relâmpago através do campo.

Virou o rosto na direção que ela tomava e os olhos captaram a fonte de sua preocupação. Um homem corpulento arrastava Hannah e Kate para uma carroça, literalmente, com as mãos fechadas em torno dos cabelos das meninas. Era o padrasto de

Nathan. Em sua reação violenta à surra levada por Nathan, Rourke não recordava o quão grande era o homem.

Rourke não poderia usar seu poder diante de uma multidão. Então correu na direção deles.

– Pare! – Gritou Selene. – Solte-as.

Hannah soluçou. Selene saltou sobre as costas do miserável. Que no ato, soltou as meninas, mas ele puxou Selene pelo braço e a empurrou com força. Ela aterrissou sentada sobre o cascalho. As meninas se arrastaram para ela. De repente, o homem levantou o braço e ela viu o brilho metálico, uma faca. Vozes gritaram. O medo turvou o ar.

O padrasto estava sobre elas e baixando a faca, mas Selene se lançou entre eles.

Rourke chegou até eles.

Um braço golpeou o padrasto nas costas. Não o braço de Rourke, que se encheu de irritação, Silverwest puxou o aturdido padrasto a seus pés e depois o arrastou até a multidão de homens que rapidamente se reuniu, e o colocaram a empurrões dentro da carroça. Alguém golpeou seu esquálido cavalo e todos se foram, escoltando o miserável a um posto policial.

Rourke recuperou a faca e se ajoelhou ao lado de Selene e das mocinhas.

– Está ferida?

Silverwest se agachou do outro lado e lhe ofereceu a mão. Selene a aceitou, e se levantou.

– Condessa Pavlenco. Garotas. Estão feridas? – Ele apoiou uma mão grande em cada um dos ombros das garotas.

Hannah e Kate olhavam Silverwest com os olhos úmidos e vermelhos, mas com uma admiração tão óbvia que Rourke quis arrancar os próprios olhos de desgosto. Selene, embora mais reservada, fez o mesmo.

Ele suspirou. Era ridículo zangar-se por Silverwest fazer exatamente o que ele tinha intenção de fazer. O homem deveria ser elogiado.

Engolindo seu orgulho, Rourke estendeu a mão.

– Reagiu bem, Silverwest. Obrigado.

Silverwest estreitou a mão de Rourke.

– Eu o vi puxando as meninas pelos cabelos... Simplesmente perdi a cabeça. Só queria ter chegado antes. Como alguém pode ser tão violento com crianças e mulheres?

Rourke assentiu.

– Amanhã irei a York para falar com as autoridades. Não vou permitir que isso aconteça de novo. – E mais importante, revelaria o assassinato da mãe de Nathan pelo padrasto. Quisera dar tempo ao menino e as irmãs antes do confronto, mas o incidente dessa tarde não lhe deixava escolha.

– Concordo. Se desejar lhe farei companhia. – Silverwest olhou para Selene. – Mas no momento, a condessa deve ser elogiada por sua bravura e altruísmo. Estremeço só em pensar em quão perto estive da morte, se colocando entre o covarde e as meninas. – Segurou-a pelo cotovelo. – Viu o quanto aquela faca esteve perto do seu peito? Do seu coração, condessa?

Por um momento, Selene o olhou perplexa. A rigidez dos seus ombros suavizou.

– Só estou aliviada por estarem a salvo.

A multidão ao redor se dissipou lentamente. A senhora Thrall se aproximou com o rosto pálido.

– Há alguém ferido?

– Meninas, vocês estão bem? – Silverwest perguntou às garotas e a Selene novamente. Todas assentiram. A senhora Thrall passou as mãos pelos cabelos loiros avermelhados das garotas.

Silverwest disse a Selene.

– É uma mulher excepcional, minha senhora. – Seus olhos brilhavam de admiração.

Leeson e Nathan chegaram correndo.

– Escutamos o alvoroço. – Disse Leeson.

– Foi ele? – Nathan olhava amargurado, para a estrada por onde a carroça havia desaparecido.

Rourke também olhou para os limites do povoado.

– Acho que não voltará aqui novamente.

Silverwest passou os braços ao redor dos ombros das duas irmãs.

– Que me dizem de um pouco de suco? Eu convido.

Conduziu-os em direção às mesas de uma barraca, onde o senhor Harbottle e sua esposa vendiam bebidas e comida para os aldeãos.

Leeson olhou Rourke.

– Parece ser uma boa pessoa.

Rourke fechou os olhos e assentiu.

Uma hora mais tarde, Rourke se aproximou do pequeno grupo sentado na grama. Hannah e Kate gastaram suas moedas em fitas para os cabelos, e Nathan olhava a todos e a tudo através do seu recentemente adquirido telescópio. Selene estava sentada entre o senhor Silverwest e a senhora Thrall em uma grande manta quadriculada de branco e vermelho.

A última vez que vira Leeson, o homem estava paquerando descaradamente a mais jovem das mulheres que vendia ovos.

Olhando para o pálido céu, Rourke se inclinou ao lado de Selene.

– Será melhor que retornemos a Swarthwick. Logo será noite.

Em voz baixa, para que só ele pudesse ouvir, respondeu-lhe.

– Não podemos ficar um pouco mais? Pode ver na escuridão e Leeson também.

– Estamos nos passando por mortais ou não? – Ele inclinou a cabeça para a rua. – Vê? Todos estão a caminho de casa.

– Tem razão. – Virando-se para os outros, ela disse: – Meninos, está anoitecendo. É hora de voltarmos à Swarthwick.

Levantaram-se todos juntos, Selene e a senhora Thrall, ou Dora, como insistia que todos a chamassem, dobraram a manta. Quando todos reuniram os chapéus e outros pertences, se encaminharam para a carruagem.

Rourke ficou imóvel. Era mais alto que qualquer outro no grupo e por cima das risadas e das vozes, escutou algo, uma espécie de tinido.

Selene sentiu a mão de Rourke perto do seu braço e seu corpo se colocou atrás dela. Ela não moveu nem um músculo, querendo saborear a proximidade durante tanto tempo quanto fosse possível. Olhou a frente. Todos os outros continuaram andando, alheios a tudo.

– O que há? – Perguntou ela.

– Algo está vindo.

No crepúsculo arroxeadado, o anúncio chegou como um sinal de mau agouro.

Fiel à suas palavras, cinco homens saíram da esquina de uma rua lateral, cada um com uma tocha acesa. Um débil boom, boom, boom de tambores os acompanhavam.

Sorrindo de orelha a orelha, dispersaram-se do outro lado da estrada. Os aldeãos, cujos rostos refletiam uma mescla de desconfiança e encantamento, se afastaram, deixando o caminho livre.

Quatro mulheres jovens e vestidas com trajes de harém coloridos e véus que só revelavam os olhos pintados saíram de trás dos portadores das tochas, sacudindo os pandeiros, gritos de admiração se ouviram entre a multidão. Para os princípios rígidos do campo, as jovens estavam vestidas de forma inapropriada, embora a pele, aparentemente nua dos braços e ventre, depois de um exame mais minucioso, estava recatadamente coberta com tecido cor de pele.

O pequeno grupo formado por doze artistas saiu de trás e o som de flautas e pandeiros se espalhou pelo ar em uma estridente melodia. O ruído dos cascos dos cavalos passou uma garota com um vestido verde de lantejoulas manteve o equilíbrio em uma pirueta de costas. Palhaços com rostos pintados e perucas brancas entregavam panfletos, gritando.

– Acrobatas! Pantomimas! Ursos dançantes!

Na lateral da procissão caminhava um homem alto e magro com um fino bigode, usava um casaco escarlate e cartola.

– É um circo! – Gritou Nathan ao seu lado, suas irmãs saltitavam com alvoroço.

– Olhe! – Hannah agarrou o braço de Selene, os olhos arregalados. – O que é aquilo?

– É um canguru. – Selena respondeu.

O animal passou, acompanhado por um domador que o mantinha preso com se fosse um cachorro.

Selene leu o folheto.

– Haverá espetáculos durante as próximas cinco noites.

– Onde? – Perguntou Dora, os lábios tremiam de emoção.

Selene manteve o panfleto baixo para que todos pudessem vê-lo.

– Aqui nas proximidades do povoado.

A banda do circo parou na frente da igreja e tocaram outra animada melodia. Os palhaços formaram casais e começaram a dançar comicamente um com outro, enquanto o harém de garotas puxavam os fazendeiros e os jovens para lhes ensinar a seguir o compasso da melodia.

Logo, outros casais saíram à rua, unindo os braços e dando voltas em um animado baile campestre. Nathan, Kate e Hannah correram para observar. Alguém tocou seu braço. Olhando para cima, viu que o senhor Silverwest se colocou ao seu lado. Os olhos brilhavam com picardia.

– Condessa, não posso perder esta oportunidade. Concede-me a honra desta dança?

Selene adorava dançar. Assentiu com animação. Ele agarrou sua mão e a levou para a crescente multidão. No primeiro giro, ela soube que era um dançarino habilidoso. Como um toureiro experiente, girava-a e guiava através da multidão quase sem parar. A noite se tornou mais escura, e a cena mais surrealista. Dançaram uma, duas, três músicas mais. Ela vislumbrou Nathan e as meninas vez ou outra conforme se moviam. As tochas brilhavam. Os tambores ressonavam.

– Estou um pouco enjoada. – Murmurou ela no ouvido do senhor Silverwest.

Rindo, ele a guiou para fora da multidão e debaixo do toldo do armazém. Estava mais escuro ali. Os olhos dele se nublaram, e inclinou-se sobre ela.

Paralisada, ela o observou descer a bela boca. A mente gerando só um pensamento, Rourke.

– Selene! – Chamou Rourke de modo ríspido, caminhando para eles.

A pouca distância, Leeson conduzia a carruagem à beira da estrada. Através das janelas abertas, pôde ver Nathan e o rosto de suas irmãs.

– É hora de irmos.

Silverwest sorriu e a observou partir.

Rourke se obrigou a não olhar Silverwest. Seu desgosto ultrapassava em muito o de um irmão protetor.

Pegou Selene pelo cotovelo e a guiou entre a multidão para chegar à carruagem que os esperava.

Tentou calar as palavras irritadas que lhe queimavam a garganta, mal se controlando deixou-as escapar de seus lábios.

– Ele ia beijá-la.

– Talvez. – Ela encolheu os ombros.

– Você teria deixado?

Ela demorou em respondeu.

– Não sei. – Murmurou em voz baixa.

Com um puxão de seu braço, virou-a para ele.

– Queria que ele o fizesse?

Um palhaço de boca larga os rodeou, com as pernas arqueadas e balançando os braços, como um gorila. Um grupo de crianças o seguia, rindo e imitando sua postura cômica.

A confusão cruzou o rosto de Selene.

– Já disse que não sei.

A doce confissão em voz alta o feriu, apesar de ter obtido a resposta por coação.

– Ele é gentil... E eu... – Ela puxou o cotovelo. – Inferno, que direito acha que tem para me questionar assim.

– Tenho direito porque você me beijou! – As palavras explodiram de sua boca e de algum modo o libertaram dos sentimentos contraditórios que nutria por ela.

– Você estava sonhando quando me beijou.

Ela estacou na rua e suspirou.

– Quando foi isso? – Sussurrou.

– Na carruagem, a caminho de Swarthwick. Beijou-me e disse que sonhava comigo todas as vezes que fechava os olhos.

Ela franziu o cenho e olhou para a carruagem, depois para ele de novo.

– Por que está me contando isto só agora, depois de tudo o que houve entre nós dois nesses últimos dias? – Ele não pôde responder. Desejava-a, mas não poderia tê-la. Como poderia explicar isso sem revelar os mais escuros segredos da sua alma?

Ela o olhava de tal maneira que não lhe restava outra escolha, teria que dizer a verdade nem que isso o destruísse por completo.

– Sonho com você também.

Ela se aproximou, perto demais para beber daquelas palavras, mas para os outros só pareciam irmãos discutindo.

– Lembro-me dos meus sonhos enquanto dormia na Torre e você sempre estava presente. Às vezes falávamos, mas na maior parte das vezes, Rourke... – Selene hesitou.

– Fazíamos amor. – Terminou ele.

Os lábios dela se separaram e exalou um suspiro profundo.

– Eu também tive esses sonhos. Provavelmente os mesmos enquanto a guardava na Torre e também depois da sua partida para a mansão Black. – Ele confessou.

Ela assentiu lentamente.

– Na noite em que tive o sonho com o asqueroso verme e você veio ao meu quarto, e vi a tatuagem das asas do corvo em suas costas... Soube que estaria sempre comigo.

– O que quer dizer com isso? – Rourke tragou.

– Não sei.

- Esses sonhos tornam muito difícil a nossa convivência. Vamos, estamos começando a chamar muita atenção. - Disse Rourke, que a agarrou outra vez e a guiou até a carruagem.

Ela entrou com Nathan e as meninas. Ele subiu na boleia e se puseram em movimento. O crepúsculo se tornara noite. Embora Leeson vigiasse a área procurando por alguma irregularidade no solo, vigiando pela segurança dos cavalos e da carruagem, Rourke manteve um ritmo moderado. Por essa razão, hora e meia, depois, ainda estavam a meio caminho de Swarthwick.

O som de cascos do cavalo se chocando contra a terra ressoou alto no ar. Um cavaleiro surgiu em meio à escuridão. Passou pela carruagem e deu meia volta.

- Boa noite, senhor. - Rourke disse.

O rosto pálido do homem brilhava na noite. Respirava entrecortadamente com certa dificuldade.

- Lorde Avenage. Há algo terrível mais a frente. É melhor que os meninos não vejam.

- O que houve? - Perguntou Rourke com voz tranquila, acenando para o homem se aproximar.

- É uma garota morta. - Disse ele entre dentes. - Fora dos limites da estrada. Foi retalhada.

Capítulo 14

O homem continuou.

– Meus companheiros ficarão com ela até que eu volte com a polícia.

– Vá, então. – Rourke assentiu.

– Maldição! – Leeson disse zangado. – Há violência e assassinatos em qualquer parte desse mundo mortal. Inclusive aqui.

O cavaleiro foi-se velozmente.

Rourke virou-se no banco e olhou para baixo. Selene surgiu na janela.

– Ouviu? – Perguntou ele em voz baixa.

Ela assentiu.

– Disse às meninas que alguém está ferido. Rourke, perguntaram se foi o padrasto. Estamos passando ao lado da sua propriedade, não é?

Não havia uma rota alternativa para Swarthwick. Com um movimento rápido dos pulsos, instigou os cavalos, continuaram adiante até que a luz de uma lanterna iluminou um círculo entre algumas árvores e o rosto de dois homens.

Disse a Leeson.

– Fique aqui. Vou dar uma olhada.

Ele desceu e aproximou-se dos homens.

- Sou lorde Avenage. - Anunciou. - Minha propriedade, Swarthewick, é perto daqui, soube que houve uma morte.

Com os olhos arregalados e rostos pálidos, eles pareciam assustados. De repente, sentiu alguém atrás dele. Selene agarrou seu braço.

- Quero saber também. Leeson ficou com as garotas.

- Oh, senhor. - Disse um dos homens, avançou rapidamente para eles. - Não vai querer que a senhora veja isto.

Ela anunciou tranquilamente.

- Pode ser alguém que eu conheça.

- Talvez seja melhor o lorde olhar primeiro. - Disse ele, dando um passo para trás.

- Muito bem. - Selene assentiu.

Os homens não poderiam saber que ao longo da sua existência viu muitos cadáveres e alguns terrivelmente destroçados.

- Vá. - Sussurrou ela.

Rourke aproximou-se. A garota jazia de barriga para cima e sobre o capim ensanguentado, os olhos azuis estavam totalmente abertos. Os cabelos eram vermelhos e ainda segurava um dos folhetos do circo. Quem quer que a assassinou, de fato, a fez em pedaços.

- Como a encontraram?

O mais alto dos dois homens respondeu.

- Encontramos os sapatos e o conteúdo da mala jogados na estrada. - Acenou e Rourke olhou para o caminho que lhe indicava. Pelo visto, parecia que a garota fora perseguida pela estrada. Rolos de linho, numerosos lenços e um conjunto de jarras estavam espalhados por todos os lados. O sangue manchava o chão. Selene fechou os olhos. Os últimos momentos da jovem mulher foram claramente aterrorizantes.

- É Hannah, a mascate? – Perguntou Selene.

- Será difícil ter certeza. – Respondeu um dos homens baixo. – Talvez seja Hannah, a cor dos cabelos é a mesma.

Rourke olhou dentro da escuridão e além da estrada. Os mortais ao seu lado não seriam capazes de ver à mesma distância que ele. Observou o pequeno telhado de uma casa. Do lado de fora, um velho cavalo pastava ao lado de uma carroça. Era a mesma carroça que o padrasto das garotas usara para ir ao povoado.

Nesse instante, a casa começou a arder em chamas.

Quatro dias depois, o policial do condado que investigava o assassinato de Hannah apresentou-se à porta de Swarthewick, depois de convidado a entrar, compartilhou os resultados da investigação. Selene assegurou-se de que Nathan, Hannah e Kate estivessem ocupados e longe com Leeson, a desculpa usada foi de lições de críquete.

- Sim, Sua Senhoria. – Assentiu o policial. – Depois do acidente com a carroça, aparentemente a pobre Hannah passou vários dias viajando e acampando com o pessoal do circo. Foi o que me contaram, depois decidi partir por conta própria, acho que tinha intenção de voltar para casa em Hawthorn e deve ter cruzado com o assassino no caminho. Encontramos o cadáver do padrasto do rapazinho e das meninas na casa queimada e com uma faca a seus pés. Havia outros objetos encontrados que muitos no povoado garantem ter visto na carroça de Hannah. Talvez estivesse há dias aprisionada antes de tentar escapar. Acreditamos que depois de ter matado a garota, suicidou-se, com a faca ou ateando fogo em si mesmo. Evidentemente, o sujeito estava louco.

Selene moveu-se para o lado de Rourke. Não sabia o que dizer. Enquanto por um lado sentia alívio de nunca ter matado um

inocente, essa morte trágica pairava como uma nuvem escura sobre o vale.

Depois de contar sobre a morte do padrasto aos jovens, Rourke e ela os tiraram da cabana junto aos estábulos e os levaram para o castelo. Embora não parecessem traumatizados por aquela morte, não obstante estavam afetados. Nathan dormia agora com Leeson, no que uma vez fora o quarto da governanta. Enquanto Rourke trabalhava para adaptar uma das salas menores junto às escadas, em um dormitório para as garotas, que por enquanto dormiam em colchões no chão do quarto de Selene.

– Obrigado, senhor. – Rourke o guiou para a saída. Virando-se para Selene, disse. – Suponho que seja tudo. Enviarei um relatório aos Primitivos, notificando-os das conclusões da polícia.

Na manhã seguinte ao assassinato, ela estivera presente quando Rourke relatou o assassinato ao Conselho. Leeson e ele testemunharam onde ela estava quando o assassinato foi cometido. Rourke enfatizou também sua crença de que a transcendência em sua mente fora eliminada completamente. Mesmo ela não dando indício de que seus poderes tivessem retornado, solicitava permissão para voltarem a Londres. Quanto aos jovens, ainda não tomou uma decisão sobre a futura moradia ou educação deles.

Os últimos quatro dias passaram de forma bastante agradável, sem que Rourke ou ela discutissem o extraordinário dom em compartilhar sonhos. Em cada tarde, ela o observava abandonar a casa e ir ao despenhadeiro e não tinha a menor intenção de voltar a segui-lo.

Pela manhã, Selene encontrou Rourke no grande salão.

– Os garotos pediram para ir ao circo. Esta noite será o último espetáculo na região. Creio que depois das terríveis notícias sobre o padrasto, talvez uma distração levante os ânimos.

Ele assentiu.

– Concordo. Então os levaremos.

Quando se aproximou da hora do espetáculo, Selene subiu na carruagem com os meninos. Conforme passavam pela casa queimada do padrasto, o lugar que conheceram como o lar da mãe, Selene tentou distraí-los, mas, solenemente, observaram a cena.

Prosseguiram no caminho até encontrar a grande tenda colorida do circo e outras tendas menores salpicando o campo próximo ao povoado. Rourke entregou uma moeda a um dos jovens que cuidavam dos cavalos e das carruagens. O dia já se tornara noite, mas o céu estava iluminado por uma lua enorme e milhares de estrelas. Não teriam problemas para percorrer o caminho de casa nessa noite. Rourke pagou pelos bilhetes e aproximaram-se da entrada, que estava iluminada com tochas em ambos os lados. Dentro, a arquibancada já estava abarrotada de aldeões, camponeses e algumas pessoas vindas de outros lugares próximos para desfrutar de um entretenimento que, sem dúvida, era raro por ali.

Os meninos viram os amigos do povoado e após pedirem permissão, correram para reunir-se a eles. Leeson ficou com Rourke e Selene.

– Assegurei-me de que não tenham nenhum problema. Dei-lhes dinheiro para caramelos, maçãs, jogos e todo o resto.

Selene olhou para Rourke.

– Então é melhor nos sentar.

O interior da tenda principal não era muito grande, e imitava as grandes produções que poderiam ser vistas em Londres ou em Paris, destacando-se três grandes anéis no centro de areia. Grandes candelabros de madeira foram colocados ao redor de cada pilar. Ao menos uma centena de velas acesas sobressaía de cada um deles.

O homem magro e alto que viram no povoado, aproximou-se do centro do cenário, abrindo os braços e com voz profunda ecoou através da multidão, solicitando silêncio.

– Respeitável público. Sejam bem vindos ao maior espetáculo da Terra.

Com um movimento de braço, um estrondo e uma fumaça colorida espalhou-se pelo picadeiro.

De repente, quatro pequenas figuras surgiram voando pelo ar, três homens e uma mulher, estavam em balanços com os braços esticados como asas e balançavam para frente e para trás.

– Acrobatas! – Exclamou uma mulher perto dela.

O grupo usava brilhantes trajes brancos e, com o uso da barra do trapézio, baixavam e giravam no ar com velocidade surpreendente. Outro grupo vestido de vermelho se equilibrava sobre uma elevada corda frouxa enquanto faziam malabarismos com bolinhas e montavam monociclos. Um trapezista solitário equilibrava-se sobre uma enorme bola azul, subindo e descendo com destreza a esfera sobre uma rampa apoiada em vários cavaletes.

O público ao redor ria nervosamente e estalava a língua pela escandalosa nudez dos atletas. Embora os artistas estivessem vestidos do pescoço aos tornozelos com roupas brancas, os trajes se ajustavam tanto que não deixavam nada à imaginação. Finalmente quando a atuação acabou os quatro homens vestidos de branco deslizaram pelas cordas para o chão e correram para a saída, perto de onde Selene e Rourke estavam sentados. Os rostos pequenos e pálidos pareciam estranhamente inocentes.

– São só meninos. – Disse Selene.

– Não, não são. – Murmurou ele em resposta.

De fato, logo depois de pronunciar as palavras, viu que estava enganada. Conforme se aproximavam, viu que os acrobatas não eram meninos. Eram adultos, de corpos pequenos. Usavam perucas e tinham rostos envelhecidos e solenes. O único sorriso era formado pela maquiagem de cor vermelha.

Atrás de uma cortina escura de tecido chegou o rufar de tambores e depois o estrondo dos trompetes. Um cavalo entrou

trotando com um enfeite de plumas na cabeça. Em seu lombo, uma garota fazia piruetas perfeitas mantendo o equilíbrio.

Selene e Rourke assistiram ao espetáculo que apresentava ursos dançantes, palhaços e todo o elenco recriavam a épica batalha de Troia, o que não era tão incrível quanto às habilidades físicas dos imortais, mas pelo menos os manteve entretidos.

Quando o espetáculo terminou, eles se levantaram discretamente dos bancos e saíram da tenda. À distância, Leeson seguia os meninos para as tendas de jogos.

– Perderá todo o seu dinheiro. – Gritou Rourke.

– Felizmente! – Gritou de volta Leeson.

Selene olhava com curiosidade as tendas menores que salpicavam o campo. As fogueiras foram acesas ao redor do acampamento. Os aldeões moviam-se de atração em atração.

Rourke apontou para o outro lado do acampamento.

– Ali estão Silverwest e a senhora Thrall.

Um pouco de decepção atravessou Selene. Embora gostasse do senhor Silverwest e da senhora Thrall, não desejava intromissão. Esperava passar as próximas horas vendo as atrações do circo com Rourke.

– Boa noite. – Gritou o senhor Silverwest, tão simpático como sempre. O olhar pousou afetuosamente sobre ela.

A senhora Thrall sorriu claramente contente em vê-la. Mas conforme se inclinava ligeiramente para abraçar Selene, a expressão ficou séria.

– Que coisa terrível, soubemos sobre seu vizinho e a pobre garota, Hannah.

– Sim, foi terrível. – Respondeu Selene.

O senhor Silverwest segurava o chapéu nas mãos.

- Lorde Avenage, por acaso o senhor e a condessa viram a minha criada, a senhorita Taylor?

- Não, não a vimos. - Disse Rourke. - Por que pergunta?

- Com os acontecimentos recentes estamos temerosos, ela também desapareceu. Durante o breve tempo em que nos serviu foi uma garota muito trabalhadora e digna de confiança, mas também muito silenciosa e tímida. Tenho que admitir não ter notado sua ausência até minha irmã me chamar atenção. A senhora Harbottle me contou que estava pensando em contratar algumas pessoas, por isso minha irmã e eu estávamos esperando que, simplesmente, tivessem-na contratado.

- Há quanto tempo não a vê? - Perguntou Selene.

- Há duas noites. Vive na propriedade, na ala dos criados. Posso estar enganado, mas não creio que era infeliz com seu trabalho.

- Tem família vivendo nas proximidades?

A senhora Thrall respondeu.

- Enviava dinheiro a uma velha tia toda semana, mas, certamente, se tivesse ido visitá-la por um tempo, tenho quase certeza de que avisaria alguém.

- Talvez seja bom procurar a polícia do condado e informá-los. Acho que um policial vem ao povoado ouvir as queixas e realizar investigações todas as terças-feiras.

O senhor Silverwest assentiu solenemente.

- Se não reaparecer antes da próxima terça-feira, será exatamente isso que farei.

A senhora olhou as tendas ao redor.

- Na verdade, viemos aqui esta noite para ter certeza de que não está aqui vivendo no circo. - Baixou a voz e franziu as sobrancelhas com graça, como se o que iria compartilhar a

inquietasse profundamente. – Ouviu dizer que a mulher do senhor Harbottle se juntou a um dos palhaços?

Os olhos de Selene abriram-se de surpresa.

– Não, não ouvi nada disso. Que horror.

A senhora Thrall apertou os lábios.

– Isso, além do assassinato e do suicídio... É como se, durante os últimos dias, o mundo, ou ao menos nossa querida Hawthorn, estivesse enlouquecendo.

– De qualquer forma, é muito amável da sua parte estar tão preocupada com o bem-estar da garota. Se Deus quiser, ela simplesmente foi visitar algum familiar.

– Espero que seja verdade. – Disse a senhora Thrall.

Os meninos passaram correndo ao lado deles, seguidos do senhor Leeson.

Selene sorriu para Rourke.

– Parece que não estão preparados para ir agora. Vamos passear pelos jardins e ver que curiosidades há por lá.

Os quatro perambularam pelo acampamento. Rourke deteve-se diante de uma das tendas, uma faixa escrita 'Aberrações da Natureza' chamou sua atenção, homens e jovens esperavam em fila para entrar.

– Afirmam que têm um gigante e um esqueleto vivo. Também um menino peixe com guelras. Quer ver? – Perguntou a Selene.

Como uma Guardiã das Sombras já viu aberrações reais da natureza no passado que bastavam para toda uma vida, e não tinha interesse em procurar por falsas imitações.

– Não, absolutamente. – Virou-se e continuou a caminhar vendo as tendas até que encontrou uma que chamou sua atenção. – Rourke, olhe esta...

Selene virou-se e notou que estava sozinha. Os olhos o procuraram entre as sombras. Encontrou-o com muita facilidade, os ombros largos evidenciados pelo casaco escuro. Estava de pé com Dora, observando um grupo de mímicos. A pequena senhora Thrall olhava para cima e ria alegremente, tocando seu braço. Ele olhava para baixo e assentia.

Não era como se Rourke a beijasse ou risse do seu flerte. Ele nem sequer sorriu, mas de algum jeito aquele olhar atento feriu Selene profundamente.

– Condessa. – O senhor Silverwest reuniu-se a ela e apontou para a tenda. – Gostaria de entrar nessa tenda, não? Vamos, vejamos o que há em seu interior.

A pequena estrutura de lona que, momentos antes chamou sua atenção, fora montada como um pentagrama. Um pôster apoiado no exterior da porta proclamava em letras vermelhas: ‘A Casa das Feras do Diabo’.

Ela olhou uma vez mais para Rourke. Era sua imaginação ou Dora e ele estavam mais juntos que antes? De repente, queria sair dali, desaparecer. Não queria ver mais nenhuma garota se equilibrando sobre cavalos ou extravagantes palhaços e ursos dançantes.

Selene obrigou-se a prestar atenção no senhor Silverwest ali ao seu lado, olhando para dentro sobre os ombros de outros que observavam o mesmo espetáculo, o que foi um alívio, não queria que a vissem suspirar por um homem que todos acreditavam ser seu irmão.

Ela reuniu-se a ele.

– Então é interessante?

– São assombrosos. Aqui, venha para mais perto para vê-los melhor. – Guiou-a pelo cotovelo, entrando mais na tenda.

Bateram na porta de Selene. Ela endireitou-se diante do lavabo onde lavava o rosto. Retornaram do circo há cerca de meia hora. À tarde, as garotas mudaram suas coisas para o cômodo novo no piso inferior. Embora Selene tivesse apreciado a companhia, estava contente por voltar a ter privacidade. Era tarde e todos estavam se preparando para dormir. Já havia vestido uma camisola. Secando o rosto com uma toalha, cruzou o quarto e abriu a porta.

– Que Diabo é isto? – Perguntou Rourke. Tinha o peito nu e usava um par de calças folgadas de flanela. Segurava uma serpente e a sacudia ao lado da cabeça. E não estava se referindo à senhora Hazelgreaves, que na última inspeção havia fixado residência na parede de fora. Era uma serpente de brinquedo que o senhor Silverwest comprou para agradá-la.

– É só um brinquedo. – Respondeu Selene friamente, tirando da mão dele. – Disse a Nathan que poderia brincar com ela, mas não disse para colocá-la na cama de ninguém. – E tentou fechar a porta, mas ele colocou o pé dentro.

– Não é só um brinquedo. – Grunhiu. – É uma maldita máquina mecanizada e é muito cara.

– Não sabia. – Ela deu de ombros.

Ele colocou a serpente sobre a cama.

– Não deveria ter aceitado um presente tão extravagante. – Disse Rourke irritado.

Uma das sobrancelhas de Selene se levantou em seguida lhe deu as costas.

– E por que não? O senhor Silverwest é gentil, educado e... – Enquanto ela permanecia de pé e tão perto dele como agora, fazendo elogios a outro homem, Rourke não conseguia pensar com clareza. Queria tocá-la, fazê-la lembrar da ardente atração que havia entre eles. Em vez disso, agarrou os pulsos dela bruscamente.

– Não deveria ter aceitado o presente. – Murmurou com dureza. – O que pensa que Silverwest quer em troca? Homens

como ele não compram coisas caras para as mulheres, sem alguma razão.

Quando ela sumiu dentro daquela tendinha com o belo vizinho, o ciúme e a lembrança frustrante da intimidade compartilhada com ela, apenas meio satisfeita, quase o deixaram louco.

Selene ficou olhando onde ele a segurava pelo braço.

– Ele já havia comprado a serpente, não fazia ideia de que a sua intenção fosse me dar de presente, e seria descortês da minha parte recusar. – A tênue faísca de ira que havia nos olhos verdes, momentos antes, agora era uma chama descomunal. – Além disso, pode me chamar de tola, mas eu gostei de receber a atenção dele.

O último vestígio de autocontrole desapareceu. Rourke começou a grunhir.

– Maldita serpente, me dá arrepios. – Passou por Selene e agarrou a serpente de metal da cama. Ela se aproximou dele, tentando recuperá-la, mas ele a manteve acima da cabeça.

Ele riu maliciosamente.

– Vou jogá-la no oceano, onde acabará enferrujando e desaparecendo.

Dirigiu-se para o próprio quarto e quando passou pelo batente de madeira da porta, inesperadamente, sentiu o corpo de Selene se chocar contra suas costas. Ela passou os braços ao redor do seu pescoço e as pernas nuas ao redor da cintura. Ele sorriu a reação dela à destruição da serpente era melhor do havia esperado. Grunhiu de prazer ao sentir os seios contra suas costas.

Levantando os braços, lançou a serpente sobre a cama. Soltando o seu agarre, ela desceu e correu para a serpente. Com um movimento lateral do pé, ele a fez tropeçar.

Ele passou por cima dela, só para ser agarrado pelo tornozelo. Perdendo o equilíbrio, cambaleou. Alcançando a cama, a mão bateu na serpente metálica, que voou do colchão e deslizou pelo

chão. Com um sorriso de prazer, ela se arrastou junto a ele. Exultando vitoriosa.

Sem se dar por vencido, Rourke a segurou pelo tornozelo e a arrastou facilmente para trás. Agarrou os pulsos e pôs um joelho de cada lado do corpo dela sobre o tapete.

Ela começou a dar chutes, resistindo. No processo, a camisola se abriu, revelando uma longa e deliciosa perna torneada e, mais acima, um encaracolado brilhante e escuro, pelos pubianos.

Ele estagnou, olhando fixamente abaixo. Ela retorceu-se, excitando-o ainda mais.

– Rourke. – Selene sussurrou, com voz rouca e baixa.

– Não se mova.

Ela imobilizou-se. Com a pressão firme de sua perna, ele abriu mais as suas, até ver a estreita abertura rosada da vagina.

– Rourke. – Repetiu. – Pare.

Seu olhar subiu até o dela. O olhar dele transmitia deleite. O rosto dela estava ruborizado.

– Quer realmente que eu pare, ou quer dizer que não deveríamos, mas façamos agora de qualquer maneira?

Selene engoliu em seco. Os olhos arregalados.

– Façamos agora.

O desejo nublou sua mente, que já estava confusa há dias. Sofria como um condenado a essa torturante privação de prazer. Finalmente desistia, pois já sabia que arderia no fogo do inferno para sempre.

Ainda sobre ela, os músculos mostravam-se rígidos, enganchou os dedos na cintura da calça de linho e a baixou. Seu pênis caiu pesado e duro sobre suas coxas, em seguida ele girou colocando-a em cima dele. De joelhos sobre ele e de pernas abertas, ela inclinou-se para dar-lhe um beijo escaldante na boca, ao mesmo

tempo em que deslizava as mãos pela mandíbula. Os cabelos caíram como uma pesada cortina no seu peito. As mãos dele deslizaram pelo pescoço até alcançar os seios, ainda ocultos de forma tentadora pela camisola e os apertou deliciosamente. O abdômen dobrou-se quando procurou sugar o mamilo através do cetim. Ela estava úmida e preparada, esfregando o sexo contra o dele.

Ele se inclinou, segurando-a pela cintura.

– Ponha-me dentro de você, Selene. Preciso sentir o seu calor e o seu prazer. – Suspirou.

Ela assentiu. Ele observou encantado, a visão erótica dela agarrando seu pênis. Suspirando, ela apertou e acariciou sua longitude e os testículos pesados antes de colocar a cabeça do pênis na vagina quente e escorregadia.

– Rourke... – Gemeu extasiada.

Preparando-se para a entrada dele, as coxas flexionaram-se, baixando centímetro a centímetro sobre o pênis túrgido, o acolhendo dentro da vagina escorregadia e apertada, impacientemente ele puxou seu quadril para baixo, empurrando os últimos centímetros.

Ela gemeu, os músculos internos apertaram-se ao redor dele. Estendeu as mãos contra seu peito, arqueando a cabeça para trás e estremecendo. Seu corpo exultava de satisfação. Ele deixou escapar um forte e rouco gemido. Agora que ela estava ali, tentaria fazer com que explodisse de prazer várias vezes. Quando ele estava no limiar do prazer, enroscou as mãos no cabelo comprido e a puxou para baixo para dar um beijo de língua arrebatador.

Levantando-se, ela o olhou, com olhos mostrando a fragilidade daquele momento, com a face ruborizada.

– Por que agora? – Sussurrou ela, balançando-se e girando os quadris sobre ele.

Ele deixou escapar um rouco gemido, deleitando-se com a forma do corpo feminino o massagear, dando-lhe um prazer incomensurável.

- É só no eu que penso. É tudo o que quero desde o primeiro momento em que a vi. No Cravant, Selene, enquanto matava vinte homens com sua espada.

- O quê? - Exclamou ela, com os olhos escuros nublados de prazer.

Com um puxão, ele afrouxou o cinto da camisola e a tirou para revelar os seios. Deslizou as mãos sobre as costelas, até agarrá-los e apertá-los com vigor.

- E depois em Veneza...

- Veneza... - A cabeça dela caiu para trás e os olhos olharam ao redor antes de focar nele outra vez. - Era o homem com a máscara.

Ele riu, impulsionando para cima.

- Havia muitos homens com máscaras.

Ela sacudiu a cabeça.

- Lembro-me de seus olhos tocando-me conforme passava pela ponte. Quis ver seu rosto e teria feito se não estivesse a caminho de um banquete com o conde Pavlenco.

Segurando suas pernas ao redor dele, fê-la ficar de costas e se retirou. Seu membro estava grosso e coberto com as evidências do prazer.

- Mmmm, Rourke... - Ela lambeu o lábio inferior.

Ele colocou o pênis entre eles, e com avidez, ela o guiou novamente para dentro dos rosados lábios inchados da vagina. Mas em vez de soltar, o agarrou e apertou ao redor da base do pênis. Ele empurrou dentro dela, apossando-se novamente, perversamente torturando-os com uma repetição lenta e sensual. Inclinando-se, tomou um mamilo na boca. Ela acariciou o cabelo curto.

Tomou o outro mamilo na boca. Ela acariciou os testículos apertados.

– Fizemos isto antes. – Respirou fundo, enlaçando as pernas ao redor dos quadris dele. – Estive desta forma com você.

– Em sonhos. Agora é real. Está em meus braços. Esta noite, Selene, você é toda minha.

Ela o abraçou com braços, pernas e corpo. Ao ouvido, sussurrou.

– Se entregue a mim, Rourke.

De repente, ele não pôde mais controlar o desejo. Empurrando com força dentro dela, gemeu, era real, experimentava um orgasmo espetacular e sensual. Ela levantou os quadris do chão e desesperadamente, movia-se de forma acelerada contra ele até que vibrou com a ardente e plena satisfação da paixão dentro dela.

O corpo dela estremeceu, e soltou um grito gutural dentro da boca dele.

Selene despertou na cama de Rourke, mas ele estava de pé ao lado da janela olhando para o exterior. A lânguida luz da manhã revelava seu rosto. Virando-se, encontrou o seu olhar. Seus olhos transmitiram algo novo para ela, paz e tranquilidade, mas os lábios não sorriram. Ele arrastou-se sobre o colchão e recostou-se ao seu lado, apoiando o queixo sobre os braços cruzados e beijando o nariz.

– É muito cedo. Volte a dormir.

Feliz simplesmente por estar com ele, ela voltou a dormir. Um pouco mais tarde, quando despertou, ele estava sentado em uma cadeira ao lado da cama, já vestido.

Ela levantou apoiando-se sobre um cotovelo, ele parecia sério.

– O que houve?

– Quando estiver pronta, gostaria que viesse comigo.

Ela saiu da cama, cobrindo com a manta o corpo nu, cruzou o corredor e entrou em seu quarto. Um livro encadernado de couro jazia no meio da cama.

Ouviu os passos de Rourke descendo as escadas.

Ele havia lhe deixado isso, um presente do seu passado. Quase temerosa em abrir, ela sentou-se na beirada do colchão. O nome Avenage fora pintado com letras douradas e envelhecidas pelo tempo. As folhas eram costuradas a mão, e a escrita executada por várias mãos diferentes, os administradores de Avenage. Umhas poucas páginas estavam soltas e eram tão delicadas que temia que pudessem desintegrar-se se as tocasse.

De fato, tal como lhe havia dito, Rourke era normando e participara de numerosas batalhas, incluindo Hastings em nome de Willian o Conquistador. A ferocidade e a tenacidade com que lutou, o ajudou a ter a admiração e respeito do rei, que lhe outorgou muitos favores, tanto que foi concedido a ele, um título e uma generosa porção de terra. O que continuava nas páginas era a história de sua vida e da propriedade, Swarthewick.

Seus dedos deslizaram por cada página até que uma palavra chamou sua atenção. Matrimônio. Fora casado com uma jovem chamada Rowena, Rowena de Abigorn. Selene franziu o cenho. Apesar de a mulher ter morrido há vários séculos, não pôde evitar sentir inveja. Casada com Rourke. Imaginou-a de pé ao seu lado e fazendo os votos. Algo relacionado ao nome lhe rondou a memória e voltou à página anterior.

De fato, Abigorn era o nome de uma das famílias mais nobres Saxãs da localidade que foram forçadas a entregar suas terras aos invasores normandos. Como nas frequentes histórias românticas que adorava ler... E depois devorar. Mas tal conflito normalmente terminava em confusão, violência e muitas vezes, morte. Continuou

a ler. Um ano depois do casamento, Rourke caiu doente. Muito doente. Tão doente que quase morreu. Seria esse o momento em que Rourke se tornou imortal? O médico alegou envenenamento. Ele e o administrador decidiram investigar, descobrindo que a pessoa que o envenenou foi Rowena.

Selene fechou os olhos. Mesmo agora, depois de séculos... Só poderia imaginar como Rourke se sentiu depois de semelhante traição. Será que amara Rowena de Abigorn?

Depois de ser interrogada, a jovem mulher confessou e envolveu o pai e os irmãos na conspiração. A última página do livro, apenas comunicava a morte da mulher.

Selene com delicadeza fechou o livro.

Sabia que havia mais nessa história, Selene lavou-se e vestiu-se rapidamente, deixando o cabelo longo cair livre por suas costas.

Rourke a esperava no piso inferior junto às escadas, a expressão não revelava nada, virou-se e caminhou na direção da porta principal. Sob um céu pesado e escuro de nuvens prenunciando tormentas, o seguiu pelo atalho que muitas vezes o vira percorrer. Quando passaram pelo lugar onde ela caiu, ofereceu-lhe um sorriso reservado. Chegaram às escadas, feita em pedra antiga. Ele subiu primeiro e ela o seguiu. Quando alcançou o topo, ele se inclinou e ajudou-a subir os últimos degraus. Não que precisasse de ajuda, mas apreciava o cuidado que demonstrava com ela.

Ali no alto da enorme pedra, o vento jogava sua saia contra as pernas. Ele caminhou até o penhasco e olhou para o oceano. Ela ouvia as ondas estourando nas rochas abaixo. Um raio irrompeu dos céus, criando um brilhante arco ao seu redor. Uma névoa banhou sua pele e umedeceu seu vestido. Um marco branco se sobressaía na pedra nua. Ela caminhou para ele e se ajoelhou para ler as palavras inscritas. O tempo e a salinidade do oceano desgastaram-nas, e precisou esfregar os dedos para conseguir entender as palavras.

Momentos depois se aproximou dele, mas não se atreveu a tocá-lo. Não importava o quanto precisava ser consolado e não importava o quanto desesperadamente queria fazê-lo, sabia que não devia tentar.

– A pedra diz filho.

Ele assentiu, encontrando com seus olhos fugazmente e virando-se para o oceano novamente.

– Seu filho?

– Sim. – Sussurrou ele, tão baixo que mal pôde ouvir a confissão.

– E o enterrou aqui?

– Não, não pude.

– Mas há uma lápide.

Ele negou, passando o polegar por seu lábio inferior.

– É só um marco.

– Onde está então, Rourke?

– Lá, em algum lugar. – Apontou o oceano.

– No oceano? – O sangue trovejou dentro da sua cabeça mais alto que o oceano batendo nas rochas. – Como seu filho foi perdido para o oceano? O que aconteceu?

As pestanas escuras umedecidas pela nevoa rodeavam a íris verde, até que as fechou. Com um gemido baixo, passou a mão pelo cabelo curto, deixando um rastro molhado pela cabeça.

– Aqui, foi onde matei a mãe dele.

Capítulo 15

- Rourke, sei que não o fez. Mesmo tendo...

- Fiz. - Ele assentiu e voltando-se, caminhou na beirada da plataforma. - Matei-a com minhas palavras, com minha ira e ao fazê-lo, matei meu próprio filho.

Ela aproximou-se dele.

- Li a história. Ela traiu você. Foi em outro século, onde o modo de pensar e agir quando envolvia traição, era consequentemente a morte.

Ele negou e olhou para as nuvens.

- Mesmo sendo outro tempo, outro modo de vida. Nada justifica.

- Você a queria muito. - Conjecturou Selene em voz baixa.

- Além da razão.

- E ela também deveria amá-lo muito, não? Mas a lealdade à família superou esse amor, não foi? Ela fez o que eles mandaram?

Ele assentiu.

- Casamos aqui, só nós dois, o sacerdote e alguns de meus homens como testemunhas. Ela casou-se comigo contra a vontade da família. As coisas foram bem durante um tempo. Pensei que fosse suficiente para ela, mas não era. Quando soube a verdade sobre ter me envenenado, persegui-a até aqui. Estava tão furioso, Selene, tão furioso que juro que minha visão, meus pensamentos, tudo estava negro. Ela forçara essa situação, teria que castigá-la e aos seus queridos parentes para manter o respeito dos meus homens. Do meu rei. Eu era jovem, impetuoso e arrogante. Gritei e disse coisas terríveis, imperdoáveis. Não me importava o muito que a amava, ela tentou me envenenar, matar, ao Senhor destas terras.

Selene exclamou com incredulidade.

– Que homem teria reagido de maneira diferente?

Ele bateu o punho no centro do peito, com uma expressão feroz.

– Eu deveria ter agido diferente. – As palavras ferveram dele em um sussurro. – Se fosse como hoje, tudo seria diferente. Já sabe como são os mortais, Selene, com ideias de privilégio e de status, uma nobre, teria aceitado viver durante algum tempo no campo, onde daria a luz ao nosso filho, depois a manteria isolada por mais alguns anos, até permitir que voltasse a viver com sua família. O menino seria entregue a mim. Teríamos nos divorciado, haveria certo escândalo, nada importante e ela e meu filho estariam vivos.

– O que houve Rourke? Não acredito que a tenha matado. Como ela morreu?

– Ela me contou que esperava um filho. Ela não tinha nenhum sintoma, eu não sabia em que acreditar. – Fechou os olhos e suspirou pesadamente. – Disse que ela mentia que a desprezava. Ela chorava, disse que não suportaria olhar nos meus olhos nunca mais, mas que também não deixaria nosso filho para ser odiado pelo que a mãe fez. E foi para a beirada...

– Rourke... – Vê-lo assim tão torturado pela lembrança era quase insuportável. As lágrimas deslizaram por seu rosto e ela o tocou nas costas.

Ele se afastou.

– Tentei impedir, mas ela saltou do penhasco. No momento em que descí as rochas, a maré já havia carregado o corpo para o mar.

– Ela não lhe deu oportunidade de mostrar misericórdia.

– Isso não importa, nem sequer agora. Na ferocidade da minha ira, na cegueira do meu orgulho, provoquei a morte do meu filho. Nunca quis nada além deles, só queria a minha própria família. Eu era um filho da puta, Selene. Um refugio que ninguém quis até

mostrar o bom assassino que era. Mas queria ser um tipo diferente de pai. Nunca vi o rosto do meu filho. Nem o segurei nos braços. E por ele, fiz uma promessa...

– Uma promessa? – Ofegou de emoção. – De viver só? De não amar outra vez?

– Sim. – Respondeu ele baixinho.

– Sua vida como imortal estava destinada a ser consumida em solidão, como um tributo vivo ao filho cuja morte crê ter causado.

– Mantive minha promessa, Selene, até que vi você.

Selene aproximou-se, mas não tentou tocá-lo de novo.

– Compreendo sua dor e acredito que de algum jeito absorveu a culpa se castigando por todos esses séculos. Mas Rourke precisa deixá-lo ir. Castigou-se o bastante. É hora de deixar isso tudo para trás, precisa de paz.

Ele estremeceu, como se não pudesse imaginar-se vivendo novamente.

– Você não entende Selene. Não quero ser perdoado.

– O que está tentando dizer, Rourke?

– Tornei-me imortal com o único propósito de me assegurar... – Limpou a garganta e olhou para o outro lado.

O sentido explícito do que ele não disse trovejou em sua alma.

– Que seria um castigo eterno. – Ela completou desnorçada.

Ele assentiu.

– Mesmo morta, Rowena está ligada a mim. Selene, todas as noites sonhava com ela. Até ver você. Todas as noites sonhava com aqueles cabelos dourados em minhas mãos. Com seus lábios em minha pele, suas palavras de ódio e acusação em meus ouvidos. Até ver você. – Ele apertou os lábios. – Tentei esquecê-la me deitando com outras mulheres que se pareciam com ela para

mantê-la fora da minha cabeça, fora do meu coração, mas a maldita... – Suas palavras perderam-se no vento.

Por fim ela o tocou e ele não se alterou ou afastou-se. Os dedos se fecharam no braço dele.

– E agora o que faremos? – Perguntou ela em voz baixa.

– Não sei Selene.

Ficaram ali durante muito tempo, lado a lado, olhando para o oceano. Uma hora mais tarde, quando retornaram a Swarthwick, encontraram Leeson na escada entre os arcos altos da antessala que levava ao escritório de Rourke. O piso de mosaico ao redor da escada estava coberto por uma lona grossa esticada por todo o cômodo.

– Espero que não se importe meu senhor. – Gritou ele. – Descobri que esse mosaico é muito antigo e o preservacionista que há em mim quer estar certo de que estará protegido antes de fechar o castelo e retornarmos a Londres.

Selene olhou o vitral colorido.

– Desenhou a serpente para esse propósito?

– O quê?

Voltou-se e Rourke a viu apontar para cima e fazer um movimento em ziguezague.

– A serpente na base da árvore, os raios do sol caem sobre ela e a faz brilhar.

Rourke pôs as mãos nos quadris e olhou para cima. De fato, os raios do sol da manhã, visível através do vitral, fazia a pedra verde escura, que era o olho da serpente, brilhava com intensidade.

Ele respondeu:

– Eu gostaria de ter pensado nisso, mas na verdade, é apenas uma coincidência. Leeson, quando se referiu ao fechamento do castelo e voltarmos a Londres, foi por ter recebido instruções?

A voz de Leeson ecoou no ar.

– Está em seu escritório, meu senhor.

Depois de ler a carta, Rourke sentou-se na cadeira. O que deveria fazer? Sentia-se vazio, drenado por ter compartilhado o segredo mais profundo da sua alma com Selene e agora isso... Não tinha certeza de como se sentia. Não sabia que palavras usar, ou com agir.

– Acabou não? – Sussurrou ela. – Meu isolamento terminou.

Rourke dobrou a folha.

– O Conselho ordena que eu volte a Londres com a maior rapidez possível, devo assumir minhas funções como comandante dos Raven.

Selene assentiu. Os lábios dela estavam apertados. Ela passou a ponta dos dedos na superfície da escrivaninha.

– A carta... Não menciona a minha volta a Londres, não é?

– Os Primitivos informam que pode fazer o que quiser.

– Quão evasivos eles podem ser. – Ela piscou rapidamente, as mãos tremiam. Inclinou a cabeça e exigiu em voz baixa. – Foi mencionada minhas funções como Guardiã das Sombras?

Ele levantou e deu a volta para ficar diante dela. Queria segurá-la nos braços e aconchegá-la no peito. Mas uma voz dentro da sua cabeça disse que não tornasse as coisas mais difíceis do que já eram.

– A carta não menciona nada sobre isso.

Ele pôde ver sua mente trabalhando.

– Talvez esperem por minha volta a Londres para pôr fim às coisas.

– Não há razão para que não lhe deem mais tempo. Lady Black deve ter aprimorado o antídoto.

– Não. – Selene negou. – Não haverá mais antídoto.

Rourke anunciou a todos em Swarthwick que partiriam com destino a Londres em dois dias. Todos, com exceção dos jovens. Leeson soubera que McGregor, um dos oficiais da guarda pessoal da rainha e subordinado aos Guardiões das Sombras, aposentou-se. Rourke então, o convidou para morar com a família em Swarthwick. Ele era viúvo e já tinha uma filha casada com um professor há dez anos, infelizmente o casal não tinha filhos ainda. Rourke encarregou McGregor de administrar tanto a propriedade quanto a educação dos meninos, o seu convite foi aceito com entusiasmo. Todos viveriam no castelo até que fosse construída uma casa confortável para a nova família que surgia.

No momento, Rourke e Leeson compraram o necessário para a reforma que o castelo precisava, antes que os novos residentes se estabelecessem. Ao sair da loja do senhor Harbottle, que, curiosamente, agora era atendida por uma das garotas do circo, uma voz o chamou do outro lado da estrada.

Quando viu Silverwest cruzar a rua na direção dele, o sangue ferveu ao passar por suas veias. Mesmo ele, um homem, tinha que admitir que Silverwest era dono de uma bela aparência. Os dentes do homem eram brancos e perfeitos e sempre estava muito bem vestido. Rourke duvidava que as camisas ou calças alguma vez já conheceram uma ruga. Rourke fitou as próprias botas sujas de barro. Fechou os olhos e respirou fundo, rezando para que conseguisse conter o instinto de arrebentar o rosto agradável de Silverwest.

– Lorde Avenage. Esperava poder rever o senhor e a condessa.

– Umm-humm. – Foi toda a paciência e calma que pôde reunir.

– Minha irmã e eu não estávamos preparados para o anúncio da sua partida para Londres.

Rourke assentiu.

– Precisamos voltar. Não esperávamos ficar tanto tempo aqui.

– Gostaria de falar com o senhor sobre um assunto de caráter mais pessoal.

Os cabelos da nuca de Rourke arrepiaram-se com a suspeita do que Silverwest pudesse chamar de ‘pessoal’. De alguma maneira ele sabia que se referia a Selene.

– E o que seria?

Silverwest tirou o chapéu e sorriu meio desajeitado.

– Pode parecer estranho, mas...

– Não, por favor, continue. – Rourke precisava torturar a si mesmo, percebendo a natureza das palavras que Silverwest iria pronunciar. Ele merecia ser torturado por não reclamar Selene abertamente como dele. – Pode falar livremente.

– Espero que o senhor não se ofenda quando digo que tenho certeza da afeição que despertei em sua irmã.

– Tenho certeza de que todos estão de acordo sobre isso. Ela gosta muito da companhia da senhora Thrall também.

Um sorriso de alívio estampou-se em seu rosto.

– Entendo perfeitamente que um homem não pode se afastar dos seus negócios por muito tempo. Mas quanto à condessa, minha irmã e eu gostaríamos de convidá-la para ser nossa convidada em Astley durante algumas semanas. Com toda franqueza, Lorde, sinto que há certa emoção entre sua irmã e eu, e gostaria de poder conhecê-la melhor. Minha irmã, é claro, estará presente para proporcionar uma acompanhante mais que apropriada. Seria uma circunstância aceitável, não?

– Minha irmã. – Como odiava essa palavra. – É senhora de si. Ela é quem realmente deve decidir.

E sabia muito bem a quem Selene desejava. A ele. Nas últimas noites e em sua cama, havia mais que demonstrado. Então, por que não conseguia dizer às palavras que ela certamente gostaria de ouvir? Por que não lhe oferecia um compromisso que seria algo mais tangível do que aquele relacionamento físico? Um compromisso verdadeiro e duradouro?

Um sorriso surgiu no rosto de Silverwest.

– Perfeito. Tornou-me um homem muito feliz, lorde Avenage.

Sim, perfeito. Rourke franziu o cenho enquanto via Silverwest partir.

Nessa tarde, quando ele e Leeson chegavam da aldeia, um homem estava parado nos degraus da entrada do castelo, com um cavalo selado esperando por seu dono. Selene estava a alguns passos, à sombra do arco, lendo um cartão branco. Conduziram a carroça até os estábulos e descarregaram o material. Entrando na casa pela entrada dos fundos, Rourke encontrou Selene no grande salão.

– Recebi um convite da senhora Thrall para um jantar em Astley esta noite, de certo soube da nossa partida e quer nos desejar uma viagem segura e feliz a Londres. Será muito agradável, não acha? Estou lhe escrevendo que aceitamos com prazer.

Rourke quase a impediu de responder. Passar uma hora com Silverwest e a senhora Thrall lhe parecia tão divertido como passar uma hora em um manicômio. Mas de alguma maneira retorcida, queria estar presente, quando Selene recusasse a oferta de Silverwest a explorar a tal ‘emoção’ que ele imaginava existir entre eles.

Quando chegou a noite, Rourke ajudou Selene a subir na carruagem. Leeson seria o condutor nesta noite.

Os jovens os saudaram da janela à medida que se afastavam.

Selene escolhera um vestido vermelho vivo. O cetim brilhava com pequenas pérolas negras. Apesar de terem feito amor nas primeiras horas depois do anoitecer, ela se continha fora do quarto

e quando não estavam sozinhos. Mesmo agora, enquanto iam se unir à companhia de outros, ela não se sentava ao lado dele no assento da carruagem. Não lhe ofereceu nenhum olhar significativo. Ela esperava que ele dissesse que as coisas poderiam mudar.

Apesar de não desejar continuar no caminho da condenação eterna, ao menos não sozinho, ele ainda hesitava em unir-se a ela.

Cada vez que estava ou sentia sua presença, ela eclipsava todo pensamento e amenizava os sentimentos primitivos com respeito a sua esposa morta e ao seu filho. No entanto, em sua ausência, não conseguia deixar de castigar-se por escolher a paixão e a necessidade sexual sobre o que achava correto.

Além disso, a cada vez que imaginava em como ele e Selene poderiam compartilhar um futuro, tinha a sensação de que seria um caos completo. Toda sua existência imortal estava centrada em ser o comandante dos Raven e a dela, como uma Recuperadora. Não era apenas montar um lar juntos ou uma família. Uma vez que retornassem a Londres e ela recuperasse seus poderes, temia que se tornassem duas pessoas completamente diferentes, com prioridades diferentes que não incluíam um ou outro. Pela terceira vez moveu-se incomodado pelo nó na gravata.

– Faria a gentileza de arrumar a minha gravata?

Selene inclinou-se para frente e tomou em suas mãos os extremos pendentes. Olhando seu pescoço, sussurrou.

– Não ponha a gravata.

– Não?

– Não.

– Sinto-me aliviado ao ouvi-la dizer isso.

– Por que está tão tenso? E poderia parar de fazer caretas.

– Não estava fazendo nada disso.

As emoções que sentira nesta tarde se mesclaram. Ele desejara muito voltar a Londres, agora, as vésperas de sua partida,

queria ficar mais alguns dias em Swarthwick com Selene. Irritava-o saber que a última noite fosse passada na companhia de pessoas que perturbavam sua calma. Assim que chegassem, ele sabia que Silverwest assediaria Selene e ele ficaria relegado aos olhares açucarados da senhora Thrall.

– A senhora Thrall deve ter tido muito trabalho em organizar esse jantar de despedida. Você pode sofrer só um pouquinho, e vai me prometer ser amável com todos, sim?

– Haverá outros convidados? – Ele perguntou.

– Não tenho ideia.

Ele grunhiu e voltou a cabeça para olhar pela janela.

– Agradeça por ser só um jantar e não um baile. Estaremos de volta logo.

– Sabe o que penso dele. – Murmurou desprezando-se, mas se obrigando a admitir. – Pelo modo como a olha.

– E como ele me olha, Rourke?

– Como se quisesse devorá-la.

– Talvez devesse deixar. – Ela levantou os ombros.

Os olhos de Rourke se estreitaram.

– Não o use desse modo.

– Não estou tentando usá-lo contra você ou para provocá-lo. – Ela inclinou-se sobre o banco e em voz baixa acrescentou. – Mas não sei ainda quem sou ou serei. Nossa volta iminente a Londres traz à minha mente, uma série de questões desagradáveis. O que acontecerá se não puder voltar a ser uma Recuperadora das Guardiãs das Sombras? O que acontecerá se...?

Sua voz tornou-se rouca.

– O quê?

- Se ainda continuar mortal... Sinto-me muito vazia do meu eu de antes.

- Não diga e nem pense assim.

- Se continuar mortal, nosso relacionamento seria ainda mais impossível do que é agora.

Tentou pegar a mão dela, mas ela se moveu para fora do seu alcance. Que ela recusasse esse pequeno gesto de conforto doeu mais profundamente do que esperava. Os olhos dela brilhavam com lágrimas.

- Aconteça o que acontecer, Rourke, quero que saiba que...

A porta abriu-se de repente ao lado deles. Rourke piscou. Não percebera que chegaram ao destino. Selene passou os dedos enluvados contra as pestanas, pegou a bolsa e o xale. Sem olhá-lo novamente, ela aceitou a mão do laçao de Silverwest e desceu as escadas. Rourke a seguiu.

No interior, um número considerável de comerciantes e da aristocracia local estavam comentando a respeito da casa paroquial, que em tamanho e decoração seria muito mais ostensiva que o castelo. Como havia predito Rourke, Silverwest surgiu em uma explosão de encanto e Selene desapareceu rapidamente segura por seu braço. Uma senhora Thrall exultante, por sua vez, tomou o braço de Rourke e o apresentou a todos os que tinham alguma importância na região. Todos responderam ao seu entusiasmo, e estava claro que ela gostava de todos. O cabelo brilhante e claro, a adoração perceptível por alguma razão fazia o efeito contrário nele. A senhora Thrall era como uma baforada de açúcar. Excessivamente doce. Chegava até a doer os dentes quando lhe sorria. Não havia dúvida alguma, perdeu o gosto pelas loiras.

Porque, seu idiota, você ama Selene. Uma voz tranquila, firme e profunda repetia dentro da sua cabeça. Rourke fechou os olhos e respirou fundo, ruminando uma negação silenciosa.

Ele sentou-se em uma cadeira de honra junto ao piano, onde, depois de Silverwest tagarelar sobre a amizade duradoura e declamar poesias, a senhora Thrall sentou-se na banquetta do piano e tocou, começando a cantar.

Amor. Fizera o possível para manter essa emoção perigosa fora da sua existência. Havia se convencido em sua mente, que se as coisas fossem longe com Selene, a relação intensa simplesmente terminaria atroz, mas terminaria. Os pensamentos se concentraram nas lembranças das últimas semanas. Cada um de seus sorrisos. Cada beijo.

Alguém disse seu nome.

Ele piscou, e a visão instintivamente concentrou-se em Selene. Quanto tempo se passou?

Do seu lugar ao lado de Silverwest, ela sorria arrebatadora para ele.

– A senhora Thrall tem uma bela voz, não acha?

A canção, ao que parecia, havia chegado ao fim.

– De fato. – Ele se obrigou a olhar para a senhora Thrall. – É belíssima. Obrigado por compartilhar conosco seu dom de cantar.

Ele trincou os dentes. Como conseguira dizer tal coisa? Mas o sorriso de Selene alargou-se e os olhos se aqueceram com prazer. Talvez, a resposta ridícula a tenha agradado, ou pelo menos divertido.

Do seu lugar, a senhora Thrall o fitava com atenção e prazer. Ele vira suas feições antes, é claro, o cabelo, nariz e o tipo físico, mas nunca realmente lhe chamara a atenção. Curiosamente, ela não irradiava a menor vibração mental ou emocional. Era bonita, mas também parecia uma tela em branco. Brilhantes olhos azuis, deslumbrantes, mas além deles não parecia haver nada mais que um espaço vazio.

– Meus queridos amigos. – Gritou Silverwest, de pé junto a cadeira de Selene. – Tenho um comunicado especial. Como todos

vocês, sem dúvida, desenvolvi um grande afeto por minha bela vizinha, a condessa Pavlenco. Talvez seja impetuoso de minha parte, agindo por instinto, como os homens fazem tão frequentemente, mas tenho algo muito importante a perguntar...

Um sorriso lento expandiu-se em seu rosto. Um murmúrio de excitação ondulando ao redor dos convidados.

Rourke sentia o coração bater tão forte que poderia explodir em mil pedaços.

Silverwest assentiu e estendeu a mão para Selene.

– Pedi à condessa, que para o meu prazer, aceitou... – Deixou os convidados em expectativa.

Rourke viu a expectativa se transformar em terror, diante dos olhares atônitos e risos de esperança. Ele fitou o sorriso sereno nos lábios de Selene. Lábios que sabia serem perfeitos ao tocar sua boca e seu corpo. A ideia de que nunca mais pudesse tocá-la de novo o deixou quase fora de si. Segurou-se nos braços da cadeira para não atacar o miserável. Se esse maldito fazendeiro do campo se atrevesse a pedir Selene em casamento... Ou pior, pensou Rourke. Algo lhe dizia que em seu estado atual, ela poderia ter dito sim. Iria matá-lo sem hesitar.

Como se soubesse o que Rourke iria fazer, os olhos de Silverwest caíram diretamente sobre ele e seus olhares se enfrentaram. Os lábios do outro homem retorceram em um sorriso displicente.

– Para que me acompanhe ao circo. – Exclamou.

Com um gesto amplo do braço indicando as janelas, fogos de artifício explodiram do lado de fora na grande janela, revelando um pequeno picadeiro sobre a grama. Os acrobatas se puseram a escalar as cordas e balançar no ar. Palhaços malabaristas e o urso bailarino começaram então o espetáculo. Um rapaz correu para acender as tochas, iluminando o picadeiro.

A sala explodiu em exclamações excitadas e todos saíram de seus assentos para atravessar as portas. Franzindo o cenho e nada

interessado no espetáculo, Rourke seguiu com os olhos Selene e Silverwest. Subitamente sentiu um toque no braço, olhou para baixo e encontrou a senhora Thrall, apoiando a mão em seu braço. Aturdido, acompanhou-a da saída da casa até o gramado extenso.

Embaixo de um pavilhão de seda, um bufê estava sendo servido e palhaços generosamente derramavam champanhe em lindas taças de cristais. A banda do circo, sentada em cadeiras debaixo das árvores, tocavam uma Polka. Silverwest dirigiu Selene ao terraço pavimentado e a convidou para dançar, unindo-se a outros casais.

Rourke achou a cena encantadora demais para suportar vê-la por mais tempo. Voltando para o interior da casa, caminhava sem rumo pela sala e encontrou a biblioteca. Assim que entrou, deu-se conta de que não estava sozinho. Um careca de óculos, o senhor Harbottle e uma jovem, que Rourke viu em sua loja lutavam no sofá, entre beijos ofegantes tentando arrancar as roupas um do outro.

Rourke recuou e fechou a porta suavemente. A senhora Thrall havia dito que a senhora Harbottle fugiu com um dos palhaços? Algo se moveu ao lado do seu pé e ele quase pisou... Em uma serpente. Os olhos redondos o observavam com certo interesse. Não era uma serpente de verdade, era um brinquedo mecânico, como aquele que Silverwest deu a Selene. O pequeno mecanismo emitia um zumbido metálico, enquanto ziguezagueava pelo corredor. Ele seguiu a serpente até que desapareceu em um cômodo escuro e sombrio. Ele atravessou a porta, já com os músculos preparados para reagir se fosse necessário.

E sentiu um cheiro diferente, algo que nunca sentira antes. Tão bom. Tão sensual. A senhora Thrall virou-se da janela que dava para o jardim. Velas de cores brilhantes iluminavam precariamente o lugar.

– Lorde Avenage. – Ela murmurou com olhos arregalados. – Que surpresa tão agradável!

A cauda da serpente movia-se e desapareceu sob a prega de sua saia. Ela havia tirado o leve casaquinho e agora só usava uma

blusa sem manga que brilhava com minúsculos cristais. Atrás dela, um incenso queimava. A fumaça vermelha escura espalhava-se pelo ar e o enchia com a fragrância mais doce e sensual que se atrevera a invadir seus sentidos.

A senhora Thrall realmente, era de uma beleza extraordinária. A imagem de Selene dançando nos braços de Silverwest tornava a senhora Thrall ainda mais atraente. Ele piscou. De onde diabos saia tais pensamentos? Nunca sentiu atração pela senhora, no entanto, agora sentia algo estranho...

– Parece que você, tanto quanto eu, tivemos o bastante do circo. – Disse soltando as cortinas antes de fechá-las sobre a janela. – Não sei por que meu irmão sente tanta satisfação por assistir tal espetáculo. Acredito que algo mais tranquilo, mais íntimo pode produzir resultados não menos espetaculares.

– Concordo senhora. – Disse ele, olhando fixamente os seios parcialmente descobertos, que eram menores que os de Selene, mas também perfeitos.

Ela tirou uma presilha cravejada de pequenos brilhantes dos cabelos e sacudiu soltando-os, até que o volume brilhante e espesso caísse sobre os ombros e as costas.

Selene... Quem era Selene? Ele piscou e sacudiu a cabeça tentando clareá-la. Selene era a mulher que amava. Os instintos de Rourke começaram a gritar que havia algo muito estranho se passando na mansão Astley. E tinha a completa intenção de saber exatamente o que era.

Capítulo 16

– Talvez possa nos servir uma bebida, não? – Sugeriu a senhora Thrall. Os dentes eram perfeitos e tão brancos quanto pérolas. Levantou uma mão indicando. – Há uísque no armário.

– Certamente. – Ele se voltou e ficou olhando a garrafa. A luz das velas fazia o líquido brilhar com mais intensidade, tanto quanto o fascinava como o deixava... Enjoado e meio tonto.

De trás ele ouviu um grunhido baixo, tão ardiloso como o de um chacal.

Seus músculos se prepararam. Um corpo se chocou contra suas costas, com tanta força que fez o ar escapar de seus pulmões com violência. Ele se agarrou à beira da mesa. Graças a Deus. Ele sorriu. Um pouco de emoção no campo finalmente.

As saias brilhavam ao redor da sua cintura, enquanto os joelhos esmagavam suas costelas, o braço dela agarrava o seu pescoço com uma força extraordinária, ela esfregou o rosto contra seu ombro. Seus incisivos provaram a carne de sua orelha.

– Senhora Thrall... – Tentou tirá-la de suas costas, mas nem as coxas nem os dentes o soltaram. Como tirá-la quando ela parecia presa como uma sanguessuga? – Senhora, talvez tenha havido algum mal-entendido entre nós.

Os lábios dela deslizaram por seu pescoço e o chuparam.

– Ummmm. Delicioso.

A fumaça do incenso flutuava em seu nariz, formando redemoinhos em seus pulmões e confundindo seu cérebro, interrompendo e reorganizando seus pensamentos. O aroma era

difícil de ser identificado, mas... Era muito mais doce que as flores. Melhor que especiarias. Melhor até mesmo que sexo. Ele não queria que o perfume se dissipasse nunca.

A senhora Thrall desceu de suas costas e o empurrou sobre o sofá. Saltando escarranchada sobre seu quadril, arrancando e abrindo a blusa para revelar o espartilho negro e transparente.

– Você gosta do que vê? – Ronronou. Agarrando sua cabeça, colocando com força seu rosto sobre os seios. A mente de Rourke brilhou com imagens de Silverwest sorrindo e beijando Selene, com a boca aberta e com a língua. De Silverwest despindo-a. A necessidade de traí-la antes ardia quase incontrolável. Deus, não. O que estava acontecendo com a sua mente?

Embora aquela mulher fosse atraente, não parecia do tipo atirado e atrevido, mesmo se por um acaso sentisse muita atração por ele, havia alguma coisa diferente na senhora Thrall. Fechando os olhos, chamou seus sentidos de ave e se concentrou na mulher.

Ela emitia um zumbido.

Sons curtos, quase imperceptíveis pareciam cascavéis no interior do seu peito e vibrava ainda mais em seus lábios. As mulheres não zumbiam como máquinas. Não as mortais.

– Senhora Thrall, me diga seu nome... – Murmurou ele, lhe beijando o pescoço.

– Dora. – Sussurrou ela, movendo sua pélvis contra a dele. – Você já sabia tolinho.

Para sua consternação, seu corpo reagiu. Enfurecido, enroscou a mão em seu cabelo e a puxou para trás. Beijando-a no pescoço e depois na linda boca, lábios frios o receberam e sussurrou.

– Não... Seu nome verdadeiro.

Silêncio.

– Vamos minha linda, pode me revelar a verdade. – Tentou convencê-la com o tom sedutor da voz e com os lábios.

– Realmente não posso. – Suspirou como se lamentasse. Com a boca ainda pressionada à sua, abrindo os olhos. Os olhos azuis brilhavam intensamente.

– Por acaso seria Pandora? – Ele perguntou.

– Por que não? – Ela sorriu.

Com um grunhido, Rourke lhe torceu o braço em suas costas e o arrancou do seu torso. Ela gritou possessa de raiva.

Cabos de cobre e cavilhas de metal saiam do membro arrancado. Carne e nervos estavam dependurados, sangue, que ele não esperava, correu para manchar o espartilho. Enojado, empurrou-a do seu colo.

Agora sabia a verdadeira identidade da senhora Thrall, o perfume ou feitiço, que estava tecendo em sua mente, evaporou-se como se nunca tivesse existido. Os pensamentos erráticos se afastaram e o incenso adquiriu um cheiro rançoso, pútrido no ambiente. Ele se levantou de um salto. O belo rosto estava contraído em uma careta, enquanto ela investia arranhando e o cortando com a mão restante. Com um movimento vingativo, ele a esmurrou com o próprio braço. Com o golpe lhe virando a cabeça para um lado, os cabelos loiros saltaram em todas as direções, caindo aos montes no tapete.

– Irá morrer por isso, comandante dos Ravens! – Gritou ela, se virando e correndo com as saias esvoaçantes, desaparecendo pela porta.

Rourke a perseguiu e chegando ao corredor, se deparou com mais de uma dezena de portas. Seu cheiro antes irresistível, agora cheirava a metal, sangue estancado e a carne podre.

Chamas dos infernos, a senhora Thrall é Pandora. A mitologia antiga preservava sua história. Fora criada para se passar por uma bela mortal, mas era artificial, o primeiro ser mecânico, como à serpente que Silverwest deu a Selene.

Fascinante, bela e mortal, foi a morte para incontáveis pretendentes ao longo da história. Correu pelos primeiros três

quartos, e no quarto viu um chumaço de cabelo loiro debaixo do tapete. Ele levantou a ponta do tapete e encontrou um alçapão de madeira. Subindo o painel apenas uma polegada, olhou em seu interior.

Selene caminhava pelo jardim, por uma trilha cercada de árvores avermelhadas e carregadas de flores negras, nunca antes vira árvores assim. Levantou uma flor enorme, quase do tamanho de sua cabeça e inalou. Aquele perfume... Ela se sentia tonta e meio enjoada. O beijo de Silverwest ainda permanecia em seus lábios, e o contato em sua pele. Tentou colocar as mãos nela, mas ela não consentiu mais intimidade. Com os olhos atormentados com o desejo, Ihe havia pedido que esperasse ali, no jardim, enquanto ia procurar seu presente.

O presente, havia-Ihe sussurrado ao ouvido, estava dentro de um pequeno estojo de veludo.

Ela arrancou a flor da árvore e a colocou nos cabelos olhando para o céu. As lanternas chinesas no jardim iluminavam parcialmente o caminho, mas estranhamente obscurecia o céu carregado de estrelas. Brilhavam como se queimassem e de seu interior fluava uma nevoa vermelha. Apesar da névoa e da penumbra. Por que alguém sairia deste lugar?

– Selene. – Gritou uma voz longínqua.

– Sim? – Sussurrou com voz apagada.

Esplêndido. Era Rourke. Ela estava zangada com ele. Sempre parecia atravessar o seu caminho. A flor caiu do cabelo. Silverwest havia dito que Rourke entrou com a senhora Thrall na casa. E Silverwest Ihe sorria com malícia.

Ela havia entendido muito bem o significado do sorriso. Zangada jogou a flor no chão.

Rourke surgiu à beira da trilha correndo.

– Aí vem ele. – Se zangou ainda mais.

Era tão bonito que o odiava. Ela jogou outra flor em seu rosto. A flor pesava o bastante para surpreendê-lo, acertando-o no nariz.

– Diabos, por que fez isso? – Exigiu ele.

– Porque eu não gosto mais de você.

Colheu outra flor, colocou no nariz e cheirou. Franzindo o cenho, jogou-a ao chão.

– Não deve inalar o perfume dessas flores.

– Vê, essa é mais uma razão para não gostar de você. Odeia as flores.

– Não. – Respondeu ele com irritação. – Só essas flores. – E agarrou-a pela mão. – Temos que sair daqui.

Ela se debateu até se soltar.

– Eu não quero ir embora.

– Não discuta comigo. – Ordenou.

Uma vez mais ele tentou alcançar o seu braço. Ela se virou e começou a correr. Ele a alcançou e a agarrou pela cintura. Quando ela abriu a boca para gritar, ele a estapeou no rosto. Ela o chutou e se debateu ainda mais, sem paciência ele a levantou nos braços, estreitando-a com força contra o peito e correu. Ela tremia em choque no momento em que praticamente a jogou dentro da carruagem.

– Vamos. – Gritou a Leeson.

– O que pensa que está fazendo? – Demandou ela, encaixando-se no canto mais afastado. – Quero voltar.

O senhor Silverwest provavelmente estava no jardim agora mesmo com a caixa de veludo, perguntando-se aonde se

escondera. A carruagem se sacudia pelo caminho. Ela tentou abrir a porta, mas ele a impediu.

- Rourke você não passa de um estúpido rude e mal educado.
- Lamentou-se.

Ele deslizou no banco junto a ela e com as mãos grandes apertou seus ombros.

- Por favor, ouça esse estúpido rude e mal educado. Silverwest e a senhora Thrall não são o que parecem.

- Ele não é um homem mau, é? - Argumentou ela. Por que pensava na possibilidade de que o senhor Silverwest fosse mau?

Ele a sacudiu.

- Vamos, Selene. Pense, não achou nada estranho? O perfume a confundiu. Estava na casa, no pátio e também no jardim.

- Odeio você. - Gritou ela.

- Ouça-me. - Segurou seu rosto e se inclinou sobre ela.

- Não. - Ela o empurrou.

- Eu... A... Amo. - Desabafou e um peso enorme saiu do seu coração. - Eu realmente amo você.

A boca dele colou na dela em um beijo urgente e cheio de paixão. As mãos se fecharam em seus ombros e com um gemido ela o empurrou com todas suas forças. Mas então... Os pensamentos confusos clarearam. O cheiro, o gosto de Rourke substituiu tudo. Ela sentiu o perfume amadeirado e abraçou o homem quente e delicioso.

Recordou então o cheiro doce, peculiar. Ela se sentira enjoada. O senhor Silverwest sussurrou todo tipo de coisas falsas em sua mente e por alguma razão seu cérebro as aceitou como verdadeiras. Silverwest e a senhora Thrall não são o que parecem. O maldito cheiro permitira ser manipulada. E odiava ser manipulada. Seu temperamento veio à tona, ao mesmo tempo outra emoção estimulante subiu em espiral em seu peito e na cabeça.

Eu realmente amo você.

O calor se espalhou em seu sangue até sua medula óssea, uma sensação de dor e prazer ardente. Agarrando as lapelas do casaco de Rourke, o empurrou para trás. Ela montou-o escarranchada sobre o assento.

– Parece que já não sou o Rourke estúpido rude e mal educado?

Ela sacudiu a cabeça, sorridente, com os olhos arregalados e cheios de emoção.

– Agora é querido Rourke. O meu Rourke que acabou de dizer que me ama!

A mão grande tocou com delicadeza suas feições. O olhar não se desviou dos dela.

– Amo você.

O calor e a dor se intensificaram.

– Rourke!

As palmas das mãos fizeram cócegas... Queimaram.

Respirou fundo com a intensidade da sensação, jogou a cabeça para trás. Uma luz brilhou intensamente, e quando ela baixou os olhos, segurava dentro das mãos suas adagas Amaranthines. A voz de Rourke... O amor dele de alguma maneira devolveu sua imortalidade.

Olhando nos olhos escuros de Rourke, ela gritou:

– Voltei!

– Você sempre esteve aqui, minha querida. – Disse maravilhado com sua alegria.

A carruagem chegou a Swarthwick. Rourke ajeitou às pressas a calça, mas não havia nada que pudesse fazer pela camisa sem botões. Selene sentou mais apurada, arrumando o corpete e as saias. Em segundos, o rosto sensual de Rourke passou a intrigado

e atento. Rourke saiu primeiro. Leeson saltou do banco do condutor.

– O que estava acontecendo ai dentro? Várias vezes pensei que a carruagem iria tombar. – Leeson estava curioso.

– Por que as janelas estão às escuras? – Perguntou Selene enquanto passava junto a eles. Com um movimento do braço, uma adaga de prata surgiu em sua mão. Grunhiu. – Se tiverem ferido os meninos...

– Selene! – Leeson gritou maravilhado. – Seus poderes voltaram.

Ele olhou a face avermelhada de Rourke e a camisa aberta. Os olhos se arregalaram e os lábios formaram um O de surpresa. Apressados seguiram Selene ao interior. Ela acendeu uma vela e começou a percorrer todos os cômodos, gritando.

– Nathan. Hannah. Kate.

Vozes gritaram em resposta e a porta do escritório se abriu de repente. Cada um aconchegou um jovem nos braços.

Nathan disse:

– Nos escondemos no escritório.

Rourke encontrou o olhar de Selene.

– Avisei a eles que se algum dia ouvissem ou vissem algo estranho, que deveriam se esconder aqui. Essas paredes têm um metro de espessura e a porta só abre por dentro.

– E o que houve? – Perguntou Selene.

– Um raio. – Respondeu Nathan.

Kate gritou:

– Um vento terrível.

– Os vidros do salão quebraram sozinhos. – Hannah gemeu.

Juntos passaram por baixo dos arcos. Os sapatos rangiam sobre os fragmentos das vidraças. Leeson saiu do escritório, falando telepaticamente para não alarmar mais os jovens.

- *O artefato também foi destruído.* - Leeson informou.

- *Estamos isolados então. Não há maneira de informar aos Primitivos do que houve nesta noite.* - Constatou Rourke.

-*Temos que voltar a Astley. Leeson fique com os meninos.* - Disse Selene.

Leeson assentiu, mas franziu as sobrancelhas grisalhas e estreitou os olhos. Apesar de não ser um Guardiã das Sombras, o velho imortal saboreava uma boa briga tanto como qualquer um deles.

Juntos, Rourke e Selene deixaram o castelo, e se dirigiram para a estrada. Ela parou só para agachar-se e recolher a senhora Hazelgreaves, que vinha deslizado para saudá-la. A serpente se enroscou ao redor do seu braço. Lado a lado, ela e Rourke se transformaram em sombras e entraram na noite.

Sobrevoaram as muralhas do castelo, o rio e o campo até chegar às terras do Silverwest. Os atores do circo ainda estavam, mas a multidão reduzira. Rourke e Selene passaram, sem serem vistos, através de cada cômodo e corredor da mansão. Uma névoa vermelha cobria o ar. Dois homens se empurravam e lutavam um com outro.

- Ela é minha. - Gritou um deles.

- Não, ela está morta. Ouviu-me? Morta! - Gritou o outro.

Muitos outros estavam estendidos, com os membros entrelaçados nos sofás e poltronas, em diversos graus de nudez. Pela janela do salão observaram o senhor Harbottle correndo nu pelo jardim. Silverwest nem Pandora foram vistos.

- Venha comigo. - Disse Rourke.

Levou Selene a sala em que encontrou o alçapão secreto, depois de levantar a portinhola, desceu primeiro. Cortada na pedra,

a escada se inclinava em ângulos irregulares. Meio agachado e olhando a escuridão, esperou até que Selene descesse o último degrau. As mãos finas e elegantes apertaram os flancos dele, sabendo que o provocava ao estender as garras para ele. Era uma bela, e aterradora visão. Gostava de ver seus instintos finalmente despertados pela expectativa de uma luta feroz, queria lutar, desejava que não demorasse a arrancar a raiz do mal em Pandora e em Silverwest, ansiava destruí-los.

Rourke caminhava sobre o piso de terra, com os olhos mudando do verde ao vermelho intenso.

– Vim até está parte do túnel antes, mas preocupado com você decidi voltar e encontrá-la.

Selene apontou a ponta da adaga ao longo de um dos túneis estreitos e escuros.

– Você seguirá nessa direção e eu na outra. – Rourke decidiu.

Ela olhou na direção oposta, onde havia outro túnel este mais largo e bem arredondado, como um buraco feito por um verme.

– Está me dando ordens agora? – Ela indagou atrevida.

– É o que parece, minha linda. – Ela baixou a adaga. – E você gosta disso, não?

– Talvez. – Os lábios se curvaram em um sorriso lento, enquanto se separava dele para desaparecer na escuridão.

Com a ponta da adaga, ela empurrou a porta mais próxima e a abriu. No centro do cômodo havia uma mesa grande. Na superfície havia várias pilhas de jornais e dezenas de lápis grossos, muitos deles quebrados ao meio, ou afiados em pontas extremamente longas.

Selene levantou um dos jornais da pilha sobre a mesa e viu uma série de círculos negros e manchetes sublinhadas. Tudo que fosse relativo a assassinatos ou suicídios e morte estava sublinhado. Saindo da sala, caminhou para o cômodo seguinte. A porta estava aberta, um leito coberto de lençóis emaranhados e

correntes chumbadas aos pés e a cabeceira da cama. Uma camisa suja e rasgada jogada no piso de terra. Sapatos de mulher também jogados no canto oposto da cama. Selene sentiu a pele estremecer com a ideia do que poderia ter acontecido ali. Nisso sentiu a presença de Rourke.

- São asquerosos esses dois. - Grunhiu Rourke ao seu lado.
- Sem dúvida. - Ela sussurrou.
- São também muito perigosos. Venha ver o que encontrei.

Ela o seguiu até o fim do corredor.

Ele abriu uma porta e entraram. Ao que parecia, não eram os únicos a usar a ciência dos Primitivos, tubos de cobre serpenteavam entre recipientes de vidro redondo, frascos, provetas e produtos químicos espalhados em prateleiras, muitos deles cheio de um líquido avermelhado. Um dos tubos assobiava e cantarolava, e o líquido escarlata, gota a gota caía em uma cuia de cobre.

Selene inspirou fundo.

- É o perfume no jardim.
- Muito interessante, não lhe parece? Há mais.
- Onde?

Ele não respondeu. Simplesmente esperou que ela se virasse. Então ela o fez. O coração batia rápido. No fundo do laboratório, ela viu algo que a deixou perplexa. Vários potes grandes de vidro ocupavam uma longa prateleira na parede. Ao se aproximar mais dos vidros, um cheiro acre se fez evidente.

- Parece um depósito de cadáveres.
- E é. - Ele afirmou em voz baixa.

Selene se aproximou de um dos frascos e suspirou profundamente. Olhando o líquido amarelo esverdeado, havia dois olhos claros e ao lado a pele esticada de um rosto. Rabiscado na

tampa estava senhorita Taylor. A tristeza dominou o peito de Selene.

- Pobre garota. Pelo menos já sabemos seu destino.
- Dê uma olhada nos outros.

Selene não queria olhar os outros, mas o fez. Havia doze frascos no total, cada um com partes do corpo de uma mulher diferente.

Rourke levantou um dos frascos menores.

- É Catherine, uma das garotas assassinadas por Jack o Estripador.

Selene leu em voz baixa.

- E aqui está a cabeça que faltava no corpo de Elizabeth.
- Elizabeth... Morta pela Noiva Escura. O que estão tramando?
- Perguntou Rourke enojado.

Selene levantou a tampa de uma bandeja de metal e fez uma careta.

- Tem que ser Pandora. Olhe isso.

Ele se uniu a ela e olhou para baixo.

- Parece que estava tingindo esse couro cabeludo da mesma cor do cabelo dela e a pele é também do mesmo tom. - Rourke observou intrigado.

Cadernos finamente encadernados forravam uma prateleira próxima. Selene pegou e abriu um. Não havia palavras, somente símbolos, irreconhecíveis. Estava repleto de padrões complexos de barras diagonais, espirais exóticas em padrões ordenados, tanto verticais como horizontais. Escolheu outro e encontrou a mesma coisa.

Rourke sacudiu um dos frascos de vidro e fez uma careta.

– Está usando os restos das vítimas para criar esta substância. Há... Há partes aqui também.

Selene analisava os cadernos.

– Creio que está tentando tornar-se uma mulher de carne e osso. Uma mulher de verdade. Não consigo entender as palavras, mas olhe os desenhos. – Sustentou o livro aberto para ele. – Eles registraram o experimento quando tentou substituir as partes mecânicas pelas partes das vítimas. – Selene franziu o cenho. – Pela forma com que afundou a pluma no papel e rabiscou tudo, diria que o experimento não funcionou.

Ela começou a recolher os cadernos.

– Não podemos levar tudo, não ainda. – Disse Rourke. – Só levaremos um. O último, este, parece o mais recente. Voltaremos depois para pegarmos o resto e os mandaremos a Londres para decifrá-los.

– Sabemos que a senhora Thrall é Pandora. – Refletiu Selene. – A pergunta é... Quem é Silverwest?

Um grito soou de cima e, um momento depois, muito outros se uniu a ele.

Rourke franziu o cenho.

– Sinto o cheiro de fumaça. Parece que é um incêndio.

– Não, precisamos de mais tempo para investigar.

A casa rangeu e o estrondo de algo pesado caindo sobre suas cabeças soou acima.

Rourke praticamente empurrou Selene até a saída. Quando saíram pelo alçapão, o fogo lambia as cortinas do cômodo e o teto estava em chamas. Ao passar pelo salão, também em chamas, Selene olhou pela janela.

– O pessoal do circo se foi.

Uma das colunas gregas se inclinou e caiu. Selene a desviou com um salto.

Já lá fora, amaldiçoou.

– Infernos, deixei o caderno lá dentro. Vou buscá-lo.

Ele não tentou discutir ou acompanhá-la. Agora ela era, novamente, uma Guardiã das Sombras.

Ela desapareceu no interior da casa por um momento. Quando saiu, cruzou o gramado até ele, com o caderno na mão. Os cabelos estavam soltos e a saia estava parcialmente queimada.

Apesar do momento tenso, um sorriso se levantou nos lábios de Rourke, já que nunca vira nada tão belo quanto Selene. Com um olhar irritado, ela parou e arrancou a saia de cima e a atirou ao chão.

Os convidados vagavam pelo gramado, alguns soluçando outros ainda sob o efeito do narcótico criado por Pandora. O senhor Harbottle ainda nu, corria delirando em círculos.

Os mortais não tinham uma constituição tão forte como a do casal de imortais. Precisariam de muito mais tempo para que os efeitos desaparecessem.

– Haverá uma grande quantidade de habitantes muito envergonhados pela manhã. – Disse Selene, com as sobrancelhas levantadas.

– Pelo menos estão vivos. – Considerou Rourke.

Selene agarrou a pessoa mais próxima, uma das senhoras que vendeu os ovos.

– Pode me dizer, que direção o pessoal do circo tomou?

A mulher assentiu sombria e apontou para o rio. Com um suspiro, sussurrou:

– Nos deixaram para trás.

Rourke e Selene se transformaram em sombras. Percorreram o campo até as margens do rio. Carroças e carretas coloridas estavam na margem esquerda. Poucos cavalos vagavam abandonados e não sentiram a presença de nenhum mortal.

– Todos desapareceram. – Murmurou Selene. – Como e por quê?

Lado a lado caminharam para o rio. A água corria rapidamente, chocando-se contra as rochas e submergindo. Sapatos, roupas de harém e chapéus estavam espalhados na margem de pedras.

– Jack o Estripador... A Noiva Escura... Todos ficavam perto do Tâmisa. – Rourke agachou ao lado da água. – Acho que foram embora pelo rio.

Capítulo 17

– Para você, Callianassa. – Sussurrou Selene. Tirou o anel de pérolas do dedo e o deixou cair na piscina circular olhando fixamente. Escamas brilharam e uma mão pálida capturou a joia. Cabelos escuros ondearam em meio a água, a nereida desapareceu entre as águas sombrias outra vez.

– Fez um pedido, maninha?

Ela virou para ver o irmão gêmeo, Mark, cruzando o gramado até ela.

– Não é da sua conta.

De aparência dourada e gestos serenos, era em muitos sentidos o oposto dela. Quando ele se aproximou, murmurou hesitante:

– É por Avenage?

Ela encolheu os ombros.

Passaram duas semanas desde que eles voltaram a Londres. Não viu Rourke depois disso. Ela retornou imediatamente para os Recuperados e ele aos Ravens.

Também devorou compulsivamente e em segredo metade de sua biblioteca particular, página após outra, e feito todo o possível para ocultar o receio de ter perdido definitivamente Rourke.

– Em breve não restará nenhuma joia... Humm... Ou livro inteiro nesta casa. Encontrei as encadernações vazias em seu esconderijo.

Selene respirou fundo e respondeu meio zangada.

– Não me acuse. É evidente que há um vândalo destruindo os livros entre seu pessoal.

– Umm-hmm. Certamente. – Ele inclinou a cabeça para a mansão atrás dele. – O Raven, Three, acabou de sair. Deixou um cartão. É um sujeito persistente, veio aqui várias vezes à sua procura, e mais uma vez eu disse que estava fora.

Selene sorriu.

– Ele é muito teimoso, isso sim.

Desde o retorno do Egito, Mark vinha decifrando o caderno de anotações de Pandora e depois de conversarem, Selene e Mark chegaram à conclusão de que Silverwest era, com toda probabilidade, Tântalo. A revelação havia surpreendido a todos. Enquanto os Recuperadores vinham rastreando Londres para detectar qualquer evidência de sua chegada, ele fez sua primeira aparição na região de Hawthorn, provavelmente com a esperança de que a transcendência ainda estivesse adormecida na mente de Selene, e pudesse ser controlada por ele.

Selene insistia que deveria haver alguma intenção a mais. Afinal, Pandora fizera perguntas sobre Swarthiwck antes que Selene fosse enviada ali sob a guarda de Rourke.

Agora os Reclamadores tentavam localizar o lugar provável onde Tântalo iria aparecer, os Ravens reforçavam as defesas no centro da cidade e em qualquer ponto estratégico mais à frente. Considerando o desaparecimento no rio e o interesse no Olho de Pharos, mesmo com Callanassa e as irmãs nereidas patrulhando as águas à procura do Tântalo, todos estavam atentos.

– Vamos entrar. Mina está servindo o chá.

Sua volta aos Recuperadores a mantinha ocupada, mas com o retorno de Mark e Mina, ela mudou do Hotel Metrópole para a mansão do irmão. Eles insistiram muito, e Selene não teve como recusar o convite, mesmo se sentindo um pouco deslocada naquele ambiente tão familiar. Apesar de não ter muito tempo para nada, exceto seus deveres e o trabalhado de reunir informações.

Entraram e foram para a sala azul onde Mina serviria o chá.

– Fale mais sobre o que descobriu sobre os Atheatos.

Ele sorriu.

– Esperava que me perguntasse isso.

A esposa do irmão entrou na sala vestida com um vestido branco que contrastava com os cabelos tão negros e brilhantes quanto as asas de um corvo, Willomina chegou com um criado que segurava uma bandeja.

– Nem posso dizer o quanto nos sentimos aliviados ao ouvir sobre a sua cura. Mark estava muito preocupado em deixá-la na Torre de Londres e aos cuidados dos Ravens enquanto estávamos no Egito.

Mina a tratava com muita cautela e Selene não a culpava por isso. Não fora nada agradável com Mina no início do casamento com Mark. Selene admitia agora que, simplesmente tivera medo de perder o irmão, a única pessoa que entendia sua personalidade e sabia o quanto se sentia desencantada com os mortais. Entretanto desde a estadia forçada em Swarhiwck, sentia-se mais condescendente do que antes. Menos egoísta, e queria realmente travar uma amizade verdadeira com a cunhada.

Selene disse:

– Vocês fizeram muito bem em ir procurar os Atheatos. Era uma grande oportunidade de se entender com esse grupo, e encontrar novos aliados para derrotar Tântalo.

Mina cobriu a mão de Selene e a apertou.

Mark disse:

– Vou contar o que descobrimos até agora.

– Estou curiosa, meu irmão. – Selene falou com animação.

– Até agora conseguimos localizar e proteger, pelo menos, seis artefatos dos antigos que poderiam ter sido roubados ou

desenterrados em seus esconderijos, até então secretos, evitando que Tântalo e seus seguidores os usassem com objetivos nefastos. Um dos artefatos mais perigosos que encontramos foi a Pupila do Olho de Pharos.

Selene franziu o cenho.

– Deve estar brincando. Não é um nome ridículo demais para um artefato?

Willomina virou os olhos e riu, enquanto servia uma xícara a Selene.

– Viu como eu tinha razão, você não conseguiria enganar Selene quanto a esse nome esquisito?

– Ele nunca conseguiu me enganar. – Selene assentiu sorrindo para a cunhada, mas depois observou o irmão com seriedade.

Mark riu contente com o bom humor da irmã.

– Bem irmã, não é propriamente uma pupila e sim uma pedra grande e extraordinariamente lapidada, que quando é colocada no centro do espelho do Olho de Pharos, seu poder é quase incalculável. Bem, por sorte o Olho foi recuperado e está sob guarda cerrada e a pedra está escondida e bem longe do espelho.

Selene continuou de onde o irmão parou.

– Sem o Olho, a pedra é inútil?

– Sim. E o mais interessante disso tudo, é que todos esses artefatos estão neste mundo há séculos e muitos à vista de todos, porém poucos sabem do poder deles. Alguns só podem ser usados em combinações específicas e outros, como recentemente aprendemos com o obelisco, a Agulha de Cleópatra, devem ser conservados e usados quando forem mais necessários.

– Quem quer que tenha previsto os acontecimentos atuais e tentou ajudar, tornou as coisas mais complicadas, não?

– Acho que esse sistema ou mistério, foi criado para evitar que os objetos fossem usados para fins escusos. Ao mesmo tempo, o mistério expõe um problema, que ninguém parece possuir o conhecimento de identificar e explicar a finalidade e o devido uso desses objetos. Então é muito importante que os localizemos e os coloquemos em segurança.

– Quem criou os artefatos? Quem sabia usá-los?

– Mortais antigos ou imortais. – Ele encolheu os ombros. – Não sabemos.

– Archer e Leeson são imortais antigos. Não podem nos dizer nada?

– Os primeiros imortais chegaram a ser milhares, povoavam todos os continentes da terra. É possível que os portadores do segredo dessas poderosas relíquias não tenham sobrevivido até os dias atuais.

– Falando em relíquias... – Selena tocou as varinhas de marfim que prendiam o cabelo em um coque. – Devo deixá-las com você?

Mark ficou de pé e as examinou.

– Hmm, não será necessário. Sei que serviram ao seu objetivo. Além disso... – Acrescentou comicamente. – Deve ter limitado seu poder ao prender tanto cabelo. São suas irmãs, mas eu peço que não as dê como presente a Callianassa. Posso mudar de opinião, e sabe como é uma harpia do mar grunhindo, e no que se transforma ao se pegar uma de suas quinquilharias brilhantes.

– Quando terminará de traduzir o caderno de Pandora?

– Traduzi mais algumas partes.

Ela se inclinou no sofá.

– E então?

– A maior parte consiste em desvarios de Pandora sobre Tântalo e lamenta por ele não amá-la o bastante por ela não ser imortal de carne e osso. E como viu, ela tentou vários experimentos.

– Então eu tinha razão, ela quer ser um ser vivo.

Ele assentiu.

– Parece estar tentando isso há séculos, quer encontrar uma forma de se transformar em uma mulher real. Usa a pele e os cabelos das vítimas, criou até uma maneira de injetar sangue humano em seu sistema para melhorar a naturalidade da aparência.

– Ela usava outras partes das vítimas também.

– Esses são os experimentos mais complexos, que não parecem ter surtido efeito sobre ela. Com os órgãos internos... Ela estava testando a parte reprodutiva das mulheres...

– Isso é horrível, asqueroso. – Mina sacudiu a cabeça e olhou para o outro lado.

– Teve sucesso com alguns experimentos químicos. Conseguiu aperfeiçoar a maneira de extrair a essência dos mortais, criando um composto químico que transmite luxúria, atração e sensualidade em altas doses. Está usando em incensos, cremes e perfumes. Para os mortais, consegue passar por uma mulher irresistível.

– Creio que ela e Tântalo fazem uso dessa descoberta terrível.

– Pode estar certa disso. Essa essência pode ser a razão de você e Rourke não perceberem que uma alma transcendida, estava sentada ao lado.

– Crê que Pandora e Tântalo possam ser amantes?

Mark assentiu.

– Devem estar juntos há séculos, mas ele tem uma clara preferência por humanas, não por máquina. Mas as anotações de Pandora fazem referência várias vezes de que ele lhe deve algo. Talvez o tenha ajudado a melhorar a aparência, não acho que ele gostaria de chamar a atenção com um aspecto grotesco no Reino Exterior.

O mordomo entrou.

- Meu Lorde.

- Sim?

- Há uma visita para a condessa. - Os olhos do homem estavam arregalados e as sobrancelhas levantadas, como se estivesse impressionado com o visitante. O coração de Selene saltou. Rourke.

- Quem é?

Selene caminhou em direção à porta.

- Negou-se a entregar um cartão ou dizer o nome.

Não havia ninguém no vestíbulo. Ela o cruzou e entrou em outra sala. Uma mulher estava olhando pela janela o jardim, mas se virou quando ouviu a entrada de Selene. O vestido era de seda azul muito vaporosa, moldando à perfeição a cintura fina. Os cabelos loiros presos impecavelmente em um chapéu de veludo azul claro. Uma bolsa ridícula e uma sombrinha estavam sobre um sofá próximo.

- Olá, Selene. - Disse com um sorriso deslumbrante.

Selene parou, sem avançar um passo, analisou a rival com cuidado.

- Helena.

- Bem, não me olhe assim. - Helena se aproximou, com um encanto natural e provocativo. Falou em tom baixo, suave, e seus olhos azuis avaliavam Selene dos pés a cabeça. - Somos velhas amigas, não é mesmo? Já se passou muito tempo desde que nos encontramos pela última vez.

- Que eu me lembre, nunca fomos amigas. - Respondeu Selene com calma.

Helena deixou escapar um riso delicado.

- Você é como a sua mãe. Ciumenta e odiosa.

- Tentou tirar Antônio dela. O que esperava?

Selene se preparou para o motivo da vinda de Helena. Rourke. Helena e Rourke. Estaria Helena ali para alardear a volta de Rourke a sua cama? Lutou contra o impulso de cobrir os ouvidos e depois fugir. Helena adorava se gabar quando prendia em sua teia homens importantes e poderosos. Se veio para brincar com ela sobre Rourke...

Helena encolheu os ombros.

– Uma pequena competição amistosa entre mulheres sedutoras? Certamente não mereço uma faca na garganta.

– Por que está aqui? – Inquiriu Selene

Helena se endireitou. Apoiando a delicada mão na cintura, levantou o queixo e disparou.

– Tenho certeza que sabe.

Selene sentiu arrepios, se essa cadela ousar...

Em vez disso respondeu.

– Sabe que um Amaranthine não pode ler a mente de outro.

Os olhos de Helena se estreitaram.

– Não brinque comigo, Selene. Não pense que me engana. – Avançou um passo e cruzou os braços na frente dos seios. – Quer que eu aprenda uma pequena lição. Quer que eu tome uma dose do meu próprio remédio. Ele parte... Com você... Para um pseudo ‘assunto oficial’ dos Primitivos. E quando volta para Londres, não quer mais saber de mim.

Selene sentiu o coração disparar ao ouvir as palavras da mulher.

Helena avançou mais, agora visivelmente alterada.

– Não sou idiota, menina. Usou essa oportunidade para me atingir. Admito que você ganhou, mas quero-o de volta.

Selene, consternada, viu os olhos de Helena encherem de lágrimas.

- Ele é meu e o quero agora mesmo.
- Avenage não é meu para devolver a quem quer que seja.

Helena piscou, com olhos muito abertos.

- O quê?
- Mas se fosse meu, eu o guardaria para mim eternamente.

Os lábios se entreabriram e com os olhos brilhantes, Helena agarrou rapidamente a bolsa e sombrinha e caminhou às presas para a saída, zangada por ter se humilhado sem nenhuma necessidade. Houve uma drástica mudança de tratamento entre a visitante de Selene e o mordomo, ela gritando por seu xale e ele esforçando-se em cumprir a ordem, a porta se abriu e fechou. Selene ficou um longo tempo em silêncio, sem saber se devia ficar feliz ou chorar. Rourke não estava mais com Helena. Mas também não veio à sua porta uma única vez em todo esse tempo.

Selene vestiu a capa negra e beijou as faces de Mark e Mina.

- Boa noite. Ver-nos-emos no café da manhã.

Um laçao abriu a porta para ela, que enfrentou a noite escura. A névoa densa se agarrava as suas saias enquanto percorria a calçada estreita da rua. Nessa noite, Shrew conduziria a carruagem. Ela moveu os dedos enluvados em um sinal, e ele riu em resposta. Subindo as escadas... Encontrou um belo par de olhos verdes.

Avenage estendeu a mão enluvada.

- Condessa.

Esquecida de respirar, ela pôs a mão na dele e foi puxada para dentro da carruagem, sentando-se no banco perto de Three. Rourke se sentou de frente para ela. A situação não oferecia nenhuma intimidade para uma conversa. Quando a carruagem se pôs em

movimento, Leeson abriu um mapa sobre os joelhos. No momento em que chegassem a Whitechapel, cada um investigaria uma área nessa noite.

O veículo reduziu a marcha e eles saíram, em direções diferentes, investigariam os becos, pensões e bordéis.

Nas três horas seguintes, Selene se mesclou e serpenteou entre prostitutas, bêbados, mantendo a mente aberta para qualquer rastro anormal que levasse a Tântalo ou um de seus seguidores. À medida que a noite avançava, também tornava a névoa do Tâmis mais densa. De vez em quando, sentia as asas de um corvo sombrear os paralelepípedos das ruas pela qual andava.

Restava ainda investigar a rua do comércio em Wentworth. Ele a encontrou na esquina, uma sombra de ombros largos surgiu diante dela. As dobras do casaco escuro se agitavam com o vento.

– Selene.

– Está invadindo o meu território. Esta é a minha área.

– Preciso de um momento a sós com você. Como você está?

Ela começou a caminhar rápido, não queria lhe dar oportunidade de feri-la de alguma maneira.

– Meu irmão voltou do Egito. Estou totalmente apta para a função de Recuperadora. Ando muito ocupada perseguindo Tântalo.

– Os Ravens também estão ajudando na caçada.

– Desculpe Rourke, mas não posso perder tempo, ainda mais com você. É melhor voltar para a sua área.

– Sinto sua falta. – Sussurrou ele.

Com aquelas palavras, o receio de tê-lo perdido esmoreceu. As palavras frias que iriam saltar de sua língua, evaporaram.

– Sinto sua falta também.

- Eu só... - Deu um passo adiante e as grandes mãos tocaram a face macia. - Não consegui ainda assimilar tudo isto.

- Eu... - Ela encaixou o rosto nas mãos dele, desejando seu toque, ali mesmo. - Está sentindo?

- Está sentindo também? - Ele baixou a mão e se virou.

- Sim. - Ela se juntou a ele. - Cheiro de morte.

Descobriram o corpo da moça, ou o que restava dele, em Pinchin Street, ao lado de um vagão de trem. Logo depois, Leeson, Lorde Black e todos os Guardiões das Sombras que patrulhavam o distrito naquela noite se uniram a eles. Estava claro para todos que a vítima fora assassinada e colocada ali para chamar atenção. Estava morta há dias, antes de o cadáver ser colocado na rua. Partes do corpo foram colocadas de forma cuidadosa, só a três metros dos homens bêbados que agora dormiam próximos. Exatamente como Jack o Estripador e a Noiva Escura faziam, demonstrando um senso de humor depravado.

Selene levantou um pedaço de papel de cima do corpo.

- É um panfleto de circo.

Próximo, Leeson anotava em um caderno, a posição exata do corpo, e todas as partes desaparecidas e o estado deteriorado.

Rourke disse a Three:

- Assegure-se de que as autoridades a descubram.

- Sim, meu senhor. - Three se retirou para as sombras, dirigindo-se a um bordel próximo.

Selene observava o panfleto do circo com atenção.

- Isto foi deixado de propósito.

Rourke se aproximou dela e falou em voz baixa.

- Como a garota ao lado da estrada.

- Sim...

- Em que está pensando? – O olhar pousou da boca dela.

- E se for um convite?

- Para onde?

- É o mesmo panfleto do circo de Hawthorn. Talvez esteja na periferia de Londres. – Insinuou ela.

- Há vários subúrbios na periferia da cidade. – O olhar atento ao dela.

- Quantos estão perto da água?

- Não creio que estão nos arredores da cidade em como em Swarthwick, já os teríamos encontrado. Também é provável que não estejam no circo. Afinal tudo foi abandonado às margens do rio.

- E se procurarmos nos redutos mais sórdidos da cidade?

- É uma boa ideia, também podemos procurar nos túneis e aquedutos que estão fora de uso. Mas, por agora, devemos manter a patrulha nessa área. – Olhou para o corpo da moça. – Creio que ainda estão por aqui.

Voltaram a patrulhar, Selene procurou metodicamente qualquer sinal de que Tântalo ou seus subordinados tivessem a intenção de matar outra vez. Aproximou-se do Castelo Alley, o lugar onde despertou sem nenhuma lembrança de como foi parar ali, com uma mulher morta aos seus pés.

Ela fez uma pausa, capturando não um rastro e sim o cheiro de algo doce e familiar. O cheiro de Pandora, o mesmo que a mansão Astley estava impregnada. Seu pulso acelerou e com um movimento de mão surgiram as adagas de prata Amaranthine. As sombras eram mais profundas no final da rua. Piscou, adaptando os olhos para ver na escuridão mais profunda. Ali, duas sombras lutavam. Ela se solidificou no final do beco, e agarrou o braço do atacante que subia uma adaga sobre uma mulher com roupas escuras e um singelo chapéu, provavelmente uma das muitas prostitutas do Whitechapel. Apesar da trança pálida que caía por suas costas, Pandora usava um casaco de homem e calças.

– Pare Pandora. – Ordenou Selene.

Pandora puxou o braço livre. O rosto brilhava tão pálido e perfeito como o de uma boneca de porcelana, tão bonita e mortal ao mesmo tempo.

– Minha querida amiga. – Resmungou.

– Se me considera uma amiga... – Selene falava numa voz cordial. – Porque não me avisou que estava em Londres e me convidou para um chá? Estou magoada, afinal éramos tão boas amigas não é mesmo? – Selene começou a puxar Pandora para longe da mulher apavorada.

– Foi tão fácil enganá-la querida. – Pandora riu ao se soltar de Selene e começou a rodeá-la. – Acreditou em minha meiguice e que eu era doce e afável.

– Sim você me enganou direitinho, querida amiga. Mal posso acreditar que cai como um patinho nessa sua farsa.

Pandora avançou na direção dela com uma faca na mão e Selene aparou o golpe com sua adaga.

– Não se sinta constrangida amiga, tive muito tempo para aperfeiçoar o meu papel.

Selene investiu, mas Pandora empurrou-a, virou-se e começou a correr, desaparecendo no beco. Sua risada ecoava na noite escura.

Selene a perseguia com cautela, não desejando ser levada a uma armadilha. Também enviou um grito silencioso na noite, esperando que Rourke ou qualquer outro Guardião recebesse a mensagem.

Pandora está aqui.

De repente parou, não havia nenhum sinal de Pandora. Uma carruagem esperava, já vira o veículo antes, quando perseguira a Noiva Escura. Uma névoa cinzenta circundava o teto, aquela era uma antiga carruagem, uma que teria sido vista nas ruas de Londres cem anos antes. A mesma névoa caía sobre o dorso dos

cavalos encilhados. O condutor voltou o rosto pálido para ela e com estilo desenvolto, tirou a cartola em farrapos e a saudou educadamente. O lampião a gás, preso ao lado do veículo para iluminar o caminho, ofereceu luz suficiente para um vislumbre dos olhos, que rodavam e giravam nas órbitas.

– Saudações senhora condessa.

– Olá. – Respondeu ela.

Era um dos asseclas da Noiva Escura, a alma tão vazia, que já não tinha mais nenhuma vontade própria.

Ele saltou, nuvens de névoa subiram das botas com o impacto nos paralelepípedos. O traje, outrora elegante, agora estava pútrido e se desfazendo.

Ele abriu a porta da carruagem, e outros asseclas saíram, se empurrando e pisando uns nos outros. Os companheiros habituais. Toad, Toad e Toadie. Uivavam e riam às gargalhadas até quase caírem sobre ela.

Os três demônios se inclinaram em reverência, com os olhos girando tão freneticamente como os do condutor.

– Ah, aqui está nossa bela condessa! – Exclamou um.

O segundo se inclinou e se balançou.

– Meu caro amigo, que bom revê-lo.

– Nosso amo...

– Quem?

– A senhora o conhece.

– Faço ideia de quem seja!

– Humm... Envia-lhe um convite.

– Ah, talvez seja uma festa, não?

– Por favor, senhora, venha, ele está ansioso pela sua presença!

O condutor segurava a porta aberta. Os outros três se inclinavam em um convite unificado.

Ela sorriu ironicamente.

– Vocês são meninos levados, sabem que não resisto a uma boa festa.

Os asseclas eram totalmente inofensivos sem um brotoi ao redor para incitá-los à violência. Subiu no veículo. O cheiro de mofo e podridão enchia o ar, abriu uma das janelas.

O rosto em decomposição do condutor surgiu na abertura.

– Meu amo mandou-lhe um belo vestido, está nesta caixa sobre o banco.

– Esplêndido.

Um barulho infernal veio do teto, enquanto as criaturas saltavam para a boleia. A carruagem se pôs em movimento e logo abandonava Whitechapel, ela vestiu o traje, um vestido egípcio, do tempo da sua mãe, Cleópatra, como único adorno um colar e um bracelete de ouro, em formato de serpente. Será que Rourke ou outro Guardiã ouviu seu chamado ou estaria sozinha nisto? Embora esperasse ser levada a algum lugar isolado, para sua surpresa o veículo rodou até parar diante de uma magnífica mansão em Mayfair. A luz cintilava em cada janela, e a música chegava à rua.

Um dos asseclas saltou e abriu a porta da carruagem. No momento em que seu pé pisou no chão, o condutor tocou as rédeas e se afastou. A carruagem se perdeu na noite. Selene subiu a escadaria, lotada de convidados vestidos com os mais extravagantes trajes e entravam por portas douradas. De ambos os lados, candelabros enormes iluminavam outra grande escadaria, que levava a um grande salão de baile, no piso inferior.

– A condessa Pavlenco. – Gritou o mordomo.

Atravessando a aglomeração de convidados mascarados, Selene desceu para o magnífico salão de baile. Bandejas com taças

meio vazias mostravam que a festa havia começado muito antes da sua chegada. Ela passou ao lado da pista principal, que estava cheia de casais rodopiando.

A multidão se afastou e do centro surgiu uma figura alta, de ombros largos que usava uma capa e uma máscara de corvo.

Hipnotizada, viu como se aproximava dela. Ele estendeu a mão enluvada, e tomou a dela. Segurou com força e escandalosamente muito próximo a ela, começou a conduzi-la para a pista de dança, em cada volta ela sentia a flexibilidade e firmeza dos músculos debaixo do traje. O salão de baile, com o teto alto e pintado com nuvens e anjos, girava enquanto ele a conduzia na pista. Quando a música chegou ao fim, dramaticamente a inclinou para trás sobre o braço. Com a outra mão, tirou a máscara do corvo.

Olhos azuis a observavam atentamente, lábios sorriam friamente e tão perto como se fosse beijá-la. Entretanto, com o olhar fixo nela, seu companheiro de dança a levantou... Endireitando a ambos e a libertou. Devagar, recuou com o cenho franzido.

- Não sou quem esperava, não é? Minha querida.

Por um segundo seu poder de atração a surpreendeu, mas este não era Silverwest, o cavalheiro do campo. Este era Tântalo, uma criatura de outro mundo, outra época, com o plano de destruir e controlar esse mundo, que estimulava assassinos violentos, sanguinários, como Jack o Estripador ou a Noiva Escura a cometer barbaridades entre os mortais.

- Não. - Sussurrou Selene. Tinha que ganhar tempo e despertar sua confiança, precisava ficar sozinha com ele. Não poderia haver uma batalha ali, em meio a uma multidão de mortais.
- É muito melhor do que esperava. Melhor até que um Raven.

Mas não era. Onde estaria Rourke? Teria recebido sua mensagem? Descobriria o seu paradeiro?

Seu olhar, que até então fora frio, ardeu. Agarrou-a pelo pulso e a atraiu com força passando entre a multidão. A orquestra passou

para a valsa seguinte. Os rostos se moviam com um aspecto impreciso, risadas e conversas se mesclavam a um rugido forte até que de repente chegaram a um corredor e a uma porta de painel duplo que dois lacaios guardavam. Junto à porta, ele se afastou dela e os criados a agarraram pelos braços.

– Tire todas as armas. – Tântalo a olhava com luxúria. – Insinuou que posso confiar em você, então não terá nenhuma dificuldade em me obedecer.

Embora em sua mente Selene o amaldiçoasse, ela entregou as adagas pacificamente, realizando uma diminuta reverência, um dos lacaios esperava a arma de prata Amaranthine usando luvas grossas, que protegeriam suas mãos do calor abrasador.

Tântalo sorriu e a puxou para uma porta. Móveis delicados e sofisticados enchiam a sala. Fechou a porta atrás deles.

Ele mordeu o lábio inferior com os dentes brancos perfeitos, observava-a com desejo, os olhos percorriam o vestido reto e dourado.

– Perfeito. Escolhi esse traje para você. Não porque quero que seja como sua mãe, minha querida, mas sim porque sei que será uma rainha mais encantadora que ela.

– Acha mesmo?

– Disse ao Raven que você e eu temos algo especial. Temos mesmo, não é?

Ela baixou o rosto, mas não afastou o olhar.

– Abandonou-me naquela noite, esperei muito tempo no jardim. Disse que me traria um presente.

Ele balançou a cabeça em negativa.

– Partiu com o Raven.

– Ele me obrigou, mas eu queria muito ficar. Pensei que não voltaria a encontrá-lo outra vez.

- Por que queria ficar?
- Não sabe?
- Diga-me.
- Queria a caixa de veludo.
- Caixa de veludo? – Gritou uma voz estridente.

Tântalo colocou Selene atrás dele.

Pandora entrou no quarto e caminhava rapidamente para eles, agitando um punho fechado.

- A caixa é minha.
- Não mais. – Respondeu ele.

- Posso lhe dar tudo o que precisa. – Exclamou ela, dando a Selene um olhar gelado. – Só preciso de um pouco mais de tempo. O corpo desta imortal poderia me proporcionar tudo o que necessito para produzir seus filhos...

- Por que iria querer isso? – Gritou ele brutalmente. – Por que deixaria que um de seus experimentos antinatural propiciasse o nascimento de um filho meu? Sou um homem. Sabe que tenho desejo por mulheres de sangue quente e carne macia.

- Mas posso ser uma mulher assim. – Gritou ela.

Ele se aproximou dela e a agarrou pelo braço. Com um grunhido, arrastou-a para a porta e a empurrou para os braços dos lacaios.

Rapidamente fechou a porta às suas costas.

- Agora está bem melhor. Venho tentando me livrar desse lixo a séculos. E quanto a você... – Os olhos ardiavam com um calor sensual. – Venha comigo.

Empurrou um painel na parede e a levou para a escuridão. Primeiro por uma escada e depois por uma série de túneis, que pareciam não ter fim. Ao que parecia, labirintos sempre eram

perfeitos para um vilão do inframundo. Continuaram descendo mais sob a mansão, cada vez mais fundo, o ar se tornou mais frio. Por fim chegaram a um velho aqueduto romano. O som de água corrente enchia o túnel, alimentado por um dos rios subterrâneos de Londres.

– Só um pouco mais, minha querida. – Prometeu, olhando a reação em seu rosto.

Capítulo 18

O túnel se ampliou. Selene engoliu um grito abafado ante a visão do palácio subterrâneo do Tântalo. Era evidente que a estrutura foi criada há um longo tempo, Talvez milênios. As paredes brilhavam de obsidiana, mas aproximando-se mais, suspeitou que a superfície estava coberta de areia vulcânica, e foi construído acima... Do Tártaro. Não havia janelas, só dois grandes portões guardados por três mastins gigantescos, que agora grunhiam ferozmente. Os cães recuaram ao ver Tântalo passar.

No interior, cavernas, cobertas com murais e tapeçarias representando os sete pecados capitais e cenas da mitologia. Selene reconheceu alguns atores do circo entre as dezenas de pessoas que a observavam. Esse salão estava cheio de asseclas, espalhados pelos cantos, jogando, lutando e caídos no chão. A névoa vermelha do incenso de Pandora enchia o ar.

Apesar do sorriso estampado nos lábios, a cautela ainda permanecia atrás dos olhos de Tântalo. Ofereceu a mão e ela a aceitou. Conduziu-a além, até chegarem a uma alcova separada apenas por uma cortina. Um candelabro iluminava a enorme cama levantada sobre um estrado. De um cofre aos pés da cama, tirou uma grande caixa de veludo vermelho, com letras douradas e pequenas.

– É a caixa de Pandora? – Perguntou Selene com as sobranceiras arqueadas.

– Não. É a caixa de Selene. – Ele sorriu espectador. – Abra.

Selene abriu o fecho de ouro e levantou a tampa. No interior sobre um leito de cetim preto, havia uma pedra verde, um círculo perfeito.

– O que é? – Sussurrou ela.

Ele sorriu e se aproximou de uma mesa ao lado da parede.

De uma caixa sobre a mesa, retirou um grosso tecido vermelho, revelando o conteúdo a Selene. Doze partes partidas de um espelho quebrado.

– É o Olho de Pharos?

– Sim.

– Eu... Ouvei que os Guardiões das Sombras recuperaram o Olho do Tâmis.

– Não. Os meus seguidores recuperaram o Olho verdadeiro. Os Guardiões das Sombras, só acharam um velho espelho que comprei em uma loja no Cairo. – Ele sorriu malicioso. – Não acha que se sentiram aliviados por acreditar que recuperaram o Olho antes que caísse em mãos erradas? – Riu entre dentes e os lábios retrocederam para revelar os incisivos pronunciados.

A nuca de Selene se arrepiou. Agora tinha uma ideia da importância da joia na caixa. Tântalo tinha a maldita pupila.

– Onde encontrou essa pedra? – Perguntou, forçando um brilho de interesse voraz nos olhos.

– No mosaico do chão em Swarthwick. Como bem sabe condessa, há muitas almas reclamadas no Tártaro. Almas perigosas que andaram por esta terra, úteis ao longo da história. Em nosso inferno escuro, e frio, não há muito mais a fazer, do que compartilhar histórias. Um dos secretários de William o Conquistador, era um homem muito curioso, com tendência a se meter nos assuntos privados de seu senhor, o que o levou até nosso convívio, ele ficou muito contente em me dizer que o rei entregou uma peça ao Raven, que continha a pedra representando um olho da serpente, como um presente. Avenage, aquele bastardo imbecil, não tinha ideia que era a Guardiã escolhido para guardar a pedra. William, como os mortais têm tendência a fazer, morreu antes de compartilhar esse pequeno segredo em particular. Foi somente por isso que sujei meus sapatos no pó daquele lugar primitivo. Esperei simplesmente o momento oportuno para unir ambas as peças. Você foi uma maravilhosa surpresa que chegou na hora exata.

Sem hesitar, ele levantou a joia da caixa.

– Espere... – Disse ela.

– Não, vou fazê-lo agora. Estou preparado para começar nossa vida juntos. O Olho e a pedra tem o poder para destruir e vencer. Ninguém poderá nos deter. O mundo será nosso.

Baixou a pedra verde até o centro das partes soltas. Durante um momento o vidro do espelho se moveu na mesa, mas... Nada aconteceu.

Tântalo franziu o cenho. Levantou a pedra e a baixou outra vez... E outra... Com o mesmo resultado.

– Não entendo. – Resmungou. – A pedra não funciona... Ou alguém encontrou a verdadeira pedra e a escondeu novamente. – Fulminou-a com o olhar, as fossas nasais flamejaram, e a fumaça do enxofre saía por sua boca.

Ela recuou, arregalando os olhos.

– Não fui eu. Se tivesse a pedra, daria a você sem pensar duas vezes. Quero ter poder tanto quanto você.

Ele a alcançou, cravando os dedos em seu cabelo.

– Pode provar que posso confiar em você? – Ferveu ele.

– O que quer dizer?

Ele deu uma olhada para a cama.

– Acho que sabe.

Ainda segurando-a pelo cabelo. Sem uma palavra, conduziu-a para a cama. Atentamente, abriu o vestido. E puxou a roupa pelos ombros e a jogou no chão. Ela ficou só com a combinação e o espartilho. O olhar cobiçoso a percorreu com admiração.

A repugnância dominou Selene. Queria mudar a situação com urgência, pretendia dar um final a existência asquerosa do Tântalo. Convocou toda a força que havia dentro dela. Agarrou o pescoço

dele, beijou-o com um fingido ardor, quase vomitando com o fedor em seus lábios.

– Por favor, espero há tanto tempo... Estou impaciente para que me toque. – Mentiu, empurrando-o para o único lugar onde sabia que poderia deixá-lo vulnerável o bastante para eliminá-lo. As varinhas de marfim ainda seguravam os cabelos. Eram seis no total, quatro foram usadas para derrotar a Noiva Escura. Precisava acreditar que as duas restantes poderiam ser úteis finalmente. Sem as adagas de prata Amaranthine, não havia outra escolha.

Levou-o até a cama e sorrindo sensualmente, instigou a se deitar. Empurrando-o para os travesseiros, sentou-se firmemente escarranchada sobre ele. Suas mãos trabalharam nos botões da camisa dele.

Ela o beijou outra vez, tão profundo quanto pôde suportar, e ainda sorrindo em cima dele, acariciou-lhe o tórax.

– Quer meus cabelos presos ou soltos?

– Soltos, Selene, quero essa massa luxuriante solta.

Seu coração tropejou de júbilo. Ou as varinhas de marfim funcionavam, ou morreria no momento seguinte. Ela levou as mãos às varinhas e puxou. O desejo de matá-lo rugiu forte em seu peito. Os olhos dele se abriram e muito tarde percebeu que permitiu que o ódio se revelasse em seu rosto.

Quando afundou as varinhas no coração dele, ele a esmurrou no rosto. Ela saiu voando da cama e caiu nas escadas. Uma das varinhas rolou pelo chão de mármore.

Ele saltou da cama e se inclinou sobre ela. A outra varinha permanecia cravada no peito dele.

– Acha que sou tolo?

Ele a segurava pelos cabelos. Para se defender, ela cravou as unhas profundamente no rosto dele. Parte da pele e nariz caiu em sua mão. Surpreso, ele se afastou por um momento, protegendo o rosto com as mãos, então gritou furioso por ela ter destruído o rosto

perfeito. Sem hesitar arrancou o resto da máscara e ao fazê-lo libertou toda a potência do seu fedor putrefato sobre ela. Ela gemeu, quase vomitando. Recordou o cheiro horrível e nauseabundo com uma arrepiante clareza. Ele viera até ela em seu pesadelo no castelo de Swarthewick, era ele o verme enorme que estava em sua cama. Não fora só um pesadelo, fora real.

O rosto bonito e perfeito do Tântalo deixou de existir. As maçãs do rosto eram músculos retorcidos e vermes entravam e saíam pelas reentrâncias, parte da pele estava no pescoço. A varinha ainda sobressaía enterrada no peito, ele a tirou e apontou para ela.

– O que há minha linda condessa? Não gosta do que vê? – Aproximou-se mais dela. – Como estaria se tivesse sido enterrada na escuridão fria e úmida, sem a luz do sol no início dos tempos? Para sobreviver, tornei-me isto, e outros também.

Nesse momento, as portas se abriram. Gritos chegaram do exterior. Pandora surgiu atravessando as cortinas e carregava nas mãos, a espada de prata Amaranthine de Rourke. Aquela criatura nunca fora ou seria humana, por isso parecia poder manusear a espada sem se queimar. Tântalo rugiu.

– Querido. – Gritou ela olhando-o. O cabelo pálido caía sobre os ombros. – O que ela fez com seu lindo rosto? Não, não se preocupe meu querido, irei arrumar e ficara tão lindo quanto antes dessa cadela...

– Isso não importa! A pedra! – Gritou enraivecido. – Um dos Guardiões está com a verdadeira pedra, e sem ela, o Olho é inútil.

– Não meu querido! Eu tenho a pedra verdadeira. – Disse Pandora, sorrindo aberta e triunfantemente. Virou-se para a porta e fez um gesto ao guarda que a acompanhava. – Traga os prisioneiros.

Rourke e Leeson entraram aos empurrões no quarto, com as mãos e tornozelos presos a grilhões e correntes pesadas.

Pandora lançou um olhar vitorioso a Selene.

– A condessa os chamou mentalmente e os idiotas a seguiram até aqui.

Rourke contemplou Selene.

– Proponho uma troca, Raven. – Tântalo puxou Selene para cima, pelos cabelos. – A pedra por Selene. Sei que deseja essa puta, que a quer mais que tudo. Depressa, antes que os outros Guardiões cheguem e o impeça.

Rourke balançou a cabeça, se negando.

– Viu isso, cadela? – Pandora exultou. – Prefere vê-la morta, puta das Sombras, que entregar a pedra.

O que aquela louca tinha na cabeça cheia de parafusos? Selene sabia que a pedra estava muito bem escondida e protegida, qualquer Guardião daria a vida para protegê-la daqueles monstros.

– Ah! Mas não precisamos de uma troca. – Gritou Pandora. – A pedra já é nossa! O velho a tem. Revistem-no.

Três pares de olhos, cada um pertencente a um dos servos, revistaram os bolsos do casaco e da calça, até a camisa rasgaram na procura de bolsos secretos.

Leeson ria e estremecia, quase caindo com os grilhões.

– Parem com isso. Sinto cócegas.

– Vê puta, não querem salvá-la. – Tântalo agarrou o braço de Selene e a jogou no chão. – Você não será mais a minha rainha. Será minha puta!

Pandora riu e agitou a espada.

– Nossa puta das Sombras.

– Não a toque. – Rourke libertou-se daqueles que seguravam seus braços e pernas e se lançou contra Tântalo, mas a corrente o segurou.

– Parem com isso. – Gritou Leeson. O poder de sua voz sacudiu o quarto e congelou a todos. Então gritou. – A megera está certa, a pedra está comigo.

Levantou a mão acorrentada e a levou ao tapa-olho.

Um raio poderoso de luz e calor foi disparado da órbita não tão vazia.

Tântalo gritou quando o raio rasgou sua carne.

– Não! – Gritou Pandora em desespero.

De repente, Rourke abriu as asas escuras, arrancou a espada das mãos de Pandora e ao toque da lamina sobre os grilhões, estas caíram como se fossem feitos de papel. Movendo-se como um raio, nivelou a espada contra o pescoço da Pandora...

Mas com a mesma rapidez, ela se esquivou e se afastou para longe.

Leeson se aproximou cambaleante com o poder da pedra, mantendo o foco da luz sobre Tântalo, que caiu ao chão sob o contínuo ataque da luz, fraco, mas não derrotado, e se arrastava para longe deles.

Leeson gritou para Rourke.

– Precisa usar a espada Amaranthine. Faça-o agora, comandante Raven.

Rourke levantou a espada. Tântalo mesmo enfraquecido investiu.

– Depressa. – Gritou Selene.

Rourke afundou a espada de prata no peito de Tântalo. Com um rugido, o monstro tentou se levantar. Agarrou a lamina da espada e mesmo queimando as mãos tentou tirá-la. Rourke urrou e com uma bota sobre o peito do monstro, usava toda sua força para contê-lo.

Selene, impulsionada por seus instintos de Guardiã, pegou as varinhas de marfim, próximas à sua mão e cravou no peito dele.

O poder da esmeralda, da espada e das varinhas usado separadamente, não seria suficiente para derrotar Tântalo, mas o poder combinado... Tântalo uivou, com os olhos e a boca expelindo fogo. Rourke pulou para trás, arrastando Selene para longe. Leeson baixou o tapa-olho sobre a órbita e correu para se unir a eles.

Pandora se atirou sobre Tântalo. À medida que os corpos ardiavam e se retorciam, por todo o castelo, os seguidores de Tântalo se dissolviam na mesma areia vulcânica que seu senhor.

Os três Amaranthines olhavam para a cratera enegrecida. E nesse momento, outros Guardiões das Sombras, tanto Reclamadores como Ravens se reuniram a eles, com expressões de assombro, esperança e decepção por não terem participado da batalha final contra Tântalo. Entre eles, Mark. Que correu ao encontro da irmã e a envolveu em seus braços. Sobre o ombro do irmão, seus olhos encontraram os de Rourke.

Archer fixou o olhar especulativo em Leeson.

– Onde conseguiu a pedra?

– Estava em um mosaico romano em Swarthwick. A esmeralda era o olho da serpente, estava presa no bloco de um dos ladrilhos romanos. Bem, Leeson percebeu o rejunte solto devido ao tempo. Ao perceber o seu valor, substituiu a pedra por outra, apenas para fins estéticos, até que uma avaliação adequada pudesse ser feita. Quando Tântalo atacou o castelo, notou o olho verde da serpente e arrebitou parte do mosaico para roubá-la. – Rourke explicou.

Leeson assentiu.

– Francamente esqueci que estava com a esmeralda até que caiu do meu bolso esta tarde. Mark a viu e começou a balbuciar algo ridículo sobre uma pupila do Olho.

Mark riu entre dentes.

- Lembra irmã, quando brinquei sobre o nome do artefato antigo? Imagine minha surpresa quando Leeson decidiu bancar o comediante. Depois da bagunça que ele fez, achamos que o tapa-olho seria o lugar perfeito para escondê-la, ninguém desconfiaria.

Selene ofegou.

- Como assim, bagunça?

Rourke murmurou.

- Ele queimou uma parede da casa do seu irmão, com essa brincadeira.

Leeson ajeitou o tapa-olho.

- Mandarei alguns operários reparar a parede, não se preocupem. - Sorriu. - Quando o seu irmão traduziu os textos antigos sobre Tântalo e revelou o desejo dele de governar este mundo, de como os cilindros, as tabuletas de argila e os pergaminhos profetizavam sobre a importância de certos artefatos, e do quanto certas pessoas seriam imprescindíveis no final? Pois bem, sou um Antigo. Vivo aqui neste mundo desde o começo dos tempos. Nasci sem um olho, e como podem imaginar mais de uma vez amaldiçoei minha sorte. Agora sei que havia um propósito. Minha sorte é, mas uma bênção que maldição. Sinto-me estarecido... Assombrado em descobrir que, eu, este velho aqui, teve uma participação importante no grande esquema das coisas.

Selene o beijou na fronte e lhe sussurrou suavemente.

- Não me surpreende nada.

- Venha, vamos começar. - Chamou a rainha, levando Selene ao salão do trono, onde Archer, Elena, Mark e Mina esperavam com Leeson, e vários outros mortais e Amaranthines.

Selene usava um vestido de cetim azul marinho e luvas brancas até os cotovelos. Uma tiara, presenteada por Maria Antonieta, brilhava sobre o penteado reluzente. Abriu o pequeno volume de poemas guardado em sua bolsa de veludo pendurada em seu pulso e rapidamente engoliu a primeira estrofe da página trinta e dois. Há dias, estava nervosa e ansiosa por esta noite, tanto que devorou vários volumes ao dia.

Deu uma olhada para o longo vestíbulo.

– Majestade, poderíamos esperar um pouco mais. Avenage ainda não chegou.

Sob a coroa reluzente, a rainha sussurrou.

– Ele nunca veio a um acontecimento destes. Tenho uma caixa repleta de medalhas e condecorações, que guardei durante décadas. Nunca mostrou interesse em ser reconhecido por sua valentia, destreza militar, ou o quer que seja.

A desilusão sombreou o semblante de Selene. Desde que destruíram Tântalo e seus seguidores, Rourke se enclausurara na Torre de Londres. Será que as emoções que compartilharam desapareceram para ele? E só restaria a ela silenciar dolorosamente seus sentimentos?

– Chegou. – Interrompeu uma voz atrás delas.

Selene parou, mas não se virou receosa de se decepcionar.

– Avenage! – Exclamou a rainha. – Nem posso acreditar que esteja aqui.

Tonta de alegria, a imagem imprecisa dele chegou ao seu lado.

– Majestade. – Cumprimentou. – Selene.

Juntos, os três se uniram ao restante dos convidados. Selene assumiu seu lugar entre Leeson e Rourke, sentindo-se quase enjoada com a presença silenciosa.

Momentos mais tarde, a rainha levantou uma medalha presa a uma fita dourada reluzente e colocou no peito inchado de Leeson.

– Em reconhecimento por sua valentia, senhor Leeson. Tem o nosso agradecimento mais sincero.

– Obrigado, Majestade.

A Rainha Vitória fez o mesmo com Selene, murmurando umas palavras pessoais quando fixou uma faixa no ombro do seu vestido.

– Querido Avenage... – Começou a rainha.

– Por favor, Majestade, não pense que sou impertinente ou grosseiro, mas não estou aqui nesta noite com a finalidade de receber uma medalha.

– Ah, não? – As sobrancelhas da Vitória se levantaram. – Então, por que está aqui?

Selene manteve os olhos fixos no grampo de borboleta que brilhava nos cabelos loiros de Helena.

– Selene... – Rourke disse em voz baixa. Ela viu, de relance, o rosto dele se voltar para ela. Estremeceu. Algo em sua voz... – Vim por Selene.

Murmúrios se espalharam pelo salão. Os olhos de Archer se arregalaram. Helena levou a mão à boca. Mina agarrou o braço de Mark.

Devagar, Selene virou o rosto para Rourke. Seus olhos se encontraram.

Com firmeza, ele repetiu.

– Eu... Vim... Só... Ver... você.

Durante um longo momento, não houve nada mais que um silêncio absoluto.

Então a rainha anunciou.

– Vamos todos ao salão de banquetes. Infelizmente, creio que haverá dois lugares vagos na mesa. – Pôs-se a rir. Houve piscadelas, sorrisos e mais de um olhar sobre o ombro quando os convidados deixavam a sala do trono, finalmente os dois estavam sozinhos.

– Por que agora?

Ele se voltou para ela, fechando o espaço entre eles.

– Porque não posso suportar uma eternidade sem você.

– O que mudou?

Rourke subiu a mão para acariciar o queixo delicado. Ela fechou os olhos.

– Nada. – Respondeu, com a voz tensa de emoção. – E tudo. Há séculos espero pela absolvição de uma condenação que impus a mim mesmo.

– A condenação terminou?

– Sim, eu devo me perdoar.

– Ah, Rourke. – Sussurrou ela, com o coração explodindo dentro do peito.

Selene o abraçou, passando os braços ao redor do pescoço e o beijando fervorosamente nos lábios e por todo o rosto. O amor emanava dela com a rapidez de uma presa solta.

Ele apertou os lábios contra sua têmpora e a apertou com força contra ele.

– Não posso imaginar nenhuma recompensa maior, que um novo começo.

– Achei que não fosse permitido mulheres na Torre. – Disse um jovem Raven, quando Rourke levou Selene para seus aposentos.

– Ela não é uma mulher qualquer. – Respondeu Three bruscamente. – É Selene. E a chamará de Lady Avenage, até que ela o permita fazê-lo de outro modo. Entendeu?

– É seu novo recruta? – Murmurou Selene a Rourke.

– É e precisa aprender bons modos.

A cauda longa do vestido de noiva estava sobre seu braço. Ele deu um chute na porta com a bota para fechá-la. Dentro do pequeno quarto de Rourke, as coisas de Selene ocupavam cada pequeno espaço livre. Baús, vestidos, e caixas. Com o tempo procurariam uma casa, mas não quiseram esperar um dia a mais para se casar. Em segundos, despiram um ao outro completamente, e estavam parados diante do fogo da lareira.

Com o leve roçar dos dedos fortes sobre sua pele, ela conteve a respiração. A luz do fogo revelava a perfeição masculina diante de seus olhos famintos. Os músculos do abdômen roçavam os mamilos doloridos, formando redemoinhos de desejo em seu corpo. Fechou os olhos e suspirou.

Delírio. Meu marido. Ela se afastou e com as mãos plantadas em seu peito, empurrou-o para a cama. O desejo flamejou nos olhos verdes quando ela deu a ordem.

– Deite-se. – A voz saiu rouca, atraente.

Ele obedeceu, deitando lentamente e apoiando a cabeça nos travesseiros. O desejo intensificou nos olhos verdes. Ela avançou lentamente sobre ele, e sentou escarranchada sobre os quadris e prendeu os pulsos dele acima da cabeça.

– Estou fantasiando sobre isto há meses. – Ela admitiu.

– Sêrio? – Ele se inclinou até beijá-la na boca.

Subitamente sentiu algo prendendo firmemente seus pulsos e depois os tornozelos.

– Isto! – Exclamou Selene, rindo.

Uma olhada revelou o perverso complô, oito cobras enormes se enroscaram fortemente em cada membro. Estava preso na cama e a mercê dela.

– Selene. – Rourke resmungou, mas a boca dela o distraiu, colocando um rastro de beijos quentes e urgentes em seu peito.

– Não haverá nenhuma fuga. Agora que por fim, o conquistei, nunca o deixarei partir.

FIM



Avisos

Aviso 01

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 02

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 03

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).